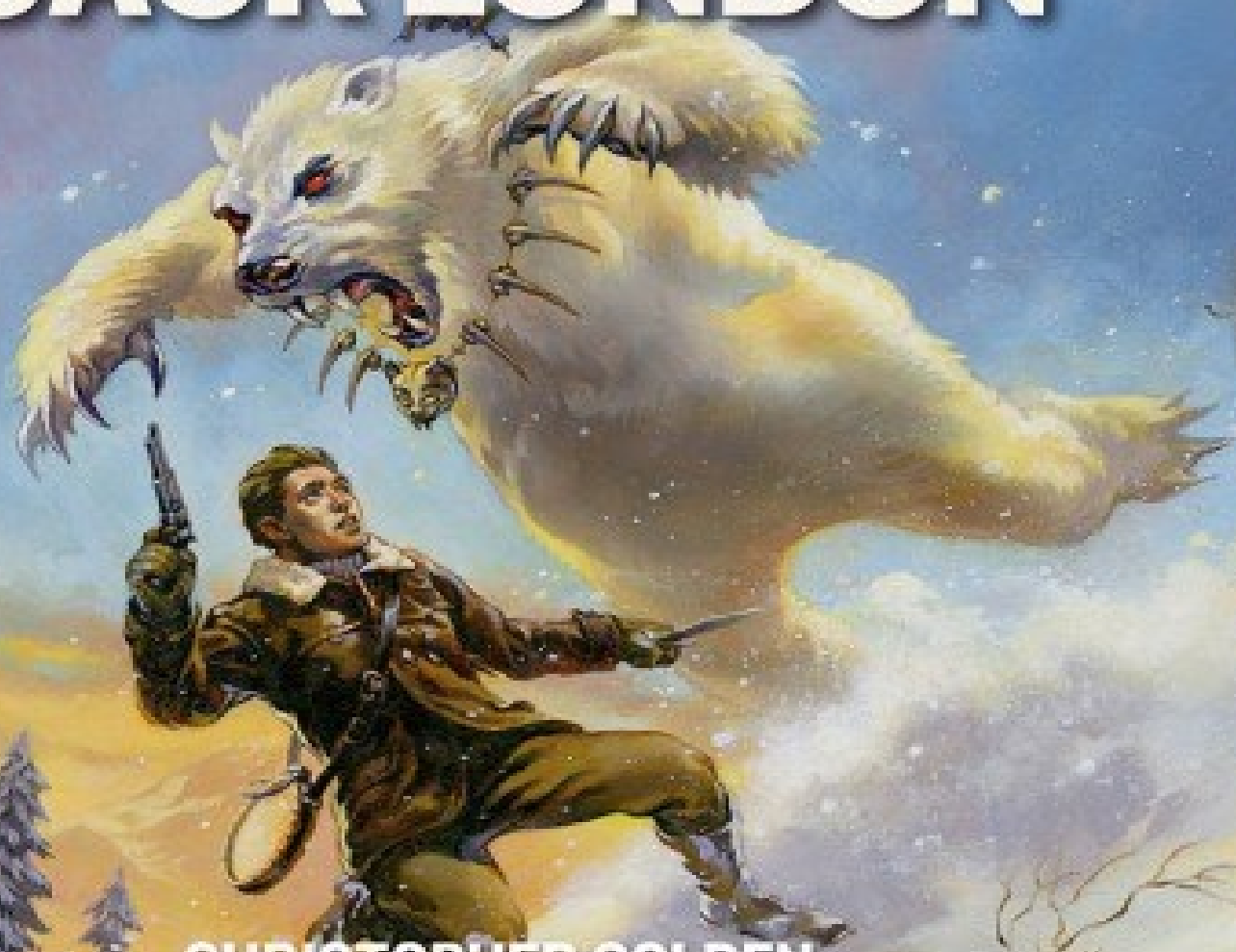


CANINOS BRANCOS

AS AVENTURAS SECRETAS
DE **JACK LONDON**



**CHRISTOPHER GOLDEN
& TIM LEBBON**

ILUSTRAÇÕES DE **RAY LAGO**

Benvirá



CANINOS BRANCOS

AS AVENTURAS SECRETAS
DE JACK LONDON

CANINOS BRANCOS



AS AVENTURAS SECRETAS
DE JACK LONDON

CHRISTOPHER GOLDEN & TIM LEBBON

ILUSTRAÇÕES DE RAY LAGO

TRADUÇÃO DE IRINÉO BAPTISTA NETTO

Benvirá



Rua Henrique Schaumann, 270
Pinheiros – São Paulo – SP – CEP 05413-010
PABX (11) 3613-3000

SAC

0800-0117875

De 2ª a 6ª, das 8h30 às 19h30

www.editorasaraiva.com.br/contato

Diretora editorial Flávia Alves Bravin

Gerente editorial Rogério Eduardo Alves

Planejamento editorial Rita de Cássia S. Puoço

Editoras Débora Guterman
Luiza Del Monaco
Paula Carvalho
Tatiana Vieira Allegro

Assistente editorial Lara Moreira Félix

Produtores editoriais Aline Bullara
Deborah Mattos
Daniela Nogueira Secondo
Rosana Peroni Fazolari
William Rezende Paiva

Comunicação e produção digital Maurício Scervianinas
Nathalia Setrini Luiz

Suporte editorial Juliana Bojczuk

Produção gráfica Liliane Cristina Gomes

Preparação Alessandra Miranda de Sá

Revisão Laila Guilherme
Isabel Jorge Cury

Diagramação Balão Editorial

Capa Adaptada do projeto original de Sarah Hoy

Adaptação para eBook Hondana

ISBN 978-85-8240-203-0

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)
ANGÉLICA ILACQUA CRB-8/7057

Golden, Christopher

Caninos brancos / Christopher Golden, Tim Lebbon ; tradução Irineo Baptista Netto; ilustrações Ray Lago. - São Paulo : Benvirá, 2015.

272 p. : il. (As aventuras secretas de Jack London ; 3)

ISBN 978-85-8240-203-0

Título original: *The secret journeys of Jack London: white fangs*

1. Literatura infantojuvenil americana I. Lebbon, Tim. II. Baptista Netto, Irineo III. Lago, Ray IV. Título V. Série

15-0484

CDD-028.5

CDU-028.5

Índices para catálogo sistemático:

1. Literatura infantojuvenil americana

Copyright © 2013 by Christopher Golden & Tim Lebbon.

Copyright ilustração © 2013, Ray Lago

Publicado mediante acordo com os autores, representados por Baror International, INC., Armonk, Nova York, EUA.

Título original: *The secret journeys of Jack London: white fangs*.

Todos os direitos reservados à Benvirá,

um selo da Editora Saraiva.

www.benvira.com.br

1ª edição, 2015

Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida por qualquer meio ou forma sem a

prévia autorização da Editora Saraiva. A violação dos direitos autorais é crime estabelecido na lei nº 9.610/98 e punido pelo artigo 184 do Código Penal.

545.735.001.001

*Há uma euforia que marca o auge da vida, além do
qual não se
consegue ascender. E o paradoxo da existência é que
essa euforia
chega quando se está mais vivo do que nunca, embora
ela venha
na forma de um completo esquecimento de que se
vive.*

JACK LONDON

SUMÁRIO

1. O fantasma
2. O indesejado
3. O vazio
4. Sangue sob a luz do luar
5. São todos predadores
6. O confronto
7. Abominações da natureza
8. A lembrança dos monstros
9. Aprisionando a escuridão
10. Terra sem vida
11. Carnificina fresca
12. Uma jornada sombria
13. Últimos raios de luz
14. Novas jornadas

CAPÍTULO UM

O FANTASMA

Um fantasma assombra o sono de Jack London.

Ele sente em seus sonhos, no limite da consciência, uma presença iminente que o persegue pela floresta sombria do subconsciente. Não consegue identificar a figura soturna, embora ela envolva seus sonhos em uma promessa de sofrimento. Talvez seja Lesya, o espírito da floresta que declarara amá-lo e tentara forçá-lo a corresponder a esse amor. Pode também ser Fantasma, o capitão lobisomem obcecado por vingança. Ou talvez seja o espectro de seu amigo Jim Goodman, assassinado mais ao norte, no Yukon, para onde Jack está voltando.

Sem face, oprimindo-o e provocando-o com sua existência, o mistério sinistro daquele espírito é pior que qualquer verdade.

Jack acorda de repente e se senta, e o fantasma recua devagar, hesitante, enquanto seu grito ecoa na escuridão da cabine do navio. Ele agarra o próprio peito e sente o suor. “Por que ninguém apareceu?”, pensa. O lado da cama em que dorme Sabine, sua amada, está frio. E os lobisomens que restaram da tripulação de Fantasma, que agora são seus aliados? Depois de tudo o que haviam passado juntos, é certo que um grito chamaria a atenção deles, não?

Jack calça as botas e sai da cabine, caminhando pelo corredor deserto até a escada que leva ao convés. O *Charon* é uma embarcação muito diferente do navio de Fantasma, o *Larsen*. Muito maior e feito quase todo de metal, Jack ainda não tinha conseguido se adaptar a ele. Mesmo depois de três mil milhas desde a batalha com Morte Nilsson e sua tripulação, e a dois dias de chegar a Dyea e à entrada para o Yukon, ainda acha a embarcação fria e estranha.

Às vezes, é como se não estivesse ali de verdade.

Ouve um grito vindo do convés. Na mesma hora, sente os pelos do

pescoço se arrepiarem e tira a faca do cinto. “E agora?” Os que restaram da tripulação de Fantasma — Louis, Maurilio e Vukovich — tinham se dado bem com o velho tripulante de Morte, Reverendo, e juntos conseguiram conduzir o navio até ali. Não havia nenhum indício de rivalidade ou rancor entre eles. Louis assumira o papel de capitão, mas só se impunha quando o navio enfrentava dificuldades.

Jack não consegue imaginar o que pode ter dado errado.

“Aquele fantasma”, pensa, correndo pelo passadiço e subindo um lance de escada, a sombra iminente de seu sonho vindo logo atrás.

E lá estavam eles no convés, reunidos na popa e gesticulando, inquietos, em pânico.

— O que foi? — Jack pergunta, correndo em direção ao grupo.

Sabine olha para ele, os cabelos longos açoitando seu rosto por causa do vento forte. Mas ainda assim ele consegue perceber sua expressão desesperada.

— Ah, Jack — diz ela. — Estamos todos amaldiçoados.

Jack passa por ela, abrindo caminho gentilmente, e se apoia no parapeito com sua tripulação de lobos. Reverendo reza numa língua e para um deus que Jack desconhece. Maurilio não para de se mover, nervoso. Louis agarra o gradil, arreganhando os dentes para o sol que afunda no horizonte além-mar. O reflexo do crepúsculo reluz no dente dourado.

— O fim, *mon ami* — diz Louis calmamente. — Como pudemos acreditar que conseguiríamos deixá-lo para trás?

Jack leva alguns segundos para entender de quem eles falam, o que havia causado o tumulto que o levava até ali... e então vê Fantasma. O homenzarrão, o pirata lobisomem, a besta que se acredita superior a todos os homens, vem nadando atrás do navio em mar aberto. Ele avança através das águas congelantes com braçadas fortes e precisas, cortando ondas e se aproximando do *Charon* a uma velocidade descomunal. Ele os seguira por infinitas milhas. Ele os *persequira* incansavelmente. E agora é a hora da verdade.

— Canhões! — grita Jack, mas a tripulação já se sente derrotada. Vira-se para a jovem a seu lado e estende as mãos como numa súplica. — Sabine! Podemos acabar com ele!

— Acho difícil, Jack — diz ela, a voz suave. Mesmo em desespero, continua linda. — Difícil mesmo.

Fantasma alcança o casco metálico do navio e solta um rugido. Não emite palavras, mas um protesto furioso em resposta ao que fizeram com ele.

— Infinitas milhas — diz Jack a si mesmo.

As mãos de Fantasma agarram o gradil e ele se projeta para dentro do navio, aterrissando com os pés pesados no deque e investindo contra Vukovich. O pirata é dilacerado ao meio pelas garras cruéis de Fantasma.

Reverendo tenta correr, mas Fantasma o alcança em dois passos. Agarra o homem alto pela cabeça e se vira, fazendo o corpo da vítima colidir contra o tabique. Ossos se quebram, e Reverendo cai.

Maurilio se ajoelha diante de Fantasma e aceita o destino sangrento.

Jack sente uma ponta de orgulho dessa besta relutante, desse homem transformado em algo desumano. Fantasma demonstra vigor e brutalidade — transformou-se enquanto nadava, e agora parece mais alto que qualquer outro homem que já viveu. Louis tenta lutar, mas é golpeado com o punho de Fantasma e sua coluna se quebra.

Depois rosna para Jack. A promessa de dor está implícita em todas as partes de seu corpo, desde as mãos crispadas até os olhos tingidos de sangue. Está mais monstruoso que nunca, e dessa vez Jack sabe que não haverá conversa, nenhuma discussão sobre o certo e o errado e os extremos além deles.

— Minha vida chegou ao fim — Jack pensa em voz alta.

Sabine olha para ele.

— Não, Jack! — ela responde. — Não. *Não!* Você tem que viver para sempre! Porque, se não viver... — A voz vai desaparecendo, e Jack percebe que Fantasma se virou para ela.

Mas a expressão no olhar bestial está muito longe de ser amor.

— Não, Jack! Acorde!

Jack abriu os olhos no instante em que Fantasma avançava, e naquele momento sentiu que nada do que se passara era algo a temer de fato. Estava encolhido, as mãos erguidas à frente do corpo, tentando evitar a morte.

Mas não havia nenhum Fantasma ali.

— Sabine. — Ele suspirou.

Ela estava sentada na beirada da cama, uma presença real muito bem-vinda. Encarava-o com os adoráveis olhos cor de cobre, e ele sentiu o medo se desvanecer.

— O sonho de novo — ela disse.

Jack suspirou, concordando com a cabeça. Respirou fundo, permitindo que os batimentos cardíacos voltassem ao normal. O pesadelo de perigo iminente demorou a desaparecer, e ele sabia de antemão que não sumiria por completo. Havia sofrido demais para que fosse assim tão fácil.

— Às vezes acho que deveria ter deixado a tripulação acabar com ele — falou.

— Sabe muito bem que nunca faria isso — disse Sabine, beijando delicadamente os lábios de Jack.

Ele soltou um novo suspiro. Ela o conhecia tão bem... Jack levantou a mão e usou os dedos para acariciar o contorno do queixo de Sabine — a pele cor de café era tão macia que bastava tocá-la para se sentir leve.

— O nascer do sol está lindo — disse ela. — Estamos quase chegando a Seattle. Os outros já estão no convés.

— E não é onde sempre estão?

— Acho que não dormiram bem — comentou Sabine. — Parece que nenhum deles consegue dormir desde que Fantasma os transformou. Ou desde que ele foi capturado por Morte Nilsson, naquele episódio com Reverendo. A criatura dentro deles não os deixa descansar.

— Mas são mais felizes agora que estão livres — disse Jack, pensando nas criaturas metade homem, metade lobo, que considerava seus amigos, ou pelo menos aliados. — Não acha?

— Espero que sejam. — Sabine levantou-se da cama e abriu a porta da cabine. A bruxa do mar fitou Jack e sorriu. Era ao mesmo tempo encantadora e espetacular; parecia jovem, exuberante e cheia de vida. No entanto, os olhos traíam uma experiência ancestral. “Nem ela sabe a própria idade”, pensou Jack. Amava-a ainda mais devido ao mistério e à fascinação que exercia.

Jack calçou as botas e vestiu o casaco, ajeitou a faca no cinto e foi atrás dela. O *S.S. Kraken* era um navio semelhante ao *Umatilla*, a primeira embarcação em que Jack navegara pelo Yukon e da qual fora arrancado por Fantasma e sua tripulação lobisomem na viagem para casa. Mas, diferentemente do *Umatilla*, na última viagem que fizera rumo

ao norte, o *Kraken* estava um tanto vazio, quase sem mantimentos e equipamentos necessários ao garimpo. A corrida do ouro acabara tão rápido quanto começara, e muitos daqueles a bordo com destino ao norte desembarcariam em Seattle.

Não era o caso de Jack nem de seus companheiros. Estes seguiam para litorais mais distantes.

Jack sentia-se feliz por estar viajando novamente. A jornada dele não estava completa. Quanto a Sabine, era uma alma inquieta, e, embora tivessem jurado amor um pelo outro, sabia que ainda havia muito para ela conhecer. Na época em que fora refém a bordo do navio de Fantasma Nilsson, o capitão se referira a ela como uma bruxa do mar, e havia certa verdade nessas palavras. Em mar aberto, Sabine era capaz de localizar outros que também estivessem no mar, detendo o poder de penetrar a mente dessas pessoas. E Jack vira por si mesmo como ela — apenas por genuína força de vontade — era capaz de influenciar o ambiente ao redor. Contudo, a conexão dela com o mar era mais primitiva que qualquer outra coisa que se referisse a bruxaria. A memória fragmentada de Sabine retornava a incontáveis séculos atrás, remetendo-se a uma época em que nada existia e da qual nem ela mesma se lembrava mais. Jack acreditava que o poder de Sabine viesse não de bruxaria, mas de algo inato que fazia dela uma espécie de espírito da água ou deusa dos elementos. Já havia conhecido uma mulher assim antes — o espírito da floresta, Lesya, que fizera dele refém, assim como Fantasma aprisionara Sabine.

Se Jack estivesse certo, Lesya poderia esclarecer alguma coisa sobre a verdadeira natureza de Sabine, desvendando o mistério de um passado que atormentava íntima e profundamente a mulher que amava. Se tivesse mesmo razão, a viagem ao norte seria rumo a uma revelação para Sabine — e talvez a um desfecho para essa parte da jornada de Jack.

Porém, ele tinha consciência de que a vida continuaria. E estava animado para ver o que o futuro lhe reservava.

O *Charon* mal havia conseguido chegar a San Francisco. O navio de Morte fora danificado durante a batalha em que os irmãos lobisomens — Fantasma e Morte Nilsson — enfim resolveram suas diferenças. Morte, o mais velho, fora morto com toda a tripulação, à exceção de Reverendo. Jack e Sabine haviam recrutado os serviços da tripulação de Fantasma, e os lobisomens tinham se voltado contra seu capitão. Disposto a provar

que era mais que um animal — provar que era humano, e não uma besta —, Jack tratara Fantasma com misericórdia poupando sua vida, e abandonara o lobisomem na costa de uma pequena ilha deserta. Ele conseguira se vingar do irmão que o transformara em um monstro, mas não teria nenhuma pilhagem pirata e nunca mais seria capitão de um navio. Tinham deixado Fantasma sem nada.

Apesar de tudo, Jack sentira uma ponta de piedade pelo lobo abandonado. Fantasma fora traído pelo irmão mais velho, transformado em um monstro e levava anos para tentar apagar do próprio coração qualquer resquício de humanidade ou compaixão. Assim poderia se tornar desalmado e impiedoso o suficiente para assassinar o irmão quando chegasse a hora. Agora, com Morte Nilsson morto, Fantasma não tinha nada. Mas, mesmo que Jack sentisse uma fração minúscula de simpatia por ele, levar Fantasma a bordo não fora sequer cogitado. Ele era muito perigoso. Mataria Jack e seus ex-marujos sem hesitação nem remorso se tivesse chance. “Por outro lado, Sabine...” Jack tinha certeza de que Fantasma teria outros planos para ela. O pouco de humanidade que restava no ex-capitão vinha quase totalmente do que sentia por Sabine — um amor que o lobisomem tentara omitir de todos, até mesmo de si, mas que se evidenciava na maneira como a olhava e na tormenta que a mera presença dela criava em seu coração.

Jack, Sabine e o restante dos lobos sobreviventes haviam formado uma aliança turbulenta, usando o *Charon* avariado para singrar o Pacífico em direção a leste, rumo a San Francisco — a casa de Jack. Nas últimas trezentas milhas da jornada, a água passara a invadir o navio. Com receio de ser reconhecido como uma embarcação pirata — Reverendo contara que Morte havia saqueado lugares aleatórios ao longo do norte e do leste do Pacífico —, Jack sugerira que se aproximassem de terra firme usando os botes salva-vidas que restavam. Remar para longe do *Charon* causou-lhe uma sensação boa e, enquanto o navio naufragava atrás deles, Jack pensou em todas as almas que afundavam com ele. Tudo o que desejava era que o fim da embarcação pudesse trazer paz às vidas destruídas durante sua existência.

O pouco tempo passado em San Francisco foi uma experiência estranha para Jack. As mudanças eram tantas desde que havia viajado para o Yukon que a mãe dele mal o reconheceu. Ele colocou a pequena bolsa de ouro nas mãos dela, e ela chorou. Jack imaginou que fosse de

alívio e gratidão, mas depois sua irmã Eliza contou que a mãe sentira medo também. Jack havia voltado diferente.

— É como se você tivesse ficado maior — disse Eliza, incapaz de dar uma explicação melhor.

Tinham ficado em San Francisco até a noite de lua cheia, quando o poder dos lobisomens se avolumava e não conseguiam evitar a transformação. Na maioria das vezes, eles controlavam a mudança e, mesmo quando assumiam a forma monstruosa, ainda se mantinham racionais. Porém, na noite de lua cheia, não tinham controle algum e nenhuma razão. Eram selvagens, primitivos e vorazes. Fora uma experiência aterradora para Jack e Sabine. A bordo do *Charon*, haviam conseguido trancar os lobos no porão do navio, mas em San Francisco fora mais complicado encontrar um lugar em que pudessem ser trancafiados sem ser perturbados — e onde os uivos não chamassem a atenção de ninguém.

Jack havia arranjado uma velha doca de pescadores, usada por um dos homens com quem costumava pescar ostras ilegalmente, e os compartimentos do depósito no pequeno barracão foram providenciais. Os lobisomens aceitaram a carceragem com boa vontade, e Jack viu em cada um deles a esperança de que a maldição pudesse ter fim. Esse fora um tema constante de discussão durante a jornada rumo ao leste, e Jack começara a achar que sua ajuda poderia fazê-los dominar o que havia de selvagem dentro deles.

Mas estavam em San Francisco, onde a família de Jack e centenas de milhares de outras pessoas viviam. Nada poderia ser deixado ao acaso. Chegaria o dia em que a humanidade dos lobos seria testada, mas teria de ser bem longe de pessoas inocentes. Isso significava também que, se quisessem embarcar em um navio comercial de San Francisco para o Yukon, teriam de se apressar, para garantir que completariam a jornada pelo oceano antes que a lua voltasse a ficar cheia.

Assim que se recuperaram dos sofrimentos impostos por Morte, deixaram San Francisco, enfrentaram as águas rumo ao norte e agora chegavam a Seattle. Apesar da figura ameaçadora que assombrava os sonhos de Jack, tudo corria como planejado.

Quando Jack e Sabine subiram ao convés, Jack inspirou o aroma do oceano indômito. Nunca se cansaria dele. À frente, surgia terra firme no horizonte, e uma névoa pairava sobre Seattle. As docas já estavam

movimentadas, e, mesmo a distância, Jack conseguia distinguir embarcações se movendo de um lado para outro, torres inclinadas de vapor marcando o progresso dos navios maiores que se afastavam das docas à medida que o *Kraken* aportava.

Foi para perto de Sabine na proa, onde a tripulação aguardava. Todos se apoiavam no gradil de metal do navio, olhando adiante para a cidade costeira, e, ao se aproximar deles, Jack se lembrou do sonho que tivera. Da fúria animalesca de Fantasma enquanto massacrava os marujos remanescentes da tripulação amotinada. De sua brutalidade declarada.

Sabine pegou a mão dele, e os dois ficaram ao lado de Louis no gradil.

— Bom dia, *mon ami* — disse Louis. — Última parada rumo ao norte.

— Muitos vão desembarcar aqui e poucos reembarcarão — Jack respondeu. — O *Kraken* ficará ainda mais quieto a partir de agora.

— Que bom — comentou Vukovich. — Não sou mesmo boa companhia.

Reverendo resmungava algo para si mesmo, as roupas escuras tornando-o quase uma sombra, enquanto suas mãos apertavam com força o gradil em vez de se unirem em oração. Maurilio e o grande Vukovich observavam em silêncio. Jack se perguntou se os dois não estariam se lembrando dos navios que saquearam naquela região ou das pessoas mortas que jaziam em Seattle. Esperava que não. Tinha esperança de que o treinamento constante os tivesse encorajado a ver o que havia de bom no mundo e a resistir aos apelos animalescos do paladar. Jack lhes explicara que o mundo selvagem devia ser algo sob o controle deles, e não uma força que os controlasse.

Quando estavam em San Francisco, Sabine assumira a função de alimentá-los no período de transformação. Jack fora contra, mas ela fizera questão de que ele se dedicasse à família.

— Sua mãe e sua irmã precisam conhecer você de novo — ela havia dito.

Jack deixara o barracão da doca sabendo que quatro monstros delirantes estavam lá dentro e que Sabine ficaria perto deles o tempo todo. Fora então para casa e passara o dia com a família, contando algumas das histórias sobre o norte — apenas algumas, porque várias delas prometera jamais contar. Mesmo assim, durante sua jornada, havia começado a escrever cada vez mais no diário, tomando notas sobre uma

versão da história que considerava capaz de render um bom romance, embora sem monstros nem bruxas, tampouco outras coisas nas quais pessoas comuns jamais acreditariam.

Uma rajada de vento gélido arrancou Jack do devaneio. Sabine lhe contara que a estadia em San Francisco tinha sido um sucesso, e Jack não podia reclamar de praticamente nada. Os lobos haviam passado pelo período de transformação sem matar ninguém, alimentados com cautela por Sabine, que lançava pedaços de bife e de frango nos compartimentos individuais do barracão velho de pescadores. Mas a sensação que Jack tinha de estar a caminho de algo muito pior que lobisomens à solta em San Francisco não deixava espaço para comemorações. Fora de Seattle, o mundo era mais selvagem. E, no cerne das memórias inóspitas de Jack, encontrava-se Lesya.

Jack, Sabine e a tripulação esperaram no gradil enquanto o navio atracava. Ninguém falou nada. Os lobos não se davam ao luxo de jogar conversa fora, nem mesmo Louis. Os sofrimentos do passado acabaram reduzindo a existência deles ao essencial.

Conforme o *Kraken* se aproximava das docas e as rampas de acesso eram baixadas, homens e mulheres se apressavam por elas, e logo a buzina do navio anunciou o desembarque.

— Não vejo ninguém esperando para embarcar — disse Sabine. — Talvez o navio fique só para nós!

— Ainda existe gente a bordo — Jack lhe lembrou. — Algumas poucas almas resistentes.

Debruçou-se sobre o gradil e apreciou o trabalho dos homens das docas em terra. O convés fora tomado por homens carregando caixotes e mantimentos para fora do navio, além da confusão de passageiros ao redor, esperando para desembarcar. Outros vieram ao convés apenas pelo espetáculo de civilização proporcionado pelo horizonte de Seattle — a visão derradeira que teriam desse tipo por muito tempo, à medida que seguiam na jornada rumo ao norte. Logo os primeiros passageiros começaram a descer pela breve rampa, alguns cambaleando ao pisar em terra firme, buscando se equilibrar de novo.

— Vou voltar para a cabine — disse Louis. — Quero dormir o máximo que puder numa cama de verdade, antes que a gente...

— *Fantasma* — sussurrou Sabine.

Jack sentiu o sangue gelar. Foi como se ela tivesse ressuscitado o

pesadelo dele. Viu-a empalidecer e agarrou os braços dela, temendo um desfalecimento repentino. As pálpebras dela tremiam enquanto levava a mão à boca e a mordida.

— Sabine! — disse Jack. — O que foi?

— Eu... estou aqui, Jack — disse ela, apoiando-se nele em um gesto brusco.

Atrás dela, Jack observou os integrantes do estranho bando. Os quatro lobisomens encontravam-se estáticos, como animais flagrados num feixe de luz, prontos para atacar a qualquer momento. Foi a primeira vez que viu Louis e os outros com medo, e se perguntou, em um átimo de reflexão, o que mais além de brutalidade estaria arrancando deles ao tentar ensiná-los a serem humanos de novo.

Na imobilidade deles, os quatro — Louis, Maurilio, Vukovich e Reverendo — tinham o olhar fixo à direita de Jack, abaixo do gradil do navio. Jack se virou para olhar as docas e constatar o que havia deixado o grupo em choque.

Em meio ao tumulto, como uma rocha no centro de uma torrente, uma figura alta o observava. O primeiro impulso de Jack foi imaginar como Sabine não pressentira a presença dele, mas era óbvio: ele estava em terra firme, e não havia como ela percebê-lo assim.

Não era um sonho.

Fantasma os encontrara.

CAPÍTULO DOIS

O INDESEJADO

— **N**ão — Jack disse.
— Impossível! — Louis suspirou.

De algum modo, as palavras dele quebraram a imobilidade dos outros lobos. Tanto Vukovich quanto Maurilio recuaram um passo, e Reverendo apertou mais o gradil, fazendo os dedos embranquecerem.

— Impossível, sim — Jack concordou, estranhamente satisfeito por não ser o único a testemunhar aquilo. — E, contudo, ele está aqui. — Uma parte de Jack percebeu que aceitar aquilo era mais fácil do que devia ser. Talvez olhar para Fantasma afugentasse seus sonhos e o trouxesse de volta à realidade.

— E o que devemos fazer? — Vukovich perguntou.

— Aguardar — Jack respondeu. Porque Fantasma já estava em movimento, caminhando com firmeza pela prancha de embarque, enquanto tripulantes carregavam caixotes pela rampa paralela e os últimos passageiros entravam no navio.

Marujos e passageiros nem tomaram conhecimento dele, mas Jack e seus companheiros não conseguiam prestar atenção em outra coisa, como se o mundo se resumisse àquele momento único e inexplicável. A forma musculosa e sólida do ex-capitão trajava calça, camiseta desbotada e uma jaqueta leve, exibindo farta barba. Não carregava nenhuma bagagem; apenas caminhava pela prancha como se fosse um mero visitante, embora o olhar dele não desviasse do rosto de Jack em momento algum.

“Não”, Jack se deu conta, sentindo um arrepio percorrer-lhe o corpo.
“Não é o meu rosto.”

Fantasma encarava Sabine.

Foi enquanto Fantasma atravessava o convés que Jack percebeu o que ele, Sabine e os lobos haviam se tornado — eram uma equipe. Uma tripulação. Uma *quadrilha*. Nenhum deles tentou fugir, embora Jack soubesse que todos ali tinham bons motivos para isso. Sabine estremeceu ligeiramente quando Jack envolveu seu ombro com uma das mãos. Reverendo enfim largou o gradil e postou-se ao lado dos homens que, até pouco tempo antes, eram seus inimigos. Embora o medo deixasse carregado o ar frio da manhã sob o sol recém-nascido, juntos eles encaravam a fera. Perto dali, dois homens riam de uma piada compartilhada, um deles fumando um charuto de odor terrível, com um braço ao redor de uma jovem que poderia ser sua mulher ou sua filha. Jack queria gritar para que corressem, berrar que o demônio havia embarcado no navio e perguntar como podiam não reconhecê-lo ao olhar para ele.

— Bom dia — disse Fantasma, o olhar deslizando brevemente sobre cada um dos homens. Deteve-se um pouco mais em Jack, o canto dos lábios se levantando no que parecia ser um sorriso. Depois, fixou-se em Sabine. A expressão de seus olhos era fria e indiferente e não revelava absolutamente nada.

O som de metal no couro fez Jack olhar para a esquerda, percebendo que Louis havia tirado a faca da bainha e a segurava agora ao lado do corpo, de prontidão. Era um homem pequeno, mas forte e atarracado, e podia ser letal em uma briga.

O corpo de Fantasma se retesou ligeiramente, a expressão dele sendo quase de dor. Olhou ao redor, para os tripulantes ocupados em descarregar o navio e um punhado de passageiros ainda no convés.

— É mesmo? — ele perguntou. — No meio de todas essas pessoas? Vocês me obrigariam a me transformar e arriscariam a vida de todos?

— Louis — Jack disse com cautela —, acho que não vai precisar da faca.

— Se não agora, depois — Louis respondeu numa promessa grunhida entre os dentes.

— Talvez não — Fantasma respondeu, como se ele, um genuíno sobrevivente da brutalidade, houvesse assumido a voz da razão. — Quem sabe a lâmina e os dentes não possam continuar onde estão?

— Não — Vukovich falou, os dentes já despontando, afiados. — Agora. — Deu um passo à frente, e Jack pôde sentir o cheiro da fera

interior.

Fantasma sorriu, o que fez Jack entrar em ação. Não foram o medo de ser capturado, o caos ou o horror que poderiam resultar de uma briga que começasse ali naquele momento. Foi apenas a confiança indiscutível de Fantasma que fez Jack se projetar sobre Vukovich.

O lobisomem russo foi ao chão, rosnando de ódio, mas, ao tentar levantar, Maurilio se ajoelhou rapidamente ao lado dele, resmungando para terem cuidado. Um marinheiro no alto da prancha os encarava. Jack sorriu e acenou com uma das mãos, e o homem desviou o olhar.

Fantasma teria matado todos eles? Jack achava que não. Por mais que fosse um beligerante feroz, Jack tinha certeza de que ele e os quatro lobisomens, além de Sabine e seus talentos mágicos, eram capazes de derrotá-lo, e de que dessa vez não haveria misericórdia. Mas quantos teriam de morrer para que isso acontecesse? Fantasma poderia ter se infiltrado sorratamente a bordo, aguardado por um tempo e tentado matar cada um deles, caso quisesse vingança. Em vez disso se aproximara do grupo abertamente, e, embora a arrogância habitual permanecesse, a princípio Jack não se sentia ameaçado por ele.

Então, o que ele *queria*?

— Vukovich — Jack disse, olhando para os marinheiros que se preparavam para zarpar. O homem que fumava charuto e a mulher jovem não estavam mais ali —, vamos ouvir o que ele tem a dizer.

— Para sermos submetidos a ele de novo — Vukovich respondeu, a voz cansada e resignada. Era evidente que a presença de Fantasma remetera o lobisomem russo de volta aos dias sombrios a bordo do *Larsen* e a todas as coisas hediondas que ele e os outros membros do bando de Fantasma haviam feito como integrantes de sua tripulação. Fantasma escolhera a dedo cada um dos homens de seu bando e lhes infligira a maldição do lobisomem. Transformara-os em monstros, e por causa disso todos o temiam, o odiavam e lhe serviam.

Tinham pensado que Fantasma havia desaparecido nas brumas da memória, preso que estava àquela ilha. No entanto ele voltara, e Jack sabia que todos precisariam de tempo para se recuperar desse choque.

“Mas vão se recuperar!”, pensou. “Nós vamos. Porque tudo mudou.”

— Esta não é mais sua tripulação, Fantasma — ele anunciou.

— Ah, entendo — Fantasma respondeu, encarando Jack. — Enfim capitão, não é, garoto?

— O capitão... — O olhar de Jack passou por Fantasma, para chegar à roda do leme. — Desconfio que ele esteja ocupado lá em cima, planejando o trajeto até Skagway.

O olhar fixo de Fantasma percorreu todos eles de novo. Embora se sentisse intimidado, Vukovich o encarou em resposta.

— Esta tripulação não precisa de capitão — Louis afirmou.

— Isso é o que vocês pensam — Fantasma replicou. — Isso é... — Aparentemente desistindo do que ia dizer, inclinou a cabeça e sorriu. — Perdoe minha falta de educação! Sabine, é maravilhoso vê-la de novo. Você está tão... radiante.

— Não posso dizer que penso o mesmo de você.

Fantasma deu de ombros.

— Quantas aventuras vivemos, hein? As histórias que podemos contar! Juntos, nesta noite! Reservei uma cabine espaçosa, grande o suficiente para todos nós. Às seis da tarde?

— Fantasma... — Jack começou a dizer, mas o pirata grandalhão já fazia menção de partir.

— Que bom! — Fantasma respondeu. — Vou pedir vinho e carne fresca, e colocaremos a conversa em dia. Mas agora... — ele bocejou com gosto —, se me dão licença, minha viagem foi cansativa. Encarei um percurso longo de trem e, antes disso — relanceou o olhar para o grupo e sorriu, mas o olhar continuava inexpressivo —, dei uma bela nadada.

Em seguida foi embora, atravessando o deque e parecendo não ter nenhuma preocupação no mundo.

Sabine respirava com dificuldade, e Jack passou o braço em torno de sua cintura. Ela não o impediu, mas tampouco se apoiou nele. Observava Fantasma, e Jack não conseguiu interpretar a expressão no rosto dela.

— *Bem* — Louis disse, suspirando ruidosamente. — E então...?

— Deveríamos tê-lo matado bem naquela hora — disse Vukovich.

— Você teve uma chance antes disso e o deixou escapar — constatou Reverendo, pensativo. Para um homem que havia feito parte da tripulação de Morte Nilsson e era um lobisomem, ele era extraordinariamente filosófico. — Ele pode ser um monstro, mas por ora não está agindo como tal nem parece estar em busca de vingança.

— Você não tem ideia do ser vingativo que há dentro dele — observou Maurilio, inclinando-se sobre o gradil e observando o percurso

que Fantasma havia feito. — Durante anos, ele só pensava em se vingar do irmão, Morte. Nada mais importava para ele. Tudo o que fazia era voltado a esse objetivo. E nenhum de nós sabia. Ele enganou todo mundo. É traíçoeiro como uma serpente; determinado como um tubarão.

— Não sei — disse Sabine, voltando-se para Jack. — Você sentiu, Jack?

— Senti o quê?

— A mudança.

Jack balançou a cabeça em uma negativa. Surpresa, temor e o respeito amargo que Fantasma impunha sobre ele, sim. Tinha sentido tudo isso. Mas mudança?

— Não acho que ele seja um homem capaz disso.

— Nesta noite, descobriremos.

— Você quer dizer que...? — perguntou Louis.

— Claro — respondeu ela. — Devemos aceitar o convite dele. Afinal de contas, Fantasma vai servir carne.

Ainda atordoados, permaneceram no convés por um tempo, vendo o carvão e outros produtos serem carregados a bordo. Discutiram os riscos de ir à cabine de Fantasma e concordaram que Louis descobriria antes onde ela ficava. Revezariam no posto de guarda em pares, para garantir que não cairiam em nenhuma armadilha.

De algum modo inexplicável, Jack estava certo de que não haveria nenhuma armadilha. Fantasma não seria tão desleal, pois uma atitude dessas indicaria um sinal de fraqueza, além de medo de ser derrotado em um confronto direto. E Jack constatara que o capitão lobisomem *não* tinha essa espécie de medo. Fantasma possuía uma confiança inabalável, e, se houvesse embarcado para *lutar* contra eles, a batalha já estaria terminada. Sangue teria sido derramado, corpos estariam amontoados no convés. Mesmo naquele momento, Jack hesitava em imaginar o resultado.

Ele e Sabine permaneceram no convés o resto da manhã, aproveitando a luz do sol. Perguntas o atormentavam, entre elas como Fantasma descobrira onde eles estavam. Ao meio-dia o *Kraken* zarpou de novo, e mais uma vez Jack se viu preso a bordo de um navio com a mulher que amava e com outro homem que, obviamente, compartilhava desse sentimento.

Navegavam rumo a regiões inóspitas, mas Jack se deu conta de que o

mundo selvagem já estava com eles.

O dia se arrastou, e perto das seis horas Jack convocou uma reunião em sua cabine. Era pequena demais para todos, e os homens exalavam um odor marcante e almiscarado — um aspecto estranho da condição em que viviam: cheiravam a lobos, mesmo sob a aparência de homens. Naquela noite, o odor estava mais forte que o normal. A metade animal da natureza deles os acompanhava como uma sombra, próxima e íntima, mesmo que não estivesse à vista.

— Precisamos chegar a um acordo — disse Jack, observando cada um dos rostos presentes.

O sorriso amável que Louis habitualmente exibia havia desaparecido. Com sua pele escura, era o próprio retrato de uma sombra sinistra. O magro e amedrontado Maurilio parecia incapaz de se sustentar em pé. Vukovich ficou próximo da porta da cabine, parecendo pronto para escapar a qualquer momento. Apenas Reverendo tinha a expressão tranquila, um homem alto e grisalho encostado à parede, como um confiante atirador. Depois do tempo que havia passado com Morte Nilsson, acostumara-se com a possibilidade de violência iminente.

Jack os encarava.

— Se Fantasma fizer qualquer tipo de ameaça, nós o atacaremos. A qualquer sinal de violência, revidaremos.

— Sim — Maurilio confirmou com rapidez.

Louis e Vukovich também concordaram. Reverendo não fez nenhum comentário, mas Jack percebeu pelo olhar dele que estava de acordo. Ainda novo no grupo, ele era cuidadoso ao discutir ações contra o ex-líder. Jack o respeitava por isso; era seu instinto de sobrevivência.

— Sabine? — perguntou Jack. Ela parecia distraída, como se à espera de que algo acontecesse.

— Se houver algum problema, posso tentar distraí-lo — disse ela —, agora que estamos de volta ao mar. — Sua voz soava distante e insegura, e Louis arqueou uma das sobrancelhas. Jack fingiu não perceber.

— Bom — continuou ele —, então vamos lá ver o que Fantasma quer de nós.

Avançaram navio adentro, onde Fantasma havia reservado uma cabine espaçosa e sem janelas, perto da proa. Louis e os outros tinham

monitorado a cabine, e a porta não fora aberta desde a manhã. Fantasma ficara lá dentro, sozinho, o dia inteiro. Os planos dele, fossem quais fossem, pareciam envolver somente a sua pessoa.

— Você está preocupada? — Jack perguntou a Sabine enquanto caminhavam pelos corredores de metal.

— Claro.

— Mas está pensando em mais alguma coisa? — Ele segurou com firmeza a mão dela, e ela retribuiu com uma leve pressão na dele.

— O mesmo que todos nós — respondeu. — Imaginando o que ele quer. Como nos achou. E quais são os planos dele.

— Os planos dele — Jack repetiu, e sentiu um nó no estômago. — Sobrevivemos antes, Sabine, e ele tinha muito mais força.

— Não tenho tanta certeza — ela respondeu, quase falando consigo mesma. — Não tenho certeza de como uma força como a dele pode ser avaliada ou prevista.

Detiveram-se do lado de fora da cabine, e Jack ergueu o punho para bater à porta. Ela se abriu. Fantasma bloqueava a entrada, um vulto enorme cujos contornos da silhueta velas bruxuleantes faziam tremular.

— Bem na hora — comentou ele. — O jantar está na mesa. — Ele escancarou a porta e fez um gesto com a mão. — Por favor, entrem.

Jack, Sabine e os ex-piratas entraram na cabine de seu anfitrião. O ar estava carregado de expectativa, pesado com a promessa de violência. Na cortesia de Fantasma, Jack percebeu toda a confiança e arrogância que caracterizavam aquele homem.

— Suspeito que tenha perguntas a me fazer, senhor London — comentou Fantasma assim que fechou a porta atrás deles.

— Na verdade, nada que desperte meu interesse — respondeu Jack. Mas, nesse instante, Sabine agarrou o braço dele.

— Jack.

Foi então que ele sentiu o cheiro forte de carne fresca e de sangue, a fragrância do açougueiro. Um banquete de carne crua fora montado em uma pequena mesa: bifes, costelas, pedaços mais maciços e fatias quase transparentes de tão finas. Algumas poças vermelhas haviam se acumulado ao redor da mesa, e o sangue ainda vertia para o chão.

“Não, não, não”, pensou Jack. Mas, quando Sabine relaxou a pressão dos dedos em seu braço, constatou o que ela já percebera. Era carne bovina. Não o que havia temido; não era carne humana.

Os homens respiravam pesadamente, o odor animalesco mais forte do que nunca. Jack os observou, um a um, tentando manter a calma, e Louis e Maurilio assentiram gentilmente. Sem dúvida, Fantasma havia atraído Jack e Sabine para aquela situação de propósito.

— Bife de primeira, abatido vários dias atrás e agora pronto para minha velha tripulação se banquetear. — Fantasma girou a chave na fechadura. — Melhor que carne de pelicano, não é, Jack? Embora ainda não seja tão bom quanto... — Ele deu de ombros e caminhou entre eles em direção à mesa.

Pegando um pedaço de carne do tamanho de seu punho, Fantasma o ergueu até a altura do nariz e inspirou, os olhos entreabertos.

— Humm... Louis? — ofereceu, e Louis fez menção de pegar a carne, mas se conteve.

— Vou escolher o pedaço que quero — disse o francês.

“Ele está se esforçando para ser menos do que era antes”, pensou Jack, observando Fantasma. “É como sempre foi, mas está tentando omitir a própria personalidade. Tentando não deixá-la dominar o ambiente.”

— Como você nos encontrou? — perguntou Vukovich, e, quando os olhos de Fantasma se voltaram para Jack, seu coração quase parou ao se dar conta da resposta.

Fantasma sabia que Jack iria primeiro para casa, para levar à mãe o ouro que havia encontrado no Yukon. Se ele os estivesse perseguindo durante todo esse tempo, San Francisco seria a primeira parada. E, lá, onde mais teria procurado por Jack senão na casa da mãe dele?

Jack se sentiu fraco de repente, tomado de um súbito mal-estar. Mas não deixaria que Fantasma percebesse esse fato.

— Você os matou? — perguntou com calma, e todos na cabine ficaram imóveis. Reverendo, que pegara um pedaço de carne, deteve-se com ele a meio caminho da boca. Maurilio mantivera-se perto da porta, a mão no bolso agarrada à faca que, Jack sabia, estava escondida ali. Sabine encontrava-se ao lado de Jack, onde estivera, aliás, durante todo o tempo desde que fora resgatada por ele e após ambos terem sobrevivido aos conflitos e massacres terríveis a bordo do navio de Morte. Sempre ao lado dele, e ele ao lado dela. O lugar onde os dois deveriam estar.

“Minha mãe, minha irmã, meu cunhado”, Jack pensou, e foi

envolvido por uma imagem nítida e terrível de todos eles mortos no piso frio da cozinha da mãe.

— Claro que não, Jack — disse Fantasma, expressando uma indignação quase genuína. — Acha que eu faria algo assim?

— Tenho *certeza* — respondeu Jack.

Reverendo desistiu de comer a carne, depositando-a sobre a mesa.

O olhar de Fantasma passeou por todos na cabine. Depois, soltou uma risadinha e se sentou.

— Vocês me interpretaram mal — disse ele, dando tapinhas no próprio peito. — Este homem aqui mudou. Não quero dizer que a mudança seja grande. Nem que me tornei um fraco por causa dela. Mas tive muito tempo para refletir enquanto nadava. Foram vários dias enfrentando tempo bom e tempo ruim. Em algumas ocasiões, quase me afoguei, mas nunca pensei em desistir. E, durante toda essa experiência, percebi duas coisas: que consegui me vingar e que a vida continua. Durante anos imaginei que, ao matar meu irmão, eu morreria também. Sem meu ódio para me sustentar, qual seria o sentido de continuar vivo? Mas não aceitei ficar naquela ilha em que vocês me abandonaram. E, se quisesse morrer, bastava parar de nadar a qualquer momento e me deixar levar. Mas não fiz isso. Eu nadei. E, enquanto o fazia, me dei conta de que deveria haver um *além* e um *depois*, e é nesse ponto que me encontro agora. Além e depois de Morte Nilsson.

— Um monstro dedicado à vingança não pretende se vingar de nós? — perguntou Maurílio. Fantasma, porém, adotou uma atitude superior e ignorou o marujo que fora membro de sua tripulação.

— Jack — falou o ex-capitão —, descobri onde vive sua família e fiz uma visita. Apenas dois dias depois de você ter se despedido deles. Conte à sua mãe como éramos bons amigos e que gostaria de encontrá-lo. Então sua irmã chegou e me pareceu feliz em ver que você tem um amigo como eu. Elas me contaram para onde você provavelmente teria viajado. Sua mãe estava em dúvida, mas Eliza... ela parecia ter certeza. Embora você tenha ido embora sem contar a elas. — Ele meneou a cabeça, fingindo decepção. — Fazer isso com a própria família? Ir embora sem dizer para onde? Mas Eliza conhece você melhor do que imagina.

— E você não as machucou — disse Jack, o coração acelerado.

— Não. — Fantasma não desviou o olhar nem por um segundo, e

Jack acreditou nele. Não havia por que Fantasma mentir, ainda mais agora. Se tivesse exterminado a família de Jack, ele diria.

— Você afirma ter mudado — disse Sabine. A voz dela era baixa, quase hesitante. Mas, à medida que continuou a falar, Jack notou uma força crescente nela e soube que Sabine fora até lá para dizer aquilo. — Diz ter tido sua vingança e que a vida continua.

— Isso mesmo.

— Mas você não pode mudar o que você foi. Não pode apagar uma história de assassinatos, abusos e violências física e psicológica. Ninguém muda tanto assim, Fantasma Nilsson, irmão de Morte Nilsson. E muito menos você, um homem arrogante que se acha um deus.

Louis soltou uma risadinha. Maurilio retesou o corpo, tirando a lâmina do bolso da calça. Reverendo e Vukovich se afastaram um do outro, para longe da mesa, postando-se estrategicamente na cabine. Se Fantasma decidisse atacar, teria de escolher em qual homem avançaria primeiro.

Mas Fantasma emanava uma calma estranha, como se mal tivesse ouvido o que estava sendo dito.

— Eu mudei por sua causa, Sabine — ele respondeu. — Você é... meu desejo. Meu *depois*.

O coração acelerado de Jack golpeava-lhe o peito. Foi tomado pelo ódio. Fantasma não tirava os olhos de Sabine, embora soubesse que ela e Jack estavam apaixonados. “Ele não pode simplesmente fingir que não estou aqui.”

Antes que pudesse falar, entretanto, Sabine continuou a conversa com o ex-capitão.

— Não pertenco a ninguém, muito menos a você — ela respondeu.

— Nunca quis me envolver com você, Fantasma. Nem quando vi os primeiros sinais de desejo em seu olhar, nem quando soube que você tinha começado a se odiar, porque não conseguia se livrar desse sentimento. A única coisa que sinto por você é desprezo. Deixe a gente em paz. Pegue um barco e reme de volta para a costa. Poupe a si mesmo do constrangimento de agir como um cachorrinho apaixonado.

Os olhos de Fantasma brilharam de ódio, mas um instante depois ele pareceu apenas triste. Balançou a cabeça e fitou os próprios pés.

— Não tenho para onde ir.

— Quer nossa ajuda? — perguntou Jack, perplexo.

Fantasma levantou a cabeça. Dessa vez, com um sorriso forçado.

— Não, garoto. Quero ir para onde quer que esteja indo, para ver seja lá o que for que tiver de ver. Você vai precisar de mim, tenha certeza disso. Vai precisar de mim, Jack London. E você, minha querida Sabine, ainda vai me *desejar*.

Deixaram-no sentado à mesa coberta de carne crua, o corpo curvado sobre ela, um grandalhão forçando um sorriso após ter sido rejeitado, não apenas por Sabine, mas por todos eles. Naquele ambiente que recendia a sangue, a carne permanecia intocada sobre a mesa. Nenhum dos homens havia comido nada.

— Você foi até lá apenas para dizer aquilo? — Jack perguntou a Sabine.

— Por que outro motivo eu iria à cabine dele? Para compartilhar comida? Não. Eu o vi comer vezes demais. Queria... apenas dizer a ele o que penso, sem medo de retaliação. — Desde que saíram de San Francisco, Sabine nunca parecera tão calma, tão em paz consigo mesma quanto agora. Ainda tinham muito pela frente, e talvez Sabine descobrisse mais sobre si mesma com Lesya, o espírito da floresta. Mas, por ora, dava a impressão de estar contente, quase feliz.

— Você tem medo dele? — perguntou Jack.

— Acho que *sempre* vou ter medo dele. Memórias como aquelas, das coisas que vi, são difíceis de ignorar. Mas, com você e os outros por perto, me sinto segura. Há mesmo uma certa mudança nele. E acho que, ainda que ele não tenha consciência disso, ela o tornou mais fraco.

“Não tenho tanta certeza disso”, pensou Jack. *Vai precisar de mim, Jack London*, Fantasma dissera. E Jack foi assaltado pelo medo terrível de que o capitão talvez pudesse ter razão.

CAPÍTULO TRÊS

O VAZIO

O trem se arrastou montanha acima, rumo ao Desfiladeiro Branco, sibilando fumaça e tinindo sobre os trilhos de bitola estreita à medida que escalava o último trecho da subida de mil metros. Jack observou pela janela o terreno selvagem e a penumbra em meio às árvores, e se sentiu bem-vindo. A visita dele a San Francisco fora breve, e ele não se sentira nem um pouco em casa. O sentimento o incomodara um pouco, fazendo-o pensar se o desejo constante de viajar havia enfim dissipado qualquer sensação de pertencimento que pudesse ter lhe dado a alegria de voltar para a casa da mãe. Agora, no entanto, sabia que não era esse o caso. Não é que não tivesse mais onde ancorar no mundo; era apenas seu ancoradouro que havia mudado.

Esse ancoradouro era onde se encontrava agora. Em seu íntimo compreendeu que, não importava por onde viajasse, para o resto da vida aquele seria seu lar. Ali, no mundo selvagem.

Contudo, sentia-se inquieto, os pensamentos sendo invadidos por recordações da última vez em que percorrera a perigosa trilha até Dawson. O navio tinha então aportado em Dyea, e a escalada — a pé ou a cavalo — até o passo de Chilkoot fora tão traiçoeira que muitos homens haviam dado meia-volta, desistindo do sonho de encontrar ouro antes mesmo de atravessar a cordilheira. Mochilas e suprimentos foram abandonados às margens da trilha. Cavalos morreram, e homens tombaram ao lado deles. E, depois dos horrores do passo de Chilkoot, houvera a pressa em subir o rio antes que o Yukon congelasse. O gelo do inverno viera mais cedo naquele ano, aprisionando Jack e seus amigos, Merritt e Jim, numa cabana caindo aos pedaços até a primavera. Escorbuto e inanição ameaçaram suas vidas, mas de alguma forma haviam conseguido sobreviver. E, quando o rio descongelara naquela

primavera, tinham enfim chegado a Dawson, vários meses após terem deixado Dyea.

Agora Jack sabia que, enquanto ele e os amigos lutavam para sobreviver àquele inverno longo e miserável em meio ao alvo silêncio, Sir Thomas Tancrede e Michael Heaney tinham colocado homens para trabalhar na construção do Desfiladeiro Branco e da Ferrovia do Yukon. Num milagre de determinação, os homens da ferrovia haviam vencido o terreno difícil usando dinamite e genuína força de vontade, construindo pontes, explodindo túneis e armando estruturas que circundavam os penhascos da montanha. Cento e oitenta quilômetros de Skagway até White Horse, e tudo construído no intervalo de dois anos.

Claro, mesmo que a estrada de ferro recém-criada estivesse funcionando dois anos atrás, quando Jack fora ao norte pela primeira vez, não teria tido condições de comprar uma passagem. Exploradores não viajavam ao território do Yukon pela ferrovia — percorriam, sim, a trilha de Chilkoot ou enfrentavam o Desfiladeiro Branco a pé. Ou, se tivessem um pouco de dinheiro, viajavam de navio rumo ao norte até o delta do Yukon e, a partir de lá, velejavam para o sul. Talvez nos meses seguintes o trem se tornasse mais acessível, sendo visto pelos aventureiros como um investimento para a realização de seus sonhos, mas, no momento — poucas semanas depois de concluída a linha —, ainda era território dos abastados.

Jack olhou ao redor, observando as pessoas que viajavam com ele. Não eram homens ricos. Quem era rico ficava em casa e mandava funcionários ao norte gélido a fim de cumprir suas ordens. Mas, pela forma como se vestiam e se comportavam, ficava evidente que eram homens de certos recursos, viajando para o norte não para investir sangue, suor e lágrimas na busca pelo ouro, mas para construir e cuidar dos negócios que atenderiam aos exploradores. Por que cavar ou garimpar ouro quando, ao construírem um hotel, bar ou armazém, esses homens podiam apenas esperar que o ouro recém-descoberto chegasse até eles? Havia algumas mulheres acompanhando os homens, e um trio delas na parte dianteira do trem era feito, claramente, de uma senhora com um par de prostitutas como funcionárias. Jack sabia disso não apenas pelos vestidos que usavam, mas também pelo modo como outras mulheres a bordo do trem pareciam desprezá-las.

Jack imaginou o que as outras pessoas no vagão estariam pensando

sobre ele e seus acompanhantes. Sabine usava um vestido lindo de um verde profundo que lhe realçava a cor dos olhos, mas, em comparação, Jack e os quatro lobisomens trajavam roupas em farrapos. Várias pessoas os encaravam descaradamente, e era óbvio que imaginavam como eles teriam condições para pagar pela passagem de trem. Jack dera para a mãe todo o ouro que conseguira reunir na primeira viagem a Yukon, mas os outros — a alcateia — haviam navegado pelo Pacífico como piratas, tendo Fantasma como capitão. Tinham conseguido realizar vários saques e, embora gastassem desenfreadamente quando voltavam à terra firme, tanto Louis quanto Maurilio haviam sido espertos o suficiente para não torrar todo o dinheiro que possuíam.

Jack não gostava da ideia de tirar proveito das riquezas que a tripulação do *Larsen* roubara de suas vítimas em alto-mar. Mas os homens haviam insistido, e Jack concordara porque não queria submeter Sabine ao inferno de atravessar todo aquele percurso a pé. Ela parecia, de certa maneira... diferente. Mais fraca. O que era para ele uma preocupação crescente.

O trem soltou um lamento, tiniu e passou a reduzir a velocidade. Jack franziu a testa e olhou pela janela, preocupado com um possível problema técnico, mas depois percebeu que a velocidade do vagão se estabilizava. Haviam chegado ao ápice da jornada — o topo do Desfiladeiro Branco —, e o trem dava a impressão de ter feito uma pausa, a chaminé suspirando de alívio, antes de iniciar uma longa descida.

Ao lado dele, Sabine estremeceu. Jack relanceou o olhar para ela e viu que seus olhos estavam fechados. Ela tirava um leve cochilo, os braços ao redor de si, protegendo-se do frio. Ainda assim, o tom pálido da pele cor de café sugeria que algo além da temperatura a afetava. Sabine não parecia bem, e Jack estava preocupado que ela ficasse doente.

— Ela vai ficar bem — disse Louis em voz baixa.

O olhar de Jack cruzou com o de Louis. Ele e Reverendo estavam sentados diante de Jack, os dois bancos um de frente para o outro. Vukovich e Maurilio estavam do outro lado do corredor, virados para a frente do trem.

— Você sabe o que ela tem? — perguntou Jack.

Louis estreitou os olhos.

— Você sabe tão bem quanto eu, *mon ami*.

Jack supôs que soubesse, embora fosse um pensamento perturbador. Sabine não era completamente humana. De alguma maneira, o espírito dela estava vinculado ao mar, e vinham se afastando do Pacífico mais e mais a cada instante. Perguntava-se se Sabine já tinha se afastado tanto assim do mar aberto.

— Acha que ela vai melhorar quando chegarmos ao rio? — perguntou Jack.

— Se fosse obrigado a adivinhar, diria que sim — respondeu Louis. — Mas quem sabe?

Jack deu uma olhada para Reverendo, mas o grandalhão continuava atento ao panorama do mundo selvagem através da janela. Louis resmungou e se remexeu no assento, chamando a atenção de Jack, que notou que o homem atarracado percebera algo que o incomodou. Jack se virou para dar uma olhada ao longo do corredor do vagão, a pele formigando de tanta tensão.

Fantasma havia entrado no vagão deles.

O homenzarrão manteve-se parado à entrada, a porta escancarada atrás de si. Balançava com o movimento do trem, mas Jack sabia que, devido aos anos passados no mar, ele não perderia o equilíbrio. Fantasma ergueu o queixo e inspirou profundamente, o olfato revelando mais do que seus olhos conseguiriam sobre as pessoas no vagão. Com a barba por fazer e o cabelo desgrenhado, poderia até passar por um dos vagabundos com que Jack viajava pelas ferrovias quando era um adolescente. Mas, em vez disso, Fantasma personificava a figura perfeita do capitão pirata — um homem de comando e, de certa maneira, alguém que se sentia deslocado, à deriva.

Fantasma encarou Jack. A animosidade entre os dois tinha vida e respirava, como se fosse uma criatura, embora com um traço inegável de respeito e admiração. Fantasma mantivera Jack vivo em uma embarcação repleta de monstros porque havia apreciado o desafio intelectual, moral e filosófico que suas conversas ofereciam. E, embora Jack tivesse trancafiado sua natureza selvagem dentro de si, a selvageria ainda existia, contida, mas nunca domada por completo. Fantasma percebera isso desde o princípio. Tinha usado Jack como uma espécie de espelho, um parâmetro para entender a si próprio, para garantir que havia se livrado de todos os sentimentos que carregava no coração. No

fim, falhara nesse aspecto, mas, não importava no que Fantasma acreditasse, Jack e ele ainda eram oponentes. O ex-capitão não era alguém confiável.

Desde que haviam desembarcado no porto de Skagway, Fantasma vinha seguindo-os com persistência. Tinham deixado claro que não tolerariam a presença dele, por isso o ex-capitão se mantivera a certa distância, porém sem deixar que se afastassem demais. Determinado a acompanhá-los naquela expedição, apesar dos protestos, havia, de alguma maneira, conseguido uma passagem de trem. Todos o observaram agora num silêncio desconfortável, à medida que embarcava no vagão, imediatamente atrás deles. Vukovich sugeriu que o arrastassem para fora do trem e o matassem ali mesmo, mas foram detidos pelos mesmos argumentos que os haviam impedido de cometer uma violência assim a bordo do *Kraken*. Jack tentava transformar aqueles monstros novamente em homens, e uma violência daquele tipo não só iria contra esse esforço como aniquilaria todo o progresso que tinham conquistado.

À medida que Jack encarava Fantasma, esperando que a fera os deixasse em paz e voltasse ao próprio vagão, uma coisa estranha aconteceu. Fantasma abriu um sorriso — o tipo de expressão embaraçada e pesarosa que nada tinha a ver com ele —, parecendo quase rir. Depois fez um aceno animado, deu meia-volta e foi embora. Quando a porta se fechou atrás dele, Jack pôde vê-lo dar um pequeno salto, cruzando a distância entre os dois vagões.

Mesmo depois de Fantasma ter saído, Jack demorou a perceber que estava com metade do corpo inclinado para o corredor, sentado todo torto e ainda com o olhar fixo. Endireitou-se, percebendo que Louis e Reverendo o encaravam, curiosos. Do outro lado do corredor, Vukovich e Maurilio pareciam alheios a tudo; nem sequer haviam percebido que Fantasma tinha entrado no vagão.

— Qual será o objetivo dele? — perguntou Reverendo, levantando a gola escura do casaco.

— Não deve ser nada que preste — respondeu Louis. — Não é, Jack?

Jack não respondeu. A princípio, o comportamento de Fantasma o deixara perplexo. Astuto como era, o capitão nunca fora de fazer jogos. Se quisesse vingança, jamais teria se preocupado com o número de vítimas. Apenas começaria a matar, e se deteria quando todos os

inimigos estivessem mortos ou ele próprio houvesse morrido. Só quando Jack se permitiu imaginar por um instante que aquele monstro talvez estivesse dizendo a verdade, que estivesse procurando resolver as próprias questões, é que a atitude de Fantasma pôde fazer algum sentido. Embora Jack achasse aquilo tudo muito mais perturbador do que acreditar que Fantasma quisesse assassinar todos eles.

— E se tudo isso for verdade? — perguntou Jack por fim.

Reverendo zombou:

— Se ele for parecido com o irmão...

— Ele não é — disse Jack, pensativo, olhando para o corpo adormecido de Sabine a seu lado antes de se voltar para os dois lobisomens. — Ele passou anos tentando ser mais desgraçado e mais brutal que Morte, mas nunca conseguiu. Agora... bom, você mesmo viu. Ele não sabe como agir. Está perdido. É como se experimentasse a vida pela primeira vez e analisasse se gosta ou não do sabor que ela tem.

Louis e Reverendo o observavam com atenção.

— Você realmente acredita nisso? — perguntou Louis. — O homem que conheci em Nova Orleans, o pirata que me feriu, que me fez sangrar, que me transformou num monstro para servi-lo... Você acredita mesmo que esse homem está se transformando em alguém de bom coração?

Jack encarou a paisagem árida através da janela, certo de que tinham passado havia tempos pelo território do Alasca e que agora se encontravam no Canadá. As fronteiras não significavam muita coisa no norte. Apesar do conforto relativo oferecido pelo vagão do trem, Jack sabia que haviam deixado a civilização para trás desde que o *S.S. Kraken* zarpara de Seattle.

— Jack? — insistiu Reverendo.

Jack fixou o olhar nele. De alguma maneira, havia persuadido esses homens grisalhos, essas feras violentas e cansadas, a acompanhá-lo. Embora tivesse o mundo selvagem dentro de si, no fundo Jack era apenas um humano que contava com meros dezenove anos sobre a Terra. Mas Louis e Reverendo, Maurilio e Vukovich tinham sido arrancados de sua existência humana e aprendido a se tornarem monstros com os lobisomens da família Nilsson. Haviam sido levados a acreditar que não existia alternativa diante da monstruosidade e da selvageria. Jack, no entanto, esforçava-se para lhes mostrar que havia outras opções, e que podiam ser o que quisessem, caso trabalhassem

para tal. De modo repentino, tornara-se o líder humano de um bando de lobisomens que haviam prometido lealdade a ele e a Sabine.

Pelo jeito, seu estranho mundo continuava a girar.

— Aprendi que qualquer coisa é possível — disse Jack, olhando para cada um deles. — E gostaria de pensar que Fantasma é capaz de mudar. Se acredito que isso é possível para todos vocês, e sabem que penso assim, então devo acreditar que é possível para ele também. Mas será que ele quer mesmo isso? Fantasma fez de si uma criatura do mal e, da brutalidade, um ato de vontade. Para se transformar em outra coisa, vai precisar desejar muito a mudança.

O olhar de Jack foi de Louis para Reverendo, mas a resposta veio de alguém a seu lado.

— E faz diferença? — perguntou uma voz baixa, evidenciando o recente despertar.

— Sabine? — disse Louis.

A bruxa do mar ergueu a cabeça para encará-los, depois se concentrou em Jack, afastando o véu de cabelo dos olhos.

— A menos que estejamos dispostos a matar Fantasma, a única coisa que podemos fazer é ignorá-lo — ela respondeu com calma. — Isso não significa que confiamos nele. A verdadeira natureza dele vai aparecer em algum momento. — Ela abriu um sorriso cansado. — Agora, fiquem quietos. Estou com sono. A gente deve descansar enquanto pode.

Os três a fitaram por um instante, mas Sabine os ignorou. Ajeitou-se na poltrona e se encostou na janela do trem. O barulho não parecia incomodá-la.

Jack trocou um olhar com Reverendo, que tinha as sobrancelhas arqueadas de preocupação e desalento.

Louis suspirou, afundando em seu assento como se seguisse o exemplo de Sabine.

— Só espero que, quando a verdadeira natureza dele *aparecer*, a gente esteja prevenido.

Despertado pelo solavanco do trem, Jack esfregou os olhos para afastar o sono. Sabine havia se aconchegado a ele, e ele a envolvera em um abraço. Perguntou-se se deveria ter conversado com ela a respeito de se sentar ao lado da janela, com o ar frio da noite penetrando pela

esquadria do vidro. Nos anos em que vivera no mar, Sabine com certeza havia passado mais frio que isso, mas estar distante da água já tinha efeito suficientemente prejudicial sobre ela, que não precisava dos dedos gélidos da noite de Yukon envolvendo sua garganta. Ele olhou fixamente para seu perfil enquanto dormia, dando-lhe em seguida um beijo na testa. Constatou que ela ficaria bem. Sabine vivera incontáveis anos sem Jack London para protegê-la. Um pouco de frio não lhe faria mal nenhum.

Louis e Reverendo também tinham adormecido. Louis se acomodara contra a janela e exibia uma expressão tranquila e inocente, sem nenhum traço evidente da fera. Reverendo, no entanto, fez Jack se lembrar de um tigre adormecido que uma vez vira no zoológico. O rosto dele estava contraído, as sobrancelhas unidas; talvez estivesse em busca de uma oração tranquilizadora em seus sonhos.

Uma olhada ao redor revelou que muitos dos passageiros do trem também dormiam, entre eles Maurilio e Vukovich. Se a linha ferroviária de Skagway até White Horse fosse reta e plana, já teriam chegado há tempos, mas, com as curvas traiçoeiras e as longas inclinações ao longo do percurso, o trem não tivera nenhuma chance de ganhar velocidade. Ainda assim, Jack imaginou que estivessem perto de seu destino.

Virou-se para observar a paisagem que deslizava do lado de fora. O luar se insinuava entre os galhos de árvores, arremessando flechas de luz dourada em meio à floresta coberta de sombras. À medida que Jack se deixava envolver pela visão, desejando explorar o terreno pessoalmente e se perder no mundo selvagem do Yukon, algo se moveu entre as árvores. Empertigou-se no assento, em estado de alerta, tentando enxergar melhor, e viu um vulto sair em disparada, paralelo ao trem, movendo-se rápido e próximo ao chão.

Um lobo.

Jack sorriu, sentindo um calor agradável preencher-lhe o peito, pois não se tratava de um lobo qualquer. Era o lobo *dele*, a fera quase mística que fora sua companhia protetora na última vez em que estivera no extremo norte do país. Deveria ter sentido sua proximidade, porque o lobo, com certeza, sentira que ele havia voltado à região. Observando agora a graça, o poder primitivo e o prazer com que parecia avançar pela paisagem lá fora, perguntou-se se a fera não seria uma representação do seu próprio coração, em liberdade para correr.

Jack fechou os olhos e se lançou ao terreno selvagem com os sentidos que Lesya o ensinara a usar. Foi como se ela tivesse aberto um portal dentro dele, e, assim que o atravessou, Jack foi capaz de perceber o mundo de maneiras que outros jamais conseguiriam. Agora se sentia uma lebre dormindo na toca, protegendo a prole recém-nascida. Depois se sentiu uma coruja levantando voo, os olhos da ave perscrutando o solo em busca de alguma criatura tola o suficiente para estar exposta sob a luz do luar. À medida que o trem avançava, sentiu-se outras criaturas. Tocava-as por um instante, e então deixava os sentidos seguirem em frente.

Sentiu-se outras criaturas, exceto o lobo. Como este mantivera o ritmo ao lado do trem, Jack sincronizou seu próprio coração com o batimento cardíaco dele.

Estava exultante. O lobo viera até ali para saudá-lo, mostrando que era àquele lugar que Jack pertencia.

Em seguida, Jack sentiu outra presença que não a do lobo, tampouco dos pensamentos adormecidos dos lobisomens que haviam se tornado aliados. Era algo que já tinha sentido antes.

Abriu os olhos para conferir se Fantasma não havia entrado no vagão de novo. O pirata assomava na extremidade do vagão, tomando conta do corredor e bloqueando a entrada, mas a atenção dele não estava em Jack. Fantasma olhava através da janela evidenciando uma ansiedade profunda. E, quando Jack olhou através do vidro de novo, percebeu que Fantasma observava o lobo que corria ao lado do trem.

Jack se arrepiou, os pelos da nuca se eriçando. Esse lobo era parte dele. Se Fantasma tentasse machucá-lo, Jack não hesitaria em matá-lo. Não haveria misericórdia. Nem uma segunda chance.

Sabine se mexia, inquieta, murmurando algo enquanto dormia, e nesse momento o lobo desapareceu em meio às árvores. Jack ainda era capaz de sentir a presença dele acompanhando o trem, mantendo o ritmo, mas a atenção do animal fora desviada, pois tinha sentido o odor de uma presa. Jack tentou desviar o pensamento, liberando o lobo de qualquer vínculo que o ligasse a ele. O lobo devia caçar e se alimentar. Jack sabia que se veriam outra vez.

Sua nuca ainda formigava sob a opressão da presença de Fantasma. Mas, quando Jack o procurou de novo, o pirata já havia voltado para seu vagão, deixando em seu rastro apenas dúvida e mistério.

Uma hora após o amanhecer, carroças transportavam baús e caixotes da estação de trem em White Horse até a doca ao longo do rio Yukon. Vários passageiros foram recebidos por carruagens que os aguardavam, mas o rio era próximo, e muitos optaram por ir a pé. O barco a vapor que os levaria ao norte, rumo a Dawson, os esperava na doca.

Jack pensara que os construtores da ferrovia tinham cometido um erro ao escolher White Horse para construir um terminal. Se tivessem levado os trilhos até o lago Laberge — a última porção de água em que persistia o gelo do inverno, mesmo durante a primavera —, teriam ganhado o equivalente a duas semanas de trabalho por ano. O trem poderia funcionar muito antes de o gelo derreter o suficiente para a ação dos barcos a vapor — embora, a essa altura, não pudesse afirmar qual seria o montante de negócios da ferrovia. Provavelmente houvera algum tipo de limitação quanto ao número de pessoas que faziam a trilha rumo ao norte em busca de ouro, e desconfiava que a maioria delas já havia passado por lá.

De uma coisa tinha certeza: se as ferrovias e os barcos a vapor estivessem funcionando dois anos antes, quando desembarcara na costa, em Dyea, com seu cunhado John Shepard, o homem jamais teria desistido tão rápido de seu objetivo. Para o bem ou para o mal, houvera muitos que antes nem sequer tinham chegado a Dawson, mas que hoje seriam capazes de fazer o percurso.

White Horse era uma região sonolenta; mal dava para considerá-la uma cidadezinha. Não fossem as lojas e os bares em meio às pequenas e monótonas residências, pareceria que o lugar fora abandonado havia séculos. Mas o cais tinha sido construído havia pouco tempo, com uma estrutura sólida, e Jack ficou maravilhado com sua aparência. Era provável que os funcionários da ferrovia tivessem trabalhado nele, pois muitos dos navios a vapor que ocupavam as águas eram independentes, e ele sabia, por experiência própria, que a competição acirrada não afetaria o espírito colaborativo tratando-se de algo como a construção de um cais. Havia feito um bom trabalho dessa vez.

O navio havia atracado na doca, o rio poderoso correndo ao redor dele. Jack pensou no inferno que vivera no rio Yukon ao lado dos amigos Merritt e Jim. Soltou uma risada alta.

— Qual é a graça? — perguntou Sabine, lançando um olhar confuso na direção dele.

— Nenhuma — respondeu Jack, ainda sorrindo. Quase tinham morrido dois anos antes, mas agora um homem com dinheiro suficiente poderia viajar até Dawson sem fazer nenhum esforço. Bastara a motivação certa: homens ricos que não aprovavam a ideia de ver homens pobres pôr as mãos no ouro que os ricos queriam para si. Agora, havia uma indústria inteira funcionando para levar as pessoas ao norte com o mínimo possível de esforço e muito mais chances de sobrevivência.

Jack prestou atenção em Sabine à medida que caminhavam por um declive suave rumo à doca. Louis e o restante do grupo estavam à frente, atulhados de valises com roupas que haviam comprado em San Francisco antes da partida, e Vukovich decidira carregar a mala de Sabine sem dizer nenhuma palavra. Todos haviam notado como ela sofria por estar longe do mar. Mas agora, ao se aproximarem do rio, ela parecia muito melhor. Notava-se um ar de segurança em seu olhar, o rosto voltara a ter cor, e seu caminhar era mais vigoroso.

— É o rio? — perguntou Jack.

Sabine o fitou. Respirou fundo e soltou o ar como se largasse um peso enorme que carregava nas costas.

— Acho que estou me sentindo melhor.

— Você não sabia se iria se sentir melhor? — Por um instante, Jack percebeu as profundezas daquele olhar: olhos que pareciam ter um bilhão de anos.

— Tenho certeza de que viajei por um rio antes. Na minha mente, consigo ver os contornos do Danúbio e a água agressiva de alguma torrente africana. Mas não me lembro, de fato, de nenhum deles. Minha vida é no oceano há tanto tempo...

Jack deixou aquelas palavras ecoarem em seus pensamentos à medida que caminhavam com outros passageiros do trem. Por mais que tentasse, ele não conseguiria compreender a vida que Sabine tivera. Pelo lado racional, entendia que ela existia havia milhares de anos e que sua memória havia se deteriorado com o passar do tempo. Mas não era capaz de imaginar o que isso significava de verdade — algo que o fascinava e o aterrorizava ao mesmo tempo.

Tinham vindo para o norte exatamente por esse motivo. Se o espírito da floresta, Lesya, pudesse ajudar Sabine a se entender ou, melhor ainda, a se lembrar do vasto passado dela, a jornada seria considerada um

sucesso. Sabine teria as respostas que tanto desejava, o conhecimento que o grupo havia viajado tão longe para ajudá-la a encontrar. Mas Jack também já imaginava qual seria o impacto que uma descoberta dessas teria sobre Sabine e o amor que sentiam um pelo outro. Ela era uma bruxa do mar havia tanto tempo, mantendo uma ligação mágica com a água, mas vivera como se fosse uma mulher comum. De certa forma, como qualquer ser humano. Mas, se toda a história e a natureza dela fossem reveladas, ela ainda seria capaz de amar um homem que era apenas um homem?

Embora essa questão o atormentasse, ele havia prometido ajudá-la. Cumpriria a promessa e se preocuparia depois com as consequências.

Um assobio alto rasgou o céu — o navio a vapor avisava os passageiros que não esperaria mais. Agora que estavam próximos, Jack podia apreciar a elegância simples do navio, com a grande roda de pás na traseira e as chaminés gêmeas que apontavam para o céu do convés mais alto. Com um gradil branco que circundava os três níveis da embarcação e a roda do leme no topo, parecia mais um bolo de casamento que um navio. Na proa, o nome da embarcação tinha sido pintado com uma tinta azul vibrante — *Fort McGurry* — que fazia Jack pensar num mercado, e não num forte militar.

Quando Jack e Sabine chegaram ao navio, uma fumaça escura já havia começado a sair das chaminés. Dezenas de passageiros embarcavam, alguns deles se amontoando no convés enquanto outros ainda cruzavam a prancha de embarque. Tripulantes cuidavam do carregamento de suprimentos e da carga de carroças, enquanto um oficial aguardava na extremidade da prancha com uma lista de passageiros, garantindo que não embarcasse ninguém que não tivesse pago pelo privilégio. Louis esperou por Jack e Sabine ao lado do oficial, mas os outros lobos já tinham avançado para o embarque.

— Você parece melhor, *chérie* — comentou Louis, analisando Sabine.

Ela apenas sorriu enquanto todos diziam os respectivos nomes ao oficial e esperavam pacientemente que ele conferisse a lista de passageiros e os liberasse para embarcar.

— Ainda dá tempo de mudar de ideia — disse Louis ao atravessarem a prancha, um brilho dourado escapando de seu sorriso.

— Não — Sabine respondeu com firmeza. — É hora de eu resolver esse mistério.

Louis arqueou uma das sobrancelhas e olhou para Jack.

— Um desafio que todos enfrentaremos, não? — Voltou-se para Sabine de novo. — Mas não se esqueça do que Jack vem dizendo para mim e para os outros: quem você foi não importa em comparação a quem vai ser.

Jack sorriu e deu um tapinha no ombro de Louis.

— Exatamente.

Sentia-se feliz pelo fato de Louis e os outros considerarem a possibilidade de deixar de ser monstros. Se as pessoas fossem mesmo forjadas pelo próprio passado, Jack não teria a menor chance de viver uma existência que valesse a pena. Fora abandonado pelo pai biológico, e a mãe, distante e instável, chamava-o de “marca da vergonha”. Tinha aprendido a natureza da brutalidade em brigas de beco e com os capatazes da fábrica de enlatados em que trabalhara quando criança, além de ver várias de suas manifestações enquanto viajava pela América. O tempo que passara na cadeia como um vagabundo havia lhe apresentado as profundezas da depravação humana, fazendo-o aspirar por coisas elevadas. A vida que queria para si, ele teria de construir do zero. Desejava ele mesmo definir quem era, não apenas permitir que seu passado o fizesse; e era essa a lição que tentava transmitir a Louis e aos outros. Ainda assim, uma vez que todas as pessoas conheciam seu passado, entendia o desejo de Sabine em descobrir a própria história. Mistérios como o dela precisavam ser esclarecidos para ser compreendidos.

— Demorou para o diabo dar as caras — disse Louis, o sorriso desaparecendo. As narinas dele se dilataram de desgosto, e os lábios se fecharam numa linha rígida. Embora ainda apresentasse feições humanas, Jack podia entrever a fera sob elas.

— Fantasma? — perguntou Jack, sem se dar ao trabalho de virar.

— Ele mesmo — confirmou Louis.

— Ignore-o — disse Sabine.

Mas, ao chegarem ao convés do navio a vapor, Jack não resistiu e se virou para observar a doca, onde Fantasma conversava amigavelmente com o oficial da lista de passageiros. O impulso de correr até o oficial e dizer que estava prestes a permitir o embarque de um capitão pirata era grande, mas analisou melhor a situação. Fantasma dissera que não tinha para onde ir, e talvez fosse verdade. Jack sabia que ele embarcaria de

um jeito ou de outro.

Desde que o pirata mantivesse distância, Jack estava disposto a não se meter com ele.

— Jack? — chamou Sabine, tocando o braço dele.

— Todos nós devemos ignorá-lo. — Ele tomou a mão dela. — Venha. Vamos guardar nossas coisas e depois voltar ao convés. Na última vez em que viajei por este rio, eu lutava pela sobrevivência. Desta vez, quero apreciar a beleza da região.

Jack e Sabine passaram a maior parte da viagem ao longo do rio no convés, descendo até a modesta cabine para dormir e visitando a sala de jantar para refeições que se podiam chamar de aceitáveis. Carne de veado e batatas haviam sido misturadas num cozido para o jantar reforçado, e o café da manhã fora à base de presunto e ovos. Os outros membros do grupo estavam acostumados a dormir juntos, então os quatro ex-piratas dividiram uma cabine com camas desmontáveis, como as que Jack vira uma vez num compartimento de trem.

Quase não viram Fantasma. Ele nem parecia estar no mesmo navio, como se fizesse jus ao nome, assombrando cantos de quartos e extremidades de pranchas de embarque, até que Jack se deu conta de que ele estava fazendo a cortesia de evitá-los. Desde que conhecera Fantasma, jamais havia associado o nome dele à palavra *cortesia*. Seria preciso se acostumar à ideia de um Fantasma educado e respeitoso.

Embora houvesse dezenas de passageiros, Jack e seus companheiros não se socializaram muito. Alguns dos homens a bordo eram homens de negócios. Outros buscavam aventuras e tinham dinheiro suficiente para isso, além da esperança de manter os perigos do norte ao alcance da mão, a fim de voltar para casa com histórias sobre como haviam sido corajosos diante do mundo selvagem. Depois de tudo o que vira, homens assim eram criaturas ridículas para Jack, mas ele os achava inofensivos. Faziam o favor de ignorá-lo por completo, e Jack retribuía-lhes a gentileza.

De todo modo, o interesse de Jack foi capturado pelos membros da tripulação. Tinha se tornado óbvio, horas após o embarque, que alguma coisa os incomodava. Uma inquietação parecia permear todas as interações que ele testemunhava entre oficiais e funcionários do navio.

Até o cozinheiro parecia agitado quando Jack o vira no início da manhã, depois que tinham zarpado.

No fim da tarde do segundo dia, que passaram inteiro sobre o rio, Jack e Sabine estavam a estibordo do convés mais alto, observando um trio de falcões no alto, além de uma das curvas do rio. Os falcões voavam em círculos, e Jack imaginou que deveriam estar à espreita de uma presa que se escondera na floresta ao longo das margens.

— Estão com medo — sussurrou Sabine.

Por um instante, Jack pensou que ela se referia aos falcões, até perceber que seus olhos estavam fechados e se dar conta de que ela falava da tripulação do *Fort McGurry*.

— Gostaria de saber do que eles sentem medo — disse Jack.

Sabine suspirou e abriu os olhos, encarando Jack com uma expressão de desapontamento.

— Desculpe. No mar, consigo captar melhor o que se passa em corações e mentes, mas no rio tudo fica meio obscuro.

— Não tem por que se desculpar — afirmou Jack, pegando a mão dela. — Seja o que for, talvez não tenha nada a ver com a gente.

No entanto, ele estava preocupado. Jamais passaria pela cabeça de homens comuns acreditar que lobisomens existissem, mas Jack imaginava se alguém a bordo talvez tivesse se dado conta de que havia monstros navegando pelo Yukon junto deles. Fantasma e sua tripulação tinham pilhado e assassinado pelo Pacífico afora durante anos. Não era impossível alguém ter sobrevivido e narrado o episódio. Tentara se posicionar perto da tripulação, para conseguir ouvir alguns dos sussurros entre a equipe do navio, mas não tivera sucesso até o momento. E, se não fossem os lobos a razão do medo deles, a pergunta persistia: o que os aterrorizava tanto?

— Tente não se preocupar — disse Sabine, tentando confortá-lo. O sorriso dela se prolongou até os olhos cor de cobre. — Você disse que estávamos próximos de Dawson.

Jack concordou com a cabeça.

— Mais ou menos a sessenta quilômetros de lá, se calculei direito.

— Ótimo. Então, seja lá o que os incomode, não é motivo para nos preocuparmos.

Sabine tinha razão, mas ainda assim era incapaz de ignorar o desconforto que sentia, como se a ansiedade da tripulação fosse

contagiosa. Uma aura de mau agouro tornava o ar pesado.

Enquanto o navio a vapor seguia pela curva do rio, uma coluna de fumaça escura saía das chaminés, e a roda de pás girava devagar. Jack, que observava os falcões voando em círculos mais adiante, expirou lentamente, tentando não pensar em nada. O céu era de um azul sombrio, próximo do índigo que marcava o fim do dia. A noite cairia em poucos minutos. Ele ampliou sua percepção, procurando sentir os pássaros. Fechando os olhos, concentrou-se em um deles, assumindo aos poucos a consciência da ave, sincronizando o melhor que podia o próprio batimento cardíaco com o pequeno coração acelerado do pássaro. Podia sentir o ar ao redor à medida que as asas do falcão cortavam o vento, e a sensação de estar voando ajudou a aliviar a tensão de seu corpo.

— Jack? — disse uma voz, e não era a de Sabine.

Embora Jack tivesse aberto os olhos, manteve a conexão com o falcão, os sentidos aguçados.

Reverendo estava diante dele, a testa franzida de consternação enquanto cofiava a barba desgrenhada. Vukovich estava a seu lado. Jack havia direcionado seus sentidos para a margem do rio, mas, agora que se permitira também tomar consciência da presença dos homens, notou como a natureza lupina deles estava vindo à tona. Os homens se mostravam agitados.

— O que foi? — perguntou Sabine.

Reverendo relanceou o olhar para ela.

— A gente só está se perguntando em que encrenca Jack nos meteu.

— Como assim? — perguntou Jack. — Vocês sabiam como as coisas seriam aqui. Avisei a todos sobre como a região era inóspita. Achei que fossem gostar da caçada.

Vukovich olhou por sobre o ombro, mirando um integrante da tripulação que andava a passos rápidos sob a luz fraca. O sol se pusera, e tudo o que restava dele eram feixes de luz que se insinuavam no horizonte.

— Não é isso — disse ele, o sotaque mais acentuado que o normal. — Conversamos com o cozinheiro. Ele gosta de tomar xerez no fim do dia e estava com a língua solta. Sabemos o que deixou a tripulação assustada. Eles não gostam de ir a Dawson hoje em dia.

— Por que não? — perguntou Sabine.

— Há rumores de lá se alastrando rio abaixo e rio acima — explicou Reverendo. — Dizem que as pessoas têm desaparecido.

Jack franziu as sobrancelhas.

— Pessoas abandonam Dawson todos os dias. Vêm atrás de ouro e só encontram dificuldades. Alguns se tornam bêbados e outros morrem, mas muitos voltam para casa. A vida que eles levam aqui... Você acha que alguém explica por que está indo embora?

— Não acha que as pessoas por aqui já sabem a razão? — perguntou Vukovich. — Deve haver outro motivo. O cozinheiro disse que a mulher de um religioso foi levada do quarto em que dormia e meia dúzia de trabalhadores de uma construção grande desapareceram do acampamento em que estavam. Um homem foi lavar os pratos do jantar no rio e, quando voltou, os outros do seu grupo haviam sumido.

— Ouvi muitas histórias assim — disse Sabine. — Muitas delas são superstições absurdas, tolices estimuladas pelo medo. As pessoas tentam explicar coisas estranhas que têm justificativas perfeitamente comuns.

— Sim — concordou Reverendo, o olhar frio deslizando dela para Jack. — Mas você é uma bruxa, Sabine. E nós... — disse ele, apontando para si próprio e depois para Vukovich — ... nós somos monstros. Jack lutou contra Wendigo.

— Ele diz que matou Wendigo — resmungou Vukovich, desviando o olhar.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Jack, olhando ao redor para garantir que ninguém os ouvia. — Acha que Wendigo está envolvido nessa história?

— Pelo que diz a lenda, qualquer homem pode carregar a maldição do Wendigo — falou Reverendo. — Talvez você tenha matado um, mas não significa que não exista outro.

Jack negou com um gesto de cabeça.

— Não tão cedo. Quais são as chances de isso acontecer? A mesma maldição cair sobre outro homem no mesmo lugar, apenas um ano depois? E, mesmo que houvesse outro Wendigo vagando pelo Yukon, ele não seria dissimulado nem astuto o bastante para invadir o quarto de alguém e sumir com uma mulher. Se algo assim acontecesse, ele teria entrado esfaqueando o vidro da janela para devorar a mulher, sem mencionar todas as outras pessoas no local, e continuaria devorando gente até que alguém em Dawson matasse a criatura ou não sobrasse

mais ninguém para devorar. Não... não acho que seja Wendigo. Traficantes de escravos, talvez, que estão mais ativos do que nunca. Os malditos pegaram a mim e a meu amigos e chegaram a matar um deles. Eles são muito cruéis.

“Espero que os malditos não tenham capturado Hal”, pensou ele. Mas o jovem amigo dele em Dawson sabia das artimanhas dos traficantes, e Jack torcia para que estivesse em segurança.

O silêncio tomou conta deles. Jack respirava normalmente, ainda em contato com os falcões, embora tivessem ficado para trás. Sentiu os roedores voltando para a toca e os pássaros procurando seus ninhos.

— Bom — constatou Vukovich após um momento —, alguma coisa aterrorizou a tripulação.

— O cozinheiro ouviu que um homem foi atacado por um urso-polar — contou Reverendo. — Há rumores sobre um assassino...

— Um urso-polar? — interrompeu Jack. — Nessa região e nesta época do ano? É ridículo.

— Estamos apenas repetindo o que o cozinheiro disse — rebateu Reverendo, parecendo irritado.

— A última parte da história é a mais importante — acrescentou Vukovich. — Dias atrás, um dos navios a vapor quase se chocou com um barco menor que estava à deriva no rio. Encontraram sangue lá, mas não havia ninguém a bordo.

Jack relanceou o olhar para Sabine. Pela expressão no rosto dela, teve certeza de que pensaram a mesma coisa.

— Piratas? — perguntou ele.

— É uma possibilidade — concordou Sabine. — Homens navegando rio abaixo com qualquer quantidade de ouro que tenham encontrado.

Jack olhou para Vukovich e Reverendo. De maneira surpreendente, ainda mais por eles mesmos serem piratas, os dois haviam ficado tão envolvidos pelas histórias de mistérios e monstros que não lhes ocorrera que a explicação mais humana de todas — ganância — podia estar por trás dos rumores e da superstição. Jack poderia ter desconfiado de Fantasma — seria uma maneira inovadora de atormentá-los —, mas ele viajava com eles e parecia dedicado a segui-los. Não tinha como estar envolvido nisso.

— Suponho que seja possível — ponderou Vukovich.

Depois de um instante, Jack concordou com um gesto de cabeça.

— Está certo. Bom, vamos manter nossos olhos abertos. Não temos muito tempo até chegarmos a... — sentiu algo atingindo-o, um vazio profundo, e praticamente sussurrou as palavras derradeiras: — ... Dawson.

Os olhos de Reverendo brilharam de tensão, e Vukovich se agachou por instinto, olhando ao redor em busca de alguma ameaça. Sabine agarrou o braço de Jack, apertando o bíceps dele.

— Qual é o problema? — perguntou ela. — Jack, o que aconteceu com você?

Ele não conseguia articular as palavras, os pensamentos transformando-se em um baixo gemido. Piscou algumas vezes e ergueu uma das mãos para massagear a têmpora, mas elas tremiam conforme tentava ir além com a mente. Lesya desbloqueara alguma magia selvagem dentro dele, ou concedera-lhe um pouco da própria magia, permitindo que Jack fizesse contato com criaturas em terras selvagens. Alinhar seu espírito com os animais ao redor podia acalmá-lo ou animá-lo, dependendo da ocasião. Porém, dessa vez, algo terrível e decadente o atingira. Conversava com Sabine e os dois homens enquanto também deixava os sentidos vagarem pelo mundo selvagem ao redor deles. E havia captado alguma outra... coisa.

— Jack, você está me assustando — sussurrou Sabine, apertando ainda mais o braço dele.

— Você não sentiu? — perguntou ele. — Sob a água?

Sabine franziu a testa, negando com a cabeça.

— Não sei do que está falando. Além das pessoas no navio e dos peixes no rio... — As rugas se aprofundaram, e ela se virou para o gradil a fim de olhar para a água. — Os peixes.

— O que tem os peixes? — perguntou Reverendo.

— Eles desapareceram — disse Sabine.

Os lobos começaram a se transformar. Não se tornaram lobisomens propriamente ditos, mas qualquer um perceberia as mudanças sutis em seus traços. Os lábios se retraíram para revelar o alongamento dos dentes, e ambos começaram a farejar o ar, tentando identificar o odor de algum inimigo. O olhar dos dois era frio e feroz.

— Calma — Jack falou com rapidez. — A tripulação está bastante amedrontada. Se vocês os assustarem, vão acabar virando alvo deles.

Reverendo parecia em dúvida, mas Vukovich respirou fundo e

concordou com a cabeça.

— Jack — disse Sabine —, o que está acontecendo com o rio? O que espantou os peixes?

— Não sei — ele respondeu. — Tudo o que consigo sentir é uma espécie de... vazio. Quando me aproximo desse vazio, sinto calafrios.

Jack tentou voltar os pensamentos para o rio, deixando a mente se aproximar ligeiramente do espaço oco e gélido que parecia se movimentar de um lado para outro sob a embarcação. Em vez da vitalidade que sentia ao tocar o espírito de um animal, essa sensação era a de um buraco infinito, como se uma lacuna se criasse na estrutura da vida, sugando tudo para dentro de si. O estômago dele revirou diante de uma náusea repentina, e Jack tentou pensar em outra coisa, rompendo o contato.

— Tente de novo — Jack pediu a Sabine. — Sei que sua magia é diferente aqui, longe do mar, mas essa coisa... Em vez de algo vivo, parece sem vida nenhuma. Um vácuo.

Sabine segurou as mãos dele e assentiu, fechando os olhos. Jack deslizou o olhar pelas imediações, notando que vários passageiros haviam se aglomerado a distância, ao longo do gradil, e os observavam com cautela e curiosidade. Ele os ignorou.

— É tão... frio — sussurrou Sabine, pressionando os lábios um contra o outro em uma fina linha esbranquiçada.

— Consegue sentir? — perguntou Jack, trocando um olhar com Vukovich e Reverendo.

Um som baixo escapou dos lábios de Sabine, e a cabeça dela foi arremessada para trás, o corpo sofrendo espasmos enquanto se segurava com força em Jack. Os olhos dela se arregalaram, e seu corpo começou a tremer.

— Sabine! — gritou Jack, mas as pernas dela cederam sob o peso do corpo, que caiu no convés, postando-se sob o gradil de tal modo que seu braço esquerdo ficou pendurado acima das águas agitadas do rio.

— É... — murmurou ela.

Jack se ajoelhou ao lado dela e afastou o cabelo de seu rosto, o coração acelerado de medo e preocupação por sua amada.

— É o quê, meu amor?

Os olhos dela estavam arregalados e desfocados. Depois de um tempo, no entanto, embora o corpo continuasse sendo castigado por

espasmos, ela pôde fixar o olhar em Jack.

— Faminto — sussurrou ela.

Jack se virou com um movimento brusco para Vukovich e Reverendo.

— Vão. Encontrem Maurilio e Louis e voltem aqui! Algo terrível está prestes a...

Causando um baque alto, algo atingiu o casco do *Fort McGurry* com ímpeto suficiente para fazer o navio oscilar. O que quer que estivesse sob a água, preenchendo aquele vácuo escuro e sem vida, era muito forte.

E voraz.

CAPÍTULO QUATRO

SANGUE SOB A LUZ DO LUAR

Jack nunca tinha sentido medo da água. Estivera próximo dela a vida inteira, e a água sempre fizera parte de seu mundo, fosse velejando, pescando ou usando-a como meio de suas viagens. Mas agora, fitando o rio sombrio e inquieto, com algo sob sua superfície mais escuro que a noite, sentia-se paralisado de medo.

“Precisamos ficar longe da água”, pensou ele. “Não importa o que aconteça, precisamos...”

Outro baque, e dessa vez Jack e Sabine perderam o equilíbrio, sendo arremessados contra a parede. Passageiros gritavam e choravam de medo. Reverendo e Vukovich estavam agachados, acompanhando os movimentos da embarcação. Jack podia perceber quanto estavam confusos, prontos para uma batalha. Mas não havia nada contra o que lutar.

— É um banco de areia — sugeriu Reverendo. — Troncos submersos. Um barco afundado.

— Acho que não — rebateu Jack.

— Por que não? — perguntou Vukovich.

— Porque, se fosse algo imóvel, não teríamos batido nele duas vezes — disse Sabine, levantando-se.

Outro impacto os atingiu, como se fosse uma resposta, mas esse foi diferente. Jack sentiu o impacto nas próprias pernas e ouviu o barulho inconfundível de madeira rachando.

— Desta vez foi dos dois lados — disse. — O navio está sendo atacado sob a água. — “Mas pelo quê?” Ficou feliz por ninguém ter feito essa pergunta, pois não havia nenhuma resposta racional.

Maurilio e Louis surgiram por uma porta do convés, olhando ao redor freneticamente, até localizarem Jack e os outros companheiros. Reunidos

de novo, os homens e Sabine pareciam sentir certo conforto por estarem juntos. Jack se deu conta de que haviam se tornado uma tripulação de verdade, e seu coração se encheu de orgulho.

— Estão todos em pânico lá embaixo — informou Louis. — A tripulação está correndo como se fossem ratos assustados.

— Há alguma coisa na água — informou Reverendo. — Jack e Sabine sentiram, e depois...

— E o que é? — perguntou Louis.

— Não sei — disse Jack. — Mas devemos permanecer juntos.

— Concordo — respondeu Reverendo. — No convés. Prontos para lutar se for preciso. Ou para pular.

“Não pulo nessa água de jeito nenhum”, pensou Jack e, ao encarar Sabine, soube que ela pensava da mesma maneira. Ambos haviam sentido aquela coisa estranha sob a superfície e não tinham vontade nenhuma de entrar na água para lhe fazer companhia.

Outro impacto veio da popa, acompanhado de um estalo. À meia-luz, Jack podia ver fragmentos de madeira sendo arremessados para o céu, espalhando-se depois pela metade traseira do navio e caindo na água.

— A roda de pás já era — avisou Vukovich. — Agora não há nada que possamos fazer.

O navio começou a vagar. As pessoas se reuniram no convés, algumas formando filas curtas enquanto medidas de segurança eram implementadas pelos tripulantes, sem muita convicção.

— Devemos ir até a roda do leme — disse Jack. Ele pensava rápido, considerando e descartando opções, e eram deprimentes as poucas alternativas que lhes restavam.

— Por quê? — questionou Vukovich. — O navio está à deriva.

— No caso de alguma coisa sair da água... — explicou Louis.

— Se alguma coisa sair da água, nós a mataremos! — sentenciou Vukovich, determinado.

— Enquanto não soubermos o que é, o melhor é evitar uma briga. — Jack agarrou a mão de Sabine e seguiu para a escada estreita que levava às partes mais altas da embarcação, e os outros o seguiram.

Passaram por um grupo de pessoas amedrontadas e confusas, e Jack se deu conta de que eram os homens com as três prostitutas com que ele e os outros haviam dividido o vagão na viagem de trem até ali. A madame conversava de maneira severa, em voz baixa, com suas duas

funcionárias.

— Fiquem longe da água — avisou Jack ao passar por elas. A madame apenas o encarou, o semblante impassível.

O navio a vapor estava à deriva e tinha virado de lado, contra a correnteza, quando algo o acertou com força sob a água, mais uma vez, interrompendo o curso da embarcação. O convés se inclinou a bombordo, e Jack segurou Sabine, tentando se agarrar em qualquer coisa que visse pela frente. A madame e um dos homens foram arremessados sobre o gradil de madeira, os corpos girando e desaparecendo do campo de visão. Ouviram-se dois impactos na água, seguidos dos sons de ambos vindo à tona e recuperando o fôlego.

Outros sons horríveis vieram em seguida. Ainda fora de vista, o homem deu um grito, e a voz foi abafada pela água como se ele tivesse sido tragado para o fundo. A mulher berrava. Ela foi arrastada a um ponto em que se tornou visível na superfície do rio, e Jack percebeu espuma se formando ao redor dela enquanto agitava os braços inutilmente.

Foi puxada para o fundo de súbito, e a espuma da água mudou de cor. No anoitecer, a cor parecia escura. Jack tinha visto bastante sangue sob a luz do luar para reconhecer aquela tonalidade.

As duas mulheres que haviam restado no navio choravam, tentando se levantar no convés inclinado e se manter longe da beirada, onde a embarcação se inclinava ainda mais. Jack agarrou a mão de uma delas, e esta agarrou a mão da amiga. Jack não a soltou até que ela conseguisse se agarrar a uma das entradas do convés.

— Aqui, Jack! — chamou Louis. Ele havia quebrado uma janela e estava agarrado à esquadria. Jack deu um salto para segurar a mão estendida do lobisomem, envolvendo o pulso dele com seus dedos e tendo os dedos de unhas compridas de Louis ao redor do próprio pulso. Jack resistiu ao impulso de afrouxar a pressão — Louis estava salvando a vida dele.

Sabine usava os dois braços também para se agarrar a Jack.

— Escale o meu corpo — Jack disse a ela, enfático. — Não tente ficar de pé. O convés está mais inclinado do que parece.

Ela fez o que Jack sugerira, apoiando-se nos ombros dele e alcançando Reverendo, enquanto este se segurava nos batentes de uma porta. Hesitou por um instante, olhando para trás — para Jack — e para

as águas misteriosas e perigosas além dele.

— Precisamos ir a estibordo! — falou Jack. — Por cima do navio ou cruzando o convés. Não importa; só não podemos ficar aqui.

— Você acha que eles vão emborcar o navio? — perguntou Maurílio. Ele estava no fim do convés, atrás de Reverendo. Ele e Vukovich se agarravam ao convés com garras longas, que sobressaíam das botas esfarrapadas. “Vocês estão dando na cara”, pensou Jack, mas aquela preocupação era ridícula.

— Eles? — perguntou Vukovich. — Quem diabos são *eles*?

— Isso não importa — respondeu Jack. — Eles são fortes e parecem determinados a matar todos a bordo do navio. — Encarou Louis e, de repente, tornou-se consciente do que descrevia. Uma emboscada, um massacre. Esses homens que o acompanhavam, e eram, na verdade, mais que homens, estavam terrivelmente familiarizados com esse tipo de coisa. Olhou para Vukovich e viu as pernas do homenzarrão se esticarem, os ombros se tornarem mais largos e a pele do rosto se deformar, numa versão mais exagerada de si próprio.

— Vukovich! — tentou avisar Jack, mas as palavras dele foram assaltadas pela noite.

— Vamos por aqui — chamou Reverendo, indicando a entrada.

Os sons do caos continuaram a se intensificar ao redor deles. O navio se inclinou ainda mais, a madeira era retorcida, partida e quebrada, o casco vibrando sob impactos que não fora projetado para suportar. Um apito soou em algum lugar e logo foi interrompido. Vozes preocupadas se tornavam gemidos à medida que as pessoas escorregavam do navio para a correnteza, e então vinham os gritos, o impacto de corpos na água e os lamentos subitamente interrompidos dos que caíam no rio e eram tragados com rapidez para o fundo.

“O rio está ficando vermelho”, pensou Jack e, embora não conseguisse distinguir o sangue à pouca luz, podia sentir seu cheiro. E, em meio a toda a confusão, de repente teve certeza do que aconteceria.

O gosto metálico do sangue. Carne servindo de isca. Outros também sentiriam o cheiro.

— Vukovich! — falou de novo, agora mais alto. O pirata grandalhão o encarou, e os outros olharam para Vukovich. Jack podia sentir o perigo pairando sobre aquele momento, tão instável quanto os locais onde se agarravam. A situação poderia declinar. Os homens que

integravam sua tripulação poderiam regredir, sucumbir, mergulhar de novo nas águas obscuras do passado, quando carne era tudo o que queriam e a vida se resumia a caçar.

Vukovich estremeceu, as roupas se deformando para assumir formas estranhas ao redor do tronco e de outros membros.

— Sinto cheiro de... — ele começou a dizer.

— Você sente cheiro de desgraça — retrucou Sabine.

Vukovich piscou, franziu a testa e, com outra piscadela lenta, voltou a ser apenas um homem. Jack se contentara em só imaginar qual seria a história dele antes de Fantasma transformá-lo. Mas, naquele momento, assim que saíssem daquela situação, havia decidido lhe perguntar. Perguntaria a todos, na verdade, porque agora se dava conta de que, se nenhum deles sabia como seria o futuro, o passado era muito importante. Havia deixado suas marcas, e, se eram carregadas com orgulho ou culpa, não importava: poderiam delinear, ainda assim, quão valioso seria o futuro.

— Estou bem — falou Vukovich. — Vamos. Venham comigo! — E transpôs a entrada, passando por Reverendo e esticando a enorme mão para Sabine agarrar. Ela o fez sem hesitar, e ele a puxou para dentro.

A forma esguia de Maurilio foi em seguida, e depois a de Reverendo. Louis atraiu Jack para si, e os dois homens ficaram agarrados por um momento, compreendendo que deveriam usar aquele instante para recuperar o fôlego. Olharam para o rio e para o longo convés inclinado, onde várias pessoas tentavam se agarrar à vida. Alguém gritou. De outra parte, vieram tiros hesitantes.

— Contra o que estamos lutando aqui, *mon ami*? — perguntou Louis.

— Não faço a menor ideia — respondeu Jack. — O que eu senti era tão... maligno, mas também tão desprovido de *vida*.

— Algo desprovido de vida não tem fome — disse Louis. — Sei o que estou dizendo.

— Seja lá o que for, não tem nada a ver com você — rebateu Jack.

— Nada a ver com o que eu era — corrigiu Louis. — Embora o desejo... não posso criticar Vukovich. Também carrego essa marca, e odores como este...

— Se ele consegue lutar contra isso, você também consegue — afirmou Jack. — E, se algo vier à superfície, todos teremos que lutar. — Jack se lançou através da entrada, e Louis veio em seguida.

A embarcação estava inclinada cerca de trinta graus, e o grupo avançava paralelo à junção da base da prancha de embarque com a parede. Reverendo arrombou a porta perto deles com rapidez, e era visível tudo o que conhecia a respeito de embarcações conforme ia seguindo seus instintos. A prancha de embarque cruzava o navio, agora ainda mais inclinado, e eles a escalaram usando maçanetas de portas e tábuas empenadas. A embarcação sofria sob enorme pressão. À medida que Jack avançava atrás dos outros, podia sentir a vibração de cada palmo de madeira que tocava. Uma rajada de balas ressoou, vinda de onde tinham saído. Alguém gritou. Ouviram-se mais impactos na água e vários baques secos e rápidos contra o casco sob a água. Então o ar foi rasgado por um som que fez o sangue de Jack gelar — um urro terrível, carregado de ódio.

A lembrança de Wendigo o fulminou, com seus dentes úmidos de baba e sua forma inumana, nos momentos finais de quando haviam se enfrentado. Mas, embora aquela fera também tivesse urrado, sua voz amaldiçoada tinha soado infeliz. O som que atravessava o navio agora, no entanto, era de algo que desfrutava dos acontecimentos.

Da carnificina... Do massacre...

Maurilio se voltou para Jack, os olhos arregalados. Jack quase sorriu. Um lobisomem com medo? O sorriso, porém, jamais lhe chegou aos lábios, pois Jack viu que seus companheiros não estavam inquietos, e sim em estado de alerta. Os olhos arregalados eram o primeiro sinal, discreto, de sua manifestação animal.

— Eles vão tomar conta do navio inteiro — disse Vukovich de modo sombrio. Estava se transformando de novo, os impulsos soterrados profundamente retesando-lhe os músculos e modificando sua estrutura óssea. A expressão era de dor, mas Jack podia perceber que estava disposto a deixar o lado animal vir à tona.

“E qual é o problema?”, pensou Jack por um instante. “Se precisamos disso, por que evitar?”

— Vukovich! — gritou Jack. Todos os outros se viraram para encará-lo. — Você tem o controle, desde que seja um homem. Se deixar a fera tomar conta, perderá o controle. Você é capaz de lutar, não importa o que esteja nos atacando, mas, se cruzar com um grupo de pessoas amedrontadas amontoadas em uma cabine ou se encontrar um homem ferido que esteja sangrando, o que pode acontecer?

Por um instante, os olhos de Vukovich pareciam emanar o brilho mais animalesco que Jack já vira. Então ele se acalmou de novo, assentindo com a cabeça.

— Mas a sensação de ser um homem é de fraqueza — rosnou ele.

— Então não está fazendo as coisas direito — disse Jack. — Reverendo, aquela porta é a que leva ao convés de estibordo? — Ele fez um sinal, indicando o caminho acima da prancha de embarque ainda inclinada.

Reverendo destrancou a porta, depois a escancarou, e todos puderam ver copas de árvore e estrelas. A luz do luar se espalhou pelo ambiente, suplementando a luz fraca da lanterna.

— Não estamos mais seguros aqui? — perguntou Maurílio.

— Não. — Sabine havia começado a se movimentar. — Aqui estamos aprisionados.

— E lá fora estamos mais perto da água — constatou Maurílio.

— Devemos presumir que eles não conseguem sair da água? — perguntou Sabine. Ela foi a primeira a sair. Reverendo foi em seguida, depois os demais. Jack saiu por último, agarrando o batente da porta para ganhar impulso.

O navio emitiu um rangido ensurdecedor. A embarcação inteira vibrou, tábuas estalaram, vidros trincaram com a tensão, e então ela tombou, chocando-se contra o rio e criando um marulho gigantesco na correnteza. Jack agarrava-se com firmeza, a mudança do ponto de equilíbrio ameaçando lançá-lo ao outro lado do convés, sobre o gradil de estibordo. E, quando verificava se todos estavam bem — calçados esfarrapados e garras arranhavam a madeira conforme se esforçavam para enfrentar o ímpeto da embarcação —, viu e ouviu Sabine.

— Jack! — gritou ela, mas ele estava longe demais. Ela caiu de costas no convés, o vestido verde esvoaçando enquanto lutava para recuperar o equilíbrio. O quadril direito dela se chocou contra o gradil, e Reverendo saltou para tentar agarrá-la, a mão grande dele mal conseguindo tocá-la quando Sabine caiu na água.

— Não! — gritou Jack, e se soltou, cruzando o convés até chegar ao gradil. Iria atrás dela, ele sabia. Mergulharia naquela correnteza ensanguentada, atroz e contaminada de terror, pegaria sua faca e lutaria para proteger Sabine contra o que quer que estivesse lá embaixo.

Mas, antes que chegasse ao gradil, algo passou velozmente por ele,

empurrando-o para o outro lado do convés e tirando o equilíbrio de Reverendo. O vulto tocou o gradil e pareceu mergulhar na água, elegante e silencioso.

Jack pegou a faca, temendo que as criaturas da água estivessem subindo a bordo. Que, após destruir a embarcação, viessem ao navio para fazer uma limpa... Tinha visto isso antes com piratas e havia reagido. Reagiria mais uma vez.

Mas havia algo de familiar naquele vulto. E, reconhecendo o odor peculiar de Fantasma, Jack viu o capitão pirata saltar para o convés com Sabine presa em seu braço. Estava respingante, o cabelo e a barba desgrenhados. A mão direita agarrou o gradil com tanta força que este entortou, quebrando-se. O pirata lobisomem deu uma olhada ao redor, pousando os olhos em Jack por um instante. À medida que a embarcação se assentou na água, ele largou Sabine.

— Nunca vou permitir que você seja ferida — ele jurou.

Sabine estava ofegante. Ela recuou dois passos, tentou ajeitar o vestido e lançou um olhar de esguelha a Fantasma. Solto um profundo suspiro.

— Obrigada.

— Estamos sob ataque — disse Fantasma, olhando para os outros.

— É mesmo? — perguntou Jack, a voz carregada de sarcasmo.

— Conseguiu ver o que é? — perguntou Vukovich.

Fantasma negou com a cabeça, sorrindo para Jack.

— Talvez o capitão London reconheça nosso algoz de jornadas anteriores.

— Não — respondeu Jack.

— Então deveríamos... — Fantasma fez menção de dizer, mas Jack o interrompeu.

— Nós faremos o que pudermos.

Fantasma solto um risinho forçado, depois arqueou uma das sobancelhas. Um grito foi ouvido ao longe, seguido do impacto de um corpo na água e depois um uivo terrível, que terminou com algo parecendo ser dilacerado. Fantasma semicerrou os olhos e inspirou, e Jack sabia muito bem o que estava fazendo. “Apreciando o odor de sangue”, pensou. Mesmo ele, um humano, conseguia sentir o cheiro no ar — de entranhas à mostra, de órgãos em pedaços. Quanto aos outros...

Os outros alternavam o peso do corpo entre um pé e outro,

respirando pesadamente, e de um deles veio um rosnado, baixo e manso.

— Muito bem — disse Fantasma. Depois, virou-se para Sabine. — Você estará sempre mais segura comigo por perto. — E, antes que alguém pudesse responder, ele se foi, disparando pelo convés e se misturando à penumbra.

— Sabine? — chamou Jack. Embora o amor deles fosse forte, Fantasma, monstruoso, não conseguia afastar a dúvida que se insinuava em sua mente. Afinal de contas, fora Fantasma que aparecera para salvá-la. E não Jack. — Sabine, eu deveria ter...

— A culpa é minha — disse ela. Sabine se aproximou e pegou a mão dele. A forma como o olhava não tinha espaço para fingimento, e Jack se sentiu aliviado.

— A roda do leme — ele falou, percorrendo com o olhar todos os homens, e de novo foi Vukovich quem o deixou mais preocupado.

— Estou com tanta fome! — revelou Vukovich, estremecendo.

Louis avançou para ele, dando um tapa no rosto do colega tripulante.

Jack prendeu a respiração, à espera de uma explosão de violência — que crescia lentamente ao redor deles e também rondava o navio despedaçado. Mas Vukovich se conteve e encarou Louis, colocando uma mão no ombro dele e segurando-o com firmeza.

— Nunca mais... faça isso de novo — disse, a voz calma. Depois sorriu e sinalizou com um gesto de cabeça em agradecimento.

Seguiram pelo convés, mantendo-se o mais longe possível do gradil. Jack encarava o rio. Esperava que os responsáveis por aquele ataque se revelassem, surgindo das águas obscuras em todo o seu esplendor monstruoso. Embora estivesse aterrorizado, desejava ver alguma coisa. Aquele vácuo era algo que desconhecia. Já havia presenciado outros tipos de horror, e preferia conhecer os novos terrores que teria de enfrentar.

— Queria que eles se mostrassem — disse Louis, fazendo ecoar os pensamentos de Jack.

Maurilio concordou.

— Preferia ver contra quem teremos de lutar.

Chegaram à escada externa e subiram dois níveis até a roda do leme. Aquela escalada deu a Jack uma boa sensação, pois os levava para mais longe da água.

— Escutem — disse Sabine ao subir o primeiro nível. Detiveram-se,

Jack e Sabine na frente, os outros atrás deles. O rio corria contra o casco do navio a vapor, mas a embarcação não se movia. As luzes do barco se apagaram, e os gritos dos passageiros se tornaram mais ansiosos e amedrontados.

— Não estamos saindo do lugar — disse Reverendo.

— E o navio não parece estar encalhado — observou Louis. — Sentiríamos as vibrações se estivesse. Acho que algo está nos *segurando*.

— Ei, escutem! — disse Sabine mais uma vez. Eles apuraram a audição, e a noite ficou silenciosa. Nada de tiros, e os berros haviam silenciado. Jack fechou os olhos e, quando seus outros sentidos afloraram, sentiu imediatamente o cheiro de sangue.

— Seja lá o que for que estiver na água, parece ter se saciado — ponderou Maurílio.

— Não — Jack balançou a cabeça em uma negativa. — Apenas pegaram as vítimas mais fáceis. Se quisessem o resto de nós... — Ele olhou por sobre o gradil, tentando ver além da superfície da água e imergir seus pensamentos rio adentro. Mas não conseguia ter controle sobre o que pensava. Tampouco se sentia desapontado, afinal não tinha vontade nenhuma de se aproximar daquele vazio de novo.

— Talvez eles não consigam vir à tona — sugeriu Louis.

— Ou talvez não *queiram* vir — rebateu Reverendo.

— Tudo o que podemos fazer é esperar — disse Jack.

— Pode ser que estejam brincando com a gente — resmungou Vukovich. — Como se fôssemos presas.

Jack o encarou, odiando a ideia, porém temeroso de que ela fizesse sentido. Aqueles lobos com certeza sabiam alguma coisa sobre brincar com presas.

Galgaram os degraus, chegando à roda do leme. Todas as janelas tinham os vidros quebrados devido aos golpes sofridos pelo navio, e a porta se movia gentilmente para trás e para a frente, rangendo um pouco. Não havia ninguém ali dentro. O leme estava emperrado e não se mexeu, nem com Vukovich empregando toda a sua força.

— Sempre achei que o capitão afundava com seu navio — disse Reverendo.

— Não o capitão deste navio... — Sabine começou a dizer, sendo interrompida por uma série de baques que fizeram a embarcação estremecer sob os pés deles. Fragmentos de vidro que ainda resistiam nas

janelas despencaram no convés, e o leme passou a girar, com o navio à deriva, de modo que o horizonte diante da proa começou a mudar lentamente. Outro baque violento, e a embarcação ficou imóvel outra vez.

— Estamos afundando — disse Maurilio.

— Como você sabe? — perguntou Jack, e o olhar dos quatro lobisomens convergiu para ele. “É óbvio”, repreendeu a si mesmo. Todos eram marujos, com muito mais experiência do que ele.

— O rio é fundo? — perguntou Sabine, e Jack ficou preocupado pelo fato de *ela* não saber a resposta à pergunta. Deu de ombros.

— Desconfio que descobriremos logo — disse Louis. — Devemos continuar aqui. E esperar.

— Esperar pelo quê? — perguntou Maurilio.

— Pelo anoitecer — disse Jack. — A menos que sejamos forçados a sair, concordo com Louis. Estamos mais seguros aqui, o mais longe da água que podemos ficar.

— Até que a água venha até nós. Daí teremos que lutar. — Com essas palavras sombrias, Reverendo se sentou, limpando os cacos de vidro sob ele e apoiando a cabeça na parede. Suspirando, fechou os olhos, e Jack se perguntou que tipo de imagens passaria por sua mente.

— Vamos nos revezar e montar guarda — sugeriu Jack.

Louis deu uma risadinha.

— Acha que algum de nós vai conseguir dormir, *mon ami*?

Ficaram perambulando ao redor do leme, esperando a noite passar e a luz do dia mostrar o que havia acontecido. O navio começou a pender para a direita, e até mesmo Jack conseguia sentir a embarcação enchendo de água lentamente, a casa das máquinas sendo inundada, bem como os níveis inferiores do navio. Tentou não imaginar o que poderia acontecer com alguém que estivesse vivo lá embaixo, talvez pensando que tinham escapado do perigo. Aquilo que os atacara ou não podia sair da água, ou escolhera ficar submerso... E, uma vez debaixo da água, os níveis inferiores do navio ficariam acessíveis pelos rombos no casco.

Várias vezes, antes do amanhecer, ouviram gritos. Aqueles que estavam escondidos passaram, pouco a pouco, a ser caçados, encontrados e mortos.

Com o amanhecer, mais sangue foi derramado.

— Está preso entre duas rochas — disse Jack. — Preso ali. E a força do rio está pressionando ainda mais.

— Quantos estão lá? — perguntou Sabine.

— Quatro — disse Jack. — Talvez cinco. — Era difícil afirmar, porque os corpos estavam terrivelmente mutilados. Os demais companheiros observavam o barco a remo com expressões de preocupação. Jack odiava imaginar que espécie de tentação os estaria torturando naquele instante. No entanto, todos vinham aguentando firme, até mesmo Vukovich, o que fez Jack sentir uma ponta de orgulho por aqueles antigos monstros, agora homens.

O barco a remo que observavam devia ter se desprendido do navio destruído enquanto o ataque acontecia. Talvez aqueles dentro do barco tivessem pensado que a confusão pudesse lhes mascarar a fuga, ou talvez se tratasse de um ato motivado por desespero e terror. De qualquer modo, não tinham ido muito longe. Se o massacre ocorrera antes ou depois de o barco ficar preso entre as rochas, não fazia a menor diferença. As pessoas estavam estraçalhadas, com roupas rasgadas, os olhos arregalados de perplexidade. Pássaros pousavam na amurada do barco, mas, estranhamente, as aves carniceiras não pareciam interessadas na carne. Como aquele fato pareceu inusitado a Jack, tentou investigar a mente daqueles pássaros para ver o que viam; sentir o que sentiam. Porém, talvez estivesse muito cansado. Na água sob eles e ao redor do navio a vapor encalhado, havia apenas silêncio.

— Temos que ir para a costa — disse Sabine. — A luz do dia parece tê-los afastado.

— A menos que estejam à espreita — respondeu Jack.

— Acho que não. — Ela lhe lançou um olhar triste, e o coração de Jack quase se partiu. Sabine parecia muito perdida e abatida. O esforço que empregara para ajudá-la a encontrar a si mesma dera naquilo tudo. Caos, perigo, morte. Não se sentia responsável, mas sentia o peso da culpa. “Deveria ter sido mais temeroso”, pensou ele. “Estive aqui antes, e foi terrível. Deveria ter sido mais cuidadoso. Ter ficado mais preparado para os mistérios deste lugar.”

Mas como alguém poderia se preparar para algo assim?

— Ninguém mais está tentando ir para a costa — disse ele.

— Talvez estejam esperando que alguém os lidere. — Ela sorriu, mas os dentes mal apareceram. Tão longe do mar, a única água a que tinha

acesso era a daquele rio. Jack então se deu conta de que ela tinha razão. Deveriam ir para a costa e seguir rumo a Dawson. Continuar ali poderia significar o fim para todos eles.

— Alguma coisa estranha... — Louis prestava atenção no barco a remo preso entre as pedras no rio havia algum tempo.

— Sim — concordou Maurilio.

Apoiada no gradil de madeira, perto da roda do leme e ao lado de Jack, Sabine trocou um breve olhar com ele, franzindo a testa.

— Sangue — declarou Louis.

— É claro que tem sangue — sussurrou Sabine.

— Não. — Maurilio se voltou devagar para encará-los, hesitando em desviar o olhar daquele cenário grotesco. — Não é sangue suficiente.

— Sangue — repetiu Reverendo. A voz dele era baixa e profunda, um som que, Jack tinha certeza, era capaz de fazer vibrar o convés. — Sangue...

Reverendo se agarrava ao gradil e encarava os corpos quando, de súbito, pareceu mais alto e forte do que antes. Nas bochechas e no dorso das mãos, a penugem tornava-se mais grossa e vistosa.

— Reverendo! — disse Jack, surpreso, já que o homem tinha demonstrado tanto controle até então. — Você aguentou firme até agora!

— E cada instante foi uma agonia... — confessou ele. Sua voz estava mais baixa e grave que nunca, mas parecia saturada de uma raiva contida que Jack jamais imaginara existir dentro dele.

— Não faça isso! — Louis se aproximou, as mãos à mostra, e Jack esperou outro tapa como aquele que dera em Vukovich durante a noite. Mas ele se moveu com muita lentidão. Reverendo atacou, e Louis foi arremessado de onde estava, perto do leme, para cair estatelado no convés, aos pés de Jack e Sabine.

— Agora não! — falou Jack em um tom de voz ríspido, e não apenas com receio por Reverendo. Se ele se transformasse agora, entregaria a todos eles. Aterrorizados como estavam, muitos dos passageiros e tripulantes, agora armados, não pensariam duas vezes antes de iniciar outro massacre. Então os lobos se transformariam e avançariam sobre eles, assassinando almas inocentes e acabando com todo o esforço que haviam feito para voltar a ser humanos.

Reverendo saltou o lance de escada em direção ao convés inferior, e Jack pôde constatar que ele se transformava. Ouviu ossos estalando,

roupas e pele se rasgando, e Reverendo soltou um grito exultante e doloroso quando começou a correr. Atravessou o arco de uma porta e desapareceu.

Maurilio olhou ao redor, sentindo-se confuso. Jack e Sabine ajudaram Louis a se levantar.

— E agora? — perguntou Louis.

— Agora nós o deixamos aqui e vamos embora — respondeu Vukovich.

Maurilio hesitou, pronto para correr atrás de Reverendo.

— Deixamos? Não podemos apenas...

Ouviram-se um grito, alto e agudo, que foi abafado com rapidez e substituído pelo ruído de algo sendo golpeado contra uma parede de madeira.

— Ainda estão aqui! — disse Maurilio, entrando em pânico. — Apenas esperando por nós, escondidos! Talvez sejamos os únicos ainda vivos e...

— Perdeu um de seus cães? — perguntou uma voz.

Fantasma. Jack observou o capitão pirata surgir à porta pela qual o lobisomem descontrolado havia desaparecido, arrastando Reverendo, que tinha voltado a ser humano, atrás de si. De seu nariz escorria sangue, e ele tentava se levantar. Fantasma andava rápido, sem lhe dar a menor chance.

Jack olhou ao redor, mas ninguém prestava atenção neles. “Estão todos escondidos”, pensou, e não podia culpar os outros passageiros por isso.

Na base da escada, Fantasma fez uma pausa e olhou para cima. O olhar dele parou em Sabine, e ela virou o rosto, escondendo-se atrás de Jack enquanto agarrava a mão dele. Fantasma deu de ombros sutilmente e largou Reverendo.

— Se quiserem levar bala, libertem sua natureza — disse ele. — Serão caçados e culpados por tudo isso. — Indicou com a mão o cenário atrás de si, no navio e no rio. — Vão em frente, cães! Fechem os olhos e sintam o cheiro de sangue. — Fez exatamente o que havia sugerido, inspirando dramaticamente, o peito grande inflado e um sorriso forçado anuviando sua expressão. — É bom, mas é errado. Algo muito errado, e não estamos aqui para isso. Nenhum de nós. Não estou certo, Sabine?

Sabine desviou o olhar, sem responder nada.

— Jack? — chamou Fantasma. — Não estou certo?

— Digamos que não esteja errado — respondeu Jack. — Mas eles ainda são minha tripulação, Fantasma.

— Sim — concordou o outro. — Mas, para sua sorte, estou sempre por perto, hein? — Ele colocou Reverendo de pé, deu alguns tapinhas no ombro dele, virou-o e o empurrou para a escada. Reverendo subiu os degraus, parecendo ao mesmo tempo furioso e envergonhado. — Hein? — Fantasma insistiu. — Sempre por perto, Jack, Sabine. E logo vocês vão valorizar isso. Agora, devemos dar o fora desta lata-velha. Eu...

— Não precisamos dos seus conselhos — interrompeu-o Louis.

— Bom, Louis, então estou de pé aqui, falando comigo mesmo. Apenas contemplando minhas opções. Se não quiser me ouvir, tampe as orelhas ou vá para outro lugar.

“Eu quero ouvir”, pensou Jack. “Porque ele é mais forte que dois desses homens e mais inteligente do que todos eles juntos.” Lançou um olhar rápido a Sabine, e ela parecia em paz. O medo e a tristeza haviam dado lugar a um sentimento mais tranquilo. Ela mirava o norte. Talvez já estivesse mentalmente longe daquele navio, pensou Jack, viajando rumo às revelações que ele havia lhe prometido.

— Passei pela casa de máquinas e ela está inundada; as fornalhas foram apagadas e a roda de pás, destruída. E por toda parte nos níveis inferiores do navio, há... restos. Algumas pessoas mortas, mas principalmente pedaços de corpos.

— E você não se aproveitou? — Jack perguntou abertamente.

— Está interessado neles? — perguntou Fantasma.

Jack negou com a cabeça.

— O responsável pela carnificina conseguiu abrir rombos no casco do navio grandes o bastante para que cinco homens atravessassem por um deles, todos ao mesmo tempo — Fantasma continuou a falar, a voz tornando-se mais grave e a expressão, mais séria. — Há marcas de garras por toda parte, e de dentes. A força para conseguir fazer isso... E o navio está imóvel, afundando lentamente até o leito do rio. Não vai mais a lugar nenhum, provavelmente nunca mais.

— Você viu o que causou isso tudo? — perguntou Louis.

— Talvez sim, talvez não — respondeu Fantasma.

“Outro jogo no qual o antigo Fantasma jamais teria entrado.”

— Vamos embora — sussurrou Jack, esperando que Fantasma não o

ouvisse do lugar onde estava. — Isso já estava decidido, e não ouvi nada capaz de me fazer mudar de ideia.

— Ah, estou indo embora também — replicou Fantasma, como se Jack houvesse falado diretamente com ele. — Só preciso antes encontrar algo para comer. — Ele deu meia-volta e saiu, rindo sozinho. E, só depois que ele deu as costas para todos, Sabine voltou o olhar para vê-lo sair.

— Sabe que não podemos confiar nele — ela sussurrou. — Todos aqui sabem disso, não sabem?

— *Oui* — respondeu Louis, como se aquela fosse uma pergunta tola. Os outros concordaram. Reverendo pôs a mão no peito e inclinou a cabeça, um pedido silencioso de desculpas que todos aceitaram.

— Bom — disse Sabine. — Porque ele é um monstro em busca de aceitação, e acredito que isso o torna ainda mais perigoso do que já foi algum dia.

O navio a vapor tinha encalhado com a popa voltada para a costa. Não havia sinal de Fantasma quando Jack e os outros seguiram rumo à popa, onde descobriram outros sobreviventes discutindo sobre o que fazer, vagando sem rumo e tentando superar o medo com uma atitude rebelde e hostil.

O capitão do navio estava bêbado, sentado sobre uma cama improvisada com os pertences que tinham sido arrastados até o convés, rindo tolamente dos eventos. Na mão direita, segurava uma garrafa de uísque mais vazia que cheia.

— Deveríamos jogá-lo ao mar — disse Jack, indignado.

— Seria uma forma de descobrir se ainda existe alguma coisa esperando por nós no fundo do rio, *mon ami* — respondeu Louis, e Jack sabia que ele estava brincando, mas não por completo.

— Ei, você! — alguém chamou. Uma mulher baixinha avançou, e, pelo modo como agia, Jack podia ver que estava acostumada a dar ordens. Usava o cabelo preso em um coque, roupas para enfrentar trilhas que com certeza tinham vivenciado algumas aventuras — calça larga e surrada presa dentro de botas pesadas, uma camisa simples, um colete de couro aparentemente muito usado, marcado pela exposição ao tempo —, além de portar duas pistolas penduradas no quadril. Jack percebeu

que a espingarda em sua mão direita também parecia já ter sido muito utilizada e que ela carregava a arma com desenvoltura.

— Acertou alguma coisa? — perguntou Jack conforme ela se aproximava com a mão erguida, o dedo em riste.

— Alguma coisa? — perguntou ela. — É óbvio que acertei. Água, escuridão. Um pedaço de rocha, talvez. Mas não mirei em nada. Você, talvez? Vocês todos? — Ela gesticulava devagar, apontando para Jack, Sabine e seus companheiros. — Vi vocês lutando perto do gradil ontem à noite, pouco antes de acontecer. E tinha algo errado.

O capitão soltou uma risadinha, resmungando alguma coisa que ninguém conseguiu entender e entornando o uísque.

— Não sabemos nada além do que você já sabe — disse Jack.

— E que a tripulação estava nervosa — arriscou Maurílio. — Com histórias de pessoas que desapareceram na região de Dawson. Eles não gostam de percorrer este trajeto.

— Pelo que sei, as pessoas sempre desapareceram em Dawson — respondeu ela, ignorando-o. — Lá é o lugar certo para esse tipo de coisa. — Ela se voltou para o capitão bêbado, e, por um momento terrível, Jack pensou que ela o acertaria com a espingarda. Mas a mulher bufou, ignorando-o, e se virou para eles. — Então, eu estava dizendo a todo mundo aqui que a gente tem que dar no pé. Não podemos ficar à toa neste lugar, enquanto o barco fica assim à deriva.

— É exatamente isso que estávamos pensando — disse Jack. — Não há por que ficar. Pelo que sei, a gente está a cinquenta quilômetros de caminhada de Dawson.

— Eu diria cinquenta e cinco — rebateu a mulher.

— Não precisamos de companhia — acrescentou Louis.

Ela o encarou, medindo-o de cima a baixo, e depois franziu a testa.

“O que será que ela viu?”, pensou Jack. Estava acostumado com aqueles homens, mas, quando era confrontado por estranhos, sempre temia que percebessem algo de errado com os ex-piratas. Alguma coisa diferente.

— Eu também não preciso, mas estou indo para o mesmo lado — ela respondeu, ajeitando a espingarda nos braços cruzados em uma ameaça silenciosa.

— Jack. — Sabine tocou o braço dele e o puxou para o lado, indicando os outros com a cabeça. — Quanto mais, melhor?

— Ou talvez a gente se torne um alvo mais fácil se estivermos num grupo maior de pessoas — replicou Louis.

— De qualquer forma, não podemos impedir os outros de ir pelo mesmo caminho que faremos — disse Jack. — Depois que partirmos, as pessoas vão querer nos seguir. São uma multidão agora, e a única pessoa que poderia ajudá-los está bêbada.

— O boi segue a manada — completou Vukovich.

Jack sentiu um incômodo ao ouvir a palavra “boi”. Ela sugeria carne. Fez um sinal para chamar a atenção da mulher.

— Qual é seu nome?

— Callie King.

Jack olhou ao redor, observando os demais passageiros. Alguns escutavam a conversa com interesse, e outros pareciam traumatizados demais para fazer qualquer coisa além de se sentar ou ficar de pé, ou esperar a noite cair novamente.

— E como a gente faz para sair desta lata-velha, Callie King?

Maurilio e Vukovich fizeram questão de ir primeiro. Reverendo foi com eles, mais quieto do que nunca, e Jack não sabia dizer se era porque quase perdera o controle de si mesmo, ou porque Fantasma o havia subjugado com facilidade. Fantasma, em sua forma humana, conseguira vencer um lobisomem em processo de transformação.

Jack havia lutado contra lobisomens, mas os tinha vencido com astúcia e inteligência, jamais com força bruta.

Vukovich e Maurilio remavam enquanto Reverendo desfazia o rolo de corda atrás deles. A correnteza logo capturou o pequeno barco a remo — o único que havia sobrado no navio a vapor — e o arrastou rio abaixo, mas os dois homens continuaram remando com firmeza, cerrando os dentes e permitindo que sua força incomum os levasse até a outra margem antes que a corda terminasse. A cada golpe dos remos, Jack esperava que algo saltasse da água para atacá-los, destruindo inteiramente o barco e dilacerando os homens, enganando a todos os que haviam começado a acreditar que outro ataque aconteceria somente na escuridão. Mas os ex-piratas chegaram bem ao outro lado do rio, levaram o barco até a costa e caminharam pela margem, puxando a corda com eles.

Assim que encontraram uma posição rio acima de onde estava o navio a vapor, Reverendo pegou a corda e a amarrou ao redor de um grosso tronco de árvore. Ao ser esticada, a corda emergiu da água com um som metálico e Vukovich a agarrou, salpicando o ar com gotículas de água e criando três belos arco-íris, que desapareceram em seguida.

Maurilio e Vukovich tomaram o barco e fizeram o caminho de volta pelo rio. Ao encostarem no navio a vapor, Jack, Sabine e Louis embarcaram. Mas, quando os cinco se preparavam para cruzar o rio até a margem, Jack se deu conta de um problema e sentiu uma pontada de culpa. Olhou para o corrimão do convés acima, onde Callie e vários outros passageiros os observavam. Callie tinha o cenho franzido, alternando o olhar entre Jack e a superfície do rio.

— Um de vocês precisa ir com a gente para trazer o barco de volta — disse Jack. — Seguiremos em frente assim que desembarcarmos na costa.

Callie deu um tapinha no ombro do jovem ao lado dela.

— Eu e o Magrão aqui vamos, não vamos?

— Hã? — Ele pareceu surpreso, ficando até ligeiramente ruborizado por ter sido notado.

— Que foi? — indagou Callie. — Achou que vir aqui em busca de uma fortuna em ouro seria fácil? — Ela estava brincando, mas Jack podia sentir o temor oculto em suas palavras, além de algo a mais. Achava que Callie sabia bem mais do que demonstrava. Perguntava-se se tinham vindo das pistolas dela e da espingarda os disparos da noite anterior ou se ela ficara escondida em algum lugar, rezando para sobreviver, porque sabia que balas não teriam efeito nenhum sobre aquelas coisas que os haviam atacado.

Callie empurrou o homem para a frente, e ele, com relutância, entrou no barco a remo. Ela o seguiu, e eles zarparam, agarrados à corda e lutando contra a correnteza durante toda a travessia. Reverendo os ajudou a desembarcar — todos eles, menos o rapaz.

— Volte para lá! — Callie disse a ele. — Resgate algumas pessoas. Talvez fiquem agradecidas.

O jovem fez o que ela havia falado, e Jack, Sabine e os outros ficaram junto da margem ao lado de Callie, que se encontrava um pouco afastada deles. Vukovich caminhava de um lado para o outro, olhando para o chão lamacento, e Jack podia ouvi-lo fungar baixinho.

— Não vai encontrar nenhum rastro aí — disse Callie.

— Como você sabe? — perguntou Jack.

Ela deu de ombros, vangloriando-se um pouco.

— Eles vieram do rio, não vieram?

— Veja a roda do leme — disse Sabine, mas Jack nem precisava ver para saber de quem se tratava.

— É óbvio que ele está lá — respondeu. — Venham. Vamos em frente.

Sob o olhar de Fantasma, Jack se afastou do rio rumo ao lugar que conhecia tão bem. Os demais o seguiram, mas ele caminhou à frente durante um tempo, sozinho. Esperava que seu lobo aparecesse logo. E temia que todos fossem precisar da ajuda dele — e de sua proteção.

CAPÍTULO CINCO

SÃO TODOS PREDADORES

Jack continuou prestando atenção no rio, uma das mãos segurando a alça da mochila que levava às costas e a outra apoiada na pistola pendurada na cintura. Sessenta quilômetros cruzando aquele território, mesmo carregando apenas o imprescindível, seria uma empreitada infernal. Era impossível percorrerem aquela distância em apenas um dia. E tinha o pressentimento de que a noite lhes traria novos problemas.

— Você realmente acha que agora, à luz do sol, estamos em segurança? — perguntou um homem barbado de voz rouca, como se estivesse lendo a mente de Jack.

Tim Underwood usava roupas elegantes, novas e sob medida, mas o modo de agir e falar deixava claro que não estava acostumado à riqueza. Jack não precisou perguntar a história dele para saber que era um dos poucos afortunados — aquela não era a primeira viagem que fazia a Dawson e, na última vez em que estivera ali, tinha voltado para casa com muito ouro.

A pergunta fora direcionada a Callie King, e ela cravou seus grandes olhos azuis no homem.

— Seja lá o que for que veio atrás de nós na noite passada, foi embora ao amanhecer, senhor Underwood. Não é preciso ter muita imaginação para concluir que talvez o sol não seja muito amigo daquelas coisas. Mas não posso prometer nada com relação ao tipo de sorte que teremos quando anoitecer de novo. Agradeça pelos dias longos que costumamos ter aqui no norte.

Underwood resmungou alguma coisa e depois passou a sussurrar algo às duas prostitutas que tinham sobrevivido e os acompanhavam na caminhada ao longo da margem do rio. Junto de Jack e Sabine encontravam-se os quatro lobos, Callie King e outros retardatários. O

grupo todo somava dezenove pessoas.

— Só não entendo por que estamos tão próximos do rio — falou em tom alto uma das prostitutas, uma ruiva chamada Maxine. Ela não tirava os olhos da água, mantendo-se à esquerda do grupo, como se a qualquer momento fosse precisar disparar floresta adentro como uma corça assustada.

Para surpresa de Jack, foi Reverendo quem respondeu. Pelo jeito, era seu desejo proteger a garota com o luminoso cabelo cor de cobre.

— Existe uma trilha aqui, Maxine — explicou o alto Reverendo de olhos escuros, sempre com seu aspecto de clérigo severo. — Quanto mais longe você ficar do rio, mais difícil o caminho se torna. E, se encontrar um caminho na floresta, corre o risco de seguir alguma antiga trilha indígena, que não passaria nem perto de Dawson.

Sabine lançou um olhar repleto de gentileza a Underwood e às prostitutas.

— E o senhor Underwood é prova de que o rio levará à cidade de Dawson. Se conseguirmos seguir seu curso, é certo que chegaremos ao nosso destino.

“Se conseguirmos”, pensou Jack. Olhou para Callie King e a viu assentir com um gesto de cabeça.

Durante as duas horas desde que haviam desembarcado ali, Jack concentrara os sentidos no ambiente externo. Tinha lido sobre a meditação dos iogues do Oriente e se identificado com eles. A cada inspiração, esvaziava a mente e, a cada expiração, concentrava-se no mundo selvagem ao redor, dando atenção especial ao grande rio. Conseguira perceber pássaros e peixes, lebres e raposas, além de um lince a distância. Mas não havia nenhuma daquelas lacunas sombrias, daqueles vazios sinistros que sentira na água na noite anterior.

De tempos em tempos, Jack e Sabine se entreolhavam. Ela caminhava mais perto da água, e essa proximidade a deixava mais forte. Se se afastassem demais do rio, ela ficaria enfraquecida de novo, e ele queria adiar isso o máximo que pudesse. Por ora, sabia que ela usaria sua estranha magia para perscrutar o rio e, se os monstros voltassem, ao menos não seriam pegos desprevenidos.

“Monstros”, pensou Jack. Estranho como essa palavra ganhara outro sentido em sua mente. Viajava com uma bruxa do mar e quatro lobisomens assassinos. Contudo, a bruxa era a mulher que ele amava, e

os lobos se esforçavam para ser apenas homens de novo. Tinha viajado para o Yukon dois anos antes a fim de explorar o que havia de primitivo dentro de si, e agora Louis, Vukovich, Maurilio e Reverendo faziam a própria jornada ao mundo selvagem, só que em busca de humanidade. Era uma ironia bastante complexa.

E o que dizer daquele outro monstro, o pior que já vira? Não tinham encontrado mais com Fantasma desde que haviam deixado o navio a vapor, o que era um ótimo sinal, na opinião de Jack e dos companheiros.

— O que vai acontecer quando o sol se puser? — perguntou Maxine, aproveitando a questão levantada por Underwood e ofegando pelo esforço da caminhada. Gotículas de suor haviam se formado na testa dela, apesar da brisa refrescante à sombra das árvores. Ela usava várias camadas de roupas pesadas, e Jack se conteve para não sugerir que se livrasse de parte delas. — Se aquelas coisas não gostam da luz do sol, significa que gostam da noite?

A princípio, ninguém respondeu. Jack pensou que Callie King deveria estar mordendo o lábio para se manter em silêncio. E isso só reforçou a suspeita que ele tinha de que ela sabia mais do que admitia sobre as circunstâncias que vivenciavam. Por fora, parecia uma mulher durona, chegando a ser masculinizada, e a forma de falar às vezes demonstrava severidade. De qualquer modo, Jack estava certo de que essa aparência podia esconder uma inteligência voraz e mais conhecimentos acerca da situação difícil que viviam.

— Temos de percorrer vários quilômetros, e a luz do dia ainda vai durar bastante — respondeu Jack, quebrando o silêncio embaraçoso. — Vamos ver aonde chegamos no fim do dia, e só então nos preocuparemos com o anoitecer.

Foi uma resposta que não agradou a nenhum deles, mas pelo menos continuaram avançando. A ameaça do pôr do sol pairava sobre o grupo, impelindo-o à frente, e, embora cada um levasse consigo uma mochila e outros suprimentos, toda vez que paravam, ninguém queria descansar por muito tempo.

Era uma agilidade motivada pelo medo.

Jack havia pensado que encontrariam algum ponto de referência que permitiria calcular a distância até Dawson. Mas a última vez que

percorrera aquele trecho do rio tinha sido em um barco que era rápido na água, e depois ele e os amigos haviam passado meses presos numa pequena cabana. Quase não sobreviveram, sofrendo os sintomas do escorbuto e da desnutrição. Apenas agora se dava conta de verdade do quanto estivera atordoado enquanto percorriam os quilômetros até Dawson naquela primavera.

— Nenhuma ideia, Jack? — perguntou Louis, o dente de ouro reluzindo à luminosidade fraca e amarelada da tarde.

— Nenhuma — respondeu Jack. Concentrou os sentidos na floresta e no rio e, depois, olhou para Louis e os outros lobos. Caminhavam juntos ao longo da margem do rio. — Mas não sinto nada parecido com o que senti ontem à noite. Acho que ficaremos tranquilos hoje.

Olharam para Sabine, que seguia à beira da água. Como se sentisse a atenção deles sobre si, ela se virou e balançou a cabeça.

— Nada — falou com suavidade.

— Devemos estar perto — disse Vukovich, esperançoso.

— Acho que a gente caminhou mais ou menos uns vinte quilômetros até agora — calculou Reverendo, sempre carrancudo. — Estamos indo muito devagar. Não deveríamos ter permitido que os outros viessem junto.

Jack deu uma olhada para Tim Underwood e o amontoado de passageiros do navio que pareciam tê-lo escolhido como protetor. Além das duas prostitutas, o grupo contava com um dos tripulantes e três homens que haviam recebido a proposta de trabalhar em um hotel, feita por um cavalheiro que investira muito dinheiro em Dawson. Um dos funcionários do hotel havia trazido a filha, uma menina loira e silenciosa que devia ter cerca de onze anos. “Dawson não é lugar para uma menina tão jovem”, pensou Jack, mas isso só faria diferença se conseguissem de fato chegar à cidade.

— Se formos atacados hoje à noite — disse Jack —, precisamos fazer o máximo para protegê-los.

Maurilio soltou um rosnado sutil.

— Você quer dizer *nos* proteger.

Louis deu um cutucão violento nas costelas dele.

— Essa é a fera falando por você. Fale como um homem!

Maurilio se virou, olhando-o, e soltou a mochila que levava às costas. Por um momento os dois homens se encararam, as narinas dilatadas, os

lábios retraídos para exibir dentes afiados. Jack olhou ao redor com ansiedade, percebendo que o grupo de Underwood havia parado para assistir à cena de violência que estava prestes a começar. Procurou Callie King, que caminhava a cerca de seis metros atrás deles, como se quisesse manter todos à vista e não apreciasse a ideia de ninguém às suas costas. Ela observava tudo com curiosidade, mas não parecia nem um pouco surpresa com o conflito.

— Rapazes... — Jack alertou em voz baixa.

— Se essas coisas do rio voltarem hoje à noite — rosnou Maurilio —, são as feras que vão sobreviver. — Ele deu um passo em direção a Louis, mas Vukovich agarrou o braço dele e o segurou, e Reverendo fez o mesmo com Louis. No mesmo instante, Sabine se colocou entre os dois, esticando os braços para encostar em cada um deles. Embora seus gestos fossem gentis, os olhos dela continham as tempestades do mar.

— Senhores — falou com voz firme —, parem com isso.

Louis respirou fundo e recuou. Em seguida, Maurilio fez o mesmo, desvencilhando-se de Vukovich.

— Andem! — ordenou Jack, aproximando-se de Maurilio, que colocou a mochila às costas e retomou a caminhada. — Sei que estão nervosos...

Os olhos de Maurilio se inflamaram diante desse desafio imposto à sua coragem.

— Você acha que...

— Calma. Eu não disse “com medo”. Só que você está tenso. Todos estamos, e com razão. Se os monstros voltarem, talvez seja preciso deixar a fera vir à tona, para poder sobreviver até a manhã seguinte. O que tiver de ser, será. Mas, se começarmos a lutar entre nós, isso vai minar nossas chances de sobrevivência. E não vou permitir que isso aconteça. Guarde energia para seja lá o que for que estiver à caça de nós todos.

Vários passos depois, Maurilio assentiu com um aceno de cabeça.

Reverendo, que entreouvira a conversa, trocou um olhar com Jack, depois com Sabine.

— Os monstros não se afastaram muito da água ontem à noite. Será que não conseguem ficar fora dela? Ou vocês acham que estão apenas brincando com a gente?

Jack observou Underwood, que ajudava, carinhosamente, Maxine e a

outra mulher a desviar de um pinheiro gigantesco caído na floresta.

— É exatamente isso o que penso — ele admitiu. — Não encontrei nenhum rastro deles, mas tenho certeza de que voltarão quando anoitecer. E vão nos caçar.

— Como pode ter tanta certeza disso? — perguntou Maurílio.

— Porque estavam famintos — sussurrou Sabine, alto o suficiente para que fosse ouvida — Foi tudo o que consegui perceber deles. Crueldade e fome.

Jack se aproximou para pegar a mão dela, e os dois prosseguiram lado a lado.

— Então é melhor nos apressarmos — sugeriu Reverendo.

Jack apertou a mão de Sabine.

— Agente firme — disse, relanceando o olhar para os lobisomens antes de beijar o dorso de sua mão. — É hora de descobrir o que Callie está escondendo de nós.

Ninguém perguntou o que Jack queria dizer com aquilo. Todos já haviam notado quanto a mulher armada parecia reticente.

No fim da tarde, as sombras se tornaram mais longas, e a luz do sol passou a cintilar na superfície do rio. Jack se ajoelhou na margem e sorveu goles grandes de água usando as mãos. Ao se levantar, percebeu que Underwood e o grupo dele abriam caminho floresta adentro, afastando-se cada vez mais do rio à medida que a noite se aproximava. Isso o preocupou — a viagem seria mais difícil, e Jack duvidava que a distância da água os mantivesse em maior segurança —, mas tinha outras coisas a fazer antes de a noite cair. Precisava tomar conhecimento do máximo de informações possível para que pudesse bolar um plano confiável.

— Esta caminhada com todo este peso deixa a gente morrendo de sede — comentou Callie King, passando por onde Jack estava.

— Sem dúvida — concordou ele, colocando a mochila às costas de novo.

Como Callie não se deteve, ele apertou o passo para alcançá-la. Quando se aproximou, a mulher não falou nada, e Jack teve certeza de que ela se continha para não encorajar uma conversa. Fosse lá o que estivesse pensando, não queria dividir com ele. Mas Jack teria de fazê-la mudar de ideia. Seus companheiros tinham os seus segredos, era verdade, mas não permitiria que Callie guardasse os dela por mais

tempo.

— Parece que o senhor Underwood acha que o melhor é nos afastarmos da água, agora que a noite se aproxima — disse Jack.

A mulher emitiu um grunhido enquanto levantava a calça, ajeitava as alças da mochila e prosseguia em sua caminhada rumo ao norte.

— Você tem alguma opinião a respeito? — perguntou Jack. — Não me parece o tipo de mulher sem ponto de vista próprio.

Callie o fitou, intrigada.

— Você é um sujeito esperto, senhor London. Soube disso logo que o vi. Tenho um olho bom para essas coisas.

Mais adiante, Sabine andava lado a lado com Louis, e os outros não estavam muito longe. O que era bom. Se surgisse algum problema, Jack tinha certeza de que se protegeriam, tal como faz uma alcateia. Mais distante, à esquerda, avistou Underwood e uma das prostitutas. Eles pisavam com força sobre o matagal, mas, no lusco-fusco, Jack não conseguia distingui-los claramente.

Voltou o olhar para Callie King, analisando-a com mais atenção do que antes. O cinto que carregava as armas estava lustroso e se encaixava com perfeição, adaptado à forma do quadril. Ela usava duas bolsas penduradas nos ombros e, sempre que alguém se aproximava, procurava protegê-las. O cabo de uma faca despontava da bainha, presa ao quadril, bem atrás do coldre esquerdo. O modo como o cabo brilhava, mesmo à fraca luminosidade, fez Jack concluir que era de prata. Ele tivera algumas experiências com facas de prata. Se os lobisomens houvessem notado a faca, certamente não teriam permitido que Callie continuasse com ela, mesmo que fosse preciso matá-la. A prata funcionava como veneno no sangue deles; um ferimento causado por uma arma daquelas significaria morte certa para qualquer um dos quatro.

Callie se virou para Jack, e o olhar dela era frio e cortante como aquela lâmina.

— Garoto, se tem algo a dizer, é melhor falar de uma vez. Não estou acostumada que me olhem desse jeito. Isso me dá nos nervos.

Quando ela se virou, uma corrente balançou em seu pescoço. Jack a viu de relance, antes que desaparecesse no colarinho aberto da camisa, mas a visão o deixou tenso. Um crucifixo.

Postaram-se frente a frente, encarando-se em mútua desconfiança. Callie falara baixo o suficiente para que ninguém se motivasse a parar

para ouvi-los. Sabine e os lobisomens estavam a quinze metros de distância, e Underwood e os outros do seu grupo haviam sumido do campo de visão. Apenas o som de passos descoordenados em meio à floresta marcava o avanço deles.

— Você é uma mulher religiosa, senhorita King? — perguntou Jack. A camisa estava aberta o bastante para revelar a corrente e a extremidade da cruz.

— Sou religiosa na medida em que preciso ser — disse ela. — Mas vou lhe contar uma coisa, Jack... Não sou sua inimiga. Você percebeu algumas coisas, eu sei. Consigo ver nos seus olhos. Mas preste atenção: existem várias coisas de dar medo aqui no meio do nada, e uma velha sem bom senso suficiente, com um monte de armas, não é uma delas.

— Que coisas são essas? — indagou Jack. — Tenho a sensação de que você sabe muito mais sobre aquilo que nos atacou na noite passada, mas não quer nos contar. Também não sou seu inimigo. Estamos nessa juntos. Se aqueles monstros vierem atrás de nós, temos muito mais chances de sobreviver se ficarmos juntos, se soubermos contra o que estamos lutando.

Callie coçou a parte de trás da cabeça, abaixo do coque, e olhou para a água como se não tivesse nenhuma preocupação em mente, mas Jack compreendeu que ela assimilava as palavras dele. Depois de algum tempo ela suspirou e o analisou, prestando atenção nele como se fosse um alfaiate ou um agente funerário calculando medidas mentalmente para um futuro cliente.

— Existem coisas que a maioria das pessoas tem dificuldade para pôr dentro da cabeça — disse Callie. — Segundo a minha experiência, o povo não gosta de nenhuma informação que o obrigue a mudar o modo como enxerga o mundo.

— Eu mesmo encontrei algumas dessas informações — falou Jack, olhando para as costas da mulher. — Você pode se surpreender com a maneira como enxergo o mundo.

O olhar de Callie deslizou ao longo da margem do rio, até chegar a Sabine, que enfim havia percebido que Jack se detivera e fizera com que Louis e os outros esperassem por ele. Os lobisomens agora olhavam para Callie com a mesma expressão de curiosidade que ela reservava a eles.

— Pode ser — concordou Callie. — Mas também é possível que você não consiga me surpreender. Seus amigos, por exemplo? Nenhum deles é

completamente humano. — O olhar dela tinha um brilho sombrio. — Mas acho que você já sabe disso.

A correnteza do rio pareceu mais barulhenta de repente, e o vento nas árvores, mais frio. As longas sombras do entardecer haviam estendido seus braços; a luz do dia tinha enfraquecido, e nesse instante Jack se deu conta de que o crepúsculo se alastrara, mais traiçoeiro que o habitual.

— É — prosseguiu Callie com um sorriso que não se refletia em seu olhar. — Talvez eu não tenha sido muito simpática, mas não sou a única. Para falar a verdade, os garotos que estão com você são um mistério para mim. Tenho alguns palpites do que possam ser, mas eles não servem para nada, porque, se eu estivesse certa, eles teriam devorado a gente no café da manhã, sem deixar nenhuma sobra para o almoço.

— Senhorita King.

Ela riu.

— Jack, pode me chamar de Callie. Ainda mais se a gente for compartilhar segredos. — Ela indicou o caminho, virando-se para continuar andando. — Agora, vamos alcançar seus amigos. A noite está chegando. Não vai demorar, e logo estaremos ocupados demais tentando sobreviver para contar histórias.

— Vamos — disse Jack, apressando-se para alcançá-la, impressionado com o vigor dos passos dela, ainda mais depois do dia que haviam tido. — Você precisa me dizer contra o que estamos lutando. Juro que vou acreditar em você. A tripulação do navio falou em ursos-polares, mas sei que isso é loucura. Eles não existem nesta região. E, mesmo que existissem, não atacariam como aquelas coisas fizeram na noite passada.

Parecendo pensativa, Callie franziu a testa, ajeitando de novo a mochila.

— Ursos-polares? Pode ser, eu acho.

— O quê? — perguntou Jack, incrédulo. Havia começado a acreditar que ela soubesse de algo sobrenatural, monstros, no mínimo, mas, se ela pensava que tinham sido atacados por ursos-polares, talvez tivesse deixado as divagações bizarras dela o convencerem de algo que não existia.

— Bem, teria que ser alguma coisa muito poderosa. E ursos são as criaturas mais poderosas que existem. — Callie caminhava ainda mais rápido, disposta a alcançar Sabine e o bando. Pousou a mão sobre o cabo

da faca, e esse gesto deixou Jack nervoso. Se ela sabia que os companheiros dele eram lobisomens, qual seria seu próximo passo?

— Não consigo entender — disse Jack. Será que ela queria dizer que os monstros eram ursos, assim como Louis e os outros piratas eram lobos? *Homens-ursos*? Algo assim era possível? Depois de ter matado Wendigo, fora forçado a assimilar uma grande quantidade de informações que jamais teria sonhado existir.

Callie tinha o semblante fechado.

— Você fala bonito, Jack. É esperto. Aposto que lê muitos livros.

— Claro.

Ela reprimiu um sorriso.

— “Claro”, diz ele, como se todo mundo lesse. As pessoas não leem. Mas me pergunto se você leu um livro em particular, escrito por um sujeito chamado Stoker.

Uma onda de compreensão se abateu sobre Jack. De fato, ele tinha lido o livro, publicado alguns anos antes, um romance escrito por Bram Stoker sobre uma criatura sedenta de sangue que caçava pessoas inocentes, algo tirado dos contos populares mais sombrios do Velho Mundo.

— Acha que as coisas que vieram atrás de nós na noite passada eram vampiros? — perguntou Jack. — Não faz nenhum sentido. Elas estavam na água. Fortes ou não, o que estava lá embaixo era muito maior do que um homem.

Callie mantinha uma das mãos na coronha da pistola e a outra na faca. Olhava, inquieta, para um lado e para o outro, os músculos se retesando conforme a noite avançava do cinza para o anil e as primeiras estrelas começavam a aparecer.

— Imaginei que fosse um leitor interessado — disse ela, satisfeita com seu julgamento. — Mas, entenda, Stoker tirou a maioria de suas ideias de antigas lendas europeias. Nelas, vampiros podiam se transformar em animais. Um lobo, um morcego ou um rato. Alguns falam em aranhas também. Eu mesma cruzei com alguns deles, e posso dizer uma coisa: não são apenas histórias. Vi com meus próprios olhos.

Jack tentou assimilar o que ela dizia.

— O que será que aconteceu? — Reverendo perguntou, olhando para trás. Vukovich e Maurilio observavam Jack e Callie se aproximando, os semblantes evidenciando preocupação, enquanto caminhavam

ligeiramente encurvados, prontos para reagir caso algo acontecesse.

O bando percebera algo estranho nele; haviam notado que ele parecia alarmado. Sabine, entretanto, não olhava para ele. Tinha a cabeça baixa; era como se a fraqueza que sentia longe da água tivesse voltado. Apoiava-se em Louis, e Jack ficou preocupado.

— Você veio até aqui atrás deles — Jack disse a Callie.

— Tenho um amigo em Dawson, Len Truman, que começou a trabalhar como comerciante no ano passado. Ele me mandou uma mensagem contando que as pessoas estavam desaparecendo por lá, e me falou de suas suspeitas. Ele também mencionou ursos-polares.

— Ursos-polares vampiros! — acrescentou Jack, balançando a cabeça. — É um absurdo. Não faz nenhum sentido.

— Está enganado — respondeu Callie. — Se os vampiros na Europa se transformam em lobos, talvez seja porque há um monte de lobos por lá. Mas e se esses demônios sanguessugas podem se transformar em todo tipo de animal? Vamos supor que existam vampiros que fizeram parte de uma das tribos indígenas locais. Tiklit. Tigrít. Seja lá qual for o nome dela. Não é razoável concluir que se transformariam nos animais que conhecem melhor? Nesta região, o que é mais forte e mais feroz que um urso?

A cabeça de Jack girava em um turbilhão, mas não podia negar que o argumento daquela mulher áspera tinha lógica. A bem da verdade, como podia duvidar, quando ele próprio viajava na companhia de lobisomens?

— Espero que seus amigos sejam tão ferozes quanto acredito que sejam — continuou Callie, sacando uma das armas. — Vamos precisar de toda a ajuda que pudermos reunir.

Agora, estavam a cerca de três metros de Sabine e dos lobos.

Jack olhou para Callie.

— Tem certeza de que virão atrás de nós?

— Virão? — perguntou Callie. — Ora, garoto, posso apostar até o meu último centavo como já estão aqui.

Enquanto Jack percorria o espaço que o separava dos companheiros, passou a expandir o coração e a alma a qualquer animal que estivesse por perto. Ao se aproximar de Sabine, ela o fitou com olhos amedrontados, e ele soube que não haveria necessidade de procurar pelos monstros. Eles já estavam ali.

Mais a oeste, para onde Tim Underwood havia levado os demais

sobreviventes, gritos irromperam na noite.

Maurilio foi o primeiro a sair em disparada pela margem do rio, no sentido norte. Jack berrou para que parasse, mas os lobos estavam inquietos — não estavam acostumados a servir de presa para ninguém —, e, uma vez tendo começado a correr, o animal em Maurilio tomara conta da situação.

— Traga Maurilio de volta, ou ele vai acabar sendo morto — Jack pediu a Vukovich, que na mesma hora iniciou a perseguição.

Jack segurou a mão de Sabine, mergulhando em seu olhar.

— O que está sentindo?

— Existem dois no rio, e estão se aproximando — ela contou com uma expressão grave no rosto. O vento começou a soprar, passando pelas árvores, enquanto sua magia elementar tomava conta do ambiente. O poder dela enfraquecia com a distância do mar, mas não havia desaparecido por completo.

— Pelo que percebi, há outros dois naquela direção — disse Callie King, indicando os enormes pinheiros de onde gritos ainda vinham. — Mais que isso, e duvido que qualquer um de nós veja o sol nascer.

Jack se arrepiou, o coração martelando no peito. Ali, no Yukon, sentia-se muito mais perto de seu lado selvagem e, naquele momento, deixou-se levar por ele — sentia o vento e o cheiro do rio, da vegetação e dos lobisomens. As feras que estes últimos carregavam no íntimo podiam ser mais visíveis e difíceis de controlar que a de Jack, mas ele ainda possuía algo selvagem dentro de si.

Ampliando os sentidos, percebendo os pássaros noturnos e as lebres adormecidas, chegou aos dois vácuos obscuros que se moviam pela floresta no sentido oeste. Emanavam crueldade e malignidade genuínas, o que causou em Jack uma pontada de náusea, mas ele a ignorou. O amor que sentia por Sabine preenchia seu coração. Mantê-la a salvo era sua prioridade.

— Louis, Reverendo! — Jack chamou, virando-se para eles. — Ficaremos juntos. — Apontou para Callie. — Ela está com a gente e sabe mais que nós sobre o que estamos enfrentando. Se Callie falar alguma coisa, prestem atenção.

Os gritos a oeste começaram a diminuir. Jack tinha consciência de

que logo as criaturas que estavam lá viriam atrás deles.

— Vamos, andem! — ele ordenou.

— Fiquem perto do rio — instruiu Callie, ao começarem a correr. — Sabine, avise se sentir a aproximação de alguma dessas coisas.

Os olhos de Sabine escureceram. O cabelo esvoaçava à medida que corria, e ela apertava a mão de Jack como a lhe dizer que tudo acabaria bem. Louis e Reverendo iam na frente, correndo sobre a margem repleta de pedras e cavidades, a três metros da água. Jack observava as árvores, atento àquela sensação de vazio, e sabia que Sabine concentrava sua busca na água.

Reverendo tropeçou em uma pedra pontuda e rosnou enquanto recuperava o equilíbrio. Sua mandíbula tornara-se proeminente, os dentes afiados brilhando sob a luz das estrelas. Algo atingiu uma árvore à esquerda, e Jack franziu as sobrancelhas, percebendo só naquele instante que uma das duas criaturas havia se aproximado e agora os acompanhava, avançando pelos pinheiros, embora sem atacá-los, como se desfrutasse do medo que inspirava e da emoção da caçada.

Um rugido rasgou a noite, mas Jack tinha certeza de que não era um urso de verdade.

— O que é isso, Jack? — perguntou Sabine, embora olhasse para Callie enquanto falava. — O que está atrás da gente?

Antes que pudesse responder, Jack avistou Vukovich e Maurilio mais adiante. Os dois lobisomens estavam parcialmente transformados, encarando-se com garras e presas à mostra. Jack desejou ter um bastão na mão para castigar Maurilio por sua estupidez.

— Parem com isso já, seus idiotas! — gritou, seguindo para onde se encontravam. — Temos outros monstros para combater!

— Maldição — disse Callie, ao perceber os homens semitransformados em fera. Por instinto, sacou a arma e apontou para eles.

— Não! — gritou Sabine, largando a mão de Jack para agarrar o pulso de Callie. — Eles não são uma ameaça para você!

Os olhos de Callie reluziram de raiva, mas ela se deteve, enquanto Vukovich e Maurilio apressaram o passo para se unir aos demais.

— Era disso que você desconfiava? — Jack perguntou a ela, pegando a faca de caça de dentro da mochila.

— Ouvi falar sobre todo tipo de criatura estranha neste mundo —

bufou Callie, tentando recuperar o fôlego. — Só não imaginei que estaria ao lado de alguma delas.

Não fosse o eco dos gritos que ainda pairava no ar, Jack teria rido do comentário dela. Continuaram correndo, ofegantes, as mochilas pesando nas costas, grunhindo com o esforço. Tinham facas e armas à mão, mas Callie King parecia ser a única a manejá-las com confiança. Ela sabia o que enfrentava. Já tinha lutado contra alguma versão dessa coisa maligna antes.

— Farejo alguma coisa — alertou Reverendo. — Tem cheiro de...

— Lá! — gritou Sabine, apontando para o rio, sem diminuir o ritmo da corrida. — Eles são...

Algo imenso emergiu da correnteza, respingando água. A lua e a luz das estrelas davam um tom pálido e amarelado ao pelo branco, mas não havia dúvida: a silhueta sombria era a de um urso. Ele rugia e avançava na direção deles. Jack agarrou a faca, mesmo sabendo que aquela arma e nada seriam a mesma coisa. Louis e Vukovich colocaram as pistolas em ação, e os disparos acertaram o alvo, afundando na pele áspera, mas sem retardar o avanço do monstro.

Sabine choramingava, e Jack pensou por um instante que ela estivesse com medo. Ao olhar para ela, porém, percebeu que havia se transformado. O cabelo esvoaçava ao sabor de uma brisa que parecia girar apenas em torno dela. O rio passou a se agitar, e ondas golpeavam o urso monstruoso, que tinha os olhos vermelhos de fúria e desprezo à medida que era puxado para trás. Ele golpeava a água e se esforçava para avançar.

Nuvens modestas começaram a se formar sobre o rio; a bruxaria de Sabine era limitada ali. O brilho de relâmpagos dourados dançava nos olhos dela, e as nuvens sobre o rio se acendiam devido à eletricidade. Ela gesticulava em direção ao céu, mas Jack pôde ver frustração em seu semblante, pois o verdadeiro poder dos elementos estava longe de seu alcance. Os raios não viriam.

Tiros de armas acertavam a superfície da água. Jack se virou e deparou com Callie King corajosamente postada à margem. Havia largado a faca e disparava ambas as pistolas contra o urso imenso de olhos vermelhos. Quatro tiros, agrupados no centro do peito. O urso cambaleou, sangue escuro vertendo dos ferimentos de bala. Então ele deslizou para dentro da água, desaparecendo sob o rio enquanto a

corrente o carregava para longe.

— Foi disso que eu senti cheiro — rosnou Reverendo, apontando sua arma para Callie. — Esta mulher está usando balas de prata!

Os lobisomens a cercaram em um semicírculo, encarando-a. Vukovich e Maurilio estavam parcialmente transformados, enquanto Louis e Reverendo exibiam o semblante humano, embora as feições estivessem distorcidas pela sua natureza selvagem e monstruosa.

— Pode apostar que sim — rebateu Callie. — E essa prata acaba de salvar o traseiro de vocês, vira-latas malditos.

— Ainda não acabou — avisou Sabine. — Existe mais um dentro da água.

— E mais dois na floresta — acrescentou Jack. Conseguia senti-los nas proximidades, rondando-os, à espera. A princípio, talvez desejassem se divertir um pouco com suas presas, mas agora provavelmente estavam preocupados, depois de ver um dos seus acabar morto.

— Continuem andando! — Jack falou em tom alto aos lobisomens.

Ao hesitarem, Sabine berrou com eles, e dessa vez obedeceram. Jack não sabia ainda se alguém entre os que haviam seguido Underwood ainda estava vivo. Talvez tivesse a chance de voltar e procurar por eles, uma vez que o perigo passasse.

Os piratas lupinos corriam olhando para trás, observando Callie de tempos em tempos, inquietos por ter balas de prata às suas costas.

— Ursos-polares? — disse Sabine, aproximando-se de Jack. Os olhos dela ainda brilhavam com pequenos raios de luz. — Aquelas coisas não eram ursos comuns. A maldade que emana deles...

— Vampiros — falou Jack, encarando-a. — Eles podem se disfarçar de animais.

— Assim como os lobisomens — disse Sabine.

— Não têm nada a ver com lobisomens — afirmou Callie, acompanhando a cadência do passo deles, os lobos mais à frente. — Esses garotos que acompanham vocês, eles não são humanos. São monstros. Famintos, é verdade. E selvagens. Mas vampiros são outra coisa... Eles são malignos, nada além disso. Qualquer espécie de pureza pode feri-los: o sol, prata, até mesmo a fé, porque tudo o que têm dentro de si é escuridão e sofrimento. Se existe mesmo um demônio, podem acreditar que ele colocou um pouco do inferno em cada um desses monstros.

Jack não comentou nada. A hora de falar havia passado. Deixou o coração assumir o ritmo de suas botas sobre a terra, regularizando a respiração, enquanto prestava atenção na água e na floresta, perguntando-se de onde viria o próximo ataque. Mais adiante, viu Vukovich se agachar em preparo para a disparada, as passadas largas em seguida, metade homem, metade lobo. O pirata estava no limiar de esconder por completo suas características humanas, talvez pensando que assim se tornaria mais forte num combate. Jack tinha suas dúvidas. Armas e faca que não fossem de prata podiam não fazer muito estrago em um vampiro, mas ao menos retardavam um ataque.

— Lá! — disse Reverendo, apontando para os pinheiros à esquerda.

Pelos brancos surgiram de relance numa brecha entre as árvores, mas desapareceram num piscar de olhos. Tinham ouvido vários estrondos antes, mas agora as duas criaturas infernais conseguiam se mover pela floresta silenciosamente, o único som sendo o sussurrar das rajadas de vento. Um grande mal-estar continuava a atormentar Jack, um calafrio nauseante que percorria seu corpo como se fosse veneno, e ele se perguntava se essa era a sensação de presenciar a personificação verdadeira do mal. Tinha visto a loucura e fatos sobrenaturais antes, mas nada que se comparasse a isso.

Algo causou impacto na superfície do rio, e ele se virou com rapidez na direção do barulho, mas não viu nada.

— Está brincando com a gente de novo — disse Sabine.

— Brincando com a refeição — resmungou Callie. — Imagino que estejam dando aos meninos um pouco do próprio remédio.

Dos quatro piratas que corriam à frente deles, Louis era o retardatário, e pôde entreouvir o comentário de Callie. Ele rosnou, revelando caninos reluzentes ao se virar e lançando-lhe um olhar fulminante. Seu dente de ouro brilhou à luz do luar.

— Minha paciência com este jogo está acabando — disse Louis. — Eles estão em três, e nós, em sete. Chegou a hora de parar de correr.

— Vamos correr enquanto aguentarmos — rebateu Callie. Ela havia guardado as armas para adquirir maior mobilidade, e elas se movimentavam pesadamente a cada passo. — Acredite em mim, cãozinho. Não vai querer lutar contra essas coisas, a menos que não tenha escolha.

— Cãozinho? — repetiu Louis. — Quem é que você está chamando

de...

— Cale a boca, Louis! — disse Jack entre os dentes. — Preste atenção nas árvores.

Ele lançou a Jack um olhar sombrio. Mesmo a bordo do *Larsen*, quando Jack era prisioneiro, haviam tido uma espécie de conexão amigável, de aliança. Mas, não importava quanto Louis parecesse racional, Jack tinha de lembrá-lo de que não havia nele racionalidade alguma. Seu rosto humano era apenas uma fachada. Talvez Jack conseguisse ensiná-los a apreciar sua natureza humana e a controlar os instintos primitivos, mas a selvageria jamais desapareceria deles. Se ele se esquecesse desse fato vital, seria por sua conta e risco. Agora, a única preocupação dele era manter todos vivos, e isso implicava um estado de permanente atenção.

Continuaram correndo, esperando um ataque a qualquer momento, suas faces sendo açoitadas por galhos de árvores. Maurilio tropeçou na beira rasa do rio e saltou para trás como se tivesse sido queimado. Jack podia sentir o vazio obscuro que os acompanhava pela floresta, e Sabine confirmou que o monstro da água permanecia por perto, avançando com eles pelas profundezas do rio. Jack vislumbrou um tom de branco em meio aos pinheiros, e a nódoa venenosa que sentia no coração pareceu deixá-lo ainda mais nauseado. Sentia-se contaminado. Esfregar a pele não seria suficiente para remover a marca deixada por aqueles monstros.

— É como se fôssemos o rebanho deles — sussurrou Sabine, quase sem fôlego por causa do esforço da corrida.

Jack não tinha pensado dessa forma, mas a ideia tomou conta de sua mente criando uma onda de terror. Havia pensado o mesmo que Callie: que os monstros se divertiam com eles. Os vampiros deviam saber que Louis e os outros eram lobisomens, ou ao menos tinham ciência de que não eram humanos, e estavam tirando proveito desse tormento, fazendo os predadores correrem de medo. E se Sabine estivesse certa? E se os demônios estivessem conduzindo-os como se fossem um rebanho? A questão era... para onde os levavam? Haveria mais deles à espera em algum lugar? Será que um massacre os aguardava rio acima?

— Callie — disse Jack, bufando devido ao esforço, ainda entrevedendo tons esbranquiçados em meio aos pinheiros —, isso é uma tolice. Vão nos deixar correr a noite inteira e esperar que fiquemos exaustos demais para continuar. É impossível que a gente sobreviva até o nascer do sol

sem ter que lutar.

A mulher parou de correr, e todos respiraram profundamente. Ela pigarreou, tirando algo do fundo da garganta, e cuspiu na água. Quando abriu a boca para falar, não olhou para Jack.

— Admito que você tem razão.

— Melhor lutar enquanto a gente ainda pode andar — disse Sabine.

Callie se voltou para ela.

— Não foi o que acabei de dizer? Não sou estúpida, mocinha. Só estava torcendo para que uma opção melhor surgisse em algum momento.

— A cavalaria não está a caminho, Callie — Jack falou, o tom de voz quase um sussurro.

A caçadora suspirou e sacou as armas de novo.

— Certo. Aqui perto do rio está bom. Não vejo problema em morrer aqui.

CAPÍTULO SEIS

O CONFRONTO

A pausa, o silêncio, pareciam não ter fim. Até o rio emudeceu por um instante, e Jack teve a impressão de que a natureza prendia a respiração. Talvez ela sempre fizesse isso quando aqueles monstros estavam por perto.

Relanceou o olhar para Sabine, a seu lado. Ela parecia mais tranquila do que jamais estivera desde que deixara o navio a vapor encalhado. “A calmaria antes da tempestade”, pensou ele, e os olhos reluziram com um brilho selvagem.

Ao lado dela, Callie demonstrava segurança e determinação, empunhando as armas na altura do quadril. Respirava fundo, vagorosamente, e, se sentia medo, não demonstrava. Jack foi tomado por uma necessidade repentina de saber mais sobre ela, porque talvez a história de ambos tivesse se cruzado em algum momento. Mas então a agitação começou, e restou apenas a vontade de iniciar o assunto.

Uma das feras arrebentou uma das árvores de modo surpreendentemente silencioso. A boca de urso-polar estava aberta, a expressão mais feroz e ameaçadora que Jack já vira, mas ele não rosnava nem rugia. E, de alguma forma, seu silêncio era ainda mais aterrorizante. Carregado de propósito. Os caninos brilhavam à luz do luar. Caninos longos, muito longos...

Vukovich avançou na direção do imenso urso, e, ao se chocarem, Louis atacou o dorso da criatura monstruosa. Membros atingidos e dilacerados, corpos arremessados, e enfim, um som, um rugido de dor.



Callie ergueu as armas.

“Balas de prata”, lembrou Jack. “Com Vukovich na linha de fogo.”

— Não! — disse ele, e, em seguida, todos ouviram o som de água em movimento quando outro urso emergiu do rio. Jack se virou a tempo de ver a fera surgir da água turbulenta como um pesadelo esculpido em

gelo, investir contra Maurílio e afundar as garras absurdamente longas no peito e na garganta dele. A coisa o levou para dentro do rio, abocanhando seu rosto. O grito de Maurílio foi sufocado, e o sangue tomou conta da água, negro à luz do luar.

Sabine soltou um gemido, caindo de joelhos. Relâmpagos surgiram. Cobriram o céu acima deles, mas devem ter atingido o solo em algum lugar distante, se é que o fizeram.

Reverendo se lançou ao rio atrás de Maurílio. Agora ele havia se transformado por completo, e a silhueta lupina saltava tão rápido que parecia flutuar sobre a correnteza, atingindo o ombro do urso e fazendo-o tombar.

Maurílio ainda estava preso na mandíbula do monstro, que o liberou das garras para poder atacar Reverendo. Mas este foi mais rápido que o monstro — ao menos dessa vez — e conseguiu contorná-lo para subir às suas costas, abrindo a mandíbula comprida o máximo possível antes de investir contra seu pescoço, mordendo, roendo e chacoalhando a cabeça para rasgar pele e carne.

Callie avançou três passos rumo ao rio e apontou as armas. O primeiro tiro errou o alvo, e em seguida Jack surgiu atrás dela, empurrando-a para o lado e golpeando suas mãos. Uma das armas caiu no chão.

— Não! — gritou ele. — Você vai atingi-los!

Callie se voltou para ele, mas parecia calma e controlada, em vez de furiosa. “Ela já esperava por essa reação”, pensou Jack. Avançou sobre ela, derrubando-a e, ao mesmo tempo, inclinando-se para pegar a arma no chão.

— Maurílio — disse Sabine, e Jack olhou para cima.

Reverendo ainda estava agarrado às costas do urso, rasgando e mordendo a criatura, que era pelo menos seis vezes maior e mais pesada que ele. Uma parte de Maurílio ainda estava prensada entre os dentes do monstro. Mas apenas uma parte. O corpo sem cabeça fora arremessado para longe e agora jazia sobre as rochas salientes do rio, sendo golpeado por águas cuja espuma era negra de sangue.

Na mandíbula do urso-polar, a última expressão de Maurílio havia sido de dor.

Jack ergueu a arma, berrando:

— Reverendo!

Reverendo nem sequer olhou para ele, saltando de imediato das costas do urso e caindo na água. No instante em que a besta fez menção de segui-lo, Jack soltou três disparos sucessivos.

Ao lado dele, Callie havia se ajoelhado para também disparar contra o monstro.

Vários pontos escuros apareceram no ombro do urso-polar e na lateral da cabeça. Ele despencou na água revolta, afundando para emergir de novo e ser carregado pela correnteza. Jack não conseguiu distinguir se ainda levava algum pedaço de Maurilio na mandíbula grotesca. “Ele se foi”, pensou Jack, surpreso ao sentir uma pontada de tristeza. É verdade que Maurilio era uma fera, mas estava lutando para encontrar seu lado humano. Talvez a morte tornasse todos os seres semelhantes.

O urso flutuou para longe, carregado pelo rio. Com ele, foram-se a podridão que poluía os pensamentos de Jack e a malignidade que infestara o mundo selvagem, tão belo e desafiador.

Mas ele não estava sozinho.

— Menos dois! — disse Callie. Seu tom de voz era quase animado ao passar correndo por Jack e Sabine, rumo ao local em que Louis e Vukovich lutavam contra outro urso. Ela deixou uma das pistolas com Jack, e ele tentou lembrar se era a que havia usado antes. Talvez tivesse mais três balas, duas com certeza.

— Um deles ainda está entre as árvores — falou Sabine.

— Está. Você pode...? — Ele não terminou de falar, porque uma brisa já se formava ao redor dela e a luz dos poderes elementares dançava em seu olhar. Após um instante, ela franziu a testa e balançou a cabeça, enquanto um relâmpago atingia algum lugar distante dali.

— Não está nada fácil — ela argumentou.

Jack tomou a mão dela.

— Não se preocupe. Venha. — Colocou-se no encalço de Callie, seguindo para o confronto.

Nesse instante, Reverendo emergiu do rio, respingante de sangue e água, e arreganhou um sorriso que mostrava todos os seus dentes enquanto se lançava sobre o urso-polar, que se debatia. Agarrou-se em uma das gigantescas patas dianteiras e a mordeu, chacoalhando a cabeça, tentando mutilar a criatura.

Jack não desgrudava os olhos do amontoado de árvores diante e atrás

deles, nem do rio, caso o quarto urso os tivesse cercado e estivesse pronto para atacá-los.

— Jack, tem mais alguma coisa ali — avisou Sabine.

— O quê?

Ela indicou as árvores.

— Outro combate.

“Talvez algum deles tenha sobrevivido”, pensou Jack, e desejou que fosse Tim Underwood.

O urso-polar diante deles — um urso-polar em sua versão vampiresca. Uma criatura inacreditável e, no entanto, terrivelmente real, parecia ter encontrado adversários à altura nos três lobisomens. Não dava sinais de derrota, mas o combate brutal era feroz, rápido e rendia ferimentos para ambos os lados. A pele do urso estava aberta em vários pontos, escuros e brilhantes sob a luz da lua. Vukocich, Reverendo e Louis atormentavam a criatura, tentando ignorar os próprios ferimentos. Louis tinha o ombro esquerdo dilacerado até o osso, e Vukovich tentava poupar a mão direita esfaqueada. Embora a fera chutasse e golpeasse o solo, Reverendo se mantinha agarrado à perna imensa da criatura, usando unhas e dentes e fincando-os profundamente para atingir ligamentos e nervos que, devidamente feridos, tornariam o membro inútil.

Callie se curvava para a esquerda e para a direita, procurando acertar a mira. Porque a luta poderia ser justa, mas nenhum dos lobos seria capaz de dar o *coup de grâce*. Jack ficou satisfeito em perceber que, daquela vez, ela estava mais atenta em não acertá-los. Perguntou-se se ela saberia quantas balas ainda lhe restavam.

“Com certeza, ela deve ter mais balas naquelas bolsas.” Porém, não era hora de perguntar.

Se ele avisasse os lobos para que Callie tivesse melhor chance de acertar o alvo, quem estivesse mais ao alcance do urso poderia ser atingido, ferido e morto.

— Sabine, você consegue distraí-lo? — perguntou Jack. Quando estavam no mar fugindo do *Larsen* e do combate a bordo do navio de Morte, Sabine havia manipulado a mente dos lobos para confundi-los e distraí-los. Agora, Jack pedia que fizesse o mesmo com um vampiro.

Ela se virou para ele, o semblante evidenciando tensão, os olhos arregalados e escurecidos. Jack aproximara os próprios sentidos daquelas

criaturas desalmadas, assim como Sabine. Era capaz de entender como seria terrível entrar na mente daqueles monstros, muito mais até do que apenas ter sentido a presença deles. Quase voltou atrás no pedido.

Mas Sabine apertou a mão dele e fechou os olhos. Um instante depois, o urso-polar interrompeu o que fazia e olhou para o céu. A boca empapada de sangue se abriu em um rugido feroz, e Vukovich aproveitou a oportunidade para rasgar a garganta da coisa com suas garras descomunais.

O sangue escureceu o solo.

O urso voltou-se para Vukovich. Furioso. Monstruoso. Os olhos de Vukovich tornaram-se inexpressivos ao se dar conta de que seria o próximo.

Callie disparou, entretanto, e a bala atingiu um dos caninos do urso, com cerca de quinze centímetros de comprimento, ricocheteando pela noite.

A cabeça do urso foi jogada para o lado, e Reverendo, arremessado para longe de sua pata enquanto a criatura esperneava, desferindo coices, ao reagir ao que quer que tenha sentido com a bala de prata fumegante.

Sabine desmoronou no chão, vomitando, e Jack se ajoelhou ao lado dela, ainda segurando sua mão enquanto sacava a arma com a outra, livre. Embora tenha sido um bom tiro, Louis ainda se encontrava agarrado ao urso, que rugia, abocanhava e se debatia. Reverendo e Vukovich rapidamente voltaram ao ataque.

— Droga! — berrou Jack, frustrado e apavorado com o que acontecia. Maurilio estava morto, dilacerado e tragado pelo mundo selvagem. Os outros estavam em perigo. Talvez um ferimento a mais causado por aquela criatura descomunal acabasse por matá-los. Jack não sabia até onde poderiam aguentar, e era provável que nem eles soubessem.

Todos os sentidos o incitavam a dar o fora dali, mas Jack largou a mão de Sabine e foi em frente, aproximando-se do local do embate. Se ao menos pudesse acertar o alvo...

Callie correu em disparada, passando por ele e saltando sobre o urso. Da mão dela vinha um brilho prateado. Quando golpeou o urso, ele guinchou de dor e raiva, e os três lobos soltaram o inimigo, recuando diante da arma que Callie empunhava.

“Essa coisa vai avançar sobre ela e estraçalhá-la”, pensou Jack.

Como se seus pensamentos fossem uma profecia, o urso avançou para Callie. Ela conseguiu desviar da fera, no entanto, derrubando a faca enquanto escapava do alcance do monstro. Mas agora o urso avultava sobre ela de novo, e não falharia dessa vez.

— Ei! — Jack apanhou a lâmina do chão. O urso se voltou para ele, o sangue escorrendo sobre o pelo e a boca viscosa escancarada, deixando entrever os caninos mais pontiagudos e longos que um urso poderia ter. Tendo desviado a atenção dele sobre Callie, Jack postou-se à sombra da criatura. Agachado, tinha a faca de prata suja de sangue em uma mão e a pistola emprestada da caçadora na outra.

— Jack! — berrou Sabine. — Atire!

O urso urrava e tentava atingi-lo, as garras prontas para atacar. Foi quando Jack disparou as últimas duas balas. A primeira errou o alvo, mas a segunda acertou a pata do monstro.

A fera cambaleou, o rugido retumbante denotando uma dor inimaginável. Ela rolava e se debatia, caída ao solo. Mas então conseguiu se levantar e correu em direção às árvores.

— Não a deixe escapar! — rosnou Vukovich, a voz apenas semi-humana.

Jack correu atrás da criatura, Louis e Reverendo em seu encalço.

— Não será necessário — disse Callie. — O maldito já era.

Enquanto falava, o urso alcançou uma árvore a uns quinze metros deles. Ficou em pé nas patas traseiras, caindo de costas em seguida na vegetação rasteira. Uma nuvem de poeira esbranquiçada tomou conta do ar ao redor do local em que caíra.

— Ele já era — constatou Callie. — De volta àquilo de que todos somos feitos.

— Nenhum de nós é como aquela coisa! — respondeu Sabine, a repulsa evidente em seu tom de voz.

Callie virou-se para Jack e Sabine, soltando um profundo e melancólico suspiro.

— Você ficaria surpresa — ela falou. O sorriso que abriu era triste, e o olhar, distante, parecendo estar a quilômetros e anos longe dali. — Eu era.

Jack avaliou os lobos para verificar quanto estavam feridos. Haviam se reagrupado com rapidez, aproximando-se de Jack, Sabine e Callie,

prontos para enfrentar a última fera. O corpo estava ensanguentado e dilacerado, todos feridos. No entanto, emanavam uma força e uma ferocidade às quais Jack só podia devotar respeito.

Callie se afastou, aproximando-se do rio.

— Eles não representam nenhum perigo a você — Jack fez menção de explicar a ela, mas Callie nem sequer olhou para ele. Seus olhos estavam fixos no que os três homens haviam se tornado. Vasculhava, enquanto isso, um dos bolsos que tinha na altura do peito e franzia a testa cada vez mais. “Está contando as balas”, pensou Jack. “E não ficou satisfeita com a quantidade que sobrou.”

Ela estendeu a mão, e Jack lhe devolveu a faca de prata.

— Só resta o último deles — disse Callie. — Se seus... amigos puderem segurá-lo, eu acabo com ele. — Guardou a pistola no coldre e pegou a faca com a mão direita.

— Acho que a última fera não está mais no rio — avisou Sabine. Ela embalava o corpo no lugar em que estava, cansada pelo esforço empreendido e talvez também por ter feito contato com a consciência daquele urso monstruoso. Jack tocou o braço dela, mas ela se retraiu diante do contato. — Acho que não está mais lá.

Jack tentou sondar os arredores com os próprios sentidos. Mas seu coração batia acelerado, os ouvidos pulsavam, e ele não conseguia se concentrar.

— Acho que... — rosnou Louis, e de repente a noite foi perpassada por um ruído aterrorizante. Começou como um rugido e foi ficando mais alto, mais agudo, até ser interrompido repentinamente, deixando-os em um silêncio tenebroso.

Algo se movia em direção a eles em meio às árvores.

— Jack — sussurrou Sabine —, eu *sabia*!

Um vulto irrompeu por entre as árvores e se aproximou correndo, e Jack pôde prever o que aconteceria. Os lobos — com os sentidos aguçados e o sangue fervilhante devido às brigas — espalharam-se, preparando-se para um ataque. Callie continuava firme em sua posição, a faca em riste, admiravelmente determinada diante da nova ameaça.

Enquanto Fantasma se aproximava ainda mais, Jack percebeu que seu respeito por Callie só aumentava.

O antigo capitão parou a seis metros de Jack e Sabine, e os três lobos sobreviventes, ensanguentados, foram se aproximando pelas laterais. Ele

tinha uma expressão de dor sob uma máscara de sangue. Trazia algo nas costas, e, pelo esforço dos músculos do braço e do ombro, Jack constatou que era um fardo muito pesado.

— O último dos seus amigos — disse Fantasma, e arremessou algo na direção deles. A cabeça de um urso-polar, a carne dilacerada no local onde fora rasgada e arrancada do corpo, caiu ao solo com um baque, quicando até onde Jack se encontrava. A cada quique, parecia encolher, em vez de parece maior, ainda que Jack tenha dado vários passos para trás.

— Cuidado com o sangue! — alertou Callie.

A cabeça parou de rolar. A face estava virada para cima, fitando a lua, a boca ligeiramente aberta, os caninos longos se retraindo mesmo após a morte, enquanto um dos olhos estava quase fechado devido ao inchaço. A coisa se revertia à forma humana. A pele era escura; os cabelos, longos e desgrenhados. Jack olhou para a face de um homem e, por um momento apavorante, imaginou que a risada de Fantasma viesse da boca do índio Tlingit morto.

— Não há mais nenhum — Sabine informou, a voz calma. Ela encarava Fantasma.

— Ao menos não perto daqui — acrescentou Callie. Ela avançou um passo, ainda segurando a faca de prata, e tocou a cabeça da coisa com a ponta do pé.

Jack desviou o olhar. Parecia errado aquela cabeça estar ali, como se nunca tivesse sido parte de um homem que respirava, tinha sonhos e ambições. “Sonhos anormais”, ele se corrigiu. “Ambições sanguinárias.”

Os três lobos voltavam lentamente à forma humana, observando Fantasma enquanto isso.

Fantasma relanceou o olhar para trás. Suas roupas pareciam intactas, sem nenhum rasgo. O corpo era grande, mas não deformado. Teria realmente enfrentado e derrotado aquela criatura sem se transformar? Jack não sabia, e, para ser honesto, temia a resposta.

Após o ímpeto de violência e sangue, o cenário era, de súbito, tranquilo. Nenhuma criatura da noite emitia ruídos na escuridão — talvez estivessem quietas devido ao trauma e ao temor —, e havia apenas o som do rio e da respiração pesada de todos eles. Fantasma

continuava olhando para trás, fitando as árvores e a penumbra criada por elas, observando o local de onde tinha vindo. Vukovich olhou para o rio por sobre o ombro, e o vulto do corpo decapitado de Maurilio ainda era visível sobre as pedras.

Sabine se aproximou de Jack, e ele pôde sentir quanto ela estava exausta. Torcia para que não se sentisse culpada e estava prestes a lhe falar isso, quando Fantasma enfim resolveu se manifestar:

— Sua fera me ajudou, Jack.

Jack entendeu no mesmo instante a quem ele se referia, mas perguntou mesmo assim:

— Minha fera...?

— O lobo. O *seu* lobo. — O olhar de Fantasma passou por todos eles, e seu sorriso era estranhamente terno. — Muito mais lobo do que jamais seremos, isso é certo. Um animal orgulhoso e forte. Ele pulou no pescoço do monstro quando ele me atacou, depois que fui derrubado. — Parecia um tanto chocado com o fato de uma criatura tão poderosa e misteriosa como o lobo de Jack ter surgido para ajudá-lo, e não para atacá-lo.

— Deve ter percebido algo que valia a pena ser salvo — comentou Jack.

Fantasma se aproximou da cabeça decapitada, o único olhar fixo para o alto em meio a todos eles.

— Ou foi isso ou ele desejava ver todos esses monstros mortos.

— Se alguém, homem ou animal, acha que é melhor ver todos os monstros mortos, então ele está com a razão — falou Callie.

Jack percebeu que ela ainda segurava a faca, enquanto olhava fixamente para Fantasma. Jack gostaria de poder distinguir melhor a expressão dela, pois nunca a vira tão imóvel. Como um cão de caça, ou um coelho paralisado diante da mira de um predador terrível.

— Os outros passageiros estão mortos — disse Fantasma, apontando para trás por sobre o ombro com o polegar. — Tinham elaborado um plano, mas não lhes serviu de nada. Também, não havia muito que pudessem fazer. Apenas um deles estava armado, e foi o primeiro a ser atacado. Em seguida, os demais. Antes, divertiram-se com eles um pouco. — Ele levantou a cabeça, deparando com os olhos de Callie fixos nele, e sustentou seu olhar em resposta. Jack já fora fulminado pelo olhar de Fantasma em diversas ocasiões, e admirou Callie ainda mais por não ceder. — Você não vê animais brincando com as presas desse jeito.

Estavam famintos, sem dúvida. Eu podia sentir o cheiro da fome deles do lugar onde estava escondido, só observando. Mas, de qualquer maneira, aproveitaram bastante antes.

— E você não os ajudou — disse Callie.

Fantasma sorriu e ergueu as mãos espalmadas.

— Não havia ninguém que eu quisesse salvar.

— Que tipo de criatura é você, afinal? — perguntou Callie.

— Fantasma é mais ou menos como os outros — disse Sabine, alto o suficiente para que todos pudessem ouvir.

— Não — rebateu Callie. — Não é.

Fantasma riu e caminhou até onde Louis estava, detendo-se diante dele. Fez o mesmo com Vukovich e Reverendo. Sorria e comportava-se agradavelmente, nem um pouco ameaçador, e nenhum dos homens recuou. O clima era pesado pela violência que havia ocorrido, mas uma nova ameaça parecia algo distante e improvável para Jack. Quando Fantasma enfim se aproximou dele e de Sabine — passando por Callie sem tomar conhecimento dela —, Jack se deu conta de que a situação havia mudado.

Antes, a jornada tinha girado em torno de um objetivo final. Sabine era o objetivo, a razão. Embora a aventura de voltar ao Yukon pudesse exorcizar alguns dos fantasmas de Jack, era por causa da história de Sabine, e para resolver o mistério profundo que envolvia sua existência, que tinham viajado até ali. Ademais, talvez ao longo do caminho os lobos pudessem descobrir algo mais sobre si mesmos e, no mundo selvagem, encontrassem seu lugar.

Mas, agora, a jornada importava tanto quanto o destino final. Maurilio morrera, dilacerado por um monstro que provocava uma lacuna, um vácuo na alma do mundo. Vampiros os haviam caçado, e talvez a caçada continuasse. Tinham de sobreviver para chegar a Dawson, e a partir de lá Jack não sabia aonde o destino os levaria.

Fantasma, agora compreendia, era uma parte inseparável do futuro deles. Talvez sempre tivesse sido, desde a época em que Jack sonhava que ele os havia alcançado a nado. Seus caminhos estavam destinados a se cruzarem de novo. Lutar contra esse destino, talvez, é que tivesse sido o caminho errado.

— Fantasma — disse Jack, e pôde ouvir a respiração pesada de Sabine. “Ela pode ouvir meus pensamentos”, pensou ele.

- Senhor London.
- Você nos seguiu.
- Por mais tempo do que imagina, Jack.

Jack manteve-se confiante, mesmo diante da presença imponente de Fantasma. Os lobos ofegavam e, à medida que assumiam a forma humana, faziam-no com gemidos baixos de dor, enquanto examinavam os próprios ferimentos. Havia agora uma confiança no grupo que não existia antes. No navio a vapor, quando encontravam Fantasma de vez em quando, já esperavam que algo acontecesse. Quando os ursos-polares vampirescos tinham atacado, o maior objetivo era escapar e sobreviver. Mas, em vez disso, haviam revidado e provado ser uma equipe eficiente. A perda de Maurilio fora triste, mas Jack sabia que os outros a viam como um sacrifício aceitável. Tinham sobrevivido a monstros que eram maiores, mais poderosos e, com certeza, mais terríveis que eles.

A ajuda de Fantasma não fora requisitada e, no entanto, ele dera conta de uma das feras sozinho, sem nenhuma estratégia de distração, balas ou lâminas de prata.

— Dawson fica a uns trinta quilômetros daqui — falou Jack. — Callie, você acha que existem mais desses monstros?

— Talvez — respondeu ela, ainda segurando a faca. — Quatro mortos deve ser uma perda considerável para eles, mas não são o tipo de criatura que recua para lamber as próprias feridas.

— Vão querer se vingar — disse Louis, encarando Fantasma. — E todos nós sabemos o tipo de loucura que se alimenta da vingança.

Fantasma arqueou uma das sobrancelhas, mas nada respondeu.

— Vamos o mais rápido que pudermos — falou Jack. — Pelos meus cálculos, faltam uns vinte e cinco quilômetros, talvez cinco ou seis horas de caminhada. Quando o resto do... bando, ou seja lá o que eles forem, descobrir o que aconteceu, já estaremos em Dawson.

— E depois? — perguntou Sabine. — E se Dawson... — Ela interrompeu o raciocínio, que era óbvio.

— Dawson está preparada — comentou Callie, sem dar maiores detalhes. — Jack tem razão. Ficar aqui é arriscado. Precisamos partir o quanto antes.

— Devíamos verificar se mais alguém sobreviveu — sugeriu Sabine.

— Já disse: ninguém sobreviveu. — A voz de Fantasma era suave, mas profunda. Jack achou que ele estivesse desfrutando da situação.

— Então devemos usar os mortos como comida — propôs Reverendo.
— Perdemos sangue e energia lutando.

Jack e Sabine se entreolharam. Jack sentiu a repulsa familiar alcançá-lo e, no entanto, reconhecia a necessidade que os lobos tinham de se alimentar. Sabine franziu a testa diante da hesitação de Jack em dar uma resposta, mas, ao abrir a boca para protestar, foi Callie quem falou:

— Não. Aquela comida está contaminada.

— Com a praga dos vampiros? — perguntou Vukovich.

Callie concordou.

— Mas você sabe muito bem o que somos — rebateu Reverendo.

— Não importa — disse Callie. — Talvez ingerir aquela carne não os transformasse em... outra coisa. Talvez sintam que ainda é possível suportar o sol e uma cruz pressionada contra a pele. Mas tudo o que comerem vai carregar a marca sombria deles. Ainda não sei exatamente o que vocês são, mas tenho certeza de que há algo bom aí dentro, além de algo ruim. Mas isso vai mudar se forem afetados pelo que essas criaturas são.

— Elas não são nada — disse Jack, pensando no que sentira. — São sombras em meio à escuridão. Vocês todos são muito mais que isso. Até você, Fantasma.

— Até Fantasma — concordou Sabine. Era doloroso admitir.

As sobrancelhas de Fantasma se arquearam, indicando surpresa, e o rosto mal disfarçava o prazer que sentia. Talvez fosse a primeira vez que Jack via Fantasma relaxar, um pouco que fosse, o que o deixou perplexo.

— Então vamos em frente, juntos — disse Jack.

— Querem que eu os acompanhe? — perguntou Fantasma.

— Melhor ter você com a gente do que atrás de nós — respondeu Callie com frieza.

— Fantasma — disse Jack —, esta é Callie. Acho que você vai gostar dela.

Seguiram adiante com Vukovich e Louis indicando o caminho. Fantasma vinha logo atrás, com Jack e Sabine. Por último, Reverendo e Callie, silenciosos na escuridão. O rio corria ao lado deles, ignorando os horrores que haviam emergido de suas águas e a violência desencadeada em suas margens. Sem se dar conta, carregava o presente e o futuro incessantemente. Jack inspirou seu perfume e ouviu sua música, e isso o acalmou à medida que caminhava, ajudando-o, de certa forma, a

organizar as ideias.

Porque ele sabia que a fuga — e talvez a luta — estava longe de chegar ao fim.

À medida que seguiam o curso do rio, a floresta ganhou vida de novo. Era o som de criaturas noturnas — à caça, em perseguição, acasalando ou apenas desfrutando a escuridão —, o que Jack considerou um bom sinal. Em meio ao massacre que havia ocorrido, o silêncio tomara conta da floresta, como se ela tivesse ficado perplexa e aterrorizada pelos visitantes que recebia. Talvez aqueles Tlingits vampiros, transformados nas mais poderosas criaturas, carregassem sempre o silêncio consigo e imaginassem que o único som do mundo era o dos próprios rugidos e dos gritos das vítimas.

Com a floresta vibrante ao redor deles, agora aquelas coisas aterrorizantes deveriam estar longe.

Jack tinha várias perguntas rondando sua mente, e suspeitava que Callie King era capaz de respondê-las. “De onde vieram os vampiros?” Vira a cabeça do índio Tlingit, mas haveria outros, de outras tribos, homens e mulheres, brancos e negros, vindos da multidão de aventureiros em busca de ouro? Seriam vampiros fazia quanto tempo? Sempre haviam estado ali ou vinham de regiões diferentes? Do norte, talvez, como se podia ver pela forma assustadora que tinham escolhido assumir?

“Como ela sabia deles? Qual será sua história de vida?” Jack desconfiava que Callie possuísse uma conexão mais próxima com aqueles vampiros do que qualquer outra pessoa. Percebera isso no rosto dela, no instante em que os confrontara, e no olhar dela quando a luta havia terminado. Desde então, ela parecia estar em outro lugar, muito mais distante que a luz da lua permitia distinguir.

Mas o momento atual era de sobrevivência, não de questionamentos. À medida que se moviam com rapidez em meio às árvores, Jack compreendeu que aquele mundo selvagem tinha mudado bastante desde a última vez que o vira.

Embora estivesse ciente o tempo todo da presença de Sabine a seu lado, o som do rio e o odor selvagem no ar inspiravam memórias da última vez que estivera ali. Na época, ele e os amigos Merritt e Jim

havam se esforçado para avançar ao longo do rio até que o inverno os aprisionasse. A jornada fora um desafio que quase os matara, e foram apenas a determinação e a amizade dos três que os mantiveram vivos. Isso e também o lobo de Jack, que o havia protegido no grande silêncio alvo quando ficara caído, inconsciente, cobrindo-o com cadáveres frescos de suas presas para mantê-lo aquecido. A jornada de Jack com os dois amigos tinha continuado, até o assassinato brutal de Jim pelas mãos dos traficantes de escravos.

O sangue de Jack gelou diante dessa lembrança. Não se sentia mais culpado pela morte de Jim — Merritt fizera questão de que visse a verdade, e a verdade não envolvia Jack de maneira alguma —, mas ainda carregava uma raiva imensa dos homens responsáveis pelo que acontecera. Jack havia viajado até ali para tomar a iniciativa da própria história, e aqueles homens tinham assumido o controle dela. Jack lutara para se livrar da influência deles, e, no fim, ele e Merritt triunfaram.

Dessa vez, retornava a Dawson em busca da verdade para uma outra história — a de Sabine, sua amada, uma beldade que poderia ter vida infinita. E, mais uma vez, a história de ambos já estava sendo influenciada por elementos externos. Os vampiros haviam interrompido o enredo daquela narrativa com garras e dentes, e a cor daquela história se tingira de vermelho.

Além disso, havia Lesya. Ela era parte da história de Jack, mas também alguém que podia uni-lo a Sabine para sempre. Por um instante, antes da batalha, ele imaginara que talvez ela fosse responsável pelas feras que haviam atacado o navio a vapor e seguido o grupo pela floresta. Afinal, ela havia controlado Wendigo, o desgraçado monstro que Jack tinha enfrentado na última vez em que estivera ali. Mas Lesya era o espírito de uma árvore, amiga da floresta, e aquelas criaturas vampírescas não eram amigas de nada nem de ninguém.

“Apenas escuridão”, pensou Jack, olhando por entre as árvores para um ponto que a luz do luar não alcançava. “Apenas morte.” Lembrou-se dos gritos de Tim Underwood e de seu grupo enquanto eram perseguidos, dominados e massacrados — as mulheres com seus sorrisinhos nervosos, além da garotinha que, para Jack, não deveria jamais ter vindo àquela terra primitiva.

A escuridão e a morte eram seus novos inimigos, e jurou que ele e Sabine os enfrentariam juntos.

Fizeram apenas uma parada para beber água. Foi quando Jack se deu conta de que se aproximavam de Dawson, e Callie pediu, em voz baixa, que parassem um pouco. Ela se dirigiu à dianteira do grupo, passando por Vukovich e Louis, que continuavam liderando a caminhada. Movia-se em silêncio pela floresta, e Jack percebeu que a alvorada se espalhava pelo horizonte montanhoso ao leste, tomando conta das árvores e mostrando a eles o caminho. A luz do luar era bem diferente: mais intensa, quase como se tivesse vida. Respirou fundo, aliviado. Ao lado dele, Sabine se ajoelhou, relaxando o corpo.

— Estamos perto de Dawson — disse ela, e Jack concordou.

— Não consegue sentir o cheiro? — perguntou ele. Nos últimos minutos, vinha sentindo o odor de madeira queimada e de esgoto, embora o rio carregasse detritos para longe, e não na direção deles.

— Estou cansada demais para sentir o cheiro de qualquer coisa — respondeu ela.

Jack se ajoelhou a seu lado.

— Tudo bem com você?

— Só cansada de caminhar, e me sinto fraca por estar fora do mar — disse ela. — Desde que nos conhecemos, sinto que aprendo mais sobre mim mesma todos os dias.

— Podemos descansar em Dawson. Está longe de ser um lugar tranquilo, mas ao menos vamos nos proteger melhor que aqui.

— Vamos nos proteger de quem? *Deles*? — perguntou ela, preocupada.

— Quando nós chegarmos lá, sim — acrescentou Fantasma. Ele se aproximara dos dois pelas costas e, agora, mantinha silêncio a uma dezena de passos de distância. “Esta foi a primeira vez que ele usou a palavra *nós*”, pensou Jack, mas sentia-se cansado demais para entrar em jogos de palavras com Fantasma.

Callie voltou e, de repente, parecia tensa de novo.

— Encontrei armadilhas — ela falou. — Buracos, espetos, arames... Vão ter que me seguir, pisar onde eu pisar e se mover como eu me mover. Entendido?

— Armadilhas de caça? — perguntou Vukovich.

— Sim. Para *eles*. O povo de Dawson sabe ao menos como torná-los

mais lentos. — Ela se virou e começou a andar, mas parou e olhou por sobre o ombro quando nenhum deles fez menção de segui-la. — Alguma coisa errada? — perguntou, olhando ao redor e encarando os lobos.

Nenhum deles gostava de receber ordens, muito menos depois de se livrarem de um capitão brutal como Fantasma, mas haviam começado a encarar Jack como o líder do bando. Se tinham de seguir as instruções de alguém, esse alguém era Jack.

Ele hesitou, mas não queria que o bando pensasse que não confiava naquela mulher. Callie não estava dando ordens só por dar. Qualquer suspeita que Jack tivesse de que ela os atrairia para uma armadilha de propósito teria desaparecido na noite anterior. Muita coisa ainda o intrigava com relação a Callie, mas ela não era uma mulher traiçoeira.

— Mostre-nos o caminho — Jack falou.

Quando Callie recomeçou a andar, eles a seguiram, afastando-se do rio para avançar por um caminho arborizado. Em vários momentos, ela parou para indicar armadilhas — buracos fundos cobertos com redes feitas de cordas, disfarçados com galhos e folhas secas. A certa altura, encontraram um buraco que havia sido descoberto, e Callie deteve-se por um instante, olhando para o céu nebuloso do amanhecer e desembainhando sua faca.

Louis passou por ela, ofertando-lhe seu sorriso dourado. À beira do buraco, agachou-se para verificar melhor, levantando-se em seguida.

— Alce — constatou. — E dos grandes. — Jack percebeu um lampejo de apetite no olhar de Louis e desconfiou que os lobos sentiam cheiro de sangue no ar. De qualquer modo, contiveram-se. Callie seguiu em frente, e Jack deu a Louis um aceno de gratidão.

Chegaram ao topo de um pequeno aclave, e diante deles estava Dawson. Envolvida por uma das curvas do rio. Era maior do que Jack se lembrava; um monte de prédios espalhados desordenadamente se afastava do rio, seguindo contornos mais amistosos do terreno e parecendo ter sido construídos a esmo, sem respeitar o traçado de ruas e trilhas. Somente os prédios às margens do rio pareciam seguir uma certa espécie de organização improvisada, como se os primeiros colonizadores houvessem perdido espaço para outros, ansiosos por construção e expansão. Cerca de uma dúzia de chaminés expelia fumaça em esporádicos pontos a céu aberto. Às margens do rio, barcos manobravam contra docas rudimentares, e grandes pilhas de pertences e de provisões

espalhavam-se ao longo da costa.

A maior diferença que Jack notou, no entanto, foram as estruturas que haviam sido construídas nas extremidades dos assentamentos. Em alguns locais, um muro alto feito de troncos e armações de pedra se estendia por doze metros ou mais, encimado aqui e ali por pequenas plataformas. Em outros pontos estratégicos, havia construções fortificadas de formato quadrado, de onde se tinha uma boa vista da planície em torno do rio e das árvores ao longe. Essas estruturas tinham passagem ampla, e, embora estivesse longe demais para identificar se havia armas nelas, tinha certeza de que estavam lá. “Dawson está preparada”, Callie dissera. Em vez de se sentir seguro, Jack assustou-se com o que viu — um assentamento em estado de sítio.

O sol queimava as nuvens sobre as colinas à leste à medida que Dawson despertava. Foi nesse ponto que Jack pediu a todos que parassem, observando o lugar que ele havia visitado da última vez, quase dois anos antes.

— Este era um local sem lei na última vez em que estive aqui — disse ele. Percebeu que Callie o observava, e se perguntou o que pensaria de um jovem que viajava acompanhado de gente que ela considerava ligeiramente anormal. — Mas isso não significa que tenhamos de sucumbir à selvageria.

Fantasma abriu um sorriso afetado. Jack notou, mas voltou a observar Dawson, fingindo não ter percebido. Aquele gigante ainda era um mistério para Jack, e talvez continuasse sendo para sempre. Um homem como ele — uma *criatura* como ele — carregava o mistério como se fosse um manto.

Ao se aproximarem do limiar da floresta, que dava para a planície umedecida pela água do rio, uma voz se fez ouvir:

— Parados aí! Larguem as armas e não se mexam nem façam movimentos bruscos, se não quiserem o rosto cravejado de balas.

Jack ficou imóvel e olhou ao redor, tentando identificar de onde vinha a voz. Callie estava mais à frente, virando a cabeça de um lado para o outro, esquadrinhando a vegetação rasteira que os cercava. Os lobos, no entanto, levantaram a cabeça. “Estão farejando”, pensou Jack, enquanto também se voltava para a copa da árvore.

Cordas estavam enroladas em vários troncos, pintadas para se camuflarem à casca das árvores. Mais para cima deles, parcialmente escondidos por galhos mais baixos, havia ninhos feitos de gravetos e folhas. Lembravam a cobertura dos buracos pelos quais tinham passado havia pouco, só que escondiam coisas bem diferentes.

— Quem são vocês? — a voz perguntou. Jack se virou um pouco, tentando ver de onde vinha a voz. Imaginou quantas pessoas deviam passar a noite ali, montando guarda e prontas para dar o alerta caso algo se aproximasse pela floresta. E imaginou também se essa seria uma atividade coletiva em Dawson, ou se era a iniciativa de apenas alguns indivíduos. Os muros e as guaritas que tinha visto ao redor da cidade pelo jeito haviam dado trabalho para ser construídos, mas ainda devia haver aqueles cuja única preocupação era o ouro.

— Callie King — a caçadora respondeu. — Vim da Dakota do Sul para visitar Len Truman. Vocês estão enfrentando um problema, e ele acredita que eu possa ajudar de alguma forma.

— É mesmo? Como a gente vai saber se você não é parte do problema?

— Porque está de dia, que tal? — gritou ela, perdendo a paciência. Jack deu uma olhada para Sabine, e ambos trocaram um sorriso nervoso.

— Quem são os outros?

Callie se virou para os demais — Jack, Sabine, os lobos, Fantasma. Jack percebeu que os lobos estavam tensos.

— São meus amigos — respondeu Callie com tranquilidade. — Passamos por maus bocados na noite passada. Com a ajuda desse pessoal, sobrevivemos a quatro malditos sugadores de sangue. E... — ela coçou a cabeça e, de repente, pareceu constrangida —, além do Fantasma aqui, o único nome que sei com certeza é o de Jack London.

— Jack? — falou outra voz vinda das árvores.

— Quem é você? — perguntou Jack. Então, a nove metros de distância, perto de Louis, uma corda se desprende de uma árvore para se desenrolar até o chão, enquanto alguém descia por ela.

— Jack London! — berrou o garoto. Ele saltou os últimos centímetros até a superfície e correu em disparada, passando por Louis sem deixar de lhe lançar um olhar curioso e voando em direção a Jack. A princípio, Jack não reconheceu Hal Sawyer e, quando conseguiu identificá-lo, ficou chocado com a mudança que se operara nele. O menino havia se tornado

um homem e ganhado algumas cicatrizes nesse processo.

— Hal! — disse Jack. — Que bom ver você!

— O que está fazendo aqui? — perguntou ele. — Não tinha se cansado de viver neste inferno?

Jack segurou os braços de Hal e soltou um profundo suspiro.

— Vamos todos para Dawson — propôs Jack. — Precisamos de comida e de bebida e, antes de descansarmos, tenho certeza de que você tem uma história para me contar.

— Uma em que mal consigo acreditar — disse Hal. Várias outras cordas se desprenderam das árvores, e um comitê de recepção veio ao solo para acompanhá-los a Dawson.

CAPÍTULO SETE

ABOMINAÇÕES DA NATUREZA

Uma vez que o dia havia começado de fato, com pessoas ganhando as ruas, Dawson não parecia tão diferente da cidade que Jack deixara para trás. O ar foi tomado por ruídos de construção — golpes de martelos e serras em funcionamento — e pelo cheiro de serragem misturado ao odor marcante de cerveja fermentada e rançosa, que recendia dos bares por que passavam à medida que caminhavam pela cidade. Mas essa era uma ilusão passageira de normalidade, que logo desapareceu quando Jack prestou atenção no trabalho que era executado ao redor. Torres de vigilância estavam sendo construídas nos limites da cidade, mais altas que todas as demais estruturas. Um trio de carpinteiros trabalhava arduamente em caixões feitos de tábuas de pinheiro recém-cortado — dedicando-se sombriamente a fazer o maior número possível, para atender à demanda. Havia armas por toda parte, e todos os moradores de Dawson tinham um olhar assustado, apesar do sol que se arrastava lentamente pelo céu de verão.

Dawson estava sitiada.

Havia outros indícios do temor que tomava conta das ruas. Jack sabia que quase todo mundo na cidade havia chegado ao assentamento com a esperança de encontrar ouro ou montar um negócio que pudesse lucrar com o ouro alheio. Mas Jack não viu sequer um grupo de garimpeiros saindo de Dawson em busca de seus objetivos. Como *não* buscar seus objetivos pode ser encarado como tê-los *abandonado*, a única coisa capaz de impedir esses homens de buscar riqueza seria um terror mortal. Estavam com medo de morrer.

Hal já havia contado parcialmente aqueles fatos, mas constatar a melancolia silenciosa do medo pairando sobre a cidade tornou tudo mais real.

— Ainda não consigo acreditar que você está aqui — disse o garoto, balançando a cabeça enquanto acompanhava Jack, Callie, Sabine e os lobos pela cidade. — Poderia até dizer que estou surpreso de você ter chegado até aqui vivo, apesar daqueles demônios, mas, depois de tudo pelo que passou, não fico nem um pouco admirado.

O olhar de Jack deslizou por Louis, Vukovich e Reverendo. Eles pareciam inquietos, examinando com cuidado os habitantes de Dawson — todos aqueles humanos amedrontados não hesitariam em partir para a violência se soubessem a espécie de criatura que caminhava entre eles, não importando de que lado os lobos estivessem.

— Nem todos nós sobrevivemos — disse Jack com pesar.

Uma sombra encobriu a expressão de Hal.

— Sinto muito. Mas é assim que as coisas funcionam ultimamente.

— Você falou de “demônios” — observou Jack. — É contra isso que as pessoas acham que estão se protegendo?

Hal coçou a barba rala de seu queixo jovial.

— Existem vários palpites, a maioria deles expressa aos sussurros, mas “demônios” é o que mais se ouve. — Ele baixou o tom de voz. — Nunca mencionei nada sobre você e Wendigo, mas, depois do que me contou, não acho difícil acreditar em demônios, Jack. Garimpeiros foram encontrados mortos nos acampamentos. Há gente que sai em busca de ouro e nunca mais volta. Nos últimos dois meses, mais de trinta pessoas, na maioria mulheres e crianças, desapareceram no meio da noite, e alguns homens apareceram mortos pela manhã, pálidos como fantasmas, com ferimentos no pescoço, mas sem nem uma gota de sangue ao redor deles. Se você tem um nome melhor para criaturas que conseguem fazer tudo isso, ficaria feliz em saber. Ainda mais se tiver alguma ideia de como acabar com elas.

— Não tenho — respondeu Jack, mas, gesticulando para a esquerda, apontou Callie, que acompanhava Sabine. — Mas a Callie ali, com suas armas e esse olhar concentrado... Seria capaz de apostar que ela tem algumas ideias que podem ajudar vocês. As coisas que nos caçaram na escuridão são chamadas de vampiros, Hal. E, embora Callie não esteja tão disposta a dar informações como eu gostaria que estivesse, parece que ela veio da Dakota do Sul para Dawson com o único propósito de matar esses monstros.

— Bom, nesse caso, acho que Dawson vai recebê-la com muita

alegria.

Hal tinha mudado. Jack ainda o via como um garoto, mas, aos dezesseis anos, tinha começado a encorpar e era quase tão alto quanto ele. A alegria de ver Jack fizera Hal parecer um menino à primeira vista, mas agora uma luz sombria brilhava no olhar dele e havia uma expressão de sagacidade em seu rosto, indício do testemunho de fatos que tinham acabado com sua inocência.

Jack olhou por sobre o ombro. Fantasma continuava lá atrás, no encalço deles, alternando-se entre prestar atenção em Sabine e observar a cidade com curiosidade. Agia como se fosse imbatível, sem nenhum resquício da cautela que os outros lobos demonstravam. À esquerda de Jack, Sabine e Callie conversavam baixinho. Jack se sentia bem com a presença de Callie. Aliás, Fantasma parecia menos disposto a assombrar Sabine exatamente porque Callie estava ao lado dela.

“Não permita que isso termine em sangue”, pensou Jack. “Temos outras criaturas contra quem lutar.”

Como se Fantasma tivesse ouvido os pensamentos dele, o capitão gigantesco o encarou e sorriu. Jack voltou a olhar para a frente, ignorando-o. Ele e Fantasma tinham se acostumado a poupar a vida um do outro, e, agora que o ex-capitão parecia disposto a explorar o que restava de humanidade dentro dele, Jack odiaria ter de matá-lo. Mas, se a obsessão de Fantasma por Sabine a ameaçasse de alguma maneira, ele o mataria sem pensar duas vezes, sem remorso — ou morreria tentando.

— O mercado de Truman está logo ali — disse Hal, apontando para um prédio de dois andares. Estavam a três quadras do rio, numa rua transversal que não existia um ano antes. Dawson ainda não era grande, mas estava em crescimento. Ou *estivera* em crescimento, até surgirem os vampiros.

— Não sei por que o senhor Truman não aceita chamar de loja de ferragens — disse Hal. — Já estive em algumas, e não há dúvida de que é isso que ele vende.

A construção era recente, mas parecia ter uma estrutura mais sólida que as demais levantadas ao redor. Len Truman gastara tempo e dinheiro para que o trabalho fosse feito de maneira adequada. Até mesmo a placa com as letras decoradas acima da porta era um sinal do cuidado que dedicava ao próprio negócio. Jack sabia que muitos viam Dawson como uma oportunidade, mas Len Truman não parecia ser do

tipo aproveitador. Havia decidido construir sua vida ali e, quando o terror e o caos tinham lançado suas sombras sobre a cidade, procurara a ajuda de Callie King. Jack ainda não sabia toda a história dela — como conhecia tanto sobre vampiros e o modo de acabar com eles —, mas era óbvio que Truman sabia.

Louis chamou a atenção de Jack ao chegarem à porta de entrada da loja, puxando-o para o lado a fim de conversarem em particular.

— Você não precisa de nós para isso, *mon ami* — disse ele, indicando Vukovich e Reverendo. — Vamos a um hotel arranjar alguns quartos. A ideia de tomar um banho me parece muito boa. Melhor até que a ideia de Vukovich tomar um banho. Uma nuvem fedorenta o acompanha por toda parte.

Louis sorriu ligeiramente, e Jack ponderou que seu dente de ouro jamais pareceria tão comum quanto ali, em Dawson, onde a população vivia e respirava pelo ouro.

— Obrigado, Louis — disse Jack. — Vamos assim que Callie conversar com o senhor Truman. Poderia reservar um quarto para ela também?

— Claro — respondeu Louis. Em seguida, seu olhar pousou em Fantasma. — Está preocupado com ele? Quer que um de nós fique aqui?

Fantasma não prestava atenção neles. Estava postado nos degraus da entrada do mercado de Truman, curioso e impaciente. A presença de vampiros parecia alimentar o interesse dele, e Jack não estava surpreso com isso. Fantasma se dispusera a deixar para trás o passado como predador, mas agora havia descoberto outras presas — criaturas que podia matar sem medo de comprometer os esforços que fazia no sentido de se tornar mais humano.

— Ele vai se comportar — falou Jack, certo do que dizia.

Ele e Fantasma encontravam-se em um duelo mental desde a primeira vez que se encontraram. Jack o derrotara, mas Fantasma ainda estava vivo. Se o lobo do mar chegasse à conclusão de que não queria mais buscar uma nova maneira de viver a vida, seu primeiro ataque seria psicológico, e não físico. Jack estava certo disso.

— Se você diz... — falou Louis, lançando um olhar desconfiado para Fantasma.

— Pode ir. Tome um banho. E descanse um pouco, se conseguir — Jack recomendou.

Louis não precisava ouvir mais nada. Fez um sinal para Reverendo e Vukovich, e os três ex-piratas seguiram para a rua principal, virando à direita, rumo ao hotel de Dawson. O pouco que haviam conseguido salvar do navio a vapor, carregavam às costas. Jack não estava preocupado. Assim que deixassem Dawson rumo ao norte, os lobos poderiam caçar à vontade, e Jack sobrevivera antes no mundo selvagem usando apenas sua sagacidade. O que o preocupava era Sabine. Teriam de caminhar à beira do rio pelo máximo de tempo que conseguissem. Temia que, quando tivessem de se afastar da água, ela ficasse fraca demais para viajar por uma longa distância. Como os limites dela ainda precisavam ser testados, esperava que a amada fosse capaz de encontrar uma forma de prosseguir.

— Vamos ficar parados aqui, senhor London? — perguntou Fantasma, desafiador.

— Bom, eu não vou — respondeu Callie. Ajeitou o cinto em que carregava a arma e subiu os degraus para entrar na loja.

Fantasma deu um sorriso forçado ao lhe abrir a porta, quase um cavalheiro. O sorriso desapareceu, no entanto, quando se deu conta de que a porta não abria.

— Está fechada — disse Fantasma, encarando Hal como se o acusasse de algum crime.

— Isso é estranho... — falou Hal. — Embora ainda seja cedo.

— A loja não tem um horário fixo? — perguntou Sabine. Mesmo pálida e exausta, ainda apresentava uma beleza radiante, um ponto de luz em meio à penumbra cinzenta que encobria Dawson.

— Muita coisa mudou nos últimos meses — disse Hal. — Ninguém mais sabe o que é fixo. Mas os Truman moram em cima da loja. A escada fica nos fundos. A menos que queiram ir primeiro ao hotel e depois voltar...

— Filho, eu estive em barcos, trens e carroças, matei alguns esquimós, que na verdade eram ursos-polares vampirescos e esquisitos, para chegar aqui e falar com Leonard Truman. Ele me garantiu uma quantia razoável de dinheiro e a diversão de matar mais alguns desses malditos sugadores de sangue, que acabaram com o meu marido. O que menos desejo agora é um banho ou deitar a cabeça em um travesseiro confortável. — Dito isso, Callie desceu os degraus e contornou a loja, deixando os outros para trás.

— Tudo bem — respondeu Hal, com um sorriso. — Acho que vamos ter que acordar os Truman, então. — E correu para alcançar Callie.

Enquanto Jack e Sabine faziam menção de segui-lo, Fantasma se aproximou.

— Gosto dela — comentou.

— É claro que gosta — Sabine falou em voz baixa. — Ela é uma *caçadora*.

Assim que Hal bateu com força à porta que ficava no topo da escada dos fundos, Jack ficou pensando que eles pareceriam assustadores para alguém que desse uma olhadela pela janela, vendo aquele grupo heterogêneo. Ele e Fantasma estavam com a barba por fazer e exibiam uma aparência selvagem, e Callie, através dos vidros encardidos da residência dos Truman, passaria por um camponês generosamente armado. Por isso, não foi surpresa nenhuma quando a batida à porta demorou a ganhar uma resposta.

Jack observava as cortinas da janela à espera de um sinal qualquer, mas nada parecia se mexer do lado de dentro.

— É cedo demais — disse Sabine. — Existe alguma igreja em Dawson? Talvez os Truman estejam no culto.

Callie riu com desdém.

— Len pode ter mudado um pouco desde que se casou, mas o homem nunca entrou numa igreja. Acho que sofreria combustão espontânea se entrasse.

Considerando a ameaça que enfrentavam, ninguém riu da piada, e, quando Callie parou para pensar no que dissera, não havia mais nenhum sinal de humor na expressão dela.

— Consegue sentir a presença de alguém? — Jack perguntou a Sabine, mas ela apenas balançou a cabeça em uma negativa com um olhar assustado, e ele se deu conta de que a pergunta tinha sido tola. A magia que possuía, fosse qual fosse, só permitia entrar na mente das criaturas dentro da água — e o rio havia ficado para trás.

— Bata de novo — disse Jack, embora Hal já tivesse dado diversas batidas na porta

A testa de Hal se enrugou.

— Acho que não tem ninguém...

O barulho da tranca fez todos recuarem — todos, menos Fantasma. A porta se abriu como se fosse impelida por uma brisa, apenas o suficiente para um rosto pálido e magro espiar por trás dela.

— Menino, vá embora — a mulher falou, tensa, o olhar dela movendo-se com rapidez de Hal para Jack, passando pelos demais. Ela fechou a porta alguns centímetros.

— Belle, a gente precisa falar com o Len — disse Hal. — A loja não está aberta. Ele está doente ou algo assim?

A mulher assentiu com um único gesto de cabeça.

— Algo assim. Ele não está se sentindo bem para falar com ninguém. Vá embora, filho. Falo para ele que você esteve aqui.

Ela fez menção de fechar a porta, mas Jack se aproximou, postando-se ao lado de Hal, e esticou o braço para evitar que a porta se fechasse por completo.

— Senhora Truman, abra a porta — ele pediu. Um som sibilante fez Jack se virar, e ele viu Fantasma farejando, intrigado com o que quer que tenha sentido no ar.

— Tem alguma coisa errada — disse Callie, uma das mãos na pistola enquanto se aproximava de Jack e Hal no patamar da escada. — Senhora Truman, Belle, sou eu, Callie King. Len entrou em contato comigo pedindo que eu viesse a Dawson. Ele me contratou para ajudar a resolver o problema que está tomando conta da região.

— Sei quem você é. — A voz da mulher era seca como o farfalhar de uma folha velha de papel. — Ele errou ao chamá-la aqui. Você não é bem-vinda. Agora... por favor...

As últimas palavras foram quase soluçadas. Jack relaxou a pressão contra a porta, pensando que teriam de discutir como proceder a partir daquilo. Com um rosnado baixo, no entanto, Fantasma passou por todos eles e abriu a porta com um empurrão, a força dele nocauteando Belle Truman, que se estatelou no chão de madeira.

A pálida mulher começou a choramingar, debatendo-se para evitar o retângulo de sol formado pela porta aberta. Um calafrio percorreu a espinha de Jack enquanto prestava atenção nela. Na parede do fundo da sala de estar em que haviam entrado, Belle buscou apoio, tentando se levantar, meio de costas para eles, vestida com uma camisola grossa de algodão salpicada com gotículas de um vermelho-escuro. Apenas um dos olhos conseguia enxergar através do véu de cabelos brancos

desgrenhados que lhe cobriam o rosto, e os observava em um misto de medo e repugnância.

— Vão embora! — ela vociferou.

Sabine foi até ela, e Jack pôde sentir genuína empatia irradiando da amada. Esticou o braço, entretanto, para evitar que se aproximasse da mulher.

— Espere.

— Ela está doente — protestou Sabine.

— Vi algo assim uma dúzia de vezes — disse Callie, a voz baixa. — Pode acreditar em mim: ela não está doente. Pelo menos, não doente do jeito que você imagina.

— Ao menos... fechem a porta... — pediu Belle Truman, a voz triste, parecendo derrotada. Envolveu o corpo com os próprios braços, trêmula e incapaz de encará-los.

Fantasma bateu a porta com o mesmo ímpeto com que a abrira. Farejava o ar na residência de dois andares.

— Belle, onde está Len? — perguntou Hal, olhando cautelosamente ao redor da sala de estar.

A mulher começou a falar, mas pareceu prestes a perder os sentidos, apoiando-se na parede. Depois, cobriu a boca com a mão trêmula e passou a choramingar, lágrimas escorrendo-lhe pelas bochechas. Jack reconhecia a tristeza quando estava diante dela, mas a aflição de Belle não era constituída só de pesar. Ela dava a impressão de querer gritar ou sair correndo dali, e a maneira como evitava o olhar deles evidenciava uma vergonha terrível. Deslizou a mão da boca até o pescoço.

Belle sussurrou algo que Jack não entendeu.

— O que ela disse? — perguntou Hal.

Fantasma rosnou baixo:

— Ela disse: “Ele estava com tanta fome...”.

Jack teve a impressão terrível de que ela não falava do marido. Virou-se para Fantasma.

— Vá lá dar uma olhada.

— Está me dando ordens agora, Jack? — perguntou Fantasma. — Quero dizer, agora que você é capitão?

— Não estamos num navio — respondeu Jack. — Não existe um capitão. Se quiser ficar com a gente, faça a sua parte.

Fantasma inclinou a cabeça para o lado e deu de ombros, como se

tivesse achado a proposta razoável. Atravessou a sala de estar a passos largos, cada um deles carregado de um poder animalesco.

— Não preciso olhar nos quartos — disse ele aos demais. — Sinto o cheiro dele desde que subimos os degraus.

Pouco depois, Fantasma voltou, carregando o cadáver de um homem magro com cerca de cinquenta anos. A garganta de Len Truman fora esfaqueada, mas a pele dilacerada estava curiosamente pálida. Manchas de sangue marcavam o camisolão, mas em quantidade bem menor do que se poderia esperar.

— Ele ainda estava na cama — disse Fantasma. — Foi onde o atacaram, provavelmente.

Ninguém lhe pediu nenhuma explicação adicional. As circunstâncias da morte de Len Truman estavam claras. Um vampiro o havia assassinado enquanto ele dormia. Jack analisou a mulher do comerciante morto e avançou dois passos em sua direção.

— Não — sussurrou ela, balançando a cabeça, como se tivesse medo de Jack. Mas ele sabia que não era violência que ela temia. Não agora.

— Por essa eu não esperava — comentou Callie. — Fiz uma viagem longa até aqui. Se não receber o que combinei, não tenho como voltar para casa.

Sabine fez um sinal para Callie se calar, aproximando-se de Belle Truman, que recuou a princípio, mas depois permitiu que ela a tocasse. Com um olhar sombrio, Sabine pegou a mão de Belle, fazendo seu pescoço ficar à mostra, virando-a um pouco, de modo que a luz vinda das cortinas revelasse dois ferimentos pequenos na garganta, cobertos por uma película de sangue coagulado.

— Por que a poupavam? — perguntou Sabine, olhando para Callie.

— Alguns, eles matam. Outros, sugam por um tempo, deixando-os fracos e atordoados. Ser usado dessa forma mexe com a cabeça das vítimas, como se estivessem sob uma espécie de encantamento — explicou Callie. Depois, virou-se para Jack. — Mas eles vão voltar. Sem dúvida. Assim que sentem o gosto de sangue, podem até pegar um pouco de cada vez, mas acabam levando tudo. Não é apenas sangue o que eles bebem; é a vida.

As lágrimas começavam a secar no rosto de Belle Truman. Jack pensou ter visto uma centelha de esperança em seu rosto e, por um momento, acreditou que ela se sentia aliviada por terem vindo ajudá-la.

Mas então ela o encarou, e a animosidade desafiadora em seu olhar deixou claro que estava enganado. Foram as palavras de Callie que lhe tinham dado esperança. Agora que tiveram contato com um vampiro — que seu sangue fora sugado por um deles —, estava ansiosa para que ele voltasse. Algo nesse processo já começara a corrompê-la.

— Vão embora — disse ela, curta e grossa.

— Precisamos falar com o xerife — sugeriu Hal. — Jack, você vai atrás dele? Não quero deixá-la sozinha.

Jack concordou. Não conseguia concluir em que proporção o poder maligno do vampiro havia infectado Belle Truman, mas Callie estava lá com seu conhecimento e suas balas de prata. Se surgisse alguma espécie de perigo, ela o enfrentaria. Quase pedira a companhia de Sabine, apenas para mantê-la longe de Fantasma, mas percebera o modo como o lobisomem encarava os ferimentos no pescoço de Len Truman. Ele carregava o cadáver como se fosse um bebê delicado, porém encarava os ferimentos com uma fome diabólica.

— Fantasma, por que não vem comigo? — convidou Jack.

O ex-capitão lançou-lhe um olhar sombrio.

— Está com medo de se perder pelo caminho?

— Largue esse corpo e venha comigo!

Jack observou Callie, que notara a tensão entre os dois e deslizara a mão até pousá-la sobre a arma presa ao lado direito do quadril. Fantasma percebeu o movimento dela e sabia que tipo de bala havia naquela arma.

— Você não é rápida o bastante, mulher! — ele rosnou. — Acredite em mim.

Ainda assim, largou o cadáver de Len Truman no chão de madeira, com o qual ele colidiu emitindo um ruído de osso ao se quebrar. Passou pelo morto e dirigiu-se à porta sem olhar para trás.

— Vai ser rápido — disse Jack, encarando Sabine fixamente antes de ir atrás de Fantasma.

Ele alcançou o enorme homem que se movia pesadamente escada abaixo, mas não disse nada conforme caminhavam pela rua principal. Quando Jack virou à direita, indo na frente rumo ao escritório do xerife, Fantasma soltou uma risadinha.

— Qual é a graça? — perguntou Jack.

— Você — respondeu Fantasma, balançando a cabeça e parecendo se

divertir. — Não pode me transformar num humano, Jack. E também não pode me domesticar.

— De fato, não posso — concordou Jack. — Mas me pergunto se ao menos você poderia ser civilizado.

Fantasma não respondeu. Quando Jack voltou a prestar atenção nele, viu que sua expressão era contemplativa, como se refletisse sobre a questão.

Na última vez em que Jack estivera em Dawson, o xerife era um homem chamado Forster, um sujeitinho tosco e não muito higiênico, com um bigode ridículo. Sua pele tinha a aparência de couro, e emanava dele um odor corporal poderoso o suficiente para matar falcões que o sobrevoassem, fazendo as aves sucumbirem em um mergulho mortal ao chão. Esperando encontrar Forster, Jack se sentiu aliviado quando entrou com Fantasma na cadeia para descobrir outro homem usando o distintivo. Bastou uma olhada para Jack saber muito a respeito do xerife atual. Com um metro e setenta, seria mais alto não fosse a curvatura nas costas, que lhe impunha uma postura arqueada o tempo todo. Devia ter uns cinquenta anos, os cabelos tornando-se ralos, mas o bigode era muito mais impressionante do que o de seu antecessor. A barriga era uma circunferência ampla, como se nunca houvesse deixado um prato de comida sequer para trás. Ainda assim, em vez de fazê-lo parecer ridículo, a forma de barril lhe dava um ar magnífico. Jack já vira braços grossos como os daquele xerife, mas somente em estivadores de Oakland e de San Francisco.

— Quem são vocês? — perguntou o xerife, parando de martelar um prego na parede, presumivelmente para pendurar o quadro que estava em cima de sua mesa.

Jack pensou em esticar a mão para cumprimentá-lo, mas o xerife segurava o martelo e, de qualquer forma, não parecia muito interessado em formalidades.

— Meu nome é Jack London — apresentou-se. — Este é Fantasma Nilsson. É a segunda vez que venho a Dawson, mas a primeira de Fantasma. Acabamos de chegar com um grupo pequeno de pessoas, todos os passageiros que restaram do navio *Fort McGurry*.

O xerife fez uma careta, como se estivesse a ponto de praguejar

rudemente, mas se conteve. Dava para notar como apertava com força o cabo do martelo.

— Suponho que não tenham sido atacados por bandidos ou piratas — falou o xerife.

Jack viu Fantasma sorrir à menção da palavra *piratas*, mas felizmente o ex-capitão não disse nada.

— Acho que o senhor sabe exatamente o que nos atacou — disse Jack. — Eles nos perseguiram durante a noite e mataram várias pessoas que estavam com a gente. Tivemos sorte de chegar vivos a Dawson.

— Não foi apenas sorte — constatou o xerife, cofiando o bigode espesso e comprido. — Foi um milagre. Está enganado, senhor London. Há muitos boatos sobre o que está acontecendo, sobre o que invade a cidade durante a noite, mas *saber* o que é, eu não sei.

— Não é só isso — acrescentou Fantasma, a voz grave. Ele media o xerife de alto a baixo. Jack constatou que Fantasma, mesmo com aqueles ombros tão largos e todos aqueles músculos, olhava para o xerife com respeito.

— Sempre tem mais, não é? — perguntou o xerife, largando o martelo e os pregos sobre a mesa para prestar atenção neles, pronto para cumprir sua obrigação, fosse ela qual fosse.

— Uma mulher que viajou com a gente, Callie King, foi contratada por Len Truman para vir a Dawson e ajudar vocês com... esse problema que estão enfrentando — explicou Jack. — Parece que ela enfrentou algo parecido antes, e Truman sabia disso. Nossa primeira parada foi na loja dele, que ainda estava fechada. Batemos na casa e encontramos Len morto, e a mulher... doente.

— Filho da mãe! — praguejou o xerife, balançando a cabeça com tristeza. Jack percebeu uma fagulha de suspeita no olhar dele, que se fixou nos dois para analisá-los com maior atenção, demorando-se mais em Fantasma. — Como sei que...

— Não tem como saber — avisou Fantasma, interrompendo-o. — Mas nós deixamos um pessoal com a senhora Truman, entre eles um rapaz chamado Hal Sawyer, que é amigo de Jack. Se a palavra dele tiver algum valor para o senhor, ele pode falar em nosso favor. Caso contrário... o senhor pode tentar nos prender.

O xerife se empertigou diante do desafio lançado por Fantasma. Este deu um sorriso forçado, como se desejasse que o homem de fato tentasse

prendê-los por suspeita de assassinato, e por um instante Jack pensou que o xerife faria isso, não porque realmente suspeitava deles, mas porque parecia ser o tipo de homem que não estava acostumado a ser desafiado daquele jeito. Uma das regras que Jack havia adotado para sua vida era muito simples. Tinha aprendido nas ruas, quando era um menino de nove anos, com um valentão que cobiçava a luva de beisebol que Jack encontrara no sótão da casa em que ele, a mãe e a irmã moravam. “Não cutuque onça com vara curta”, o valentão dissera, “a não ser que esteja preparado para enfrentá-la.”

Jack tinha quebrado vários dentes do valentão naquele mesmo dia, mas isso não diminuía a sabedoria daquelas palavras. O problema ali era que o xerife imaginava ser a onça. Uma vida inteira dedicada à lei havia tornado essa suposição um impulso natural, mas naquele instante ela poderia ser letal.

— Xerife, compreenda — disse Jack, colocando-se entre os dois. — Não fazemos parte disso. A única razão para termos nos envolvido é que estávamos no mesmo navio que Callie King e queríamos levá-la em segurança até seu destino. Mas voltaremos à casa dos Truman e responderemos a todas as perguntas que o senhor tiver. Depois disso, um banho e um jantar seriam perfeitos para nós dois. Sei que as noites aqui são curtas nesta época do ano, mas a noite passada pareceu interminável.

O xerife pareceu se acalmar com essas palavras. Ficou pensativo por um momento, depois assentiu. Com uma das mãos segurando o cinto com a arma, estendeu a outra.

— Walrus Killebrew.

— É um prazer conhecê-lo, Walrus — disse Jack, cumprimentando-o.

— Minha mãe me batizou como Walter, mas o pessoal acha que Walrus^[1] soa melhor — disse o xerife Killebrew, arqueando uma das sobancelhas. — Melhor não dizer o que está pensando. — Relanceou o olhar para Fantasma. — E quanto ao senhor? De onde veio esse nome?

Fantasma o cumprimentou, e os dois homens continuaram a se medir.

— Eu deveria estar morto — disse Fantasma. — Mas, de alguma forma, ainda estou aqui.

— Companheiro, acordo todos os dias pensando a mesma coisa — afirmou o xerife Killebrew, segurando com um pouco mais de força a

mão de Fantasma antes de largá-la.

Um respeito estranho, relutante, pareceu se formar entre eles como uma espécie de trégua, embora Jack pensasse que ambos ficariam de olho um no outro. Xerife Killebrew se virou para Jack e fez uma pausa, reflexivo.

— Não sei o que são... essas coisas — disse o xerife. — Mas existe ao menos um homem que acha que sabe. Imagino que Hal tenha contado a vocês que várias pessoas em Dawson culpam os índios. Dizem que os Tlingits convocaram os demônios para atuar contra nós porque estamos arrancando o ouro da terra dos ancestrais deles. Mas existe um sujeito chamado Kikono, um tipo de xamã para os Tlingits, que tem uma história interessante para contar.

— E qual é? — perguntou Fantasma, coçando a barba, os olhos azuis tomados pela curiosidade.

— Pergunte você mesmo — falou o xerife Killebrew, indicando a porta atrás de si. — Ele está ali, numa das celas.

— O que ele fez? — perguntou Jack.

— O maldito precisa de proteção — explicou o xerife Killebrew, suspirando como se estivesse verdadeiramente tenso, algo que Jack não havia percebido. — Do jeito que todos estão apavorados, metade da cidade acha que matar Kikono é uma ótima ideia. Pensam que foi ele quem convocou os demônios contra nós.

— Você acredita nisso? — perguntou Fantasma.

O xerife Killebrew abriu um sorriso.

— Até uns dois meses atrás, o maior problema que Kikono havia causado em Dawson tinha sido beber até cair do banco no bar. Ele pode ser um velho louco, mas é muito tranquilo. Os únicos demônios que costuma convocar são os que estão dentro da garrafa de uísque.

Jack ficou intrigado, mas estava preocupado com a demora ali. Sabine e os outros começariam a se perguntar o que havia acontecido.

— Não é melhor voltarmos ao mercado primeiro? — perguntou ele.

Uma expressão sombria e triste tomou conta do rosto do xerife. — Uns minutos a mais não vão deixar Len Truman mais morto do que já está.

— Eu me lembro de você — disse Jack.

O velho índio Tlingit tinha levantado a cabeça ao ouvi-los se aproximarem, e um lampejo de memória fulminou Jack. Conseguia ver o homem no bar contando histórias sobre os mitos e as lendas de seu povo para o bando que havia chegado a Dawson em busca de ouro. Tentava alertá-los sobre o risco de encontrar, no mundo selvagem, coisas que não procuravam. Jamais conhecera o nome do homem. Todo mundo se referia a ele como “velho índio louco” ou apenas “bêbado”, embora este último nome não fosse muito específico, levando-se em conta a quantidade de bêbados que havia em Dawson. Afinal, tratava-se de um lugar de mágoas e fracassos.

A testa de Kikono se enrugou ao analisar Jack, enquanto o xerife destrancava a cela e abria a porta.

— Não conheço você — respondeu Kikono —, mas me parece familiar, como se já o tivesse visto.

— Meu nome é Jack London.

O velho ficou em silêncio, num estado contemplativo, e por fim deu de ombros. Não importava a memória que perseguisse, tinha desistido dela. Porém, quando Jack e Fantasma entraram na cela, Kikono franziu a testa ainda mais. Farejou o ar e estendeu a mão espalmada.

— Parado aí! — disse a Fantasma.

— Está falando comigo? — perguntou o ex-capitão, intrigado.

Kikono olhou para o xerife.

— Seria melhor que ele estivesse fora da cela ou dentro de uma só para ele.

— Conhece este sujeito? — perguntou o xerife Killebrew.

— Não — respondeu Kikono, encarando Fantasma com frieza. — Mas conheço o tipo.

— Ele é um homem tranquilo — disse Jack, embora todos percebessem como a voz dele hesitava com uma pontada de incerteza. — Somos todos amigos aqui.

Kikono abriu um sorriso diante do absurdo que tinha ouvido.

— Por que estão aqui?

— Muita gente morreu ao nosso redor na noite passada — contou Jack. — As coisas que os mataram pareciam ursos-polares. Um deles teve a cabeça cortada e depois disso ficou parecido com um homem. Uma amiga nossa disse que são vampiros. O xerife afirma que você sabe o que essas criaturas são realmente.

Kikono fungou e concordou com a cabeça.

— Já tinha ouvido a palavra “vampiro”. É um termo tão bom quanto qualquer outro. Na verdade, são espíritos ancestrais. Amaldiçoados. Infiltram-se pelas brechas do mundo e caçam pessoas. Esses espíritos sanguinários conseguem invadir as pessoas do mesmo jeito que invadem o mundo, e usam o corpo das vítimas como se fossem roupas, mas não são as próprias pessoas. Uma vez, vários índios Tlingit foram mordidos por eles... levados por eles. Durante anos, foram mantidos a distância, devorados ou assassinados, ou ainda escondidos em cavernas pelo mundo afora, devido ao medo de uma maldição pior: a de um homem condenado a ser um monstro.



Jack sentiu um nó se formar no estômago. Ouviu Fantasma grunhir e percebeu que o imenso pirata ficara em estado de alerta, a cabeça inclinada ligeiramente, prestando atenção em Kikono de maneira incisiva.

— Wendigo — disse Fantasma. — Está falando de Wendigo. Ele os

manteve longe desta região?

Jack prendeu a respiração.

— Sim — o velho Tlingit falou. Tinha o olhar triste, denotando misteriosa sabedoria. — Wendigo. O homem amaldiçoado. É claro que ele matou muitos homens, mulheres e crianças, mas mantinha-se em território próprio. Ele se foi, e agora os espíritos sangrentos movidos pela fome, a quem você chama de vampiros, têm a liberdade de matar quanto quiserem, alimentando-se do sangue de alguns e arrancando o espírito de outros para deixá-los vazios... Estão abrindo espaço para que outros de sua espécie venham para o nosso mundo.

Um peso terrível se abateu sobre os ombros de Jack. Seu estômago revirou em repulsa. Ele próprio havia matado Wendigo, destruindo o monstro... apenas para abrir caminho a uma maldição ainda pior.

Fantasma pareceu ter lido a mente de Jack. O ex-capitão deu um tapinha no ombro dele.

— É como dizem, senhor London: “A natureza abomina um espaço vazio”.

Se tivesse uma das armas de Callie King nas mãos, carregada com balas de prata, teria ficado feliz por usá-la contra Fantasma Nilsson. Em vez disso, tudo o que podia fazer era dar as costas ao pirata, que lhe dirigia um sorrisinho desdenhoso, deixar a cela e, depois, também a cadeia.

Ao que parecia, sempre havia mais monstros para matar.

CAPÍTULO OITO

A LEMBRANÇA DOS MONSTROS

"Sempre que tomo um banho, é para tirar de mim a lembrança dos monstros."

Jack se sentou na banheira de ferro, no quarto do hotel, na cidade assombrada na qual começara sua experiência com monstros. De acordo com Hal, o hotel de Dawson havia se incendiado seis meses antes, e a notícia o deixara feliz. Fora no hotel que os traficantes de escravos o capturaram com seu amigo Merritt e onde quase haviam matado o amigo deles, Jim. Eram, sim, humanos monstruosos, mas tinham sido tão afetados pela selvageria desse território que Jack imaginava se não seriam algo além — ou aquém — de humanos. Eles os enfrentara, e depois vieram Lesya e Wendigo e, mais tarde, a longa jornada marítima com lobisomens.

Fora então que conhecera Fantasma. A mais humana das feras, mas talvez a pior de todas.

— Porque ele é inteligente — sussurrou Jack. A voz soava carregada, pesada, quebrando o silêncio do quarto com reverberações profundas. — Porque ele é um monstro com outros objetivos além de aplacar a fome, além de suas necessidades básicas. — Ironicamente, era essa qualidade humana de Fantasma que lhe dava a possibilidade de mudança.

Jack suspirou, deixando a sujeira da viagem desgrudar do corpo. Lavou-se e se recostou na banheira, os olhos quase se fechando, embora ainda houvesse luz do dia lá fora. Poderia dormir para sempre... Fechar os olhos e deixar a realidade se esvaír, bem-vindo aos sonhos com o lar e a família, e os anos difíceis e inocentes que passara quando criança tentando se tornar um homem: roubando ostras, trabalhando no curtume, viajando pela estrada de ferro... Viajando ao longo de vários quilômetros em busca de si mesmo, quando estivera o tempo todo ao

alcance das próprias mãos.

Com a vida adulta e as aventuras, tinham vindo as verdadeiras responsabilidades. Jack suspirou quando a culpa o alcançou novamente. Naquela que havia sido a maior batalha de sua vida, matara Wendigo. Fora um confronto inevitável, e somente após ter acontecido é que Jack considerara as consequências do que fizera. Ao matar a fera, acabara com sua fome desgraçada e libertara a região da praga que ela representava. Quantos homens, mulheres e crianças havia salvado? Não podia contar; jamais saberia. Tinha ido embora do Yukon satisfeito com sua atitude, contente até mesmo com o fato de o próprio Wendigo ter enfim encontrado paz. Não desconfiara nem por um instante que a morte de Wendigo amaldiçoaria tantos outros com algo até *pior* que a morte, se o que Kikono dissera fosse mesmo verdade. Mas Jack não tinha por que duvidar do velho Tlingit.

A culpa perpassava-lhe a alma, embora estivesse certo de que ninguém o condenaria. E a reação de Fantasma servira apenas para irritar Jack ainda mais. Ao voltarem juntos para o hotel, passando pelo mercado a fim de encontrar Sabine, as risadinhas insistentes de Fantasma haviam deixado Jack à beira de um ataque de nervos. Sabine perguntara qual era o problema, mas Jack evitara responder. Não era algo que gostaria de discutir na presença de Fantasma, ainda mais sabendo que o pirata grandalhão só faria pouco-caso do dilema de Jack. Para o ex-capitão, seria uma fraqueza da parte dele, enquanto Jack encarava a própria culpa — por mais dolorosa que fosse — como a maior marca de sua humanidade.

— Sempre seremos muito diferentes — disse ele.

Alguém bateu à porta.

Jack se levantou da banheira e enrolou uma toalha no corpo.

— Quem é?

— Sou eu. — A voz de Sabine era baixa e soava urgente, e Jack apressou-se em direção à porta para deixá-la entrar.

Ela ali, postada no corredor, personificava tudo o que havia de bom na vida de Jack. O sorriso dela transbordava amor, e os olhos refletiam a tristeza dos dele.

— Fantasma contou a você — disse Jack.

Sabine assentiu.

— Sei que você é forte demais para acreditar que tem alguma culpa

no que está acontecendo.

— Sabe mesmo? — perguntou Jack.

Sabine o encarou com um olhar inabalável.

— Vai me deixar entrar?

Jack abriu espaço para ela passar, segurando a porta aberta, e Sabine entrou. Ela já havia tomado banho — tinha os cabelos soltos, que bruxuleavam sob a luz do sol que adentrava pela janela —, e ele percebeu uma fragrância perfumada no ar.

— Me sinto culpado, Sabine — ele falou, sentando-se na cama ao lado dela. — Eu era mais jovem na época, e mais inexperiente. Lutei contra a coisa e a matei sem pensar nas...

— Nem me fale de consequências! — Sabine o interrompeu. — Discutir com o destino é tolice, e não permitirei que faça isso, Jack. Não depois de tudo o que passamos juntos e sabendo agora tudo o que você viveu antes de nos conhecermos. O presente tem uma maneira própria de ser, e, se soubesse antes o que sabe agora, teria feito alguma diferença?

— Claro que sim!

— Mesmo? Faria alguma diferença? Com uma fera perseguindo-o, querendo devorar sua carne e seus ossos? E com Lesya em seu encalço?

“Lesya.” A menção do nome dela fez Jack refletir por um instante, e o motivo que os havia levado até ali lhe deu algo em que se agarrar.

— Não sei dizer — Jack admitiu por fim. — Ficar pensando em possibilidades é tão incerto quanto argumentar com o destino.

— Querido Jack — disse Sabine, inclinando-se para segurar a mão dele —, às vezes vejo que você carrega um peso enorme nas costas.

— Tenho de lidar com isso — disse ele com um sorriso.

— Bem, tem que tentar fazer o melhor que puder — respondeu ela.

— Seu amigo Hal sabe o que aconteceu, não sabe? Ainda assim, não percebi nenhum tipo de acusação na maneira como ele falou e se comportou com você. Ele o admira e o respeita. Ele vê a verdade.

Jack concordou.

— Não há como lutar contra todos os monstros — disse Sabine. Aproximou-se para dar um beijo na bochecha de Jack, e ele se empertigou, os olhos arregalados.

— Contra todos, não, eu acho — Jack respondeu. Em seguida levantou e foi até a janela, olhando para uma das ruas toscas de Dawson

e para as pessoas ainda mais toscas que andavam por elas. Numa das extremidades da cidade conseguia ver várias pessoas agitadas ao redor de uma das torres de vigilância, e, embora fosse pouco mais de meio-dia, já havia uma ansiedade que se espalhava pela região. Os habitantes corriam em vez de andar. Até os que bebiam na ampla varanda do bar pareciam ter pressa, temerosos de que as coisas mudassem antes que tivessem chance de ver o fundo do copo.

— Jack? — perguntou Sabine.

— O que está acontecendo agora tem a ver com o fato de eu ter cruzado o caminho de Lesya no passado — ele falou. — E quem pode garantir que algo assim não vá acontecer no futuro?

— Não entendi o que quer dizer.

Ele parecia subitamente frenético agora, vestindo-se com rapidez, ainda molhado do banho.

— Vamos voltar e encontrar Lesya — disse Jack. — Para fazer isso com certa segurança, para conseguirmos sobreviver, precisamos saber tudo o que pudermos sobre os vampiros. Tenho um plano. — Ao colocar a faca na cintura, ponderou que deveria procurar uma lâmina de prata antes de deixar Dawson. — Esses monstros são parte do que vai acontecer, gostemos ou não. E, ainda que tenha uma chance muito remota, farei o possível para matar todos eles.

— Tudo o que fizemos não adiantou nada! — disse Hal. — Todo o cuidado que tivemos, as torres que construímos, as cercas e as armadilhas. Os pontos de vigilância em árvores. Nada disso vai adiantar se eles são capazes de... — Ele balançou a cabeça e sorveu mais um gole do copo. Na última vez em que Jack tinha visto Hal, ele era um menino indiferente à bebida alcoólica. “Outro sinal da vida adulta”, pensou Jack, sombrio, “que surgiu cedo demais.”

— Adiantou, sim — insistiu Callie.

— Como é que você pode dizer uma coisa dessas? — perguntou Hal. Jack podia sentir o pânico crescendo dentro dele.

— Callie sabe do que está falando — falou Jack.

— Uma dessas coisas conseguiu entrar em Dawson na noite passada! — disse Hal. — Passou por toda a segurança, conseguiu matar Truman e atacar a mulher dele, e agora ela é... ela é o quê?

— Ela é alguém que vamos visitar de novo — acrescentou Jack, percorrendo com o olhar os demais ao redor da mesa, procurando se fazer compreender por eles.

Na confusão da taverna, onde dezenas de pessoas bebiam, comiam e cantavam sem disfarçar o desespero, a mesa grande deles destacava-se como um oásis de silêncio e contemplação. Sabine o encarava com preocupação. Louis, Vukovich e Reverendo prestavam atenção nas respectivas bebidas, a expressão indecifrável. Callie balançava a cabeça em uma lenta negativa, uma das mãos segurando o copo sobre a mesa e a outra, espalmada sobre a coxa. Raramente ela ficava com as mãos longe das pistolas ou de sua faca.

Se os outros entenderam ou não, foi Fantasma quem se pôs a falar:

— Ela é uma isca. Foi mordida e infectada com seja lá qual for a maldição dos vampiros. Dava para sentir o cheiro dessa coisa nela, assim como consegui farejar a morte do marido. Agora, ela espera que eles voltem. E conta com isso.

— E, hoje à noite, estaremos lá para capturar a fera e fazer algumas perguntas — disse Jack.

— Jack... — Sabine murmurou cautelosamente.

— Precisamos saber — respondeu Louis, concordando com a cabeça.

— Quantos eles são, quais são suas intenções, forças, fraquezas...

— Fraquezas? — perguntou Vukovich.

— Todos os seres vivos têm fraquezas, sejam eles homens ou monstros — afirmou Jack. Fantasma soltou uma risadinha, mas ninguém percebeu.

— Mais que isso — acrescentou Reverendo —, precisamos saber onde eles ficam. Onde passam o dia.

— Sim — concordou Jack. — Se tudo o que vimos e ouvimos em Dawson é verdade, eles só aparecem à noite.

— Nunca vimos um deles à luz do dia — confirmou Hal. — Mas, Jack, pela forma como fala, parece que está planejando uma guerra.

— De maneira nenhuma — respondeu ele, desviando o olhar e tamborilando os dedos na mesa, enquanto se dava conta de que parecia, de fato, estar fazendo isso.

— Conheça o inimigo, não é, Jack? — perguntou Fantasma.

— Conheça o inimigo — repetiu Jack, concordando, sem, no entanto, olhar para Fantasma. Podia sentir o sorriso daquele gigante, que o

deixava furioso. — Nosso objetivo continua sendo o mesmo do início desta jornada: Lesya, os segredos dela e sua possível conexão com Sabine. Os outros objetivos que surgiram pelo caminho... — ele fez um sinal para Vukovich e Reverendo, sorrindo para Louis — ... bom, estão sob controle, e fico feliz em dizer que conquistei novos amigos. Mas já perdemos o suficiente. Quanto menos surpresas houver entre nós e Lesya, melhor.

— Não é um ato humano — resmungou Hal. — Usar a mulher como isca. Ela já perdeu o marido, e agora vocês vão esperar um monstro voltar para se alimentar dela.

— Não é nada disso! — rebateu Callie.

— Então o que é? — murmurou Sabine.

— Questão de sobrevivência. Querida, ela deixou de ser humana. — Callie abriu um sorriso para Sabine, mas seu olhar continuava impassível. Jack se perguntou se ela ainda era capaz de sorrir com naturalidade. — Não é tão monstruosa quanto eles ainda, mas está a caminho de ser. Para falar a verdade, depois de pegarmos aquela criatura, faríamos um favor a ela se acabássemos com seu sofrimento.

— Você a mataria? — Hal estava horrorizado.

Callie deu de ombros. Não havia muito mais a comentar, e não precisava, na verdade, dar nenhuma resposta. Jack percebeu que Hal, por sua vez, tentava, aos poucos, absorver o que acontecia, e o respeito que já sentia por ele tornou-se ainda maior.

— Então é isso — falou Jack. — Vamos nos encontrar aqui em seis horas. Estejam prontos. Até lá, precisamos nos preparar para nossa jornada pelo mundo selvagem. Perdemos tudo quando o navio a vapor foi atingido. Hal, agradeço se puder nos ajudar a procurar os equipamentos.

— Dawson é um lugar caro hoje em dia — ele respondeu, sem esconder a satisfação que sentia com a mudança de assunto. — Vocês têm dinheiro?

— Sem problema — falou Louis.

— Ótimo, então — finalizou Jack. Sentia um grande desejo de sair dali; ir para algum lugar em que ele e Sabine pudessem ficar sozinhos. Também pressentia que aquela poderia ser a última chance que teriam de conseguir um momento a sós por um bom tempo. Embora ainda estivessem perto do rio, ela parecia mais esgotada que nunca. Na

verdade, sua expressão não era de exaustão, mas sim a de alguém que tentava parecer bem. Teria de perguntar como ela se sentia de verdade, porque a resposta poderia afetar a jornada deles tanto quanto as informações que esperavam conseguir naquela noite.

Hal se levantou, pronto para partir, e, ao se aproximar da porta, virou-se para a mesa em que estavam.

— Quem vai comigo? — perguntou. — Quero desfrutar da luz do dia o máximo que puder.

Os três lobos acompanharam Hal em busca de equipamentos e suprimentos para a jornada que tinham pela frente. Callie seguiu seu caminho. Fantasma também partiu, e Jack ficou feliz em vê-lo ir embora. De mãos dadas, ele e Sabine saíram à luz do sol e caminharam pela rua, rumo ao rio. As docas encontravam-se mais silenciosas do que esperava; poucas embarcações navegavam pelo rio.

— Sabine... — começou Jack, mas ela o interrompeu, apertando a mão dele com maior força ao falar.

— Jack, estou bem — disse ela. — Estou muito cansada, e minha alma dói porque nunca estive tão longe da água. Sim, existe a proximidade do rio, mas ele parece... contaminado. E um rio não pode ser comparado ao mar. O mar é meu verdadeiro lar. Além disso, estou com medo, preocupada com o fato de ter chegado tão perto de descobrir mais sobre mim mesma e correr o risco de ser impedida no último minuto por aquelas criaturas. Impedida ou... morta.

— Não morreremos agora! — rebateu Jack, mas Sabine fez um gesto negativo com a cabeça, como se o comentário dele não tivesse sentido algum.

— Não percebe a tragédia que seria? — ela perguntou. — Vir de tão longe e chegar perto de descobrir tanto? Minha história é uma tempestade. Quero enxergar através dela, para que tudo fique claro. E pensar que essas coisas podem me impedir... — Suspirou pesadamente, e os temores dela fizeram Jack perceber mais uma vez quanto eram diferentes. A morte não a assustava, mas perder a chance de se conhecer, sim. De certa maneira, isso fazia dela um ser mais puro do que ele. O que quer que ela fosse, de onde quer que tivesse vindo, a verdade para ela era mais importante que qualquer outra coisa naquele momento.

— Juro que não vão nos impedir — prometeu Jack. — Olhe só para nós! Veja o que já realizamos! Nada poderá nos atrapalhar.

— Você é tão adorável... — disse Sabine, sorrindo e atraindo Jack para perto de si. Mas, ao retomarem o caminho, Jack se deu conta do traço de dúvida na voz dela. Pela primeira vez, Sabine tinha falado como uma sábia anciã falaria com uma criança.

E, de certa forma, era o que ela era.

Jack jurou em silêncio que faria qualquer coisa por Sabine. Ela era a vida dele agora. Não importava o que viessem a enfrentar, essa seria a verdade de sua existência.

No fim, todos concordaram com o plano mais simples.

Fantasma queria usar armas e redes. Vukovich e os outros haviam sugerido que usassem os próprios poderes para se transformar parcialmente e atacar os vampiros de igual para igual. Jack e Sabine tinham elaborado uma série de sinais e desvios que conduziriam o vampiro a uma armadilha. Mas fora Callie quem determinara o plano final, fazendo os demais ficarem em silêncio.

— Ele estará em sua forma humana — ela ponderara. — Para entrar em Dawson despercebido, vai ter que estar. Rápido, silencioso, ele se moverá como uma sombra. Balas podem retardar o avanço dele, mas só o deixarão furioso. Ele vai farejar o perigo. Quanto mais simples for nosso plano e mais longe dele estivermos, maior certeza podemos ter de que o pegaremos.

— Está sugerindo o quê, exatamente? — Jack perguntou.

Então Callie lhes contara.

Agora, aguardavam o sol deslizar horizonte abaixo do outro lado do rio e a escuridão tomar conta daquela terra sombria mais uma vez. Jack, Sabine e Louis estavam em uma casa abandonada, a nove metros da loja de dois andares. Vukovich, Reverendo e Fantasma encontravam-se escondidos num barracão de madeira atrás da casa, com vista para a escada que levava à casa da mulher doente. Nos dois esconderijos, a extremidade final de uma corda reforçada estava amarrada e enrolada, pronta para ser puxada quando fosse o momento.

Callie estava do lado de fora da casa, sozinha, e não havia contado a ninguém onde estaria. Apenas sumira, como se também fosse uma

sombra.

Eles esperavam em silêncio, e ninguém falou nada quando a noite caiu sobre Dawson. As tavernas continuavam abertas, e o ruído de animação era ainda mais desesperador e desvairado do que durante o dia. Parecia que aqueles que tinham escolhido desafiar o perigo mortal que os espreitava — e não havia por que se esconder daqueles monstros — viviam como se aquele fosse o último dia de sua vida. Jack conseguia entender a motivação deles, porque sempre acreditara que a vida deveria ser vivida; que não bastava existir. Mas beber, cantar e jogar não era uma maneira de aproveitar a vida. O que ele e os outros faziam, sim, era um modo de dar valor à própria existência. Batalhar para seguir em frente, para sobreviver. Não desistir e deixar se envolver pela noite.

Havia muito menos pessoas nas ruas. Elas andavam em grupos pequenos, e a luz fraca das estrelas fazia reluzir as armas que a maioria delas carregava.

Era lua crescente. Bom sinal. Jack sabia que os lobos podiam se transformar quando quisessem, mas a lua cheia os deixaria muito mais inquietos.

— Ouviu isso? — perguntou Louis.

— O quê? — Jack prendeu a respiração e percebeu que Sabine fazia o mesmo atrás dele. Ela estava atenta ao rio, no caso de um ataque partir dali, mas informou que as águas fluíam normalmente, escuras, frias e monótonas.

— Tiros — disse Louis. — Longe daqui.

Mantiveram-se em silêncio, prestando atenção, e, de um ponto além dos limites da cidade, ouviu-se uma rajada de balas.

— Começou — constatou Jack. Pensou nos homens e nas mulheres que estavam naquelas torres de vigilância rudimentares, disparando tiros que só irritariam ainda mais os ursos-polares vampirescos. Dawson vinha sobrevivendo, o que era prova de sua resiliência e talvez da eficácia daquela estratégia tosca. Mas ainda assim acontecera a morte terrível de Truman, restando apenas a sombra de uma mulher, que era tudo o que sobrara de sua esposa.

Callie havia sugerido que ela não era a única vampira entre eles.

— Não consigo sentir quantos são — disse Sabine.

— Nossa preocupação é uma só hoje à noite — falou Jack. Observavam a loja à procura de sombras onde não deveria haver

nenhuma, e de algum movimento que pudesse revelar o alvo deles. “E se não tiverem sombra?”, pensou Jack. “As leis da natureza não servem para eles... Quem sabe não podem fazer o que quiserem?” Fechou os olhos e tentou captar as vibrações da natureza à sua maneira, lançando seus sentidos à escuridão a fim de se conectar com qualquer criatura. Mas, à noite, parecia que até a vida selvagem de Dawson buscara refúgio em covas profundas ou cavernas.

Louis fungou. Imóvel. Fungou de novo, inalando profunda e demoradamente.

— O que foi? — Sabine sussurrou.

— Alguma coisa morta — suspirou Louis. — E, de alguma maneira... viva.

Observaram se esgueirar da escuridão um vulto que nenhum deles havia notado antes. Ele se mexia com movimentos absurdamente graciosos. Jack conseguiu distinguir cabelos longos esvoaçantes, ombros largos e membros longos que, em alguém normal, seriam os de um atleta.

— Uma mulher — disse Sabine.

— Uma mulher-monstro — Jack a corrigiu. — Não faz diferença. Louis, o que me diz?

— Não faz diferença — concordou Louis.

— Então está certo — disse Jack, agarrando a ponta da corda que se esgueirava para fora da porta. Tiveram o cuidado de escondê-la ao atravessar a rua lamacenta. — Segurem comigo. E agora é com Callie.

CAPÍTULO NOVE

APRISIONANDO A ESCURIDÃO

— **A**guardem o meu sinal — Callie dissera. Os três seguravam uma das extremidades da corda enquanto, no barracão de madeira, Jack sabia que Fantasma, Reverendo e Vukovich fariam o mesmo com a outra extremidade. Não importava qual fosse o sinal que Callie havia planejado, ele daria início a uma luta que poderia muito bem terminar com todos eles mortos.

A mulher Tlingit em sua versão vampiresca chegou à base da escada e deteve-se por um instante.

“Não!”, Jack pensou. Tentou esvaziar a mente e desviou o olhar, receoso de que ela pudesse ouvir seus pensamentos ou sentir a tensão no ar. Para alívio de Jack, ela se pôs a subir os degraus rumo à porta de entrada, ansiosa com a promessa de uma refeição quente e vermelha.

A porta se abriu. A vampira estacou na metade do caminho.

Callie surgiu no patamar com uma espingarda nas mãos.

A vampira se agachou e sibilou, emitindo um som animalesco, e Callie a acertou no rosto.

— Puxem! — gritou Jack. Ele, Sabine e Louis deram um safanão na corda, e ela se ergueu da rua, lançando lama na noite à medida que se retesava ao redor de um dos pilares que sustentavam a escada. A outra corda fez o mesmo quando os outros a puxaram, e os dois pilares de sustentação cederam quase instantaneamente. No ponto em que antes haviam serrado, a madeira estalou e se estilhaçou, partindo para provocar a queda da vampira na lama.

Callie saltou da escada rumo à profusão de fragmentos de madeira, aterrissando no peito da vampira.

— Esse monstro vai acabar com ela! — gritou Louis. Jack pensara o mesmo, ao observar a mulher se transformar tal qual as feras com as

quais haviam lutado na noite anterior. Mas Callie era rápida e sabia o que fazia. Com a pistola na mão enquanto saltava, disparou três vezes contra a silhueta ao chão que se debatia.

O sibilado do vampiro tornou-se um grito agudo de dor.

— Venham! — gritou Callie.

— Vamos lá! — disse Jack. Correram da casa do outro lado da rua, carregando cordas enroladas para amarrar a criatura.

A vampira balançava braços e pernas em meio aos escombros da escada, lançando fragmentos de madeira para todos os lados, o rosto dela sendo uma mescla de carne esfaçalhada e chumbo, as mãos parecendo fumegar.

— Você a matou? — perguntou Louis, olhando para as mãos dela.

— Prata? — perguntou Jack.

— Acertei alguns dedos — disse Callie. — A prata não chegou a penetrar. Será uma morte lenta o suficiente para que a gente consiga o que quer.

A vampira se encolhia e sibilava, os olhos revirando na massa dilacerada que era seu rosto.

O coração de Jack batia acelerado enquanto ele e os outros amarravam a fera, uma mistura de assombro e excitação deixando-o em um estado de lucidez que só experimentara poucas vezes antes — ao lutar contra Wendigo, ao escapar de Lesya, ao enfrentar um lobisomem. Fantasma sorria enquanto terminavam a tarefa, e Jack deu uma olhada rápida para os outros, aliviado em ver que os lobos mantinham a forma humana. As mãos e os ombros de Vukovich pareciam mais largos, talvez, mas ele olhou para Jack e fez um aceno com a cabeça, e Jack respondeu com um sorriso.

Juntos, haviam capturado o monstro. Agora era hora da segunda parte do plano.

— Será que ela vai falar? — perguntou Reverendo, recuando um passo e fixando o olhar na criatura que se contorcia.

— Ah, vai — afirmou Callie. E a certeza dela era assustadora.

— E a mulher? — indagou Jack, indicando a porta da casa, diante da qual jazia o patamar semidestruído dependurado.

— Doente. Amarrada. Ela não é nossa maior preocupação agora. — Callie pegou a extremidade da corda e começou a puxar. — Podem me ajudar aqui?

Jack ainda relanceou o olhar para as janelas do segundo andar, antes de agarrarem a corda e a puxarem. Juntos arrastaram a vampira, que não parava de berrar pela ruas de Dawson repletas de medo, com destino à cadeia.

— E agora? Ela vai queimar até morrer? — O xerife Killebrew olhava de trás das grades, as mãos no quadril para disfarçar o tremor, o bigode imenso ligeiramente contraído à medida que assimilava a situação.

— Acertei os dedos dela com balas de prata — esclareceu Callie. — Tive o cuidado de não deixar nenhuma delas perfurar o corpo. Se tivesse perfurado, aí sim ela queimaria. E já iria tarde.

— Veneno — disse Kikono. Ele estava imóvel na cela ao lado, encostado a um dos cantos, mas mantendo-se, de alguma maneira, digno diante daquele horror. Jack sentia um respeito enorme pelo velho Tlingit e desejava pedir ao xerife que o libertasse. Mas, no momento, tinham outras preocupações.

A vampira amarrada havia conseguido se sentar, amparando-se no catre de madeira. As mãos ainda fumegavam, preenchendo o cárcere com um odor acre que fazia revirar o estômago de Jack. Ela tremia, mas os gritos de dor haviam cessado, e, em meio aos longos fios de cabelo, Jack podia distinguir um sorriso grotesco no rosto da índia. Seus lábios estavam trêmulos. Os dentes eram deformados, grandes, arreganhados para fora dos lábios. Do ferimento causado pela espingarda não vertia sangue, parecendo estar cicatrizado.

No entanto, as cordas estavam bem amarradas, e Callie dera um nó ao redor do pescoço dela, incluindo junto à corda uma corrente fina de prata. Comentou que aquilo impediria a vampira de se transformar em qualquer outra coisa — um urso-polar, por exemplo. Tendo arrastado aquela criatura pela cidade, todos haviam torcido para que aquilo fosse mesmo verdade.

— Ela está agonizando? — prosseguiu Callie. — Sim, está. Mas temos perguntas a fazer antes. E você vai nos ajudar.

— Vou? — perguntou Kikono. Em seguida ele assentiu, respondendo à própria pergunta: — Vou. Claro. Ela é... velha. — Fechou os olhos e respirou fundo. — Uma das mais velhas a ser atingidas pelos espíritos sanguinários. Se restasse algo de humano nela, talvez tivéssemos alguma

ligação familiar. Mas faz tempo que ela deixou de ser humana.

— Humana, animal, a droga de um vegetal, não importa. Você consegue falar com ela? — perguntou Callie.

Kikono resmungou alguma coisa em voz baixa, e a vampira virou a cabeça para o lado. Ela sorriu com desdém e respondeu. Jack tentou não recuar ao ouvir a voz dela, mas o xerife ofegou e deu um passo para trás, aproximando-se de sua mesa. “Nada nem ninguém deveria emitir um som desses”, pensou Jack. Era como se a voz fosse feita de farpas pontiagudas.

Kikono acenou uma vez com a cabeça, bem devagar. Em seguida, falou um pouco mais na própria língua, de maneira áspera e firme, prescrevendo desenhos no ar com as mãos.

A vampira sibilou uma única palavra e depois cuspiu. Das mãos dela saía uma linha de fumaça, que passou a envolver sua cabeça como uma serpente fantasmagórica.

— Ela é *muito* velha — disse Kikono. — Fala uma língua básica, mas que tem raízes no meu idioma. Consigo entender o que ela diz. E ela diz para vocês se...

— Se o quê? — perguntou Jack.

Kikono deu uma olhada para Sabine.

— Tenho vergonha de traduzir na frente de uma mulher.

— Não viemos aqui para trocar insultos a noite inteira — disse Callie.

— Pergunte onde eles se escondem. De onde vieram. Quantos deles existem.

— Não sei se ela vai aceitar ouvir... — respondeu Kikono, mas Callie o interrompeu e fez o sangue de todos ali gelar, porque sacou a arma e disparou contra a coxa da vampira. Ela se encolheu, enquanto uma névoa de carne e fumaça tomava conta da cela empoeirada. Recostou-se no catre, contorcendo-se enquanto a prata percorria seu corpo.

— Callie — disse Jack. Não lhe trazia nem um pinga de conforto ver aquela coisa ser torturada; não sentia nenhum prazer com a dor dela. Os outros permaneciam em silêncio, os lobos e Fantasma guardando as duas portas, Sabine ao lado de Jack.

— Faça as perguntas — instruiu Callie.

Kikono perguntou. A vampira não parecia ouvir, sibilando de dor. Então ela respondeu, e Jack observou a reação de Kikono, o Tlingit ouvindo honradamente as palavras provenientes daquilo que se tornara

um ancestral seu.

— Ela implora por uma morte rápida — disse Kikono.

— E vai ter, se disser o que queremos saber — afirmou Callie, apontando a pistola de novo para a criatura.

Kikono falou mais uma vez, a voz surpreendentemente calma, para a vampira que tremia, a cabeça baixa, os cabelos ocultando o rosto dilacerado. Ela colocou uma das mãos sobre o ferimento na coxa, ainda fumegante.

A criatura levantou a cabeça, o cabelo se afastando para as laterais do rosto, expondo assim os ferimentos que sofrera. Já haviam cicatrizado; a carne estava seca e recoberta por uma camada de pele deformada. Os olhos estavam arregalados — se era de dor ou de surpresa, Jack não sabia. Então ela começou a falar. O som era tão aterrorizante quanto antes, uma canção de decadência capaz de corroer a carne de quem a ouvisse.

— O acampamento deles fica a cinquenta quilômetros daqui, numa caverna de calcário ao norte do lugar que chamam de Árvores Animadas — traduziu Kikono. — Acho que sei onde fica. Ela mencionou algo sobre Wendigo e sobre assombrar os domínios dele. Diz que eles formam uma legião. Que são tão numerosos quanto as pessoas que existem no mundo, e que por isso vão acabar dominando a todos.

— Gosto da ambição dela — disse Fantasma em um tom de voz seco. — Mas acho que o senhor London pode estar certo, caçadora de vampiros. Talvez...

A voz da vampira, que sibilava e guinchava de dor, contorcendo-se e gemendo, transformou-se em uma terrível risada derradeira.

Então ela se movimentou.

Para Jack, tudo havia mudado num piscar de olhos, inacreditavelmente rápido, cada instante trazendo consigo a possibilidade de um desastre. O primeiro impulso dele ao ver a vampira se mexer foi colocar Sabine atrás de si. Enquanto o fazia, viu a Tlingit amaldiçoada retesar o corpo, as cordas se arrebatando ao redor dos membros e do corpo, a mão fumegante dirigindo-se à altura do pescoço, para arrancar a força feita com a corrente de prata.

De um lado, viu Callie sacar o revólver. Do outro, Fantasma se agachando e começando a rosnar.

A aparência da vampira se alterou. O som da transformação era

hediondo: gorgolejante, com estalos, gemidos e ruídos de ossos se esmigalhando, culminando em um rugido que partiu da boca distendida e num medonho arranhão das garras no chão, que fez pés e mãos se arrebitarem em feridas. Ela ficou maior, e a mudança repentina era por demais perturbadora. Jack aproximou as costas de Sabine, os dois se apoiando contra a parede. Em seguida, alguém abriu fogo.

O xerife tinha sua arma nas mãos e já disparava antes mesmo de Callie ter tempo de sacar a pistola. Balas atingiram o dorso do urso-polar. Ele se debatia dentro da cela e lançou o catre contra as grades.

O catre se espatifou, espalhando fragmentos de madeira sobre todos eles. A arma de Callie escapuliu, e ela caiu diante de Jack e Sabine, levando as mãos ao rosto ensanguentado devido aos ferimentos causados pelas lascas de madeira.

— Prata! — gritou Jack, mas a voz dele foi tragada por mais um disparo de Killebrew.

Os três lobos se espalharam pela sala, mantendo distância da cela.

Jack procurou a arma que Callie derrubara no chão, mas não estava à vista, talvez escondida sob os pedaços de madeira em meio às grades.

O urso-polar rugiu, absurdamente alto dentro do espaço exíguo, e cravou as garras nas grades da cela. “Ainda estão fumegantes”, Jack teve tempo de pensar, enquanto o urso se lançava para a frente, as grades rangendo e se entortando, uma delas chegando a estalar e produzindo um som mais alto que o de um tiro.

— Para fora! — gritou Jack, mas não havia tempo para evacuar o local.

Olhando de relance para Sabine, Fantasma postou-se diante das grades, semitransformado, os pelos ao longo dos braços e dos ombros eriçados, garras à mostra. O urso agarrou Fantasma e o puxou para dentro da cela, onde ninguém mais conseguiria alcançá-lo.

Fantasma berrou de surpresa ao bater a cabeça em uma das grades, e seu grito terminou em um gemido baixo.

“Vou testemunhar a morte de Fantasma”, pensou Jack, e essa ideia era incrível, improvável e tenebrosa. Naquele momento, Jack teria arriscado a própria vida para salvar Fantasma, embora não soubesse explicar por quê.

Mas não seria necessário. Ouviram-se outros três disparos, e o urso-polar foi lançado contra o fundo da cela, a boca aberta pronta para um

rugido derradeiro que não chegou a ser pronunciado. Ao deslizar lentamente para o chão, a coisa mudou de forma, voltando a ser uma mulher Tlingit, emitindo mais ruídos e estalos de ossos, a carne toda em transformação. Morreu antes de o processo se completar, e uma névoa de fumaça envolvia os novos ferimentos no peito e na garganta.

— Droga! — disse o xerife Killebrew. Estava ajoelhado perto de Callie, a mão no ombro dela para se equilibrar e a outra segurando a arma que ela havia derrubado. Manteve a pistola apontada para a índia. O silêncio estava carregado com a ameaça de mais violência, e demorou até que Fantasma se levantasse e começasse a se recompor.

Killebrew apontou a arma para ele. O xerife também havia se recomposto e se afastado de Callie, de todos eles, aliás, até se encostar na parede ao lado da cela de Kikono.

— Eu só... — começou Killebrew.

— Obrigado — Fantasma falou, a voz calma. — Se não fosse você, eu estaria morto.

— Você estaria morto — disse Killebrew, confuso, encarando Fantasma e piscando rápido, como se tentasse apagar uma imagem gravada na retina.

— Boa mira — disse Jack, tentando acalmar Killebrew.

— Sim, *mon ami* — acrescentou Louis da porta lateral. — Bom trabalho, xerife.

O xerife Killebrew mantinha os olhos fixos em Fantasma e, quando Callie tirou gentilmente a arma da mão dele, não ofereceu resistência.

Fantasma transpôs as grades tortas da cela, com mais facilidade do que tivera ao entrar. “Ao entrar, era quase tão monstruoso quanto aquela coisa”, pensou Jack, e sabia que o xerife não era um tolo. Era um homem experiente, já tendo testemunhado muitas coisas na vida, e agora havia mais uma novidade para ele.

— Estamos em débito com o senhor, xerife — disse Jack.

Kikono começou a falar algo em sua língua.

— Está falando em memória dos ancestrais — o xerife esclareceu, talvez satisfeito com aquela distração.

— Então devemos deixá-lo em paz — disse Jack. — O perigo por aqui acabou.

— Acabou — repetiu Killebrew.

Fantasma fez ao xerife um aceno de cabeça em agradecimento,

deixando o local em seguida, acompanhado de perto pelos outros lobos. Jack e Sabine ajudaram Callie a retirar as farpas do rosto e também saíram, dando apoio à corajosa mulher que caminhava entre os dois.

— Jack London — disse o xerife repentinamente. — Acho que me lembro desse nome. De muito tempo atrás, antes de me tornar xerife. Ouvi falar de um certo London que enfrentou um daqueles malditos traficantes de escravos numa taverna.

Jack deu de ombros, mas não respondeu nada.

— Parece que os problemas perseguem você — comentou Killebrew.

Então Jack abriu um sorriso gentil e olhou através das grades tortas para a Tlingit morta.

— Acho que tem razão — respondeu. “E isso está longe de acabar”, pensou Jack. Porém, não sentia vontade nenhuma de começar uma conversa com o xerife. Seus planos e o destino que os aguardava deviam continuar em segredo. O xerife tinha visto coisas apavorantes e incríveis naquela noite, mas havia várias outras que jamais poderiam ser explicadas.

Killebrew tocou a aba do chapéu, e Jack assentiu em cumprimento, afastando-se das celas. Nos olhos do homem mais velho, tinha percebido respeito e mais alguma coisa. “Ele parecia estar olhando para um homem condenado”, pensou Jack. Perturbado por essa ideia, saiu da cadeia para encontrar os outros sob o céu sombrio, ouvindo o silêncio que tomara conta de Dawson.

O amanhecer se aproximava. Era hora de seguir em frente.

Jack sabia que cavalos se inquietavam quando perto dos lobos, portanto teriam de carregar a própria bagagem. Hal fizera o máximo que podia com o pouco tempo que tinha, e Jack ficou muito impressionado com o que o amigo havia arranjado. Mochilas, comida, cantis, sacos de dormir, cobertores, botas e roupas novas — quase tudo o que era necessário para percorrer uma longa trilha no mundo selvagem.

Ao encontrarem Hal nas cabanas usadas como depósito nos fundos do hotel e separarem em silêncio o novo equipamento, à espera da hora de partir, Jack foi se sentindo cada vez mais perturbado pela revelação da vampira. Se os monstros estavam acampados tão perto da floresta de Lesya, o que teria acontecido com ela? Será que aqueles malditos seres

havam acabado com ela? Ou quem sabe Lesya tinha fugido?

Jack não sabia se ela *poderia* fugir, supondo que a floresta era a prisão dela tanto quanto era seu lar. O pai de Lesya — muito mais velho que ela e mais conectado ao espírito daquela terra — a mantivera confinada na região. Mas não se podia prever o que teria acontecido com a chegada dos vampiros, motivados pela morte de Wendigo a caçar nos assentamentos que antes tinham visitar. Ninguém poderia dizer o que seriam capazes de fazer ao espírito das árvores.

Jack torcia para que encontrassem Lesya; caso contrário, teriam perdido a viagem.

Fantasma se sentou para afiar a faca nova que Hal havia lhe dado. Vukovich, Reverendo e Louis analisavam o equipamento, carregando as mochilas com o que julgavam necessário e descartando todo o resto. Jack sabia que não podiam carregar muito peso. Ele e Sabine permaneciam próximos, falando pouco, mas prestando bastante atenção um no outro.

Callie estava do lado de fora, apoiada no rifle que Hal arranjava para ela, olhando para além do hotel, rumo às colinas selvagens ao redor da cidadela em ruínas. A cabeça estava ligeiramente inclinada, e Jack reparou bem em seu olhar. Callie via algo diferente. Se ela não contasse do que se tratava, teria de perguntar.

— Jack — chamou Hal, antes de lhe dar as costas e sair andando pela lateral do hotel, sem dizer nada mais nem olhar para trás.

Jack sorriu e acompanhou o jovem, lembrando-se da primeira vez em que o vira. Na época, o jovem e seu cão vira-lata haviam sido ameaçados por William e Archie, os maldosos traficantes de escravos que tiravam proveito dos fracos e fracassados de Dawson para aprisioná-los e obrigá-los a garimpar em busca de ouro. Jack e os amigos tinham resgatado Hal e ganhado a confiança dele, mas o homem que acompanhava agora parecia muito diferente. Era doloroso para Jack ver que Hal fora obrigado a envelhecer tão precocemente, chegando à idade adulta sob a sombra dos monstros que aterrorizavam Dawson.

Hal deteve-se perto da rua principal. A luz do amanhecer começava a iluminar as colinas arborizadas ao leste, e os habitantes de Dawson estavam animados e aliviados por terem sobrevivido a mais uma noite.

— O que aconteceu, Hal? — perguntou Jack.

— Você não pode ir. — A voz de Hal era inexpressiva, quase vazia.

— Eu preciso — disse Jack. — Não viemos aqui para...

— Mas vocês vão nos abandonar aqui! — falou Hal. — Você viu contra o que estamos lutando, e você e seus amigos sabem se defender. Sei que ajudei vocês a se equiparem de novo, mas tinha esperança de que decidissem ficar. Estou aprendendo coisas que não imaginei que aprenderia, Jack, e descobrindo verdades que pensei que só você soubesse. Você pode nos ajudar. *Precisa* nos ajudar. Não sei quanto tempo mais Dawson vai conseguir resistir.

— Hal, não viemos aqui para isso — Jack repetiu. Parecia rude, mas a verdade sempre carregava seu peso. Sabine era a maior preocupação dele agora.

— Ainda assim, estão aqui — rebateu Hal, apontando com a cabeça para a cadeia. — O que vocês descobriram?

Jack tinha certeza de que nenhum deles havia comentado sobre o ocorrido.

— Lá com o xerife?

— Eu e Walrus somos amigos — disse Hal. — Eu sou uma espécie de... subxerife suplente. Apesar de ele não ter um distintivo para eu usar e de dizer que sou muito jovem ainda.

— O que descobrimos não faz diferença — respondeu Jack, mas, na mesma hora em que dizia essas palavras, deu-se conta de que na verdade fazia muita diferença, mais do que havia percebido até então. Porque, embora seu objetivo sempre tivesse sido encontrar Lesya, viajava com lobisomens poderosos e uma caçadora de vampiros. E o acampamento dos vampiros ficava muito perto do local para onde se dirigiam agora.

— Odeio ver você ir embora — disse Hal. — Não vou pedir para ir junto. Não apenas porque sei que vai dizer “não”, mas porque aqui é o meu lugar. Não vou abandonar Dawson.

— Eu também não vou — prometeu Jack. — Estou de partida, é verdade. Mas fui embora em outra ocasião. E, naquela época, destruí uma coisa que perseguia os garimpeiros e acabei deixando a região mais segura... — Interrompeu-se naquele instante, porque havia descoberto que aquela não era mais a verdade. A culpa voltou a pesar.

Hal não respondeu, mas suspirou e se apoiou na parede do hotel.

— Pensei por um tempo que gostaria de ir com você — disse Hal. — Pensei que podíamos nos unir e atravessar o mundo selvagem juntos, caçar essas coisas, encontrar o acampamento delas e destruí-las lá

mesmo, durante o dia, enquanto estão dormindo ou escondidas, ou seja lá o que façam enquanto o sol brilha. — Encarou Jack com intensidade. — Mas você está viajando com... — Ele franziu a testa, procurando por palavras e verdades que lhe escapavam. — *Você é humano, não é, Jack?* Por favor, me diga que ao menos *você é humano...*

Jack poderia tentar explicar, contar a Hal sobre o bando e Fantasma, sobre o amor que sentia por Sabine e por que tinha prometido trazê-la até ali para encontrar respostas. Em vez disso, apenas assentiu com um gesto de cabeça. E segurou os ombros de Hal com firmeza.

— Sou humano, Hal. E vou voltar. Quando isso acontecer, contarei tudo a você. Eu prometo.

— Você não pode me prometer isso — rebateu Hal. — Não agora. Tudo mudou, e nada mais faz sentido. — Hal se desvencilhou de Jack, afastando-se dele. Sem olhar para trás, falou: — Espero ver você de novo, Jack. — E, dito isso, partiu, caminhando pela rua principal de Dawson, rumo ao próprio destino.

Jack sentiu-se miserável. A luz fraca da manhã aquecia-lhe a pele, mas estava frio por dentro. “Vou voltar”, pensou, embora Hal tivesse razão. Ele não tinha direito nenhum de fazer uma promessa como aquela.

No mundo selvagem, tudo era possível.

Ao se aproximar dos companheiros de viagem, Jack apenas comentou:

— Estamos prontos.

Sabine concordou e sorriu, claramente entusiasmada com a ideia de que se aproximavam de seu destino. Os lobos estavam impassíveis, mas Jack reconhecia neles o desejo de ir embora e se embrenhar em território selvagem mais uma vez. Fantasma nem sequer levantou a cabeça, continuando a afiar sua lâmina.

— Ainda não — disse Callie. — Temos coisas a resolver.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Sabine.

— O amigo que me pediu que viesse aqui está morto — disse Callie. — E a mulher dele...

— A mulher dele — repetiu Jack, a voz firme — foi mordida e usada como isca.

— Ela está morrendo — corrigiu Callie. — E depois vai ressurgir

como um deles e tornar a maldição desta cidade ainda pior.

— O que você sugere? — perguntou Jack.

Fantasma soltou uma risadinha.

— Ela quer assassinar a mulher.

— Não é assassinato — rebateu Callie. — Não quando ela já está morta.

— Mas ela está em pé e pode andar — argumentou Fantasma. Levantou-se e guardou a faca nova na bainha, esfregando as mãos uma na outra, e Jack percebeu que ele apreciava a conversa. Brincar com a vida das pessoas, manipular seus pensamentos e emoções: era esse o alimento de Fantasma e o combustível para seu intelecto distorcido e confuso. — Ela abriu a porta para que entrássemos e parecia estar doente, é verdade. Mas está respirando e se mexendo, e mesmo assim você quer cortar a garganta dela.

Callie encarou Fantasma, apoiando o rifle no ombro e descansando uma das mãos sobre a pistola.

— Você também se mexe — ela ponderou. — E fala, sorri e chafurda na desgraça alheia. No entanto, nada disso faz de você um humano.

Fantasma arqueou uma das sobrancelhas, e Jack prendeu a respiração. E lá estava: a primeira declaração pública de Callie sobre a natureza misteriosa e descomunal de Fantasma.

Fantasma apenas riu, dando-lhe as costas.

— Callie... — começou Jack, mas ela balançou a cabeça em uma negativa.

— Já tomei minha decisão — disse ela. — E farei isso sozinha. É um favor para Truman, que Deus o tenha. Ele não gostaria que a alma da mulher ficasse vagando por aí. Apenas peço que... me esperem. Não vou demorar muito.

Ela se afastou deles, desaparecendo ao virar a esquina do hotel e deixando apenas silêncio atrás de si. Sabine e Jack se entreolharam, mas nenhum deles conseguia falar nada. Diante de tamanho horror, não havia o que dizer.

CAPÍTULO DEZ

TERRA SEM VIDA

Jack levava uma vida itinerante desde que aprendera a andar, em parte porque seu coração estava sempre inquieto, mas também porque vários dos caminhos que havia percorrido tinham sido em território que nunca desejou cruzar de novo. Se tivesse feito uma lista desses lugares, essa região ribeirinha no norte de Dawson ocuparia o topo da lista.

Fora escravizado ali, na jornada rumo ao norte. Tinha visto homens serem mortos por Wendigo e, depois, na viagem de volta, ele mesmo por pouco não morrera nas mãos da criatura. Mas havia sobrevivido e escapado do poder ancestral e da solidão fulminante de Lesya. E acabara com Wendigo. Enfrentara a fera que habitava seu próprio coração e, se não a domara, ao menos aprendera a lidar com ela. Jack London tinha escolhido a humanidade, deixando para trás o sangue, a brutalidade e a magia da floresta ancestral. Era verdade que ele, quando enfim voltara para casa, não tinha planos de ficar lá por muito tempo, mas com certeza jamais pensara em retornar àquele lugar.

No entanto, ali estava ele, caminhando ao longo da margem desse rio que serpenteava ao norte de Dawson, durante as longas horas do sol de verão, voltando a uma região ameaçadora em que havia enfrentado coisas incríveis e horrendas, além do desejo ardente de Lesya. Mas, dessa vez, estava sob a ameaça de outros monstros. “Não”, pensou. “Não apenas monstros. A própria personificação do mal.” Fora Callie quem lhe contara aquilo, e acreditava nela. Lesya e Wendigo podiam ser criaturas mágicas, mas eram criaturas vivas. Eram ferozes, mas não cruéis, e não se enquadravam com facilidade em definições humanas de bem e mal. Os lobos, por sua vez, podiam gostar da caça, mas eram feras. A única crueldade deles era considerar a diversidade humana algo insignificante.

Os vampiros eram criaturas sinistras, diferentes de qualquer coisa que

Jack tivesse enfrentado antes.

Apaziguava sua consciência pensar assim. Se não conseguisse vê-los como criaturas malévolas, traiçoeiras e... estranhas, a culpa que sentia por ter matado o único predador capaz de detê-los iria atormentá-lo a tal ponto que não conseguiria cumprir seu objetivo. A imagem de Belle Truman na primeira vez em que a vira permanecia em sua memória. Ela estivera sob a influência de uma vampira, a carne, o sangue e a alma maculados pelo contato da criatura. Callie calculava que Belle teria talvez mais uma noite e um dia, mesmo que não tivesse o sangue sugado, antes de sucumbir à força sombria da vampira — a assassina de seu marido. De acordo com Callie, que havia testemunhado o processo mais de uma vez, Belle sofreria a angústia de ver a vida se esvaír caso a vampira não acabasse com ela antes disso.

— O corpo vai definhar — Callie esclarecera. — E, quando ela der seu último suspiro, o mal que aquela coisa introduziu no corpo dela vai expulsar sua alma, deixando a mente aprisionada no corpo de um monstro. Aí está o horror dessa situação, Jack. Vi nos olhos deles, bem de perto. Parte de quem aquela mulher costumava ser vai ficar ali dentro, como uma prisioneira no próprio corpo, incapaz de conter seu impulso assassino e sua sede de sangue. E uma parte dela vai gostar disso. Se a matarmos agora, no entanto, é possível que a gente consiga salvá-la desse destino. Talvez, se a libertarmos, não seja tarde demais para que a alma encontre o caminho do céu. Mas, uma vez morta, ela estará condenada ao inferno: tanto sua alma no além quanto o que restar dela em seu cadáver faminto.

Essas palavras assombraram Jack o suficiente para que ele, embora não pudesse tomar parte no que precisava ser feito, não tivesse forças para impedir Callie quando ela se determinara a apressar a morte de Belle Truman. Tinha consciência de que seria um ato de misericórdia, mas parecia mais uma crueldade. E já tivera sua cota desse tipo de coisa.

Durante as horas do longo dia, caminharam rumo ao norte, parando apenas para uma refeição breve e parca e para encher os cantis no rio. Louis, Vukovich e Reverendo iam vários metros à frente, sempre atentos a qualquer sinal de ataque, embora Callie tivesse dito que os vampiros não saíam à luz do sol. Callie os seguia. A eloquente mulher agora estava em silêncio, talvez assombrada pela tarefa que havia realizado. Parecia que, a cada dia que passava desde que chegara a Dawson dois

anos antes, Jack vinha sendo forçado a expandir sua compreensão do que havia no mundo. Certo e errado não eram mais tão bem definidos como costumavam ser, e o mesmo podia ser dito dos limites entre homem e fera. Pela manhã, por exemplo, tivera de considerar com cuidado o que era crueldade e o que era misericórdia.

Exaustos e famintos à medida que o sol deslizava pelo céu rumo à noite de verão, Jack sabia que haviam avançado o bastante e que deviam mudar de direção, caminhando para o oeste em busca da floresta de Lesya. Sabine exibia uma aparência pálida e esgotada, e ele se preocupava com as consequências que ela sofreria por se afastar do rio. Andava ao lado dela, mentalmente desejando que se apoiasse nele, embora parecesse determinada a seguir sozinha.

De tempos em tempos, Louis retardava o passo para ver como estavam, e Sabine insistia que estava bem, porém em um tom de voz que revelava exatamente o oposto. Jack não a questionou, e Louis também não. Tinham chegado até ali para encontrar Lesya e descobrir se ela podia ajudar Sabine a desenredar os mistérios de suas origens, e não desistiriam agora.

Mal avistaram Fantasma, que os seguia, observando o flanco em busca de ameaças, mas Jack considerou que talvez também tivesse outras coisas em mente. Apesar de sua arrogância, Fantasma se tornara um navio desgovernado. Seu irmão estava morto, e Jack ponderava que ele pudesse estar sem um propósito na vida. A presunção ao tentar seduzir Sabine parecera hostil a princípio, mas agora Jack se perguntava se essa não seria a única maneira que havia de justificar a si mesmo o que fazia junto deles. Os outros lobos, que tinham sido seu bando e sua tripulação, tentavam reaprender o que significava ser humano, e Jack imaginava que Fantasma pudesse estar absorvendo um pouco daquela busca por redenção pela simples convivência com eles.

No entanto, não abordaria o assunto agora. Se havia uma tribo inteira de vampiros soltos na floresta, precisariam de toda a força e ferocidade de Fantasma. Jack relutou em admitir, mas, a cada quilômetro que percorriam para longe de Dawson e a cada minuto que tornava a noite próxima, mais convencido de que talvez tivesse escolhido um péssimo momento para tentar domar um bando de lobisomens.

— Isso é difícil para você — disse Sabine, a voz ligeiramente rouca.

Caminhavam ao longo do rio, e, quando Jack a fitou, Sabine tropeçou em uma pedra. Ele a segurou antes que caísse, ajudando-a a se levantar e depois segurando sua mão. A frase ficou no ar, sem resposta, durante alguns segundos, até que Jack respirasse fundo e se voltasse para ela.

— Coisas ruins aconteceram aqui.

— O acampamento em que Wendigo atacou os homens que o escravizaram fica perto daqui? — perguntou ela.

Ele pensou em mentir, mas o amor no olhar dela o impediu.

— Passamos por ele faz algum tempo — confessou ele.

— O quê? — disse Sabine, franzindo as sobrancelhas. — Quanto tempo?

— Uma hora, eu acho. Algumas das estacas ainda estavam no chão, onde costumavam nos amarrar. E a cela em que fiz uma espécie de memorial, um pouco mais atrás.

Ela parou de andar, lançando-lhe um olhar confuso.

— Está tentando me proteger. Mas não pode me ajudar e ao mesmo tempo me manter a salvo.

Jack desviou o olhar. Sabine podia não se lembrar do milênio que vivera, mas ainda assim possuía grande sabedoria e conhecia bastante o coração humano. É claro que entendia o que ele estava fazendo.

— Só pensei que, se ficássemos perto do rio pelo máximo de tempo possível...

— Se não conseguir encontrar o caminho por instinto, vamos precisar que Louis e os outros encontrem uma trilha que nos conduza à parte da floresta que pertence a Lesya. A trilha dela ou de Wendigo, ou a sua, Jack. E essas trilhas têm mais de um ano. Se nos perdermos, vamos ter que percorrer todo o caminho de volta e recomeçar.

Jack soltou um suspiro.

— Não vamos nos perder. Seguiremos para oeste a partir daqui, e então vou ter condições de sentir a presença dela. De sentir o local em que está e o poder ao redor dele.

Callie, que havia se detido, agora se dirigia aonde ele estavam.

— Por que pararam, vocês dois? Se vamos fazer um intervalo, é melhor avisar sua tripulação.

— Devemos nos afastar do rio agora — anunciou Jack para a caçadora de vampiros que se aproximava, o cinto de couro pesado com

as armas batendo no quadril. — Poderia chamá-los e trazê-los até aqui?

Callie franziu a testa e analisou a expressão de ambos, percebendo que havia algo mais entre eles, mas sabiamente optou por não interferir. Nenhum deles tinha falado muito ao longo do dia, e não era hora para intimidades. Deu as costas aos dois e apressou o passo pela margem do rio, andando rápido apesar das roupas pesadas e do equipamento que preferira não largar no chão.

Jack sentiu uma presença atrás de si e relanceou o olhar rio abaixo, para ver Fantasma surgir entre as árvores, aproximando-se deles a passos largos.

— Vamos para que lado? — perguntou Sabine. — Se não consegue sentir a presença dela, Jack... Para que lado vamos?

Jack riu do tom agressivo na voz dela.

— Não está com ciúme, está? Você sabe que ela tentou me aprisionar como se eu fosse uma espécie de marido escravo.

Sabine acariciou o braço dele e o encarou.

— É que não gosto da ideia de você estar conectado a qualquer outro além de mim.

Sabendo que Fantasma se aproximava, Jack ergueu o queixo dela e depositou um beijo carinhoso em seus lábios. Sabine suspirou de satisfação, mas ainda assim Jack conseguiu perceber sua exaustão por estar longe do mar.

Quanto antes encontrassem Lesya, melhor.

Jack fechou os olhos, ignorando a aproximação de Fantasma à beira do rio, e lançou seus sentidos na direção oeste, em meio à floresta. Procurou primeiro por algum sinal da magia selvagem de Lesya, o poder fluorescente da natureza que existia ao redor da casa dela. Em vez disso, sentiu apenas um vazio, como se a magia do território tivesse desaparecido. Até mesmo o mais trivial resquício de natureza selvagem parecia ter se esvaído.

Confuso, passou a vasculhar a floresta em busca de animais, procurando por um pássaro, um urso, uma raposa, cujas essências pudesse captar caso tivessem sido influenciados pela magia de Lesya... mas não encontrou nenhum. Poderia procurar mais além — devia haver animais não muito longe dali —, mas, nos arredores de onde estavam, toda a vida animal abandonara a floresta e o rio.

“Eles fugiram”, pensou Jack. Nem mesmo Wendigo espantara os

animais daquela maneira, portanto o problema devia ser outro.

— Os animais se foram — sussurrou ele.

— Talvez os animais tenham bom senso — disse Sabine.

— Aqui! — alguém gritou, e Jack não reconheceu a voz. Ele, Sabine e Fantasma se viraram para o norte, na direção da voz. Uma área elevada na margem do rio bloqueava a visão deles, mas um instante depois Reverendo apareceu sobre a colina rochosa e acenou.

— Venham até aqui — falou ele, agora já em um tom baixo que lhe era peculiar. No entanto, Jack estava surpreso por aquele homem silencioso ter dado um grito. — Precisam ver uma coisa.

— O que é? — perguntou Sabine, a voz viajando ao longo do rio.

Reverendo tinha uma expressão sombria. Estava agachado, pronto para um ataque, quando proferiu uma única palavra:

— Morte.

Quando Jack escalou a colina, teve de piscar várias vezes para afastar o fantasma da memória. Por um instante, imaginou estar caminhando pelo passado, como um tolo e infeliz personagem dentro de um conto de fadas. Os garimpeiros haviam acampado perto do rio, e as evidências de seus esforços — suprimentos, malas, pás, bacias que usavam para peneirar o fundo do rio em busca de ouro — estavam espalhadas por todos os cantos, como se um pequeno tornado houvesse varrido o lugar, deixando a natureza ao redor intocada. Os corpos tinham os ossos quebrados, tendo sido arremessados pela região como bonecas esfarrapadas nas mãos de uma criança birrenta. Membros estavam retorcidos e fraturados; alguns haviam sido arrancados. A metade de um braço jazia dentro do rio, os dedos pálidos parecendo se mexer com o movimento da água. Uma mulher encontrava-se dependurada em uma árvore como uma marionete, os cabelos longos e loiros trazendo um véu que ocultava a maior parte do estrago feito em seu rosto.

— Filhos da mãe — Jack vociferou.

Recuou um passo e balançou a cabeça. Apesar do quadro de morte que se estendia diante deles, não era o tipo de carnificina perpetrada por Wendigo, como Jack vira da última vez em que estivera naquela parte do mundo. Havia marcas marrons de sangue seco nas árvores, nas rochas e no solo, mas o sangue não correspondia à quantidade de pessoas

mortas. E, embora tivessem sido mutiladas, não haviam sido estraçalhadas como Wendigo teria feito.

Os cadáveres eram todos muito pálidos, a não ser por dois negros cuja pele havia ganhado um tom cinza esbranquiçado. O sangue deles fora sugado. A tribo vampira Tlingit os massacrara.

Fantasma apareceu ao lado de Jack.

— Um desperdício vergonhoso de carne — rosnou baixinho.

Jack semicerrou os olhos, mas não mordeu a isca: Fantasma tentava fazê-lo perder o controle. Louis, Reverendo e Vukovich caminhavam entre os mortos, pegando o que sobrara do acampamento e vendo se havia algo que podia ser resgatado em meio aos suprimentos. Jack sabia que não procuravam por sobreviventes; bastava uma olhada rápida para deixar claro que não restara nenhum. Em vez disso, imaginou que estivessem atrás de suprimentos, e a trivialidade daquela busca fez seu estômago embrulhar. De qualquer forma, supunha que deveria ser grato por nenhum deles ter olhado para os mortos do jeito que Fantasma os olhava: como uma provável refeição.

Sabine apareceu às suas costas. Vira a cena do massacre e dera meia-volta, afastando-se o máximo possível. Talvez se sentisse responsável por colocá-los na trilha dos vampiros. Ou talvez buscasse conforto ficando próxima da água.

Callie descobrira uma espingarda em meio aos destroços e a levava apoiada no ombro ao se aproximar de onde Jack, Sabine e Fantasma se encontravam, deixando o massacre para trás. Depositou no chão algumas provisões que havia encontrado e arremessou a espingarda para Jack. Ele a agarrou, franzindo a testa.

— Não está carregada com munição de prata, mas pode lhe dar alguns segundos de vantagem no caso de precisar — explicou ela.

Jack acenou em agradecimento, segurando a espingarda com mais força que o necessário.

— E também encontrei isto aqui — disse Callie, batendo numa caixa com a ponta do pé. — Se não conseguirmos atirar neles, podemos explodi-los.

— Dinamite? — perguntou Jack. — Você sabe como usar?

Callie apenas arqueou uma das sobrancelhas para ele, como se dissesse “Claro que sim”. Talvez um dia ele lhe perguntasse como havia aprendido. Ela tirou a mochila das costas e começou a guardar as

bananas de dinamite.

— Eles deixaram algum rastro? — perguntou Fantasma.

Sabine arquejou com a surpresa de suas palavras, cravando o olhar nele.

— Quer que a gente siga os vampiros? Com que finalidade?

— Uma finalidade bem difícil, caso tentássemos — respondeu Jack.

Callie soltou um resmungo.

— Talvez sim. Mas é por isso que estou aqui, não é? Para caçar esses malditos. Vamos matá-los no covil deles e salvar um monte de vidas em Dawson e diversas outras pelos arredores.

Fantasma levantou o queixo, as narinas dilatadas, olhando para eles como se fossem tolos ou crianças ingênuas.

— Perguntei se não haviam deixado uma trilha de propósito para nós, a fim de nos atrair, mas não tenho pressa nenhuma em ir atrás daquelas criaturas. Se os vampiros vierem até nós, vou devorar o coração deles e, se a tentativa do jovem Jack de me reabilitar tiver algum efeito sobre mim, talvez tenha disposição para persegui-los e exterminá-los. Mas nosso primeiro objetivo é ajudar Sabine. O resto é secundário.

Jack quis matá-lo, desejando que Fantasma estivesse entre os mortos espalhados pelo campo próximo deles. Sabine e Jack estavam juntos. Apaixonados. Mas Fantasma não desistia da ideia de se tornar o homem dela. Será que não havia entendido que Sabine percebia as intenções dele? Que tanto ela quanto Jack sabiam que o comportamento dele estava mais próximo da obsessão do que do amor? Fantasma não conhecia nada sobre moral. Estava sendo atencioso e amigável até o momento, mas a fachada já começava a exhibir fissuras, e a esperança de Jack de que seria influenciado positivamente começava a desaparecer.

— Você não está nem perto de ser um humano — disse Jack.

Fantasma soltou uma risada discreta.

— Pensei que já havíamos deixado isso bem claro no nosso último encontro.

— Entende o que ele está fazendo? — continuou Jack, virando-se para Sabine. Callie prestava muita atenção na conversa. — Ele é um monstro há tanto tempo que não consegue entender a diferença entre certo e errado. Só está fazendo o que acha que você espera de um bom homem.

Fantasma continuou sorrindo, mas Jack podia perceber que ele havia

reagido às palavras dele. Jack se virou a tempo de ver pelos crescerem no rosto de Fantasma e os caninos se alongarem, transformando o sorriso dele em uma expressão predatória.

O clique da pistola de Callie ecoou ao redor deles enquanto ela acariciava o gatilho e encostava a arma na têmpora de Fantasma.

— Sua raça parece tão amedrontada com a prata quanto os sugadores de sangue — disse Callie. — Não tenho munição suficiente para lidar com dois tipos de monstros nesta viagem. Não me obrigue a mudar de alvo.

O sorriso de Fantasma desapareceu, embora não tivesse desviado o olhar para Callie, mantendo-o cravado em Jack.

— Vai se arrepender disso, sua ordinária — rosnou ele.

Sabine lhe deu uma bofetada, com força. Jack gritou na mesma hora em que Callie deu um passo para trás, apontando a arma, pronta para atirar. Assustados com o ruído, os outros três lobos correram até o topo da colina, mas chegariam tarde demais para ajudar.

Fantasma estava enfurecido, fungando e balançando a cabeça, tentando conter a raiva.

— Talvez a *ordinária* deva mesmo puxar o gatilho — disse Sabine. — Só para garantir.

Fantasma se encolheu, como se Sabine tivesse lhe dado uma segunda bofetada.

— Você não entende. Não vai sobreviver sem mim.

Pela primeira vez, Jack pensou ter visto uma dor verdadeira — um sinal autêntico de humanidade — nos olhos daquele monstro.

— Por que você se importa? — questionou Sabine.

Fantasma grunhiu, deu meia-volta e seguiu para o oeste, descendo a colina rumo às árvores. Quando Louis e os outros lobos alcançaram Jack, Fantasma andava de um lado para o outro entre as árvores, entrando e saindo da floresta, fechando os olhos e respirando fundo.

— O que ele está fazendo? — perguntou Callie.

— Tentando encontrar o rastro dos vampiros — disse Reverendo. — Verificando se o esconderijo deles está por perto. Os dias de verão nesta região são longos, e ainda temos umas quatro horas até o anoitecer. Se conseguirmos descobrir para onde foram os vampiros, podemos ir no sentido oposto. Não podemos estar perto deles quando o sol se puser.

— Não temos escolha — falou Jack.

Todos os olhares convergiram para ele. Até mesmo Fantasma, com sua audição lupina, parou o que fazia para prestar atenção.

— Talvez seja melhor você se explicar — sugeriu Louis.

Em resposta, Jack afirmou:

— Com ou sem vampiros, a parte da floresta que pertence a Lesya fica para aquele lado, e é para lá que nós vamos. — Mantivera-se à margem do rio pelo máximo de tempo possível, mas lembrava-se bem do território todo. Se seguissem na direção noroeste, chegariam às colinas e ao território de Lesya.

Todos ficaram quietos por vários segundos, assimilando o que Jack dissera.

— Viemos até aqui para matar os vampiros, para mantê-los longe de Dawson — disse Callie, ainda empunhando a arma, enquanto a mão livre repousava sobre a coronha da outra pistola.

Jack franziu a testa.

— Viemos até aqui para ajudar Sabine a encontrar as respostas que está procurando, se é que há respostas a serem encontradas. Depois lidaremos com os vampiros.

Callie pareceu analisar as palavras por um momento, em seguida bufou pesadamente.

— Bom, desde que a gente lide com eles...

— Acho que não teremos escolha — respondeu Jack sombriamente.

— Está certo. — Sabine apontou para a floresta. — Agora que resolvemos essa questão, mostre o caminho.

Jack desceu a colina na direção noroeste, com Sabine e Callie logo atrás dele. Vukovich, Louis e Reverendo os seguiram, os três conversando em voz baixa entre si. Contornaram à esquerda da área dos garimpeiros assassinados, mas tiveram de passar perto da mulher morta dependurada na árvore. Jack não pôde evitar olhar para ela. Agora que conseguira ver o que havia atrás do véu de cabelos, ficara assombrado com a expressão dos olhos inertes encarando-o, arregalados de terror e tristeza.

À esquerda, Fantasma demorou a se movimentar, como se hesitasse em acompanhá-los.

— Tem certeza de que não deveríamos usar a prata nele? — Callie murmurou.

Jack prendeu a respiração, porque na verdade não tinha certeza. A

intimidade com Sabine sugerida por Fantasma o deixara furioso, e começava a achar que qualquer pretensão de se reabilitar era motivada por isso. De qualquer modo, por mais arrogante que Fantasma fosse, era possível que estivesse certo — Sabine poderia não sobreviver àquela jornada sem a proteção dele. Ele era de longe o mais forte e o mais feroz de todos eles.

Embora Sabine, aparentemente, não estivesse preocupada com isso.

— Ainda não — Sabine sussurrou para Callie, consciente de que Fantasma poderia ouvi-la. — Mas talvez a gente ainda use.

Callie riu discretamente, quebrando a tensão do momento.

— Bom, é só me dizer quando.

Sabine segurava com firmeza a mão de Jack, mas não se apoiava nele. Tinham de caminhar mais depressa. Se fosse correta a suposição de que o refúgio dos vampiros não estava longe do massacre que haviam descoberto, qualquer direção os levaria para longe dos monstros — isso se andassem rápido. O problema era que Sabine tinha plena consciência de que obrigava todos a andar mais devagar. Jack percebia a frustração dela, além do orgulho ferido, toda vez que tropeçava ou tinha de parar para recuperar o fôlego. Poderia ajudá-la, mas ela se recusava a se apoiar nele. Várias vezes ela sugerira que fossem na frente até a floresta de Lesya; que ela os encontraria lá. Jack ficou satisfeito pelo fato de nenhum deles sequer tomar conhecimento dessas sugestões.

Caminharam ao longo de colinas baixas, através de bosques e trechos de terreno acidentado por mais de uma hora, e, quanto mais se distanciavam do rio, mais a aura radiante de Sabine perdia sua força. Jack também percebera algo novo: ela parecia mais velha. Não muito mais velha, ainda mais se se levasse em consideração a verdadeira idade dela. Mas haviam surgido discretas rugas na extremidade dos olhos que não existiam antes, e a preocupação dava-lhe um ar mais envelhecido.

À medida que percorriam uma subida familiar — Jack se lembrava de ter passado pelas mesmas colinas enquanto fugia de Wendigo, para cair nos braços de Lesya —, Sabine bateu a ponta da bota em uma pedra e caiu de joelhos. Quando Jack tentou socorrê-la, ela pediu que se afastasse, demorando um instante para recuperar o fôlego.

Jack ajoelhou-se ao lado dela. Sabine virou o rosto, como se estivesse

envergonhada.

— Vou conseguir — disse ela. — Só preciso de um momento.

Afastando o cabelo do rosto, Sabine respirou fundo mais uma vez e se levantou, cambaleando ligeiramente antes de se endireitar. Quando fitou Jack, ainda de joelhos, um sorriso cansado se abriu no rosto dela.

— Venha comigo, querido — provocou ela. — A menos que esteja cansado demais.

— Amo você — disse Jack com carinho. Sabia que ela havia compreendido as palavras que não chegara a pronunciar; como lutaria para pôr um fim ao sofrimento dela.

— E eu também amo você.

Jack olhou para o cume da colina. Callie e Fantasma estavam junto de Louis, observando-os com expressões que iam de curiosidade a desdém, passando por grande preocupação. Vukovich e Reverendo olhavam para o oeste, no lado oposto da colina.

— Então vamos deixar que prossigam sem nós — sugeriu Jack. — Eles podem encontrar Lesya e trazê-la até aqui, para você. Podemos conseguir as respostas que você quer e depois voltar ao rio. Em seguida, para o mar...

— Ou talvez ela mate todos eles — afirmou Sabine.

— Sempre soubemos que essa era uma possibilidade — disse Jack. — Estamos apostando que ficará intrigada com você e que, por esse motivo, vá nos poupar...

— Ela não mataria você. Ela o ama.

Jack franziu o cenho.

— Você ainda não entendeu? Ela nunca me amou. Só não queria ficar sozinha, e precisava de um homem que tivesse dentro de si o suficiente do mundo selvagem para viver do modo como ela vive. Alguém que fosse selvagem o bastante para ficar com ela. Uma pessoa suficientemente indomável.

— Você é assim — disse Sabine, pegando a mão dele, enquanto Jack se levantava. — Senti isso em você. E você me confirmou.

— Mas já aprendi a lidar com isso. Não pertencço a este lugar.

— Não — concordou Sabine. — Você deve ficar ao meu lado. Não estou arriscando isso tudo por nada. Vamos continuar juntos. — Ela apertou a mão dele, e avançaram juntos pelos últimos metros da colina. Bastante preocupado com o estado de Sabine, Jack a acompanhava de

perto. Callie e os lobos não falaram nada, nem mesmo Fantasma, quando continuaram caminhando rumo a um trecho de floresta que começava na base da colina.

— Você acha que falta muito, Jack? — perguntou Callie.

— O terreno parece sempre igual para mim — comentou Reverendo.
— Sabe mesmo onde estamos?

— Acho que devemos ficar fora daquela floresta — respondeu Jack.
— Vamos por este lado. — Apontou para o noroeste, onde as pequenas e escarpadas colinas eram pontuadas por árvores que pareciam idosos recurvados, sobreviventes dos vários invernos do Yukon. — Ainda faltam quilômetros, mas nos aproximaremos antes de um riacho. Depois dele, fica a floresta de Lesya.

Fantasma grunhiu e apressou-se a seguir ao noroeste.

— Ele demonstra ter convicção. Vamos acabar logo com isso, antes que ela morra.

Obviamente ele se referia a Sabine, mas não chegou a encará-la antes de começar a andar. O restante do grupo foi atrás, descendo a colina por uma área íngreme que era difícil para Sabine percorrer. Com a floresta à esquerda, chegaram à base de uma colina e começaram a subir por outra. Pouco depois, Louis se deteve e começou a farejar. O corpo de Jack se retesou. Fantasma apenas parou, assentindo em sinal de aprovação enquanto encarava o limiar que demarcava a presença das árvores.

Jack acompanhou o olhar de Fantasma e compreendeu o que era, em meio às sombras que as árvores formavam na luminosidade do fim de tarde.

Era o lobo de Jack.

— Veja só — disse Fantasma.

— Amigo seu? — perguntou Callie.

— Sim — respondeu Jack, antes de se dar conta de que ela havia falado com Fantasma.

— Muito amigo mesmo — respondeu o ex-capitão. — O animal salvou minha vida. Mas para ajudar Jack, e não a mim.

Como Jack poderia lhes explicar? Apenas Sabine sabia da conexão que ele tinha com o lobo, aquela criatura que às vezes parecia mais um espectro que um animal. Era seu totem espiritual, vinculado de alguma maneira à sua essência, e salvara sua vida mais de uma vez na primeira

visita que fizera ao Yukon. Mas jamais se expusera assim antes para outras pessoas.

Jack estivera tão concentrado em Sabine que tinha deixado de prestar atenção nos animais selvagens da região e nos vácuos sombrios que os vampiros criavam. Agora, sentia parte do peso da preocupação com Sabine se esvair. Embora o lobo só se manifestasse em situações extremas, a presença dele animava seu estado de espírito.

— Continuem andando — disse Jack. — Alcanço vocês depois.

Os outros seguiram em frente; Callie perto de Sabine, e Fantasma e Vukovich na dianteira do grupo. Mas, assim que Jack deixou o grupo para saudar o lobo — usando seus sentidos para lhe dar as boas-vindas e vasculhar a floresta em busca de ameaças —, o animal saiu em disparada rumo ao noroeste. Em segundos, ultrapassou todo o grupo e parou diante deles.

Ao notar que Fantasma e Vukovich não se deteriam, o lobo passou a rosnar, mostrando os dentes, os pelos eriçados.

— Que droga está acontecendo por aqui? — perguntou Callie.

Jack correu, passando por Sabine e ultrapassando Fantasma e Vukovich, para alcançar o lobo, que recuou, ainda rosnando. Jack deteve-se, surpreso.

— Ei, sou eu — disse ele, estendendo a mão. Tão majestoso e tão bonito, embora menor que qualquer lobisomem, ainda assim era a fera mais poderosa que Jack já vira. Haviam se encontrado no mundo selvagem, e o lobo tinha salvado sua vida. A última coisa que ele desejava a Jack era que se ferisse.

E, no entanto, agora ele rosnava, avançando um passo à frente, os dentes à mostra.

Vukovich saiu correndo, semitransformando-se enquanto isso. O rosnado que soltou era profundo e monstruoso.

— Não! — gritou Jack, e atrás dele Louis também gritava, alertando o companheiro de tripulação. Mas o sangue de Vukovich subiu à cabeça. Ele foi em direção ao lobo, e os dois começaram a se encarar.

Com as emoções descontroladas — raiva de Vukovich, temor pelo lobo, confusão ao perceber que o animal o tratava de modo não amigável —, Jack aproximou-se de Vukovich. Desferiu um chute no quadril do lobo semitransformado, tentando derrubá-lo no chão, mas Vukovich era ágil e veloz. Ele desviou do chute e se preparou para atacá-

lo.

— Jack! — gritou Sabine. O lobo atacou Vukovich pela lateral, passando perto de Jack antes de atacar, os dentes rangendo e as garras retalhando carne.

“Ah, não!”, pensou Jack quando Vukovich se levantou, as mandíbulas tornando-se maiores e escancaradas, de um jeito descomunal. De repente, Fantasma também estava no embate, agarrando Vukovich e arremessando-o para o lado. Vukovich girou no ar e caiu de pé a uns seis metros de distância, agachando-se em seguida. Hesitou quanto a uma nova investida, pois sabia que Fantasma acabaria com ele facilmente.

— Falei que este lobo havia salvado minha vida! — Fantasma rosnou. — Se quiser matar e devorar Jack, por mim, tudo bem. Mas não encoste no lobo.

Vukovich voltou à forma humana, retraindo as características lupinas, e Louis se aproximou para dar um tapa na cara dele, xingando-o num fluente dialeto francês. Reverendo manteve-se apartado da confusão, apenas observando com cautela. Parecia bastante preocupado com Callie e com o que ela faria com suas balas de prata, agora que tinha visto como eram monstruosos seus companheiros de viagem, mas a caçadora de vampiros parecia ter absorvido os fatos muito bem, apenas balançando a cabeça em sinal de assentimento. “Por enquanto”, pensou Jack.

Jack se colocou entre Fantasma e Vukovich, aproximando-se do segundo o suficiente para sentir até mesmo seu hálito.

— Estamos juntos nisso, Vukovich — Jack falou, a voz calma. — Cada um de nós escolheu estar aqui. Mas, embora a gente pareça fazer parte de um bando, você parou de viver sob as regras do bando no momento em que decidiu vir comigo. — Vários segundos se passaram enquanto Jack e Vukovich se encaravam. O lobisomem podia atacar a qualquer momento, os dedos se alongando na forma de garras e dilacerando seu pescoço, ou pelo menos tentando dilacerar, mas Jack o fitava sem sequer piscar. — Se quiser mudar isso... se quiser viver pelas regras do bando, podemos dar um jeito.

Vukovich piscava, surpreso e desconfiado. Então desviou o olhar, fungando com uma expressão de desprezo.

— Você não é um de nós — disse ele. — Não teria a mínima chance.

— Matei monstros piores que você — respondeu Jack. Não desviou o

olhar de Vukovich em momento algum, e depois de alguns instantes o russo lhe deu as costas.

Fantasma lançou um olhar sombrio a Jack, encarando-o com uma espécie de aprovação que o fez estremecer.

Jack então caminhou para onde se encontrava seu lobo, que assistia a tudo com um rosnado baixo e contínuo de reprovação, pronto para avançar em defesa de Jack. O comportamento dele o confundia. “Por que iria me ameaçar ao mesmo tempo que deseja me proteger? A não ser que...”

Jack observou as colinas ao noroeste e entendeu.

— Ele quer que a gente dê meia-volta.

— O quê? — perguntou Callie. — O lobo?

Jack se virou para falar com o grupo.

— É por isso que ele veio; para evitar que a gente corra perigo.

Sabine parecia ofendida.

— Não posso voltar agora.

— Eu sei — Jack respondeu.

Aproximou-se do lobo. Dessa vez o animal não avançou para ele, embora continuasse a rosnar e tivesse dado alguns passos para trás, como se guardasse a colina atrás de si. Jack não tivera a chance de harmonizar seu espírito com o do lobo, mas o fez naquele momento, sincronizando seu batimento cardíaco com o do lobo. Ambos os corações pulsavam intensamente, e Jack compreendeu que o animal temia por ele.

— Calma, garoto — Jack murmurou, ajoelhando-se e estendendo a mão para ele. O lobo a cheirou, e Jack encostou o pescoço em sua grande cabeça, tentando empurrá-lo. — Precisamos ir em frente. Não quero que você se machuque. Não quero que *ela* se machuque. Mas temos de seguir.

Jack se perguntou se o lobo seria capaz de sentir o amor dele por Sabine. Se poderia compreendê-lo. Então ele se levantou, afagando as orelhas do lobo, fazendo em seguida um sinal para Sabine e os outros continuarem andando.

O lobo não tentou impedi-los. Acompanhou-os, às vezes correndo à frente deles e, em outras, vasculhando em meio às árvores e sumindo por alguns instantes, para reaparecer em seguida. Jack podia sentir o medo e a tristeza que o animal carregava. Contudo, a intenção dele era protegê-

lo, e sentia-se grato por isso.

Apenas uma hora depois, alcançaram o riacho de que Jack falara, e uma combinação estranha de emoções tomou conta dele. Sentiu-se aliviado, porque certamente estariam a salvo durante a noite na floresta à frente, mas também tinha a sensação de mau presságio ao se lembrar do desejo ensandecido de Lesya. O pai dela era Leshii, um espírito da floresta que viajara pelo oceano quando imigrantes russos haviam chegado àquelas terras inclementes. A essência dele ainda vivia nas árvores e no terreno daquela área específica de floresta, mas seu poder se enfraquecera com o passar dos anos e também devido ao fato de que cada vez menos homens que acreditavam nele viviam naquela região. Agora era apenas um sussurro vestigial, capaz de exercer sua influência raramente. Num futuro distante, quando deixasse de existir por completo, Lesya ficaria sozinha, e Jack acreditava que era essa constatação que a deixava tão desesperada por companhia. A magia dela estava atada àquela floresta, e, se se afastasse da região, perderia o controle sobre a própria aparência e a influência sobre árvores e plantas, assim como Sabine se sentia fraca longe do mar. Lesya passara muitos anos atraindo homens para sua floresta e os testando para ver se seriam bons parceiros, para amaldiçoá-los depois, quando a decepcionavam. Até onde Jack sabia, fora o único a escapar dela.

Podiam apenas estar trocando um perigo por outro, mas ainda assim ficou feliz em chegar ao riacho. Para além dele, o poder de Lesya governava tudo.

Sabine soltou um suspiro de prazer ao cambalear em direção à água. Caiu de joelhos, depois deslizou rumo à fraca correnteza, deixando a água envolver seu corpo apesar do frio que acompanhava a escuridão iminente.

O sol estava tão baixo no horizonte que Callie sacou uma das armas. A caçadora de vampiros encarava Sabine com preocupação, querendo apenas seguir em frente. Levando em conta tudo o que Jack havia falado, a floresta de Lesya seria o único lugar seguro naquela região após o anoitecer. Os lobisomens também estavam atentos, todos prestando atenção no horripilante silêncio ao redor. Um falcão crocitou a distância, mas estava longe demais. Ali onde se encontravam, não ouviam nada além do murmúrio do vento nas árvores da floresta de Lesya, do outro lado do riacho.

O lobo encontrava-se ao lado de Jack, mas, quando ele fez menção de se aproximar de Sabine, feliz em ver que momentaneamente se revigorava, o lobo permaneceu no lugar. Suas patas se retesaram, como se não quisesse cruzar a corrente de água.

Franzindo a testa, Jack e o lobo trocaram um olhar. Ao se voltar para Sabine, viu que Fantasma bloqueava seu caminho. O pirata de ombros largos não ficava perto dele assim fazia algum tempo, e Jack se deu conta mais uma vez de como era uma figura intimidadora. Com seu pescoço grosso e os ombros enormes, Fantasma possuía braços sólidos como os mastros de um navio, desenvolvidos e cheios de músculos.

Jack relanceou o olhar para Fantasma, percebendo que prestava atenção em Sabine sem disfarçar seu desejo. A água a acariciava, encharcando-lhe as roupas, revelando os contornos de seu corpo, tornando a cena inconscientemente sensual.

— Ela nunca será sua — Jack se flagrou dizendo.

Fantasma sorriu, um rosnado longo saindo de seu peito.

— Não dessa forma, é verdade. Mas ela é mais uma obra da natureza do que uma mulher, tão selvagem quanto eu. Quando ela encontrar sua Lesya, vai compreender isso. Depois, não conseguirá mais ficar ao lado de um homem comum; não vai conseguir sequer enxergar em você a mesma criatura que via antes.

Uma fúria ardente incendiava o coração de Jack, e ele deu um passo em direção a Fantasma, destemido mesmo diante do tamanho do lobisomem.

— Ela não sente nenhum desejo por você — disse Jack, a voz baixa carregada de ferocidade. — Sabine não sente desejo por um animal. Ache uma fêmea de sua espécie, se estiver assim tão desesperado por uma parceira.

— Ah, Jack, assim você me ofende — falou Fantasma, levando uma das mãos ao coração, fingindo estar ofendido. — E quanto a todo o seu esforço para nos tornar humanos? Um homem não pode desejar ser amado?

— Amado? — zombou Jack.

Ambos perceberam que alguém se aproximava e se viraram, para dar de cara com Callie, próxima o suficiente para ter disparado contra os dois se quisesse. Ainda tinha a pistola nas mãos, mas apontada para o solo, enquanto analisava os dois com uma impaciência crescente.

— Alguns homens nasceram para ser feras, mas tanto um homem quanto uma fera têm vida — disse ela. Em seguida, com um olhar feroz, virou a cabeça para cuspir, voltando a encarar Jack e Fantasma. — O que enfrentamos, contudo, são criaturas malignas e destituídas de vida. Homem e fera terão de aprender a conviver. Entenderam?

Fantasma deu uma olhada para Jack.

— Para mim, tudo bem. E você, entendeu?

Como resposta, Jack se afastou dos dois e se aproximou do rio, ajoelhando-se perto de Sabine. Usando as mãos em concha, sorveu grandes goles de água.

— Logo vai escurecer — falou para ela.

O sorriso em seu rosto desapareceu. Tomada pelo arrependimento, Sabine pegou a mão que ele lhe oferecia, e os dois se levantaram juntos. A água escorria de seu corpo, mas Jack não se virou para ver se Fantasma a observava. Sabia que o lobisomem estaria à espreita e que o olhar de cobiça dele o deixaria transtornado. Se homem e fera teriam de aprender a conviver, Jack iria se esforçar bastante para não matar Fantasma.

— Vamos! — Jack disse a Louis e aos outros lobisomens. Não havia chamado Fantasma, mas ele também fazia parte do grupo, Jack gostasse ou não.

O lobo de Jack hesitou, até que Jack suspirou e decidiu atravessar o riacho sem ele. Só então o animal se apressou para alcançá-lo, saltando para cruzar a corrente. Reuniram-se e adentraram a floresta, Sabine parecendo, de alguma maneira, rejuvenescida. Jack se perguntava quanto tempo isso iria durar.

No instante em que cruzaram a fileira de árvores e entraram na floresta de Lesya, Sabine se empertigou, arquejando.

— Tudo bem com você? — perguntou Jack.

Ela assentiu com um gesto de cabeça.

— Acho que sim. Sinto alguma coisa neste lugar... algo muito antigo.

— Leshii — disse Jack. — Ele é o espírito da floresta.

— Não resta muito dele — Sabine falou.

— Não. Não resta. — E, ao pronunciar essas palavras, Jack se deu conta de que ele próprio não conseguia sentir nenhum vestígio de Leshii. Sempre sentira uma presença acompanhando-o enquanto caminhava por aquela floresta, mesmo antes de saber que Leshii estava presente nas

árvores, nas plantas e no solo. Se Leshii ainda estivesse lá, sua essência se tornara ainda mais fraca no último ano.

— Não existe quase nada por aqui, Jack — comentou Reverendo.

Ele tinha razão. A floresta estava silenciosa. À medida que a última hora do dia se esgotava, em meio aos troncos de árvores a escuridão caía ainda mais cedo, mas nenhuma ave noturna se manifestava. Jack inspirou profundamente, tentando sentir a presença de algo vivo ou, pior, o vazio sombrio e destituído de vida que indicava a proximidade dos vampiros, mas não encontrou nada.

— Não — disse ele, balançando a cabeça em uma negativa, incrédulo. — Ela é muito poderosa; não podem ter...

Um terror profundo tomou conta dele, que apertou o passo. As árvores não se inclinavam em sua direção nem mudavam de lugar para tentar bloquear sua passagem. Eram apenas árvores. Logo, o sol iria se pôr. Supostamente, a magia de Lesya os manteria em segurança durante as poucas horas de escuridão, mas não conseguia captar nenhum sinal dela ali.

— Jack — chamou Louis —, você tem certeza de que...

— Sim, droga, tenho certeza! — esbravejou Jack.

Todos apertaram o passo. Não fosse por Sabine, ele teria saído em disparada pela floresta afora. Em poucos minutos, entretanto, chegavam à clareira perto da cabana de Lesya, e Jack estacou, olhando para a construção. Na última vez em que estivera ali, a casa era cheia de vida, todos os troncos envolvidos por raízes fincadas no solo, ainda verdes entre as cascas de árvore rigorosas. Não percebera ao relancear o olhar pela primeira vez, mas agora via que a cabana estava mudada. Era uma construção qualquer: uma coisa morta, empoeirada, vazia e abandonada. Nada se mexia ali. Nada vivia. Ervas daninhas cresciam nos jardins que Lesya havia criado ao redor da cabana, a natureza se sobrepujando a si mesma.

A magia tinha desaparecido. Lesya tinha desaparecido.

E a noite se aproximava com rapidez.

— E agora? — perguntou Sabine, aproximando-se dele. — Ela está morta, Jack? E viemos até aqui! Sinto tanto por ter arrastado vocês para esta situação, mas... e se ela estiver morta? — A voz dela falhou na última palavra. Tinha depositado tanta expectativa naquele momento!

— Ainda há um pouco de mágica aqui — afirmou Jack. — Você

sentiu.

— Que beleza, essa sua fada da madeira, ou seja lá que diabos ela for — resmungou Callie.

Os pensamentos e a pulsação de Jack estavam acelerados. Todos o observavam, esperando que ele os instruisse sobre o que fazer. Até mesmo Fantasma, embora Jack soubesse que o ex-capitão apenas observava os fatos com uma curiosidade bem-humorada, como se Jack fosse o experimento científico de alguém e a vida dele não estivesse também sob ameaça.

O único que não observava Jack era o lobo, parado à extremidade da clareira, em alerta, farejando o ar e espreitando com cuidado a escuridão se intensificar entre as árvores. O animal havia tentado impedi-los. Jack não queria que o lobo morresse com eles.

— A cabana — disse Jack. — É nossa única chance se os vampiros vierem. Bloquearemos a porta e reuniremos todas as armas que pudermos. Temos de suportar até o amanhecer; é daqui a algumas horas, apenas. Depois os caçaremos no refúgio deles. Destruiremos todos aqueles monstros. Quem sabe não tenham levado Lesya? Talvez ela ainda esteja viva.

— Acha que vamos sobreviver? — perguntou Vukovich.

— Se não forem muitos, sim — respondeu Jack. — Já provamos que somos capazes de matá-los.

— Se não forem muitos? — repetiu Reverendo. — Mas *sabemos* que o acampamento deles é perto daqui.

Vukovich olhava de relance para as árvores, ansioso, e para o céu que escurecia acima deles.

— Não sabemos sequer se eles virão. Por que viriam, a menos que soubessem que estamos aqui?

— Vão saber que estamos aqui — disse Callie, sacando a outra pistola. Agora ela segurava uma em cada mão, embora o último suspiro do sol ainda não houvesse se esvaído. — Sentirão nosso cheiro.

CAPÍTULO ONZE

CARNIFICINA FRESCA

Sentindo-se confuso e em conflito, Jack caminhou pelos jardins outrora exuberantes de Lesya, procurando por frutas silvestres e vegetais, enquanto os outros se aproximavam da cabana. Sabine ficou diante da porta, só observando, e Jack não conseguiu evitar uma pontada de culpa ao pensar no período em que vivera ali com Lesya. Ela o havia enfeitado por um tempo, antes que sua loucura ficasse evidente. Agora, o simples fato de pensar nela lhe parecia uma espécie de traição.

Mas Jack não podia ignorar os próprios pensamentos. Encarar aquele lugar como uma lembrança melancólica e funesta o deixava imensamente triste. Jamais teria sido feliz ali, mas ficara contente por um tempo. Lesya havia cuidado dele até que se recuperasse da jornada rumo ao norte e dos abusos que sofrera nas mãos dos traficantes de escravos. Por um breve período, ali fora seu lar.

E que lugar maravilhoso e incrível ele tinha sido. Plantas que não deviam crescer ali, desabrochando e amadurecendo quando o restante do território sofria com o abraço do inverno. As árvores que demarcavam o limiar da clareira pareciam sentinelas montando guarda. E a cabana, feita de madeira vibrante e moldada para criar o lar que o espírito da floresta Lesya tinha imaginado para o homem que ela tanto desejava. Por um tempo, ela imaginara que Jack era esse homem. Depois ele havia conseguido escapar da loucura dela, mas, agora que revia a cabana, pensou se talvez não tivesse deixado um pouco de si para trás.

— O que aconteceu com você, Lesya? — sussurrou ele. — Está morta? Desaparecida? — A área coberta de ervas daninhas e os jardins arruinados tragaram a voz dele, e não houve resposta. Ele sorriu para Sabine, e ela inclinou a cabeça para enxergar melhor o interior da cabana. Jack respondeu com um aceno. Mas naquele momento

praticamente arrastava os pés, relutante em entrar no lugar que lhe inspirava tantas memórias.

Podia sentir a morte dali. Perguntava-se então quão diferente não estaria o interior da casa.

— Jack — chamou Louis, à porta aberta da cabana —, temos equipamento para bloquear a porta. Mas você precisa entrar, *mon ami*. — Jack ergueu a espingarda que havia trazido do acampamento dos garimpeiros. — Venha, agora.

Jack se virou e observou as árvores que cercavam o antigo jardim. A penumbra entre elas aprofundava-se, e ele se lembrou da fuga por entre as árvores, perseguido por Lesya, conduzido pelo espírito ancestral de Leshii, até chegar àquela terrível ravina. Nela, encontrara as vítimas anteriores de Lesya, homens que ela havia atraído àquele lugar e depois descartado quando não podiam mais satisfazer seus desejos... O corpo dele estremeceu. Era como se estivesse sendo vigiado.

O lobo de Jack surgiu em meio às árvores e parou a uma dezena de passos do outro lado da clareira. Numa demonstração repentina de seu poder primordial, o animal levantou a cabeça e uivou para o crepúsculo.

De dentro da floresta, vinham sons de vegetação sendo esmagada e galhos sendo quebrados, e o sangue de Jack gelou ao lembrar de Wendigo perseguindo-o por lugares ermos. Mas agora não era Wendigo que estava lá, e os sons vinham de várias direções.

— Parem de enrolar e entrem logo! — chamou Callie.

Jack se virou nesse instante e apressou-se para entrar na cabana, com Sabine logo atrás dele.

— Não há nada a temer, Jack — disse ela, e Jack não sabia dizer se ela se referia ao lado de fora ou ao interior da cabana.

Callie bateu a porta atrás deles e procurou por uma trava, mas não havia nada por perto.

— Não há nenhuma proteção por aqui — disse Jack.

— A cama! — falou Louis. Ele e Reverendo arrastaram o móvel pelo chão de madeira até a porta, levantando-o para bloquear a entrada. Louis bateu na madeira com os nós dos dedos. — Isto deve aguentar. — Mas sua voz não soava confiante.

Com os sete membros do grupo dentro da cabana, ela parecia lotada, e, quando Jack deu uma olhada ao redor, tentando se colocar no presente e não no passado, a frieza do lugar o fulminou. Antes, aquele

fora um local vibrante, cheio de vida, influenciado pela vitalidade surpreendente de Lesya e pelo arremate quase brutal do mundo selvagem. Agora, tudo parecia morto. Para Jack, era repulsivo estar ali, e, por um momento, preferiu estar lá fora enfrentando o perigo a céu aberto a ficar preso ali dentro, em um lugar do qual a morte já tomara conta.

Fantasma se aproximou e o empurrou gentilmente até a parede.

— Agora não é hora de sonhar, senhor London! Qualquer coisa que possa nos dizer sobre este lugar para nos ajudar, diga. Qualquer detalhe sobre a estrutura, que possa nos dar alguma vantagem, precisamos saber. — Fantasma o encarava, e os demais pararam o que faziam para ouvi-lo.

— Antes, era um lar vibrante — disse Jack lentamente. Seu olhar pousou em Sabine. “Ela veio até aqui para nada”, pensou Jack, mas se deu conta na mesma hora de que estava errado. Ela tinha os olhos bem abertos e parecia animada, bem melhor do que quando atravessara a floresta abandonada de Lesya. Sabine já havia encontrado alguma coisa. Fosse o que fosse, reluzia em seu olhar, parecendo refletir em sua pele na forma de uma luminosidade sutil.

— Vibrante? — perguntou Reverendo.

— Isto aqui — disse Jack, passando a mão nas paredes da cabana. — O chão. A madeira não foi apenas cortada e colocada aqui. Tudo isto cresceu aqui, e agora está morto. — Ele arrancou um pedaço da casca da parede, e a madeira sob ele era seca e dura. — Apesar disso, a construção está enraizada no solo. Deve ser tão forte quanto uma antiga árvore da floresta. Os únicos pontos fracos são as portas e as janelas.

— Ótimo — respondeu Fantasma, assentindo. — Vai tornar tudo mais fácil.

— Há alguma coisa se mexendo ali — avisou Callie. Estava diante das janelas, empunhando as pistolas, os canos apoiados no peitoril estreito. Ela bateu no vidro, e o som pareceu absurdamente alto.

— O sol vai nascer daqui a quatro horas — informou Vukovich. — Talvez cinco. — Ele balançou a cabeça, revelando pessimismo.

— É pouco tempo — disse Fantasma.

Sabine aproximou-se de Jack e se encostou nele, percorrendo a cabana com o olhar.

— Ainda existe alguma coisa aqui — disse ela. — Que está me dando força. É um sussurro constante em minha mente, embora eu não consiga

distinguir do que se trata.

— Nem tente — falou Jack. — Leshii parecia louco na última vez em que estive aqui. Agora, com sua filha morta ou desaparecida, talvez esteja ainda pior.

— Sim, percebo tristeza — constatou Sabine. — Mas não é por algo que morreu.

— O que você quer... — começou Jack, mas Callie o interrompeu com duas palavras que tiveram o efeito de congelar todo o ar dentro da cabana.

— Eles chegaram.

A atmosfera dali mudou. Todos ficaram em silêncio, e nesse silêncio Jack e Sabine podiam ouvir os sons familiares e apavorantes de ossos estalando e pele se esticando: os lobisomens começavam a mostrar seu lado selvagem.

Callie permaneceu perto da janela, as armas preparadas. “Quanta munição ela tem?”, perguntou-se Jack. Com certeza, não muita. A mochila dela estava no chão, carregada com as dinamites que havia encontrado no acampamento dos garimpeiros. Duvidava que os explosivos pudessem ajudá-los agora. Teriam de sair da cabana para arremessá-los, e lá fora...

Jack espiou por outra janela e os viu. Os ursos-polares — de um amarelo pálido à luz do entardecer, imensos, aterrorizantes — caminhavam pela clareira em círculos. Em vez de avançarem, não tinham pressa, farejando os perigos e se assegurando de que a cabana estaria cercada.

— Por que não atacam logo? — rosnou Louis. Sua voz soava profunda e distorcida pela transformação da mandíbula. Ele estava na outra extremidade da cabana, onde havia uma janela menor que dava para a floresta. Reverendo encontrava-se agachado perto de Callie, e Vukovich se apoiava na cama que bloqueava a entrada, enquanto Fantasma perambulava pelo local, alternando-se entre as janelas e tentando entender o que ocorria do lado de fora.

— Querem nos assustar — ponderou Fantasma. — Estão fazendo as coisas sem pressa, para a gente suar frio.

— É o que querem — concordou Callie. — Sentiram nosso cheiro. Não significa que saibam quem ou o que somos.

— São fortes demais para serem tão cuidadosos — argumentou

Vukovich.

— É em parte por causa disso que são tão fortes — respondeu Jack.
— Força não é só uma questão de músculos. Não é, Fantasma?

— Acho que sim — disse o ex-capitão. — Mas os músculos ajudam.

— Não consigo ver o lobo — comentou Callie.

— Está lá, na direção norte — falou Fantasma, e Jack sabia exatamente a que local se referia, porque ele também já o vira.

— O que está fazendo lá? — perguntou Sabine.

— Observando — respondeu Jack. O fato de o lobo estar nos arredores da cabana o perturbava mais do que estava disposto a admitir. O animal o alertara para não vir — havia se interposto no caminho de Jack e quase o ameaçara —, mas ele ignorara o aviso. Talvez tivesse resolvido acompanhá-lo apenas para vê-lo morrer. — Só observando.

— Chega de conversa mole! — disse Callie. — Aquele com a cicatriz no tronco está se aproximando, então... — Ela se interrompeu, usando o cano da arma para quebrar o vidro da janela a seu lado.

Através do vidro, Jack viu o resultado do barulho alto e cortante. Os ursos-polares — havia contado seis caminhando pela clareira e temia que houvesse mais escondidos na floresta — pararam por um instante, virando-se depois para a cabana, os focinhos erguidos para farejar, as cabeças inclinadas para ouvir melhor.

Callie disparou duas vezes, e o urso mais próximo da cabana se levantou nas patas traseiras, soltando um ruído tão agudo que poderia ter sido confundido com um grito humano. Ele caiu de costas, contorcendo-se e se encolhendo à medida que agonizava.

— Foi-se o primeiro — rosnou Fantasma.

Os outros ursos-polares avançaram a um só tempo contra a cabana, de cinco direções diferentes.

Uma noite infernal havia começado.

Callie deu outros dois tiros, mas Jack não viu nenhum urso tombar ao chão. Podia ver dois através de sua janela, correndo em meio ao jardim abandonado e se aproximando com rapidez da cabana. Um desviou para outra janela, mas outro se dirigia exatamente para onde Jack estava, a mandíbula aberta e sangue escorrendo pelo rosto e sobre o peito. Os dentes da besta eram grandes demais para sua boca.

— Para trás! — disse ele a Sabine, agarrando sua roupa e se afastando da janela. Ergueu a espingarda, dando-se conta de quanto aquela arma era inútil. Callie tinha balas de prata, os lobos tinham presas e garras. Mas Jack possuía apenas uma espingarda, um punhado de cartuchos e uma determinação passional em sobreviver ao ataque. Foi fulminado pela enorme injustiça daquele embate. Quando o urso se chocou contra a cabana e enfiou a cabeça através da janela, Jack jurou a si mesmo que sairiam dali vivos.

Urrando, Jack disparou contra a fera à queima-roupa. A cabeça do animal foi lançada para trás contra a parte superior da janela, voltando-se para encará-lo mais uma vez, com um rosnado estrangulado pelo tiro da espingarda. As garras arranhavam o solo sob a janela da cabana, e aquela coisa se lançou para a frente, forçando a entrada, embora fosse grande demais para atravessar a passagem.

Jack sofria para manusear a espingarda, respirando fundo para tentar se acalmar enquanto a recarregava, quando Fantasma passou por ele e atacou o urso.

— Jack! — avisou Sabine, puxando-o para trás ao notar que Fantasma se encontrava em um estado de transtorno que nenhum deles havia visto desde o *Larsen*. Transformado, enorme, animalesco. Apesar de seu tamanho e dos pelos que lhe cobriam o rosto, o sorriso assustador ainda era reconhecível, e Jack teve certeza de que o acompanharia até o fim, e talvez além. Fantasma estava transformado, porém ainda possuía total controle de si mesmo, e avançou para o urso preso à janela sem misericórdia. Atacou uma das patas imensas, dilacerando-a. O urso o golpeou com a outra pata, e Fantasma cambaleou, contudo evitou cair, pois tinha as garras cravadas bem fundo na carne do vampiro.

— Callie! — gritou Jack, mas ela tinha outros problemas para resolver. Outro urso estava na janela em que se encontrava, metade do corpo dentro da cabana, as patas presas às roupas de Callie. Reverendo estava em cima da criatura, garras e dentes à mostra, criando uma névoa de pelo e sangue no interior da cabana. Vukovich estava sob o urso, uma das patas da fera pressionando-o contra a superfície da cabana, esmagando-o.

Atrás deles, Louis estava na janela menor, envolvido em uma batalha semelhante.

Jack carregou a espingarda, mirou e aguardou, disparando quando o

urso usou a perna para golpear Fantasma, lançando-o contra a cama que bloqueava a entrada. O tiro atingiu o joelho do monstro e a perna se contorceu, inutilizada. Ele rugiu — de raiva, não de dor.

Fantasma e Jack se entreolharam por um instante, e o sorriso largo do primeiro era arrepiante. Ferido e sangrando, desfrutava de cada momento. No olhar dele, Jack percebeu o homem que sempre fora, e não o lobisomem em que havia se transformado. Esse fato, mais que qualquer outra coisa, convenceu-o de que Fantasma jamais mudaria.

Ele não tinha vontade nenhuma de mudar. Gostava de ser um monstro.

Outro disparo, e o urso acima de Callie tombou morto, com metade do corpo no interior da cabana cobrindo Vukovich quase por completo. Reverendo puxou Callie para longe do vampiro fumegante que se contorcia, e, à medida que a coisa retornava ao que tinha sido antes — um Tlingit de pele envelhecida e repleta de vincos —, Vukovich levantou o corpo e, pela janela, tentou empurrá-lo para fora da cabana.

O cadáver foi lançado para longe por outro urso-polar, que agora tentava entrar pela abertura na janela. A armação de madeira começou a mostrar fendas e a ceder sob a força da criatura que tentava transpô-la.

Callie ajustou a mira, mas escorregou em tufo de pelo que cobriam o piso de madeira, mandando uma bala para o teto. Caiu em seguida, derrubando a arma, a cabeça batendo no chão, de onde não conseguiu levantar, gemendo.

O urso não perdeu tempo e atacou, usando as garras para acertar o rosto lupino de Vukovich, que caiu de costas.

— Fantasma! — gritou Jack. O ex-capitão relanceou o olhar para Sabine, tentando se afastar da janela. O urso contra o qual lutava encontrava-se estraçalhado, e ele demorou alguns segundos preciosos para tirar as garras cravadas na carne da criatura.

— Rápido! — gritou Vukovich por entre os lábios feridos. Estava em pé mais uma vez, desviando do ataque das patas pesadas do urso. O vampiro encontrava-se prestes a entrar na cabana.

“A coisa vai matar Vukovich primeiro”, pensou Jack, “depois vai pisotear Callie, esmagá-la até a morte e em seguida vai atacar Fantasma.”

Mas Fantasma já estava pronto e cruzou o cômodo num salto, lançando-se por três metros, para aterrissar às costas do urso-polar. No

instante em que a criatura terminou de atravessar a janela, adentrando a cabana, Fantasma a agarrou pela cabeça, puxando-a com toda a força que possuía.

— Vukovich! — sibilou Fantasma. Vukovich brandiu a mão num arco e abriu a garganta do urso. Escorreu algum sangue, mas não muito.

— Jack! — gritou Sabine. — Há outros vampiros nos fundos da cabana.

Jack se virou para ver Louis em uma luta na janela menor. Nenhum urso conseguiria entrar por ali. Havia um cômodo pequeno nos fundos, com a porta trancada e uma barricada. Talvez as criaturas tivessem percebido naquele lugar um ponto fraco, ou, o que seria mais simples, talvez investissem contra as paredes sólidas de madeira para entrar na cabana de qualquer jeito.

Sabine deu um grito. Jack reagiu, pegando a espingarda e disparando contra o urso ferido e ainda preso na janela. Ele se arrastava para dentro, mesmo tendo os membros dianteiros dilacerados, determinado e furioso, a coisa mais selvagem que Jack já vira. O tiro o acertou na cabeça e estilhaçou um pedaço do crânio, mas ainda assim a criatura avançava.

Sabine se protegeu atrás de Jack, arrastando-se pelo chão, a poucos metros de onde Fantasma e Vukovich lutavam contra o urso menor que tentava entrar. Ela arrastou Callie, que ainda se encontrava meio zonza, para longe do perigo, tentando apanhar a arma da mão dela. Mesmo quase inconsciente, Callie não permitiu, segurando-a com firmeza. Sabine sussurrou algo na orelha da mulher e depois se levantou, segurando a arma com as duas mãos. Tomando cuidado com Jack, ela mirou e atirou.

O urso na janela estremeceu. Depois começou a berrar, debatendo-se muito, e uma faixa de carne no ombro dele passou a borbulhar, fumegante.

— A bala acertou o alvo! — gritou Jack. — Atire de novo!

Sabine soltou outro disparo, mas franziu a testa. Olhando para a arma, balançou a cabeça em uma negativa. As balas haviam acabado.

De qualquer maneira, aquele urso já estava condenado, e Jack se deu conta de que a morte lenta e dolorosa do maldito Tlingit seria uma vantagem para eles. A coisa iria demorar mais para encolher até a forma original, livrando-se da maldição e se tornando na morte aquilo que um dia fora em vida, e nesse processo bloquearia a janela por certo tempo.

Fantasma ainda segurava a cabeça do urso menor, e Vukovich agora o degolava usando sua faca. Jack desviou o olhar e percebeu que Sabine se ajoelhava ao lado de Callie. Um silêncio estranho tomou conta da cabana, pontuado apenas pelos sons medonhos de Fantasma e Vukovich decapitando o urso-polar e lançando sua cabeça a um canto.

Jack baixou a cabeça, e os olhos inertes de uma jovem Tlingit encontraram os seus. Pensou ter visto uma tristeza profunda e paralisante na expressão dela, mas podia ser apenas o efeito da luz da cabana.

— Esta já era — disse Louis. Afastou-se da janela, ainda prestando atenção nela caso houvesse um novo ataque.

Quando Jack olhou para Sabine, percebeu que os ombros dela relaxavam um pouco, e ela lhe fez um aceno com a cabeça, indicando que Louis tinha razão.

— Na direção das árvores, nos fundos da cabana — disse ela. — Estão se reunindo lá. Eles são...

— O quê? — rosnou Fantasma. Tinha o corpo sem cabeça nas mãos, pronto para jogá-lo pela mesma janela por onde havia entrado, só que com um aspecto diferente.

— Eles são vários — sussurrou Sabine. — E estão a caminho neste momento. Sinto que a floresta está sombria.

— Quantos são? — perguntou Jack.

— Não consigo contar — respondeu Sabine.

Atrás de Jack, o urso ferido dera seu último suspiro, e os ossos estalavam conforme assumia sua forma humana. Ele olhou para a mulher que amava, a bruxa do mar que viera até ali para desvendar a própria história. Em seguida, seu olhar buscou a caçadora de vampiros, que tinha as mãos na cabeça e procurava, lentamente, se sentar. Depois olhou para os lobisomens, que haviam lutado contra os vampiros para defender a própria vida e também a de outros.

Apenas Fantasma retomara a forma humana, mas continuava imenso mesmo assim.

Jack London, então, teve um momento súbito de clara lucidez, pensando em tudo o que havia ocorrido e se perguntando como coisas tão espantosas e terríveis continuavam a acontecer com ele. Em seguida, sua visão ficou turva, e o mundo começou a oscilar. Sentiu algo úmido no peito. E caiu.

Sabine o segurou e o beijou, e em seguida tudo era só escuridão.

— Ele não está tão ruim assim — disse uma voz de mulher. “Callie”, pensou Jack. — O corte não foi tão profundo. Perdeu um pouco de sangue, mas...

— Todos perdemos algumas gotas, não é mesmo? — A outra voz era de um homem, que, por um momento, Jack não reconheceu. Era de Louis, e soava distorcida porque o homem havia se transformado e agora era metade lobo.

Ele abriu os olhos e viu Sabine lhe dar um sorriso.

— Jack — disse ela.

— Você está bem? — perguntou ele. A garganta estava seca, dolorida. Uma dor fraca pulsava em seu peito quando falava e respirava.

— Sim — ela respondeu. — Tente se sentar. — Ela se inclinou para ampará-lo e, ao levantar, pressionou o rosto contra o pescoço dela. Adorou a fragrância de sua pele. Se os dois pudessem ficar juntos num lugar seguro... Mas a segurança havia deixado de existir no momento em que se conheceram.

Jack olhou ao redor, observando a cabana. Fantasma e Callie estavam postados perto de uma abertura feita à força numa das janelas, agora destruída. Perto de outra, estavam Vukovich e Reverendo — semitransformados, maiores e mais musculosos. Louis continuava ao lado da janela menor, também quebrada, encostado à parede, olhando para Jack do outro lado do cômodo. Ele acenou, e Jack, notando um sorriso na face distorcida, acenou em resposta.

— Como estamos por aqui? — perguntou Jack.

— Você apagou durante alguns minutos — esclareceu Sabine. — Os ursos recuaram, mas...

— Continuam lá fora — completou Fantasma. — Consigo sentir o cheiro deles do mesmo jeito que consegue detectá-los, Sabine. — E deu uma olhada para Jack. — É bom tê-lo de volta, senhor London. Agora não é hora de dormir no trabalho.

Jack pôs a mão no peito, tocando o curativo que tinham feito em seu ferimento. Começou a tremer, sentindo o corpo gelar. Olhou para Fantasma e para os outros lobisomens, com suas formas descomunais, dentes longos e sua maldição exposta a todos os que quisessem vê-la.

— Callie? — disse ele.

— Estou bem — ela respondeu.

— Callie? — Ele pressionou ambas as mãos contra o peito e, embora Sabine estivesse a seu lado, não conseguia encará-la. Não com o medo que sentia; não antes de ter certeza.

Callie compreendeu o temor de Jack na mesma hora. “Ela já viu esse mesmo temor várias vezes”, pensou Jack. Ela balançou a cabeça e sorriu.

— A mordida — disse ela. — Ela é perigosa. Não sei explicar exatamente por quê, nem sei se é possível explicar. Mas você está a salvo, Jack. Levou apenas um arranhão. Limpei o ferimento o melhor que pude; você vai ficar bem.

Jack suspirou de alívio e permitiu que Sabine o ajudasse a se levantar. Ainda era um homem; ainda era humano. Jamais havia desejado ser outra coisa além disso.

— Carregue sua arma, Jack — Fantasma avisou em um tom de voz calmo. — Sinto o cheiro deles.

— Também sinto a presença deles — concordou Sabine. Jack percebeu que ela agora tinha nas mãos uma das armas de Callie e ficou satisfeito com a confiança que demonstrava. Estavam juntos naquilo e sobreviveriam juntos também. Tinham que sobreviver.

— Não importa quantos sejam, só conseguem nos atacar dois ou três de cada vez — disse Jack. Sentia o sangue correr em suas veias, e isso o aquecia. Uma descarga de confiança veio em seguida, e ele agarrou-se a ela, embora pudesse parecer uma tolice. — Louis, nada pode passar pela sua janela. Se alguma dessas coisas atacar, tente mantê-la ocupada até que Callie e Sabine cheguem para acabar com ela. — Foi até a cama que barrava a porta de entrada e se encostou nela. Ainda estava firme. — Vamos resistir — afirmou ele.

— Claro que vamos — acrescentou Vukovich. Os ferimentos no rosto dele tinham cicatrizado, deixando apenas algumas marcas.

— Vamos, sim — concordou Reverendo.

— Resistindo ou não, até que estou gostando de matá-los — comentou Callie.

— Ótimo — disse Jack. — Callie, quanta munição ainda...

— Estão aqui — disse Fantasma.

Do silêncio ao caos em um instante, os ursos deflagraram seu ataque contra a cabana. Demonstraram toda a sua astúcia quando um deles

investiu contra a porta de entrada, que estremeceu, sendo golpeada várias vezes. A cama balançou, a madeira protestando, sem conseguir resistir, e Jack sabia que não demoraria muito para a porta ceder. Se a madeira da cabana ainda tivesse vida, estaria úmida de seiva, tornando-a mais flexível e resistente aos golpes que sofria. Contudo aquela madeira estava morta.

Ouviu-se um impacto vindo de cima, e Jack olhou para o teto. Algo o arranhava, agarrando-se a ele. Não conseguia identificar a altura exata, e acenou para Louis, apontando para cima. “Ele vai cuidar disso!”

As janelas permaneceram com a vista livre, visível através delas o jardim de Lesya iluminado pela lua. Vultos se moviam esporadicamente, mas Jack não conseguiu identificar nenhum deles. Apontou a espingarda para a porta e depois para a janela. Tinha apenas alguns cartuchos, e disparar através da cama e da porta não faria diferença nenhuma para as criaturas que atacavam do lado de fora.

— Callie! — gritou ele. A mulher hesitava, segurando a arma, distante alguns passos da janela. Fantasma estava ao lado dela, imenso e pronto para atacar assim que algum urso tentasse entrar.

— Não estou vendo nada! — ela respondeu. — E, se chegar muito perto da janela para disparar em direção à porta...

— Será que eles são tão espertos assim? — perguntou Jack, e o olhar franco de Callie foi a resposta de que precisava.

— Vão agarrá-la pela janela e estraçalhá-la — disse Fantasma. Ele deu um cutucão em Callie. — Se a pegarem, não esqueça de largar sua arma aqui dentro.

— Fantasma! — Jack exclamou, exasperado.

O ataque continuava. Vukovich e Reverendo escoravam a cama contra a porta, porém, a cada impacto, recuavam alguns centímetros para depois voltar a empurrar. Assim que a porta fosse destruída, os ursos invadiriam a cabana.

Jack se aproximou da janela perto dele, encostado em uma das laterais, para tentar avistar os ursos mas sem se aproximar demais da janela. No entanto, a escuridão tornava tudo difuso, e só o que conseguiria era disparar contra as sombras.

Havia apenas um jeito.

— Pegue! — disse ele, arremessando a espingarda para Sabine. Surpresa, ela a agarrou no ar, e Jack pegou a pistola da mão dela.

— Jack? — perguntou Louis, do outro lado do cômodo, contudo Jack já se apoiava na janela, a madeira lascada do peitoril cutucando seu estômago à medida que se inclinava para fora, a arma à sua frente. Virou-se para a direita e mirou. A dois metros dele, dois ursos-polares vampirescos se revezavam nos golpes contra a porta. Disparou quatro vezes. Um deles caiu, debatendo-se, e o outro rolou várias vezes no solo mas saiu correndo e gritando, deixando um rastro de fumaça atrás de si que, iluminado pela lua, chegava a ser bonito de ver.

Jack então passou a deslocar o corpo para dentro da cabana, ciente de que um novo ataque poderia acontecer a qualquer momento. As janelas abertas haviam funcionado daquela vez como estratégia, e esperava que sua rápida investida tivesse desconcertado os ursos. Mas o cinto de Jack ficou preso no peitoril da janela. Ele se esforçava, mas não conseguia se desvencilhar. E, pela esquerda, ouviu passos. Alguma coisa rosnou perto dele.

Um frio o percorreu quando se virou para mirar, porém o urso estava perto demais. De repente, deparou com a bocarra aberta, parecendo prestes a engolir o mundo inteiro, e só teve tempo de fechar os olhos, torcendo para que Sabine não estivesse presenciando aquela cena.

Algo agarrou as pernas de Jack, e ele foi puxado para trás. Uma dor pungente atravessou-lhe o estômago e o peito, e sentiu o hálito do urso, um odor de podridão, bem diante do nariz. Nauseado, tombou no chão da cabana, e uma forma se avultou sobre ele, uma silhueta contra a janela que ficou no lugar apenas por um segundo, até o urso atacá-la.

Vukovich gritou, um rugido de fúria. Jack apontou a arma para o local, mas Vukovich preenchia toda a janela, desferindo golpes com suas garras cruéis, a cabeça lupina desviando de um lado para outro enquanto mordida várias vezes o monstro, que lutava para entrar na cabana e reclamar o prêmio que lhe fora negado.

— Vukovich, abaixe-se! — gritou Jack, porém o sangue do lobo fervilhava. A transformação estava completa, e Jack podia sentir que Vukovich desfrutava do poder que a mudança lhe dava.

— Para baixo! — gritou Louis.

A princípio, Jack pensou que Vukovich berrava algo em russo, só que na verdade os ruídos eram rosnados animais e guinchos de protesto em meio ao embate. Quando o urso envolveu as costas dele com a pata imensa e o puxou, Vukovich rugiu. O urso fez ainda maior pressão. A

cabeça do lobisomem bateu no alto da janela, pernas e tronco sendo pressionados contra o peitoril, enquanto o urso forçava mais e mais, até Vukovich se encurvar para trás em um ângulo anormal. Ossos se esmigalharam. E ele estava acabado. Com um gesto cruel e apavorante, o urso retalhou sua vítima.

A espingarda urrou acima de Jack.

— Acho que acertei! — gritou Sabine em meio à fumaça que a cercava. — Acho que acertei Vukovich. Eu acho... Antes que a coisa... Acho que o acertei.

Jack se levantou, e ambos se afastaram da janela. Ele se virou para os outros, esperando um olhar de recriminação, mas tudo o que viu foi respeito, até mesmo na expressão de Fantasma.

— Matei dois — informou Jack. — Callie, quanta munição ainda temos?

Callie se aproximou e deu sua pistola a Jack, pegando a arma dele para recarregá-la.

— Não muita — ela respondeu, sem dar detalhes. — Faça valer cada disparo.

— Valer ainda mais — acrescentou Sabine com suavidade, e os golpes contra a porta recomeçaram.

— Vukovich salvou minha vida — disse Jack. Todos ouviram suas palavras, mesmo em meio ao ruído. Ninguém comentou nada, porém. Não era hora de contemplação, e sim de ação. Mais tarde, se sobrevivessem, teriam tempo para pensar no ocorrido.

Os ataques continuaram por mais duas horas.

Os ursos passaram pela porta da frente, destruindo a cama, e Fantasma e Reverendo lutaram contra os invasores. Fantasma usou uma lança de madeira para perfurar o peito do primeiro urso que entrou, e a fera sucumbiu ao ataque. Callie e os outros ficaram surpresos — nunca haviam pensado em usar armas básicas como aquela contra as criaturas monstruosas. Daquele momento em diante, quem não tivesse uma arma de fogo lutava usando estacas de madeira da cama destruída, apunhalando e investindo contra o ponto fraco dos vampiros. Apenas Louis conseguiu ter o mesmo êxito, deixando que um urso menor ficasse preso na janela para cravar sua arma no peito dele.

— O coração! — gritou, enquanto a fera estremecia diante dele, mas seu triunfo e satisfação desapareceram diante do corpo morto de uma criança Tlingit.

— Não se iluda; ele é mais velho que você — disse Callie, num esforço para consolar o lobo que acabou surpreendendo Jack.

Os arranhões no telhado continuavam, até que vários estrondos retumbantes terminaram com um urso caindo dentro da cabana em meio a uma chuva de seixos e lascas de madeira. Na mesma hora, Fantasma avançou, porém o urso conseguiu desviar de seu golpe. Levantou-se e se empertigou, os ombros na altura da cabeça de um homem.

Jack deu um tiro na boca do monstro quando investiu contra ele e Sabine, e a coisa desmoronou, morta. Enquanto retornava à sua forma menor e patética, Reverendo caiu sobre ela e a decapitou.

Outros dois ursos tentaram entrar pelas janelas. Callie atirou em um deles, mas o outro conseguiu adentrar a cabana, atravessando o cômodo para atacar Louis. Jack sentiu uma pontada de medo quando viu a fera abrir a boca — Louis tinha se tornado seu amigo, e não desejava ver outro amigo morrer —, entretanto Sabine se esgueirou para os fundos da cabana. O disparo que deu com a espingarda destruiu a mandíbula do urso, e fragmentos de carne respingaram no lado esquerdo do rosto de Louis. O vampiro se ergueu de tal forma que sua cabeça alcançou o teto da cabana, e então Jack deu dois tiros no peito da criatura.

O vampiro tombou ao chão, agonizando. O ar dentro da cabana recendia a carne defumada e desespero. Jack desviou o olhar, enquanto Reverendo voltava a trabalhar com sua faca.

O ataque terminou tão repentinamente quanto havia começado. Jack tentou ouvir os ursos batendo em retirada, mas não escutou nada. Temendo outra armadilha, pediu que todos se mantivessem longe de qualquer espécie de entrada para a cabana.

Sempre insolente, Fantasma chutou os restos da cama e da porta para um lado, caminhou sobre as ruínas e foi para o lado de fora.

— Sol no rosto — todos ouviram Fantasma dizer. — A brisa nos cabelos. Feche os olhos neste lugar selvagem e você terá o mar. Só faltarão um leve movimento e o cheiro de maresia.

Callie o seguiu e, ao voltar para dentro, sinalizou que tudo estava bem. Sendo assim, os demais também saíram.

O amanhecer tingia o lado leste da floresta, e a luz do dia perseguia a

escuridão, obrigando-a a se esconder. Nas profundezas subterrâneas, talvez. Em cavernas e buracos, sob as raízes de árvores, em cavidades criadas com o propósito específico de esconder.

Jack sabia que era nesses lugares que encontrariam os vampiros. Olhando ao redor, teve certeza de que seus companheiros pensavam a mesma coisa.

À luz do dia, era hora de levar o combate até os monstros.

Procuraram pelos restos de Vukovich, mas os vampiros não haviam deixado nada do pirata para trás. Fantasma parecia peculiarmente calmo, e Jack o viu caminhando de um lado para outro no jardim. Não podia acreditar que o ex-capitão lamentasse a morte de um antigo tripulante, porém havia alguma coisa passando pela mente daquele homem. E Jack era inteligente o bastante para não lhe perguntar nada a respeito.

Reuniram o equipamento e verificaram a munição: cinco cartuchos de espingarda, e Callie ficou pálida ao contar as últimas doze balas de prata que tinha na mão. Enquanto os outros tentavam salvar o que podiam em meio aos destroços da cabana, Sabine puxou Jack para fora.

Caminharam até chegar ao que restara de um dos jardins de Lesya. Árvores frutíferas e arbustos abundavam, mas estavam todos mortos, alguns deles tendo sido pisoteados por ursos-polares no conflito da noite anterior.

— O que foi, Sabine? — perguntou Jack. Como ela estava quieta desde o momento em que haviam saído da cabana, ele sabia que vivia alguma sensação turbulenta. Tinha o cenho franzido, a cabeça inclinada, o olhar distante... Ouvia alguma coisa, e ele temia saber o que era.

— Foi uma loucura — disse ela. — É... terrível. A noite toda estava lá, mas a distância. Como uma tempestade que atravessa o mar, podia sentir sua presença e seu cheiro, mas estava distante. Agora *não* está mais.

— Leshii — concluiu Jack.

Sabine concordou, a testa ainda franzida.

— Os pensamentos dele são distantes e perturbados, mas direcionados a mim. Disso, eu tenho certeza. Está tentando se comunicar comigo, mas mal consegue compreender a si mesmo. É... — Ela

balançou a cabeça, a tristeza evidente em seu semblante.

— Ainda assim, você parece mais fortalecida — disse Jack.

— Há algo nele que é rejuvenescedor. Não sei dizer o quê... Não tem nada a ver com o mar, mas me dá forças. Talvez... — ela lançou a Jack um olhar franco e destemido — ... talvez eu e ele sejamos parecidos.

— Talvez — concordou Jack. Sentiu vontade de abraçar Sabine, e ela retribuiu o abraço. Ela falava de coisas que Jack jamais entenderia de verdade, e sentiu uma distância se impor entre ambos, algo que não poderia ser vencido nem mesmo pelo amor que sentiam um pelo outro.

— Jack, ele fala de Lesya — disse ela. — E acho que você sabe o que ele está falando.

— Que ela foi levada por eles.

— Sim. Mas foi ela que os procurou. Lesya saiu daqui com a intenção de usá-los, talvez? As palavras de Leshii são confusas. Os pensamentos dele não estão claros, alguns tão distantes que parecem ecos. Mas tem firmeza ao falar do que ocorreu com a garota dele. É assim que ele a chama. — Sabine abriu um sorriso. — Ela é tão velha, mas se torna uma menina diante de alguém mais velho ainda.

— Ela os procurou — disse Jack, e talvez tivesse começado a compreender. Ao matar Wendigo, havia tirado de Lesya um monstro que ela possuía. Quando os vampiros chegaram, ela fora atrás de outro monstro, para se proteger deles. A inocência dela o surpreendia, porém Lesya já havia cometido erros antes. Talvez tivesse vivido uma existência repleta de erros.

— Bom, vamos atrás dela — disse Jack. — Se ela ainda estiver com eles e ainda estiver viva, poderemos resgatá-la.

— E se ela se tornou um deles? — perguntou Sabine.

Jack não tinha resposta para aquela indagação e sentiu como se seu corpo inteiro de repente pesasse demais para se aguentar de pé. Fechou os olhos, e o ferimento em seu peito pulsou com uma dor repentina.

— Não consigo imaginar algo assim — ele disse, a voz calma. — Não consigo...

— Bom, vamos apenas seguir em frente — falou Sabine. — Veremos o que acontece então.

— Claro. Já que chegamos até aqui...

Os dois se abraçaram, e Jack ficou feliz em ouvir Louis dizer que estavam prontos para seguir viagem. Já estava cansado daquele lugar

repleto de morte.

Deixaram os domínios de Lesya e atravessaram a ravina em que estavam enterradas as vítimas dela. Na última vez em que estivera ali, os pobres homens estavam aprisionados em troncos de árvores, ainda vivos de uma forma terrível, parasitária. O sangue deles era seiva, ou a seiva das árvores era sangue, e arregalavam os olhos para Jack numa agonia inimaginável.

Agora as conquistas passadas de Lesya também estavam mortas. Várias árvores exibiam faces petrificadas, rostos pela metade, membros de homens incrustados nelas, enquanto outras pareciam deformadas, com nós e galhos quebrados e retorcidos. Jack olhou tudo em silêncio, assim como os demais. Ficou feliz por ninguém ter lhe perguntado quem ou o que eram aquelas coisas. Achou que, talvez, tivessem começado a compreender.

Fantasma foi o único que resolveu tocar numa árvore. Usou a ponta dos dedos para percorrer uma das faces imóveis, soltou um grunhido e seguiu em frente.

Abandonando a ravina de mãos dadas com Sabine, Jack sentiu a mulher que amava estremecer ligeiramente.

— Ele implora... — disse Sabine — ... Para que a gente a traga de volta. Jack, Leshii está nos *implorando*.

— Ele sabe que faremos o melhor que pudermos — respondeu Jack. Tentava manter seus sentidos concentrados em si próprio. Não tinha vontade nenhuma de compartilhar a mente tresloucada de Leshii, e movia-se com rapidez para os limites do que haviam sido os domínios de Lesya.

Louis surgiu diante deles, irrompendo de um paredão de árvores.

— Achamos o rastro deles — disse ele num rompante.

— Então vamos lá! — disse Callie. — Não podemos perder tempo.

Juntos, os caçadores de vampiros seguiram adiante.



CAPÍTULO DOZE

UMA JORNADA SOMBRIA

Jack e os companheiros de viagem seguiram o riacho que delimitava o território da floresta de Lesya ao norte. O contato espiritual que Sabine havia estabelecido com Leshii parecia tê-la rejuvenescido, e ela demonstrava uma vitalidade que não se via desde que tinham começado a jornada floresta adentro. Acompanhar aquele curso de água, por mais escassa que fosse, só poderia ajudar.

Jack e Sabine andavam lado a lado, uma intimidade preciosa preenchendo o espaço entre eles. Se fosse qualquer outro dia, teriam dado as mãos, mas, após o horror e o massacre da noite anterior, preferiam estar a postos no caso de um ataque. A tensão percorria o grupo. O dia começara nublado, bloqueando boa parte da luz do sol, mas pedaços de céu azulado começavam a surgir, e não havia nenhum sinal de chuva. Com base em sua experiência, Callie estava certa de que os vampiros não podiam andar à luz do dia, porém isso não lhes dava segurança. Todos pareciam reter o fôlego. Caminhavam rumo ao refúgio dos vampiros.

Callie e Fantasma lideravam o grupo. Callie demonstrara ser uma rastreadora hábil, encontrando rastros de ursos-polares e de humanos — deixados pelos sanguessugas que ela caçava —, além de analisar a vegetação destruída ao longo do córrego. No entanto, mesmo sem a ajuda dela, não teriam se perdido. Logo ficou claro que Fantasma havia captado alguma coisa com seu faro.

Com frequência ele tomava a dianteira, à frente de Callie, eventualmente ficando de quatro para farejar o solo. Quando se transformavam em lobos, havia uma selvageria no bando todo que os tornava bestiais, mas Jack nunca vira Fantasma ceder tanto a seu lado animal. Antes, teria tido orgulho demais para revirar o solo à procura de

um odor, porém agora ele o fazia com determinação.

— Ele conseguiu perdoar a si mesmo — disse Sabine ao atravessarem o córrego, seguindo o rastro dos vampiros.

— Talvez — respondeu Jack. — Ou talvez esteja enfim aceitando o animal que de fato é.

Um ruído na água fez Jack se virar, para dar de cara com Louis e Reverendo, que haviam se aproximado sem que se desse conta. O olhar pensativo de Louis deixou claro que tinha ouvido a conversa entre Jack e Sabine.

— Louis — começou Jack —, não é porque *Fantasma* é um animal que...

— *Mon ami* — disse Louis, solene —, não nos iludimos. Jamais seremos homens comuns.

Reverendo atravessou o riacho olhando para baixo, alto, grisalho e sinistro. Quando levantou a cabeça, Jack viu que os olhos dele carregavam uma sabedoria melancólica.

— Também não somos monstros comuns — comentou Reverendo. — Somos ambas as coisas. Talvez ache que o fato de admitirmos isso significa que você falhou, mas não é assim. Você nos ajudou a ver que podemos escolher como levar a vida, e *poder escolher* significa muito.

Agora os quatro andavam juntos, e Jack olhava para a frente, observando a presença descomunal de Fantasma ao longo do rio. Mesmo em pé, parecia ter um andar mais animalesco do que antes.

— Fantasma fez a escolha dele muito tempo atrás — disse Louis.

Sabine negou com um gesto de cabeça.

— Discordo. A vida inteira ele achou que a escolha era entre homem e monstro. Ele acreditava que “fera” era o mesmo que “monstro”. Agora está percebendo uma terceira opção, que talvez seja um pouco mais pura.

As palavras dela foram acompanhadas de silêncio, enquanto Jack, Louis e Reverendo assimilavam a observação. Jack não sabia o que pensar de Fantasma naquele momento. Durante a noite ele dera sinais de aceitar seu lado monstruoso, desfrutando da matança, do derramamento de sangue e do calor da batalha. Mas, pela manhã, parecia distraído, e os olhares de desejo que lançara a Sabine desde que tinham se reencontrado em Portland haviam desaparecido por completo. Era como se houvesse esquecido que ela era a única razão para ele estar ali.

Jack se perguntava por quê.

À medida que andavam, uma sensação estranha percorreu sua espinha. Demorou um instante para perceber que a sensação era de medo... mas não era o *seu* medo. Curioso, deu uma olhada por sobre o ombro, para ver seu lobo contornando a vegetação à beira do rio. Quando o animal o encarou, Jack sentiu um estremecimento sinistro por todo o corpo. Cambaleou, tropeçando, e por um segundo aquele medo foi dele também.

— Jack? — perguntou Sabine, procurando na expressão dele algum sinal do que o atormentava.

— Está tudo bem — ele respondeu. — Vou tropeçar no meu próprio pé se não tomar cuidado.

Ela sorriu, sem parecer estar muito convencida, mas não o pressionou por uma resposta mais honesta. Jack estava contente. Não saberia como descrever exatamente o medo que se apossara de seu coração — seria do lobo ou dele mesmo? Se o lobo estava tão atemorizado com o porvir, a ponto de andar recuado, evitando acompanhá-los, porém incapaz de abandonar Jack ao próprio destino, não seria isso motivo suficiente para ficar apavorado?

Durante toda a vida, Jack tivera momentos em que conseguira erguer o véu da normalidade e testemunhar os segredos do mundo. Às vezes eram verdades aterrorizantes, sobrenaturais ou inspiradoras — coisas que outras pessoas não podiam ou não queriam ver. Sabia da existência de fantasmas, magia e bruxaria. Maldições realmente existiam, assim como entidades que possuíam poderes ancestrais vivendo nos dias atuais, marginalizadas pela sociedade. Tinha aceitado esses fatos e desfrutado das jornadas que haviam possibilitado tais descobertas. Embora algumas das coisas que presenciara fossem ameaçadoras, nunca lhe pareceram malignas. Mesmo o maldito Wendigo fora mais uma fera que um monstro. Jack tinha explorado o lado sombrio do mundo e se maravilhara com as descobertas que fizera, mas agora encontrara algo que era mais misterioso que as sombras e mais profundo que a noite.

O lobo se sentia da mesma maneira. Ambos prefeririam estar em qualquer outro lugar.

Jack teria dado meia-volta sem pensar duas vezes, não fosse por Sabine. Por isso seguiam em frente. Ele entendia seus motivos e os de Sabine, e mesmo os de Callie, inspirada pelo ódio aos vampiros e pelo

desejo de vingança. Mas Fantasma, Louis e Reverendo eram outra história. Ele havia atraído Louis e Reverendo para uma empreitada que já custara a vida de dois companheiros de tripulação, então por que continuavam com eles? Apenas para provar que eram homens?

Jack sabia que a resposta era muito mais complexa. Seguiam na missão, não porque tinham dado sua palavra ou porque queriam ajudar Sabine. Os lobisomens marchavam para o território dos vampiros porque apreciavam a chance de combater um mal *autêntico*. E monstros *autênticos*. Os lobos haviam passado tanto tempo vendo a si mesmos como monstros que matar vampiros lhes dera, ao menos por um instante, a sensação de ser homens comuns — cheios de medo, esperança e frágeis ambições para o futuro.

Arrastaram-se até o topo de uma cordilheira que percorria o caminho a noroeste, afastando-se do rio. Fantasma fez uma pausa, porém Callie seguiu em frente. Louis, Reverendo e Sabine foram atrás de Callie, mas Jack franziu o cenho e hesitou atrás de Fantasma. O ex-capitão inspirou fundo antes de observar o rio que corria à direita e as montanhas mais altas à frente.

— Preocupado com alguma coisa? — perguntou Jack, imaginando se Fantasma não teria detectado uma ameaça inesperada.

— Por que ela quis você, Jack? — perguntou o ex-capitão.

— Não está mais interessado em saber por que ela *não* quis você?

Fantasma o encarou e parecia confuso de verdade, como se não tivesse entendido a resposta. Então um sorriso gentil atravessou o rosto dele. Para Jack, aquela fora a emoção mais sincera que já vira no semblante do lobo, um tipo de tranquilidade bem-humorada que não denotava nenhum significado oculto.

— Não me refiro a Sabine — respondeu Fantasma. — Estou falando de Lesya. Ela usou encantos para controlar Wendigo, para conduzir homens até a floresta, direto para os braços dela. Vi todos aqueles homens mortos, aprisionados dentro de árvores. Imagino que Lesya tenha pensado que com você seria diferente. O que ela procurava? Por que ela quis você?

— Acho que ela desejava alguém que pudesse viver com ela na floresta e ficasse feliz com isso — Jack argumentou. — Alguém que a conhecesse e a amasse como ela era. Aqueles que não conseguiram, ela acabou punindo.

Esperava que Fantasma zombasse de seu sentimentalismo, mas em vez disso o gigante assentiu, pensativo, com um brilho estranho no olhar.

— O mundo moderno não tem mais espaço para criaturas tão singulares — disse Fantasma. — Todos devemos ser iguais. Mas não somos, não é? Não somos como todos os outros.

O grupo seguia em frente, caminhando ao longo do riacho, rumo aos penhascos de calcário que se elevavam ao longe.

— Não — respondeu Jack. — Não somos.

Fantasma concordou com a cabeça. O ex-capitão sabia quanto deveria ter sido difícil para Jack admitir que tinham algo em comum, mesmo que essa conexão fosse o fato de nenhum dos dois ter conseguido se encaixar direito no mundo.

— Isso não nos torna irmãos — continuou Jack. — Não nos torna amigos.

Fantasma fechou o cenho.

— Concordo. Mas também não nos torna monstros. — Virou-se e começou a descer a cordilheira, seguindo a trilha que os demais haviam tomado. — Tenho a impressão de que alguém deveria dizer isso à sua Lesya.

— Ela não é *minha* Lesya — rebateu Jack, indo atrás dele.

— Está certo — disse Fantasma, sem olhar para trás. — Esta não é, afinal, a definição da palavra *selvagem*? Uma criatura que não pertence a nenhuma outra?

No fim, o rastro dos vampiros não conduziu de volta ao riacho. Callie os liderou por uma trilha natural, criada talvez numa época em que a terra estava coberta de gelo, rumo a uma montanha imponente que se erguia a um dos lados do córrego. A trilha estava escondida, um talho na face da montanha entre uma cordilheira mais baixa e o pico bem acima. Caminhando ao longo daquela saliência, Jack observava Callie de perto, percebendo que sua atenção se dividia entre Fantasma e a trilha adiante. Perguntou-se se ela teria esgotado suas habilidades de rastreamento e agora contava com o faro de Fantasma.

Jack tinha certeza de que não demoraria para chegarem às cavernas mencionadas pela vampira que mataram na cadeia de Dawson. Talvez só

um grande idiota entraria nelas sabendo o que havia lá dentro, mas, se Lesya ainda vivesse e fosse prisioneira daquelas criaturas, nenhum deles iria desistir.

Levantaram poeira, avançando lentamente pelo caminho. Jack podia ver o riacho bem abaixo, uma modesta linha prateada que diminuía conforme subiam a montanha, a pelo menos cento e cinquenta metros acima da paisagem que os cercava. Louis e Reverendo começaram a farejar o ar, assim como Fantasma, e todos pareceram agitados.

— Estamos quase lá — murmurou Jack. — Precisa descansar?

— Não — respondeu Sabine, fitando o céu. — Fazia tempo que não me sentia tão bem. Além disso, temos só mais algumas horas antes do anoitecer e, se houver matança, é melhor que seja à luz do dia.

Jack analisou a posição do sol e ficou surpreso ao constatar que a estimativa de Sabine fazia sentido. Embora os dias de verão no Yukon às vezes parecessem intermináveis, haviam conseguido usar a maior parte das horas de sol para viajar, parando várias vezes para descansar um pouco, comer carne-seca ou uma lata de feijões frios. Jack calculou que tinham mais umas quatro horas até o pôr do sol.

— Sabemos que eles não gostam da luz do dia — disse Jack —, mas isso não significa necessariamente que estarão dormindo. As cavernas são escuras.

— Sim — concordou Sabine, sem interromper o passo. — Mas pense que a outra opção é ir atrás deles depois que o sol se puser... — Ela arqueou uma das sobrancelhas e lançou um olhar para Jack, que não conseguiu disfarçar o sorriso. Era algo bem próximo do humor negro, e no entanto fazia bem.

Quando Callie mandou os dois ficarem quietos, qualquer resquício de diversão que houvesse no ar desapareceu. Jack e Sabine perceberam que haviam chegado a um ponto no qual a trilha se estreitava. De fato, era mais uma saliência do que uma trilha, e ela se inclinava para a esquerda, seguindo o traçado do riacho lá embaixo. Todos haviam parado, ansiosos, observando Jack. Ele tocou o braço de Sabine levemente, buscando conforto e também, talvez, um pouco de sorte, e passou por Reverendo e Louis, depois por Fantasma e Callie, a fim de sondar a extremidade do penhasco íngreme.

A boca da caverna era estreita e alta, como um ferimento a faca no penhasco de calcário. Não havia nada indicando que estivesse ocupada,

tampouco que houvesse alguém de guarda para evitar a chegada de intrusos, mas mesmo assim Jack estremeceu ao notar a penumbra no interior, uma onda de náusea percorrendo suas vísceras. O frio que sentia vinha de dentro. Perto como estava dos vampiros, nem precisava apurar os sentidos para perceber o vazio sombrio da presença deles.

Um estalo alto o fez reagir de susto, sacando a faca que levava consigo.

Callie tinha conferido uma das pistolas para garantir que estava carregada e em pleno funcionamento. Ainda tinha uma dúzia de balas de prata, seis para cada arma, e Jack possuía dois cartuchos carregados com fragmentos de prata na espingarda que levava em diagonal às costas, munição que Callie encontrara ao revirar sua bagagem. Tinham condições de matar uma quantidade razoável de vampiros, e os lobisomens conseguiriam liquidar outro tanto, o que podia servir de consolo caso tivessem ideia de quantos daqueles malditos ainda existiam dentro da caverna.

“Ou talvez não adiantasse nada”, pensou ele. “Saber quantos há talvez não tornasse as coisas mais fáceis.”

— Jack! — chamou Reverendo. Jack se virou, e todos os lobos olhavam para Sabine. Ela tinha uma das mãos na testa, a cabeça baixa, como se procurasse por alguma coisa perdida.

— O que foi? — sussurrou Jack.

Sabine ergueu os olhos, repletos de inquietude, e Jack viu neles um pequeno sinal de esperança.

— Ela está viva. Posso sentir a presença dela dentro da caverna. É uma sensação... sutil.

Jack respirou fundo, assentindo sombriamente, e se voltou para Callie e Fantasma.

— Então está certo. Entraremos o mais rápido que pudermos, sem bancar os estúpidos...

— Quer dizer que o simples fato de estarmos aqui já não é uma estupidez? — perguntou Reverendo. Mas aquilo era o nervosismo falando, como um assobio que ressoa na escuridão. Na verdade, a expressão dele era de determinação.

— Reverendo, você e Louis ficam aqui fora para preparar a dinamite — instruiu Jack. — Tenham cuidado. Se não explodirmos a boca da caverna para bloquear a saída, é melhor usarmos as armas em nós

mesmos.

Ele se voltou para Sabine, que provavelmente havia percebido a intenção no olhar dele.

— Nem pensar, Jack — ela respondeu. — Vou com você. Lesya está lá dentro. Posso senti-la, e isso quer dizer que ela pode me sentir também. Daremos força uma à outra. Cheguei longe demais para sentar aqui fora e esperar.

Jack teve a impressão de que um punho esmagava seu coração.

— Mas não parece o certo a se fazer.

— Amo você — disse ela carinhosamente, numa demonstração de intimidade, apesar do público ao redor —, mas não me importo com o que pareça certo ou não para você. É o que farei.

Jack emitiu um som que era parte riso, parte suspiro. Depois, virou-se para Fantasma e Callie.

— Preparados?

Fantasma respirava profundamente, farejando o ar, e Jack se perguntou se estaria rastreando o cheiro dos vampiros ou o perfume de Lesya. Quando Fantasma deu sua resposta, revelou os dentes afiados.

— Vamos lá.

Jack tinha carregado a espingarda que levava às costas. Agora ele a fazia deslizar para a frente, segurando-a com firmeza. Sabine não tinha armas, porém o ar ao redor dela parecia estalar, carregado de eletricidade. Não importava a força que ainda possuía dentro de si, iria usá-la. Sacou uma faca comprida, presente de Callie, mas Jack desejou que tivesse ainda a lâmina de prata dos tempos do *Larsen* para dá-la a Sabine. Se ela não tivesse recusado, estaria carregando a espingarda, contudo dissera que a arma era mais útil nas mãos de Jack.

Reverendo tirou uma lamparina da mochila, virou o óleo de uma garrafinha e a acendeu. Regulou a chave de modo que a luz ficasse com um brilho fraco. Precisavam ser capazes de enxergar dentro da caverna, mas não queriam se expor mais que o necessário. Quando Reverendo terminou, levantou-se e deu a lamparina a Callie, enquanto Louis retirava as dinamites de sua bolsa de couro.

— Rapazes — disse Callie, olhando para Louis e Reverendo —, não temos como saber o que vai acontecer lá dentro. Se sairmos correndo, é melhor que estejam prontos para acender o fusível e explodir a porcaria da caverna.

— Faremos tudo o mais rápido que pudermos — prometeu Louis.

— Só quero ver — rosnou Fantasma.

Jack inspirou profundamente e foi na frente, cruzando o espaço que os separava da caverna. Só soltou o ar ao chegar diante da entrada.

Adentrou silenciosamente a escuridão, onde o mal o aguardava numa quietude abafada.

O fedor de carne podre vinha das profundezas da caverna e ficava mais forte à medida que avançavam. A princípio, Jack fora na frente, mas, quando a escuridão se impôs, deixou Callie assumir a dianteira, segurando na mão esquerda a lamparina a certa altura, para iluminar o caminho. Na mão direita ela carregava a arma, porém Jack se deu conta de que, se tivessem de lutar para sair da caverna, estariam mortos. Analisava a penumbra, preocupado que a lamparina não iluminasse longe o suficiente. Ela brilhava o bastante para lançar luz nas paredes da caverna, no entanto de alguma maneira nunca chegava aos recantos mais escuros nem se projetava muito adiante.

Fantasma vinha atrás. Em outros tempos, Jack jamais daria as costas a ele, contudo o destino de ambos tornara-se mais ligado que nunca. Podiam ser lados opostos de um mesmo espelho — reflexos um do outro —, mas, se o espelho se quebrasse, seria o fim dos dois.

Seguiam em silêncio, embora Jack tivesse certeza de que os vampiros seriam capazes de ouvir até mesmo o ruído mais discreto se estivessem acordados.

E os sanguessugas também os farejariam.

Aterrorizado por esse pensamento, Jack se distraiu e quase tropeçou em Callie quando ela estacou, segurando a lamparina diante da parede da caverna. Quando viu o que a luz revelava, todos os outros pensamentos foram banidos da cabeça de Jack. Não conhecia muito a respeito das tribos Tlingit para saber se os ancestrais deles haviam gravado sua história em pinturas rupestres, mas era exatamente para isso que olhavam agora.

Contudo, a história não era dos Tlingit.

Era dos vampiros.

Embrenharam-se caverna adentro por mais uns vinte metros, avançando por um terreno ligeiramente íngreme, o fedor horrendo de

carne podre tornando-se mais forte que nunca. Seguiram pela escuridão o suficiente para que qualquer sinal de luz do sol não os alcançasse mais. E ali estava o que Jack imaginava ser a verdadeira entrada para a toca dos vampiros. As paredes dos dois lados estavam pintadas com imagens que aliavam orgulho e horror — pessoas a cavalo, homens lutando com facas, ursos-brancos imensos destroçando uma figura humana, um gigante segurando uma mulher acima da cabeça e bebendo o sangue dela, que escorria de um ferimento no peito. E mais. Muito mais.

As imagens eram toscas, desenhadas num tom de marrom que esfarelava ao toque — os vampiros haviam usado sangue para narrar a própria história. Callie moveu a lâmpada rápido demais, impedindo que Jack conseguisse ver melhor as imagens hediondas, mas notou nelas a presença de outros animais além dos ursos. Isso não o teria incomodado, não fosse uma pintura rudimentar que mostrava um falcão atacando o rosto de um homem a cavalo. Ficou pensando no falcão e no que ele significava. E não gostou nada das implicações.

Se os vampiros podiam *voar* atrás deles...

“Louis”, pensou, “espero que você e Reverendo estejam a postos com aquela dinamite.”

Sabine encostou a mão nas costas de Jack. Ele apreciou o contato, mas também entendeu a mensagem. Dando tapinhas no ombro de Callie, sinalizou para que continuassem andando. Ela podia desejar aprender mais sobre os vampiros — afinal, ela os caçava —, porém lá fora as horas preciosas de sol agonizavam. Jack calculou que tinham duas horas e meia até o pôr do sol.

Alguma coisa se mexeu na escuridão atrás deles, e Jack e Sabine se viraram, apontando as armas, para deparar com os olhos de Fantasma, dourados à luz da lamparina. Embora estivesse em sua forma humana, Fantasma, no silêncio da caverna escura, nunca parecera tão monstruoso. No entanto, Jack sentia-se feliz por ter esse monstro a seu lado.

Callie perdeu o equilíbrio. Sem uma das mãos livres para se segurar, caiu de joelhos na superfície irregular de calcário. Jack ouviu um gemido abafado e observou Callie lutar contra a dor. Segurou o braço dela e deu apoio para que se levantasse, pensando no milagre que a impedira de quebrar a lamparina ao cair. Fantasma era o único que saberia dizer se os vampiros tinham sido despertados pelo barulho que

faziam.

— Filho da mãe — sussurrou Fantasma.

Jack foi censurá-lo por ter quebrado o silêncio da caverna, mas então viu temor no olhar de Fantasma, no mesmo instante em que ouviu um ruído abafado escapar da garganta de Sabine. Jack se voltou para Callie a tempo de vê-la baixar a lamparina para iluminar a calça — e a mancha escura de sangue que se espalhava num dos joelhos.

Com determinação, sabendo agora que o destino deles estava traçado — fosse ele qual fosse —, Jack pegou a lâmpada da mão de Callie e a passou para Sabine, assim Callie poderia sacar também a outra pistola. Detestava a ideia de colocar Sabine na dianteira, mas não tinham outra opção.

Sabine não hesitou sequer por um segundo. Avançaram, preocupando-se menos que antes em não fazer barulho. Se o cheiro do sangue de Callie não incitara os vampiros, o som de passos certamente não o faria. Mais sete metros, e chegaram a uma bifurcação na caverna. Explorando um pouco o caminho da esquerda, logo viram que não levava a lugar nenhum. Quando recuaram para tomar o caminho da direita, no entanto, o odor de putrefação tornou-se mais pungente. Mais meia dúzia de passos, e encontraram o primeiro vampiro.

Ele estava em posição fetal, encostado na parede da caverna, sem bloquear a passagem. O homem Tlingit estava tão imóvel que bem poderia estar morto, porém algo em sua postura parecia prometer dor e escuridão.

Jack estremeceu, um pavor profundo tomando conta dele. Até então, havia se concentrado no momento presente, em cada passo e no silêncio ao redor, esforçando-se para eliminar a opressão terrível e maligna que pairava no ambiente. Naquele instante, contudo, seus sentidos o faziam recuar não apenas diante da presença dessa criatura, mas das outras que dormiam mais ao fundo. Agora que havia se permitido sentir o medo, era como se houvesse sido tragado pela malignidade que marcava todos os cantos daquela caverna.

Sabine começou a contornar o vampiro que dormia. Segurando com firmeza a espingarda, Jack foi em seu encalço.

Cerca de um minuto depois, avançaram por um declive de terreno ainda mais irregular, e a caverna foi ficando mais ampla. A quietude deixou Jack com vontade de gritar, apenas para quebrar o silêncio.

Dando passos cuidadosos, analisava os cantos em penumbra. A caverna se expandiu tanto que a fraca luminosidade da lamparina mal chegava às paredes, mas mesmo assim Sabine não diminuía o ritmo. Jack sabia que a percepção dela da presença de Lesya devia estar cada vez mais forte.

Não conseguiam mais enxergar o teto ao entrar na parte ampla da caverna. A escuridão os esmagava — era possível sentir até seu peso —, e os horrores que ela omitia emanavam uma ameaça apavorante. Sabine parou e levantou a lamparina mais no alto, tentando direcionar a luminosidade, e Jack congelou ao ver o lampejo de pelos brancos.

Por toda a caverna.

Jack piscou e deu um passo para trás, topando com Callie, enquanto tentava freneticamente contar os ursos-polares imóveis, que pareciam não respirar, espalhados pela superfície, em cada saliência, em cada canto. Havia dezenas de ursos — dezenas! —, além de outros vampiros perto deles. Alguns provavelmente exibiam forma humana quando o sol nascera, obrigando-os assim a entrar naquele estado estranho de letargia. E havia outros animais também. Calculando todos, deviam ser uns quarenta ou cinquenta.

Sem mencionar os cadáveres. Apresentavam vários estágios de decomposição, de alguns dias à decadência completa. O fedor vinha deles.

Sabine deu alguns passos para a frente, segurando a lamparina no alto. Alguns dos vampiros tinham os olhos abertos, mas as expressões eram indiferentes e inertes; não enxergavam nada. Por um momento apenas, Jack se perguntou no que diabos estava pensando quando decidira vir até ali... Imaginou se Sabine não o teria enfeitado de uma maneira ainda mais profunda que Lesya. Então avistou o perfil da mulher amada, vendo em seu semblante uma expressão de exaustão e medo — com um traço de esperança também —, e sentiu-se envergonhado.

Indignado consigo mesmo, foi em frente, passando por Sabine e procurando um caminho através dos vampiros e de suas vítimas. Quando ouviu um movimento mais adiante, um som estranho, estacou de imediato. Se os vampiros estivessem mesmo adormecidos, só havia uma explicação para aquele barulho. Jack se virou para Sabine e acenou para que se aproximasse com a lamparina, e, quando ela o alcançou e ergueu a fonte de luz, viram de onde viera o ruído estranho.

A figura feminina nua e magra, deitada no centro da caverna, não parecia humana. Cercada por um quarteto de índios Tlingit pálidos que voltariam à vida assim que caísse a noite, ela parecia, a um primeiro olhar, ter sido talhada na madeira e enfeitada com videiras e folhas. Mas Jack sabia que não era assim. A pele como casca de árvore e os pequenos brotos, folhas e flores que cobriam seu corpo não eram enfeites extravagantes. Assim como não eram falsas as videiras que saíam de seus braços, pernas e barriga.

Essa era Lesya, filha do espírito da floresta. Se Sabine era uma bruxa do mar, Lesya era certamente uma espécie de bruxa das matas. Na floresta dela, onde seu poder era extremo, mantinha uma ilusão de humanidade, mas, longe daquele centro de poder, não conseguia esconder por completo sua verdadeira aparência. E os vampiros alimentavam-se dela, sugando seu poder.

Um deles tinha a bochecha apoiada na panturrilha de Lesya, e ferimentos no formato de dois orifícios indicavam que bebia o sangue dela ao nascer do sol, quando tivera de hibernar ao longo do dia.

“Jack”, sussurrou Sabine, mas a voz dela estava apenas dentro da cabeça dele. Jack a fitou e percebeu que chorava, em uma expressão de anseio e empatia.

Relanceou o olhar para Fantasma, fez um sinal com a espingarda, e juntos contornaram os mortos e as aberrações, com cuidado para não fazer estalar nenhum osso sob a sola das botas, movendo-se tão rápido quanto podiam. Jack estava tão concentrado e cauteloso que só percebeu os olhos arregalados de Lesya ao chegar bem perto. Ela o encarava em silêncio, implorando para ser resgatada.

Jack apontou a espingarda direto no coração do vampiro deitado sobre a perna do espírito da floresta. Fantasma se ajoelhou para examinar as videiras que brotavam dela e percebeu que as raízes partiam do solo da caverna, em meio a ossos e corpos que apodreciam. Lançou a Jack um olhar inquisitivo, e, com um aceno de cabeça, este o incitou a agir. O tempo urgia.

Ao redor deles os vampiros permaneciam imóveis, a não ser pelo espasmo de um dedo ou pelo franzir dos pelos de um urso-polar, como para indicar que não eram nada além de criaturas mortas pela eternidade.

Fantasma hesitou. Jack observou as narinas dele se dilatarem, e os

lábios se contraírem, para revelar os caninos num rosnado silencioso enquanto se preparava. Então o pirata deslizou as mãos por baixo de Lesya e a levantou, primeiro gentilmente, depois com maior força, arrebentando e fazendo estalar as videiras, cujos sons secos faziam lembrar o chacoalhar de ossos e crânios.

Callie praguejou em voz baixa, andando em círculos, as pistolas a postos. Fantasma se aproximou dela, com Lesya nos braços imensos, e baixou a cabeça para observar a criatura estranha que tinham vindo resgatar. Jack não conseguiu interpretar o olhar de Fantasma.

Enquanto Sabine segurava no alto a lamparina e Fantasma rumava para a saída da caverna, Jack se permitiu um meio sorriso. Tudo acabaria bem.

Voltaram com rapidez pelo mesmo caminho que haviam usado para entrar, menos preocupados com o ruído de passos. O coração de Jack palpitava, e as mãos dele apertavam com tanta força a espingarda que as articulações chegavam a doer, embora ainda assim uma espécie de júbilo tomasse conta dele. Se Louis e Reverendo tinham feito tudo direito, explodiriam a entrada da caverna e prenderiam os vampiros lá dentro. Mesmo que os monstros conseguissem cavar uma saída, levariam horas, na melhor das hipóteses. Até lá, o grupo teria voltado à floresta de Lesya, onde o poder e a força dela seriam restabelecidos. Depois disso talvez já fosse manhã, e teriam um dia inteiro para voltar a Dawson e começar a preparar as pessoas de lá para o embate contra os vampiros.

Esses pensamentos todos perpassavam a mente de Jack enquanto percorria o trecho estreito da caverna, observando onde pisava da melhor forma possível à luz da lamparina, cauteloso com o terreno na semipenumbra. Callie estava logo à frente dele, Sabine adiante dela, e Fantasma liderava o caminho com Lesya nos braços. Ela o olhou de relance à luz oscilante, erguendo debilmente uma das mãos para traçar com os dedos-galhos o contorno da face de Fantasma.

O toque distraiu o ex-capitão. Era a única explicação que Jack conseguia imaginar para o que aconteceu em seguida. Fantasma tropeçou no vampiro do qual haviam desviado à entrada, com um impacto forte de sua bota na lateral do tronco do morto-vivo. Ele voou para a frente, virando o corpo à medida que caía, para proteger Lesya, estatelando-se assim na superfície da caverna.

Sabine congelou, com Callie e Jack atrás dela. Ela segurava a

lamparina ainda no alto, e todos observavam o vampiro, que começou a se movimentar.

“Não, não, não”, pensou Jack. Estavam tão perto de conseguir!

— Sabine, corra! — disse Jack num sussurro urgente.

Segurando com firmeza a lamparina, ela passou por cima do vampiro. A coisa inclinou a cabeça para trás e inspirou profundamente, sentindo o aroma dela, embora ainda não estivesse consciente. Então abriu os olhos, sorrindo de modo grotesco, a boca absurdamente grande.

Callie se abaixou e atirou no sanguessuga à queima-roupa, bem na têtépóra, com a bala de prata, o que causou uma explosão de sangue, ossos do crânio e miolos. O tiro ressoou na caverna, ecoando nas paredes, e Jack sabia que, se o chute de Fantasma havia despertado aquele vampiro, o disparo podia muito bem ter acordado os demais.

— Corram! — gritou Jack.



Demonstrando sua força descomunal, Fantasma se levantou como se Lesya pesasse o mesmo que uma pena e saiu em disparada pela caverna, dando passadas fortes. A existência ou não de ruídos não fazia mais diferença. Callie e Sabine foram logo atrás, o mais rápido que podiam e esforçando-se para não tropeçar, e Jack correu junto delas, olhando por

sobre o ombro, pronto para se virar e usar a espingarda em qualquer alvo que os perseguisse.

A luz adiante brilhou antes do que esperavam, e Jack estreitou os olhos contra os raios ofuscantes do sol. Ouviu Fantasma rosnar para Reverendo e Louis, e Sabine chamando-os junto deles. Logo à frente viu Callie saltar pela boca da caverna e se virar com as duas armas nas mãos mirando para dentro, bem na direção de Jack. Atrás dele, uma profusão de ruídos crescia em uma cacofonia furiosa, enquanto os vampiros que haviam acordado vinham rápido pela garganta da caverna.

Jack emergiu da caverna, virando-se para se postar ao lado de Callie, esperando a qualquer momento vislumbrar os pelos brancos dos vampiros que vinham de dentro. Olhou para a direita, onde estava Louis.

— Acenda de uma vez! — gritou Jack.

— Está aceso! — disse Reverendo, e só então Jack o viu à esquerda da entrada da caverna, atrás de Callie, segurando algo faiscante na mão.

Sabine agarrou o braço de Jack e o puxou atrás dela, e em seguida todos eles correram. A lamparina se espatifou na superfície de pedra e ficou em pedaços, esquecida enquanto desciam pela trilha do penhasco em busca de abrigo. Bem à frente, ficava a curva que haviam percorrido pouco antes de ver a caverna pela primeira vez, mas, correndo, Sabine cambaleou, a fraqueza dos últimos dias atingindo-a enfim. Jack a socorreu, colocando-a nos ombros, e continuou a correr. Com Jack carregando Sabine e Fantasma carregando Lesya, foi Callie quem primeiro alcançou a curva, gritando para que fossem mais rápido.

Jack ouviu um rugido às suas costas. Era tão forte que supôs que os vampiros estivessem à entrada da caverna. Virou-se e avistou um deles: a silhueta enorme de um urso-polar em meio às sombras. Mas ele não transpôs a saída. A boca da caverna ainda era banhada pela luz fraca do dia, e o monstro não conseguia enfrentá-la. Passou a se encolher, transformando-se diante dos olhos deles em algo maligno que parecia um homem, sem o ser. Os olhos vermelhos dele brilharam na escuridão, e a pele branca era fantasmagórica.

“Parece faminto”, pensou Jack.

A dinamite explodiu, lançando Jack para trás. Ele caiu no chão, e Sabine voou do seu ombro, estatelando-se na trilha rochosa. O rugido seguinte não veio dos vampiros, mas do próprio penhasco, enquanto toneladas incontáveis de rocha desmoronavam umas sobre as outras. O

solo estremeceu, o ar sendo tomado por uma nuvem de poeira iluminada pelo sol poente e por pedregulhos que quicavam do penhasco até o riacho lá embaixo. O som ficou abafado nos ouvidos de Jack enquanto tentava se manter de pé, titubeante, a cabeça de Sabine apoiada em seu ombro.

Callie soltou um grito de alegria. Jack a encarou por um momento, depois começou a rir. Voltou-se para os outros a fim de compartilhar a vitória deles, mas, atrás das pedras que se assentavam e dos ecos da explosão, ouviram outro som.

Um rugido.

— Filho de uma... — começou a dizer Reverendo.

Saíram de trás das rochas que os protegiam para ver como havia ficado a entrada da caverna. A doze metros acima da face do penhasco, havia outra fenda escura no calcário. O rugido transformou-se em um grito que era em parte crocitado, em parte guinchado. Em seguida, o maior falcão que Jack já vira levantou voo, descrevendo um arco no ar e vindo na direção deles. Um segundo falcão o acompanhou, ambos soltando ruídos agudos e furiosos.

Jack tinha visto os desenhos feitos a sangue nas paredes da caverna dos vampiros Tlingit. Sabia o que eram aqueles pássaros. Havia outra saída da toca. Praguejou em voz alta, ergueu a espingarda e mirou, com Callie fazendo o mesmo com suas pistolas, só esperando pela melhor oportunidade.

Então ele viu as chamas.

— Callie — disse —, espere!

Os falcões pegavam fogo, as penas chamuscadas pela luz do sol. Em segundos, os dois sucumbiram na trilha rochosa, indo de pássaros a homens mortos-vivos, a carne tornando-se cinza e os ossos se escurecendo.

— Temos mais ou menos uma hora e meia até que o sol se ponha — ele disse em um tom de voz urgente, ainda prestando atenção nas ruínas que ardiam. — Precisamos levar Lesya de volta à floresta. Eles a levaram para longe de casa, onde sua magia não pudesse protegê-la. Se a levarmos de volta para a floresta, talvez ela consiga nos manter vivos.

— Havia dezenas deles lá dentro! — disse Callie. — Assim que o sol se puser, estaremos mortos se continuarmos a céu aberto.

— Jack tem razão — falou Sabine. — Se devolvermos Lesya ao lugar

onde está seu poder, ela vai nos proteger. Posso ajudar.

— Demoramos muito mais que uma hora e meia para chegar até aqui — disse Reverendo.

Fantasma riu, a voz áspera como uma rocha.

— Bom, pelo menos saímos em vantagem. Vamos tentar aproveitá-la.

Correram, sabendo que, para sobreviver, teriam de ser mais velozes que o anoitecer.

CAPÍTULO TREZE

ÚLTIMOS RAIOS DE LUZ

Corriam pela sobrevivência. Descendo a face do penhasco, cruzando a cordilheira, atravessando o riacho e enfrentando o terreno pantanoso, corriam conscientes de que, a cada passo, o fim do dia caía sobre eles como uma ameaça de morte.

Reverendo e Louis iam na frente, vigiando os perigos que pudessem dificultar a fuga deles. Callie ficara na retaguarda. Mandara o grupo tomar a frente, e Jack logo compreendeu o que tinha em mente: ela seria a primeira a enfrentar os monstros, caso fosse preciso. Chegara até ali, depois de tanto tempo caçando e matando vampiros, e de certa maneira havia esperado anos por circunstância semelhante à que vivenciavam.

Fantasma carregava Lesya, e Jack e Sabine iam no encalço deles.

— Precisamos sobreviver — disse Sabine.

— E vamos.

— *Temos* que sobreviver!

Jack olhou de soslaio para sua amada, mas ela prestava atenção em Fantasma e Lesya. Havia uma veemência nos olhos dela que Jack não se lembrava de ter visto antes, e levou alguns momentos para entender do que se tratava. O *olhar* de Sabine era o de uma anciã. Sua beleza era a mesma de sempre, porém a expressão em seus olhos ao observar aquela que poderia ser como uma irmã carregava o peso de cada década vivida e esquecida. Fantasma carregava alguém que poderia lançar luz ao passado de Sabine e explicar muito do que nunca fora capaz de entender.

Jack compreendia. Mas, embora isso fosse tudo o que desejasse a Sabine desde que decidira viajar para o norte, o medo não o abandonava.

“O que será que ela vai descobrir?”, perguntava-se. “Que consequências essas descobertas me reservarão?” Havia uma pontada de

egoísmo nesse pensamento, talvez, mas Jack não via problema algum em ser egoísta em relação à amada. Tinham chegado tão longe juntos...

Lesya mal se mexia desde que haviam saído da caverna. Fantasma andava a passos largos, parecendo imune ao cansaço, as pernas fortes devorando o solo embora carregasse um peso extra nos braços. Jack às vezes se aproximava o suficiente para ver o rosto de Lesya, que encarava o céu com as pálpebras cansadas e olhos opacos e lacrimejantes. Temia que os vampiros a tivessem sugado tanto que talvez nunca se recuperasse, tendo os poderes tão enfraquecidos que nunca voltasse sequer a falar.

Temia também outra coisa horripilante: que ela se transformasse. Em Dawson, Callie havia executado a mulher de seu amigo, com a certeza de que tal atitude salvaria a pobre coitada de uma maldição eterna. E ali estavam eles agora, escapando com uma mulher — uma criatura — que tinha servido de alimento para os vampiros por um período incerto de dias, talvez semanas.

“Talvez ela já tenha se transformado”, pensou Jack, “e o estranho poder dela a proteja da luz do sol, ou talvez seja sua pele de árvore, ou a afinidade incomum com a natureza...” Os vampiros que haviam enfrentado eram monstruosos e incrivelmente fortes. Lesya seria pior que isso em sua versão vampiresca?

Mas, antes que comesçassem a fuga para a floresta de Lesya, Callie tinha examinado brevemente a mulher inconsciente e assentido com um aceno de cabeça. Não parecia preocupada, e, por ora, isso bastava para Jack.

“Por ora.”

Mas continuaria atento.

— Você parece mais forte do que nunca — Jack disse a Sabine.

— Acho que nunca me senti tão forte — ela concordou. — Estar tão perto dela... Talvez seja meu entusiasmo, sabendo quanto poderei descobrir em breve. Mas é como se nossas forças se complementassem.

— Ela não parece muito forte agora.

— Não se engane pelas aparências — disse Sabine. — Acho...

— Acha o quê? — insistiu Jack, quando ela desistiu de falar.

— Acho que ela está mais forte do que aparenta.

Corriam pela floresta, seguindo uma trilha rudimentar forjada pela passagem de animais, ou talvez por gerações de índios Tlingit que

caçavam e montavam suas armadilhas ali, vivendo sua existência em harmonia com o mundo selvagem.

— Ela está gostando de ser carregada — Jack falou lentamente.

— Está gostando de ser carregada por *Fantasma*.

Jack avistou Louis um pouco adiante, no alto de uma pequena elevação, olhando para baixo a fim de calcular seu avanço. Quando percebeu que estavam a um bom ritmo, acenou para continuarem, descendo pelo outro lado da elevação. A paisagem era repleta de esconderijos — árvores e fendas na superfície da terra; rios sinuosos e ravinas repentinas — e, quando chegasse a hora, Jack supunha que seriam capazes de se esconder dos vampiros. De suportar mais uma batalha. Um confronto final.

No entanto, ainda que Lesya estivesse mais viva do que demonstrava estar, continuavam longe da floresta dela. E, contra os vampiros que viriam atrás do grupo, nas mais variadas formas, nenhum deles duraria muito tempo ao relento.

— Vamos sobreviver, Sabine — disse Jack. — Porque eu amo você e quero que tenha aquilo que deseja há tanto tempo.

— Minha história — disse ela, quase sem fôlego.

— Quero compartilhar esse momento com você — falou Jack.

— Claro — respondeu Sabine, mas sua voz soou cansada, ou talvez apenas hesitante. — Claro.

Continuaram correndo, atravessando a floresta e obtendo um bom avanço. Jack estava sedento, porém não pararam para tomar água. Comida teria lhes dado energia, mas era preciso tempo para interromper a viagem e se alimentar. Cada minuto, contudo, era importante para assegurar a sobrevivência deles. E todos estavam determinados a sobreviver.

Lesya percebeu partes dela que pareciam ávidas para se fundir à floresta. O cabelo era formado por inúmeras gavinhas de trepadeira, e dos braços brotavam folhas que pareciam quase outonais antes, ao escaparem da caverna. Agora, as folhas estavam mais verdes e tinham brilho. “O esplendor da vida”, pensou Jack. Lembrou-se do tempo em que vivera com Lesya e do afeto estranho que surgira entre os dois — afeto dela por um homem que entendia o mundo selvagem de uma maneira que a maioria jamais entenderia, e afeto da parte dele por algo extraordinário e belo. A loucura dela, que acabara separando-os, fora

decisiva, contudo por um tempo tinha havido...

“Amor?” Não, comparado ao que Jack sentia por Sabine. Mas talvez algo forte e intenso. Pensar nisso agora era quase uma traição; entretanto percebeu nos olhos de Sabine esse mesmo encantamento. Ainda que estivesse sendo carregada nos braços de um homem bestial, Lesya era a peça crucial do grupo.

Enquanto Jack observava, um dos braços de Lesya se levantou, e ela acariciou com os dedos a linha do queixo de Fantasma. Ele a fitou e *sorriu*. Era um sorriso puro, honesto e franco, não o sorriso forçado e confiante que Jack vira tantas vezes nele antes. Aquele era o verdadeiro sorriso de Fantasma, e Lesya devia ter sido a primeira pessoa a testemunhá-lo.

— Sabine... — chamou Jack.

— Eu sei — ela murmurou. — E isso vai nos ajudar. Ambos são fortes, cada um à sua maneira. — Ela esticou o braço para agarrar a mão de Jack, e, embora fosse desajeitado, eles continuaram assim por alguns passos.

— Vamos! — gritou Reverendo, que estava à frente e se detivera a meio caminho de um aclave. Parecia preocupado, e Jack observou Callie aproximando-se deles.

— O que foi? — perguntou Jack.

— Continue correndo — ela respondeu.

— São eles? — perguntou Sabine.

— Serão, daqui a pouco. — Callie se aproximou um pouco mais e correram lado a lado, subindo o aclave rumo ao lugar onde se encontravam Reverendo e Louis. Fantasma os alcançou primeiro, olhando para trás, em direção à copa das árvores pelas quais tinham passado. Sua expressão também era de preocupação. O olhar dele pousou em Jack, depois em Sabine. Algo nele havia mudado, e demorou um instante até que Jack percebesse o que era.

O humor constante de Fantasma diante dos absurdos ao redor havia desaparecido. Agora, ele também tinha encontrado um motivo para desejar sobreviver.

Jack e Sabine olharam para trás, e ela deixou escapar um gemido de frustração e medo.

— Pôr do sol — constatou Jack. O sol beijava o horizonte a oeste, esvaindo-se atrás das montanhas. — Callie?

— Vão tentar vir agora — a caçadora falou. — Vão se queimar, e talvez alguns até morram. Mas o sol do crepúsculo é mais fraco. De qualquer forma... — ela deu de ombros, conformada — ... em quinze minutos, estarão aqui.

— E temos muito chão pela frente — acrescentou Jack, a voz calma.

— Não teremos nenhuma chance — uma voz disse. O coração de Jack disparou diante da fúria intensa que percebera na voz de Sabine, porém, ao se virar, viu que ela olhava para Fantasma.

Jack também o encarou. Lesya havia levantado a cabeça e encarava o sol, que se tornara mais brando.

— Roubaram muita coisa de mim — disse o espírito da floresta. — Se se aproximarem de novo, existe uma coisa que quero pedir a você. — Lesya encarou Jack. — Quero que me mate, meu querido Jack London.

— Não sei se consigo — ele respondeu.

— Eu lhe digo como fazer.

— Não foi isso que quis dizer. — Estava trêmulo. Sabine segurou a mão dele, ofertando-lhe imenso conforto.

Lesya olhou de novo para Fantasma, que a encarava numa espécie de encanto.

— Então direi a você, meu homem selvagem, como fazer.

O lobo de Jack corria com eles. Jack podia sentir a presença dele perto dali, mas fora do campo de visão, e talvez fosse esse o lugar em que o animal sempre estivera. Mesmo quando navegava com Fantasma e os lobisomens, talvez o lobo estivesse fora do campo de visão, em algum lugar no íntimo de Jack, guiando-o e aconselhando-o, ainda que distante de seu lar espiritual, que era a região norte.

Duas vezes, Fantasma olhou para o lado de relance, e nas duas Jack sabia qual era a razão. Ele também sentia a presença do lobo.

Jack apurou os sentidos enquanto corriam, mas se conectar com o lobo não foi tão reconfortante quanto deveria ser. A fera sentia tanto medo quanto qualquer um deles. O território não era mais governado pelas regras do mundo selvagem, e sim pelas regras da malignidade.

Assim que Lesya ergueu a cabeça — o olhar repleto de expectativa — e Jack pressentiu a vastidão estéril de sua floresta em algum ponto à frente, ouviu-se um disparo.

Jack e Sabine pararam de correr de repente, olhando para trás. Callie estava em posição, a arma em punho. Deixando uma trilha de faísca e fumaça, um falcão imenso caía perto dela. Ele atingiu o chão a dez passos de Callie, debatendo-se, as penas se misturando à carne, o bico se rompendo para dar lugar a um rosto. O homem parou de se mover, e Callie voltou a correr.

— Os pássaros — disse ela. — Eles são mais rápidos. E outros virão em seguida. Corram. Corra, Jack! Corra, Sabine! Eu dou cobertura e... — Não pôde dizer mais nada, interrompida pelo crocitar de pássaros descomunais e tenebrosos que surgiam da direção que o grupo deixara para trás.

Enquanto isso, Jack e Sabine continuavam a correr. À frente deles, Fantasma cruzava uma planície rumo ao riacho que os levaria à floresta de Lesya. Reverendo e Louis esperavam por eles, e assim que Fantasma se aproximou os dois se tornaram maiores, dando lugar à transformação que os ajudaria na batalha que se anunciava.

— Não parem! — gritou Jack, acenando-lhes. A espingarda pesava na outra mão, ansiosa por ser usada. Mesmo com apenas dois cartuchos, aquela arma era preciosa.

Os lobisomens ignoraram o pedido de Jack e voltaram na direção dele e de Sabine, trotando nas quatro patas e saltando por eles, para se postarem ao lado de Callie. Dariam cobertura ao grupo durante a retirada.

— É longe? — perguntou Sabine.

— Não — disse Jack. — Uns cinco quilômetros. — Seguiram em silêncio, e foi Sabine quem falou o que ambos já haviam constatado:

— Também não é perto.

Outro disparo. Jack viu uma forma incandescente sucumbindo com um rastro de penas queimadas. Callie era boa de mira, mas, ainda que as outras dez balas que tinha acertassem os devidos alvos, haveria muitos outros monstros no encalço de seus irmãos mortos.

Reverendo e Louis aproximaram-se de Callie, um de cada lado, enquanto ela recuava para atravessar a planície. Agora o crepúsculo se completara de fato, e o sol não passava de uma memória no horizonte. Distante dali, Jack podia ouvir os rugidos malignos dos vampiros.

— Não vou deixar que ataquem você, Sabine — disse ele, enquanto corriam. — Não como fizeram com Lesya.

— Acho que eles não têm intenção de pegar nenhum de nós — respondeu ela. — Escute o ruído que fazem. É um som assassino.

— Mas você é especial — disse ele. Saltaram dentro de um córrego estreito, e Jack ouviu Sabine suspirar ao sentir a água molhar seus pés.

— Jack, *todos* somos especiais — respondeu ela. — E você, mais do que a maioria. Eu só sou diferente. Sou mais que uma humana, ou talvez um pouco menos. Mas você... você é extraordinário. Se não consegue enxergar isso, se essa verdade lhe escapa... diga que estou enganada.

Seu tom de voz era tão sincero que Jack não pôde responder nada. Assimilara as palavras dela, dando-lhe um sorriso constrangido em resposta. Não havia nada de egocêntrico na atitude dele, que apenas compreendera o que ela dissera. *Todos* eles eram seres singulares e incomuns: Fantasma, Reverendo, Louis, Callie... E também aqueles cuja morte tinha assistido ou proporcionado. O mundo estava repleto de maravilhas, e era por isso que se esforçava para conhecê-lo. Desde criança havia procurado viver, não apenas existir, e cada passo que dera o conduzia até onde se encontrava agora.

Ao lado de Sabine, correndo através da floresta, sendo perseguidos por seres malignos.

Jack não queria morrer, porque havia um mundo de aventuras que precisavam ser vividas. Mas, se morresse naquele instante, teria com certeza vivenciado uma vida boa e intensa.

Mais três disparos. Jack e Sabine estacaram para ver o que era, e Sabine suspirou pesadamente quando viu o que se aproximava deles.

Os vampiros haviam irrompido floresta adentro, saltando e avançando sobre o rio que o grupo tinha atravessado poucos minutos antes. A luz crepuscular era boa o bastante para que pudessem vê-los, e Jack desejou que não fosse. Vários ursos-polares trovejavam sobre a água, e falcões pairavam sobre eles, quase sem bater as asas. Havia também um lobo, semelhante ao de Jack, não fosse seu aspecto imundo. Dois leões da montanha agachavam-se na corrente de água, várias raposas correndo e outras criaturas acompanhando-as, enquanto vampiros na forma de animais, maiores e mais selvagens que aqueles cujas silhuetas haviam sumido, também se faziam presentes. Talvez atrás deles houvesse vampiros na forma humana, mas não deviam ser velozes o suficiente. Jack temeu que a batalha terminasse antes mesmo que todos os monstros chegassem ali.

— Ah, Sabine — suspirou Jack.

Atrás deles, Fantasma ainda corria e praguejava, as passadas pontuadas por promessas:

— Você não vai morrer, não vai morrer...

Diante do horror que enfrentavam, Jack considerou que as palavras ditas pelo brutal capitão à bruxa da floresta eram comoventes.

Callie disparou contra um dos leões a uma distância aproximada de doze metros. A criatura deu uma cambalhota no ar e se espatifou no rio, empalidecendo, encolhendo à medida que a morte a devolvia à sua forma patética e trêmula. Atirou contra um urso-polar que avançava, mas a bala passou de raspão pela orelha do monstro e só o deixou ainda mais alucinado — e mais perigoso.

Louis o agarrou pelo lado esquerdo, e Reverendo, pelo direito. Um o segurou, enquanto o outro lhe abria a garganta e quebrava-lhe o pescoço. Deram as costas à criatura enquanto ela encolhia, e Jack nunca os tinha visto tão majestosos.

— Venham! — urrou Fantasma no topo do aclave. Lesya parecia se contorcer nos braços dele, magra, galhos pálidos despontando de seu corpo, acariciados pelo ar. Ainda tinha a cabeça baixa, e Jack pôde perceber seu estado de fraqueza.

— Vão vocês! — gritou Jack. Virou-se para Sabine e murmurou: — Você também.

— Não, Jack!

— Ela é a razão de você estar aqui — disse ele. — É o motivo pelo qual você viveu todos esses anos.

— Não — respondeu Sabine. — Você é meu motivo. Se eu a perder, posso conviver com o mistério. Mas se perder você... — seus olhos lacrimejaram, porém ela prosseguiu, determinada: — ... não quero continuar vivendo.

Callie corria montanha acima com os dois lobisomens a seu lado. Parecia cansada e desgastada, mas, sob a exaustão, Jack podia ver a vida pulsando nela. Aquilo era exatamente o que sempre havia desejado.

— Não podemos matar todos! — disse Callie, aproximando-se deles. — Corram!

Sabine agarrou a mão de Jack e o puxou. Juntos, seguiram Callie no encalço de Fantasma. Jack ouviu uma confusão atrás de si e se virou enquanto corria, sabendo de antemão o que veria, mas incapaz de

ignorar a cena.

Louis e Reverendo estavam envolvidos na maior luta de sua vida. Saltavam, golpeavam, mordiam, pulavam, rolavam, corriam, chutavam, ao mesmo tempo e separadamente. Criaturas monstruosas investiam contra eles, e seres mutantes voavam para longe, voltando à forma original — índios Tlingit, caçadores, garimpeiros, homens, mulheres e crianças. Os dois lobisomens eram como forças de uma natureza descomunal e, toda vez que um monstro avançava, eles o devolviam ao que era antes. Humano, e morto.

Louis levou uma mordida no ombro de uma raposa e então a atacou também, mordendo-a e balançando-a de um lado para o outro. Ainda assim, a raposa continuou revidando, dando dentadas no ar, até que ele cravasse as garras no couro da criatura, rasgando-a em dois pedaços. Preparou-se então para o embate seguinte, sem tomar conhecimento do ferimento ensanguentado no ombro.

Reverendo parecia dançar. Transformado em lobo, era mais alto, mais magro e mais esguio que sua versão humana e *levitava* pelo terreno montanhoso, jamais entrando em contato com um inimigo por mais que um breve instante, até partir para outro. Retalhava, mordia e arrancava, e então partia para outra briga e fazia tudo de novo, atraindo os monstros e afastando-os de Jack e dos outros. Seu lema era violência; Reverendo havia chamado a responsabilidade para si.

Jack deteve-se para empunhar a espingarda, num impulso de tentar ajudar.

— Olhem! — disse Callie. — À esquerda!

Lá estava o lobo de Jack mais uma vez, correndo como um raio rumo ao embate, dentes à mostra e a pele tremulando com a velocidade. Jack se conectava ao animal de modo tão natural que era quase involuntário: rosnou em uníssono com o lobo, sentindo sua força, e percebeu que o medo fora deixado de lado. Existia uma história por trás desse medo, um passado. Surgira do ódio, porque o lobo tinha alimentado sua fúria contra aquelas feras — cicatrizes da natureza — por muito tempo. Estava furioso por terem maculado aquele território, e ainda mais encolerizado com sua inação. O instinto havia lhe garantido a sobrevivência; porém, ao deixar de combater os vampiros, sentira-se inferiorizado.

Agora, vendo seus irmãos descomunais enfrentarem os monstros, o

lobo tinha encontrado seu ímpeto mais uma vez. Menor do que a maioria das feras vampirescas, sua raiva compensava o tamanho — no uso de dentes e garras. A mandíbula grampeava pescoços e quebrava vértebras, até que as cabeças pendessem flácidas e sem vida. Os lobisomens também viram o lobo, e Jack percebeu que se deixavam inspirar pelo animal. Era como se a natureza lutasse contra os males que haviam se abatido sobre ela, e Louis e Reverendo tivessem se tornado uma manifestação de justiça.

— Temos de ir — sussurrou Sabine na orelha de Jack, e ele sabia que tinha razão. Por mais doloroso que fosse, sentiu que seu lobo também o encorajava a ir embora, não com palavras ou gestos, mas exalando um senso de urgência.

Corriam para sobreviver, e passou pela mente de Jack que aquilo não acabaria nunca.

Os sons de batalha continuavam atrás dele. Callie dava alguns passos e parava para ver o que se passava, e várias vezes mirou e disparou, derrubando um vampiro que tinha escapado do embate para atacá-los. Jack sempre diminuía o passo quando ela fazia isso, empunhando a espingarda para o caso de ela errar o alvo ou ficar sem balas. “Quantas ainda restam?”, perguntava-se, porém sem expressar em voz alta. Na verdade, não queria saber a resposta.

— Ela está quase lá! — disse Sabine. Jack olhou para a frente, procurando por Fantasma e Lesya, sem contudo conseguir enxergá-los na escuridão. A luz da lua tingia a paisagem, mas, sob as árvores, a penumbra omitia a verdade.

— Ela parece mais forte? — perguntou Jack. — Fantasma ainda está com ela no colo?

— Acho que sim — respondeu Sabine. — Mas ela está... quase pronta.

— Pronta para quê? — indagou Callie, ofegante. Deu uma olhada para trás e depois disparou na corrida novamente.

— Pronta para voltar para casa — disse Sabine.

— E também deveremos estar lá quando isso acontecer — acrescentou Jack.

Pensava em Louis e Reverendo enquanto corria, desejando ardentemente que sobrevivessem. Jack podia ouvir os gritos, rugidos e urros ficando para trás, e qualquer um deles poderia ser de um dos

lobos. Captou os sentidos de seu lobo, bem como sua ferocidade. Ele desfrutava do combate, liberando através dos dentes e das garras as frustrações reprimidas. Sombras caíam por toda parte, e Jack as imaginava mudando de forma.

Seu lobo uivou e sangrou, mas a dor não o afetava.

— Vou dizer a ele que venham atrás de nós — arfou Jack. — Quando chegarmos lá, vou me comunicar com o lobo. Talvez ainda possam sobreviver. E escapar.

Nem Callie nem Sabine responderam. Todos sabiam quais eram as chances de os lobos verdadeiramente sobreviverem.

Seguindo o rio, não demorou para Jack reconhecer a paisagem — a maneira como as montanhas cercavam o perímetro, a qualidade do terreno, as sombras das árvores e o brilho da água. Estavam muito, muito perto.

“Venham”, pensou ele, conectando-se ao lobo na esperança de que os outros o vissem partindo. “Quase chegamos. Saia da briga e...”

Callie deu um grito de susto e disparou três vezes. Sabine soltou uma exclamação aguda e breve. Quando Jack se virou, viu um urso-polar avançando para Callie, uma pata gigantesca balançando à sua frente com garras úmidas que ameaçavam um golpe fatal. Callie caiu de costas e agora tinha apenas uma arma, e Jack pôde ouvir o clique-clique-clique da pistola vazia, como um chocalho que anunciasse a morte.

Disparou um tiro de espingarda, e uma mancha escura se espalhou pela cabeça e pelos ombros do urso.

Callie rolou para o lado, evitando que o vampiro moribundo caísse em cima dela. A caçadora descartou com rapidez a arma vazia e pegou a que havia derrubado. Abriu-a para verificar o tambor e levantou a cabeça, arregalando os olhos para Jack.



— Três — foi tudo o que ela disse. Aparentemente, o “obrigado” teria que esperar.

— Por aqui! — disse Jack. Os três correram ao longo do curso do rio, e Jack os conduziu para a esquerda, cercando a encosta de uma colina, rumo às profundas sombras que demarcavam o limiar da floresta de

Lesya. No passado, tinha escapado daquele lugar temendo pela própria vida, e agora voltava a ele para se proteger.

Esperava apenas que os poderes de Lesya não estivessem fracos demais.

— Ah, Jack — suspirou Sabine. Ele olhou ao redor, retendo o fôlego, na expectativa de ver vampiros em ataque. Era injusto morrer quando se estava tão perto de conseguir proteção.

Mas Sabine sorria e não demonstrava preocupação, os olhos iluminados pela lua brilhando de encantamento.

— Que foi? — perguntou Callie, a voz cansada.

— Ela está em casa — disse Sabine. — Lesya está em casa. Leshii agradece, embora acredite que logo ele estará distante demais até para isso. E agora... tudo vai começar a mudar.

Entraram na floresta juntos, sendo abrigados pela escuridão. Jack sondou seus sentidos e percebeu que seu lobo estava a caminho, o corpo surrado e ferido, porém repleto de vigor. Vinha sozinho.

— Mas o que diabos...? — começou a dizer Callie, incapaz de completar sua frase, porque não havia palavras para descrever aquilo.

A floresta tinha ganhado vida.

Naquele surpreendente desfecho, não havia nem sinal de Fantasma. Mas Lesya estava por toda parte. Jack podia sentir seu espírito fluindo floresta afora, influenciando tudo e injetando vida no que antes jazia doente. Percebeu que Sabine podia sentir aquilo também. Num momento de perigo intenso, nunca a vira tão maravilhada.

Nessa batalha final não havia espaço para humanos. Até mesmo Sabine reconheceu os poderes imensos que operavam ali, permitindo que Jack a conduzisse pela floresta, até encontrarem refúgio ao lado de uma rocha, de onde conseguiam ouvir e, às vezes, ver. Callie se ajoelhou ao lado deles, cuidando da arma com as três últimas balas de prata. Estava ansiosa para usá-las — a matança de monstros para liberar aquelas almas atormentadas ainda não havia acabado para ela. Mas as probabilidades eram muito diferentes agora. Os vampiros tinham encontrado alguém à altura.

Jack abraçou Sabine enquanto os vampiros entravam em choque com a floresta.

Ouviram as criaturas descomunais adentrando o território. Eram muitas, arrancando galhos e esmagando a vegetação, e não demorou até que uma delas soltasse um grito agudo. Jack viu uma sombra sendo arremessada para longe por uma árvore flexível que rangia, e a sombra maior se tornou várias pequenas sombras à medida que outras árvores entravam no embate. Objetos caíam com um som abafado pela umidade do solo da floresta.

Galhos golpeavam o ar e às vezes acertavam alvos. Ramos rangiam ao se mexerem. Os rugidos de fúria deram lugar a rosnados de consternação à medida que os vampiros eram impedidos de avançar pela floresta, que se transformava e se movimentava ao redor deles. Jack se lembrou da própria tentativa de escapar da floresta e de como fora conduzido e controlado pela paisagem ao redor, algo que não conseguira compreender. Os vampiros talvez entendessem, porque tentavam sugar os poderes de Lesya há bastante tempo. Mas compreender não faria diferença naquele momento.

Chegara a pensar em Lesya como uma espécie de monstro, contudo havia mudado de ideia. Não precisava ser como Sabine para perceber como aquilo tudo estava na mais perfeita *harmonia* e, ao trocar um olhar com Callie, reconheceu que ela entendia também. Era a natureza contra o mal. Era assim que funcionava. Uma batalha contra algo que jamais deveria ter existido. Lesya era o espírito mais puro do mundo selvagem, e agora se livrava da mácula que os vampiros tinham deixado ali.

Mais rosnados, gritos e confusão. Mais impactos de coisas que eram erguidas e dilaceradas.

Então Sabine disse:

— É ela. — Sua voz tinha um fascínio que quase a fazia perder o fôlego. Jack e Callie olharam na direção apontada por Sabine, e lá estava Lesya, alegre e deslumbrante em seu estado natural. Fora levada e mantida presa contra sua vontade, talvez torturada, talvez traumatizada demais para conseguir se recuperar. Mas agora a raiva que sentia lhe dava poder, e ela marchava por seus domínios sentindo-se orgulhosa e magnânima.

A luz da lua banhava sua pureza. Tinha o tamanho de uma árvore, e os braços despontavam cheios de folhas verdes, um símbolo de renascimento. O corpo dela estava recoberto por uma casca, maleável o bastante para se contorcer e se virar sempre que desejasse. As pernas a

conduziam pelo território com uma naturalidade que se relacionava ao senso de familiaridade ancestral, e o rosto dela...

O rosto de Lesya era algo que Jack London conhecia muito bem e tinha visto em seus sonhos desde a primeira vez que colocara os olhos nela. Embora estivesse longe de sua forma humana, Lesya mantinha características que Jack sempre reconheceria e também respeitaria e temeria.

Ela o encarou. Piscou algumas vezes. E seu rosto se abriu em um sorriso de madeira que Jack não pôde deixar de retribuir. Sabine riu ao lado dele, e até Callie ergueu a cabeça para o céu e soltou uma risada.

— Vamos sobreviver — disse Sabine. A voz era carregada de alívio. Jack sabia que ela já pensava no que aconteceria depois daquela luta, quando ela e Lesya conversariam, comentando sobre suas vidas e suas histórias.

O lobo de Jack apareceu em meio às sombras, mancando na direção deles. Ele relanceou o olhar para Sabine, parou e inclinou a cabeça. Então se aproximou de Jack e deitou ao seu lado, deixando que ele lhe afagasse a cabeça e usasse sua percepção para averiguar seus ferimentos. Os pelos estavam úmidos de sangue, porém Jack podia sentir a batida forte de seu coração. Ele arfava, mas de um modo orgulhoso. E observava.

Lesya se deslocava de um lado para outro na floresta, erguendo os vampiros bem no alto. Alguns ela dilacerava, e pedaços de corpos humanos caíam pelo chão. Foi quando Jack viu algo que o fez estremecer e, a julgar pelo sorriso que Lesya tinha no rosto, quase o deixou em estado de choque.

Alguns vampiros, ela empalava no alto das árvores. Espetadas lá contra o céu iluminado pela lua, as silhuetas agonizantes se debatiam — ursos, um puma e três homens cujos braços finos pareciam patéticos contra a infinitude do céu.

— Esplêndido — uma voz disse, e Fantasma saltou da pedra em que estava, bem atrás deles. Aterrissou ao lado do lobo de Jack e se ajoelhou, descansando a enorme mão no dorso do animal, mas sem tomar conhecimento de Jack e do restante do grupo. Tinha olhos apenas para Lesya.

— Ela está torturando os vampiros — disse Sabine.

— É? — comentou Fantasma, ainda sem olhar para eles.

— Sim — respondeu Callie. Jack não conseguiu interpretar o tom da voz dela. Satisfação ou reprovação?

— Não temos ideia do que fizeram com ela — disse Jack, surpreso ao se ver defendendo a atitude de Lesya.

— Eu tenho — disse Fantasma. — Eu sei. — A voz dele era baixa, pesada, carregada de ódio e de algo mais que Jack não conseguiu identificar. — Eles a fizeram sangrar e a mantiveram presa na caverna como se fosse um animal. Insultaram-na. Prometeram mantê-la viva e jamais libertá-la. Então, sim, ela está torturando os vampiros.

“Ele a respeita”, pensou Jack. “Enfim, essa fera encontrou alguém, alguma coisa, que considera estar a seu nível.” Seu olhar procurou brevemente o de Sabine, apenas para descobrir que ela o encarava, as sobrancelhas arqueadas.

Logo a violência foi diminuindo, e em meia hora o único som que se ouvia era dos passos de Lesya, leves e delicados em meio a um território tão imenso. Todos ficaram quietos, e pouco depois ela apareceu diante deles como Jack a havia conhecido. Nua, linda, os olhos ainda carregados de selvageria. O espírito da floresta se aproximou e se ajoelhou no solo úmido.

— A aurora — disse ela, e sua voz continha a força de um punho atravessando a casca de uma árvore —, e tudo estará terminado.

Jack ergueu a cabeça para ver a copa de uma árvore. Conseguia ver três formas lá no alto, sem forças para lutar, mas cujas silhuetas ainda se debatiam. Havia mais. Quando viesse o amanhecer, o último dos vampiros encontraria seu fim.

— Todos eles? — perguntou Fantasma.

— Todos, menos três covardes que escaparam na direção norte — disse Lesya. Ela olhou para Callie e depois fixou o olhar em Jack. — Um urso-polar, um puma e um falcão. Feridos, mas não mortos.

— Jamais voltarão — disse Fantasma com firmeza.

— Talvez não no espaço de tempo de uma vida humana.

— Lesya — disse Jack. O nome dela soava tão estranho agora nos lábios dele...

— Jack London. Você me abandonou.

— Valorizo demais minha liberdade.

— Teria ofertado a você tantas maravilhas... — Ela olhou para Sabine, mas as palavras eram endereçadas a ele: — E por acaso não

continua sendo um prisioneiro?

Sabine se levantou, orgulhosa e desafiadora.

— Ao menos eu não tento forçá-lo a ficar comigo.

— Você é...? — perguntou Lesya.

Jack viu Sabine arregalar os olhos. Seu corpo se retesou, e o de Lesya também.

Viu uma lágrima brilhar no rosto da amada.

Quando Lesya se levantou, os olhos dela também brilhavam.

Chorando sem emitir nenhum ruído, as duas se aproximaram, estenderam os braços e quase tocaram as mãos.

Quando amanheceu, o topo das árvores irrompeu em chamas e gritos. Os vampiros empalados na copa das árvores debateram-se e urraram, depois fumegaram e entraram em combustão quando as primeiras luzes do dia beijaram sua pele amaldiçoada. Quando a explodiram em chamas descomunais e se contorceram, Jack pôde ver os corpos deformados voltando ao estado normal. Os vampiros morreram enquanto voltavam a ser humanos, e ele supunha que houvesse certo conforto nesse fato.

Jamais conheceria a dor da maldição de um vampiro, e por isso seria sempre grato.

Observavam a cena juntos, porém sem a presença de Sabine e de Lesya. Ambas haviam se embrenhado floresta adentro, e eles não fizeram menção de acompanhá-las — a necessidade que tinham de se conectar uma com a outra era óbvia. Assim que as duas saíram, Fantasma se sentara ao lado de Jack.

Enquanto tinham esperado pelo amanhecer, Jack, Fantasma e Callie ficaram em silêncio. O lobo dormia. Jack percebera algo entre ele e Fantasma, que o tinha deixado confuso durante as horas de escuridão, e passara algum tempo relembrando a época em que haviam estado juntos no *Larsen*. Aquelas lembranças ruins, porém, não lhe deram nenhuma pista sobre o que sentia.

À medida que as últimas chamas sobre a copa das árvores esmoreciam e que fragmentos chamuscados despencavam no chão, Jack se deu conta de qual era o sentimento. A tensão desaparecera. A barreira palpável entre ele e Fantasma dissolvera-se na escuridão, e em seu lugar surgira um espaço amplo de possibilidades, que havia entre todos os

seres humanos. Jack sabia por experiência própria que às vezes esse espaço era preenchido com amor, às vezes com ódio, e às vezes até mesmo com violência ou indiferença. O espaço entre Jack e Fantasma, contudo, estava vazio; era uma folha de papel em branco.

Sentia que não havia mais nada para escrever nessa folha. Que a história deles estava quase concluída e, ao olhar de soslaio para Fantasma, notou que a expressão dele beirava a tristeza.

— É um novo dia — disse Jack.

— Pois é, senhor London.

Jack sorriu ao ouvir Fantasma usar seu sobrenome. O sorriso sumiu quando se lembrou de Louis e Reverendo e do sacrifício que haviam feito. Várias vezes ao longo da noite ouvira ruídos e desejou que fossem eles, mas ninguém saía das sombras. Desconfiava que fosse apenas a floresta de Lesya se acomodando à vida uma vez mais.

— Lutaram como lobos e morreram como homens — Fantasma sussurrou, dando de novo a impressão de ter lido os pensamentos de Jack.

— E você acha isso importante? — rebateu Jack. O capitão que havia conhecido teria feito pouco-caso do sacrifício deles, zombando da ideia de que tal glória pudesse valer mais que uma existência miserável.

Fantasma suspirou lentamente, porém não respondeu. Jack supôs que aquela fosse uma resposta suficientemente válida.

— E quanto a você? — perguntou Jack. Analisou Fantasma à luz do amanhecer. Tranquilo como o homenzarrão estava, não retomara por completo sua forma humana. Um pelo grosso cobria-lhe os braços, o pescoço e o rosto, este recoberto também de sujeira e lama. Nas mãos vastas, encurvadas, havia garras mortais. Seu rosto estava alongado, ainda com aspecto humano, mas com traços lupinos inconfundíveis. Talvez essa se tornasse sua forma natural dali em diante.

— Cheguei ao fim de uma jornada — constatou Fantasma.

— Matar seu irmão, Morte Nilsson, não era o fim? — perguntou Jack.

— Não — contrapôs Fantasma, sem acrescentar mais nada.

O lobo de Jack rosnou de repente e levantou, pronto para saltar. Callie ergueu-se de um salto, sacando a arma.

Jack postou-se ao lado dela. Tinha só mais um cartucho. “É dia”, pensou ele, mas não conseguiu ignorar o alarme deflagrado pelo lobo.

Algo se movia diante deles, em meio às árvores.

Fantasma inspirou profundamente e soltou uma risada suave no ar. Parecia feliz.

Louis saiu de trás de uma árvore queimada, parando um instante ao vê-los e depois seguindo em frente. Era quase um humano e carregava ferimentos que teriam matado um homem normal. A perna esquerda dele estava tão ferida que Jack podia ver o osso. Seu peito era uma profusão de cortes, e o rosto estava inchado e todo marcado. Apesar de tudo, o dente dourado refletiu a luz do dia, a expressão de dor transformando-se em sorriso ao encontrá-los.

— Você não vai... preparar... o café da manhã, Jack? — perguntou ele. A vinte passos deles, Louis desmoronou no solo. Jack correu para acudi-lo, enquanto o lobo parecia delirar.

— E Reverendo? — perguntou Jack.

— Morto — disse Louis. Ficou imóvel por um instante. — Mas levou muitos com ele. Devia ter visto, Jack. Ele tinha encontrado a si mesmo pouco antes de... de... — Louis fechou os olhos e apagou. A respiração era irregular, mas o coração batia com força.

— Um homem corajoso — disse Callie, às costas de Jack.

— Sim — concordou Jack com um aceno de cabeça. — Um homem.

— Eu posso ajudá-lo — disse uma voz de mulher. Ao se virar, Jack não sabia quem iria ver. Havia algo de semelhante em ambas as mulheres e na forma como a voz parecia cantada, um tanto em dissonância com a realidade.

As duas estavam em uma rocha, mas, pela expressão dos rostos, Jack constatou que as palavras eram de Lesya.

— Então ajude — pediu Jack.

Lesya assentiu. Ela e Sabine desceram da rocha. Sabine encaminhou-se para onde Jack estava, e Lesya foi atender o lobo ferido. Jack percebeu nela uma satisfação que lhe causou uma sensação agradável.

— Nada foi em vão — disse ele. Era mais uma declaração que uma pergunta.

O sorriso carinhoso de Sabine e um aceno gentil eram a única resposta que qualquer um deles poderia esperar.

CAPÍTULO CATORZE

NOVAS JORNADAS

Jack observou seu lobo correr para dentro da floresta, e uma parte dele se sentiu correndo ao lado dele. Tinha consciência de que poderia ver o animal novamente; mesmo que não o visse, ele sempre estaria lá, longe do alcance dos olhos, mas dentro das batidas de seu coração. O lobo mudaria de bando, encontrando uma fêmea aqui e ali, buscando alimento ou provocando brigas. Incansável, vagando pela infinidade do tempo, vasculharia o mundo selvagem até o último lugar primitivo que encontrasse — ou morreria tentando.

“Estou com você”, pensou Jack, vendo a cauda cinza do animal desaparecer em meio às sombras dos pinheiros. Seu coração estava pleno.

— Um animal corajoso — ouviu uma voz dizer.

Jack sentiu Fantasma se aproximando, mas o ignorou, relutante em interromper sua despedida íntima. Depois se virou e assentiu, sem conseguir evitar que um sorriso cruzasse seus lábios. Fantasma havia mudado. De alguma maneira, ter cedido por completo à fera que havia dentro de si acalmara sua alma, e, embora os cabelos estivessem desgrenhados e o queixo, recoberto de pelos, ele parecia mais humano.

— Você não quis dizer *nobre*, Fantasma? Não daria a ele essa honra? — perguntou Jack.

Fantasma encarou a floresta por onde o lobo tinha desaparecido. Depois de alguns segundos, concordou.

— Está bem. Ele é nobre.

— Então você acredita em nobreza, enfim?

Fantasma se voltou para Jack, a expressão do velho pirata semioculta pela penumbra das árvores, tornando difícil para Jack identificar se os cantos da boca se moviam para um sorriso ou um rosnado.

— Não me encaixo no mundo da maneira como ele está ficando, senhor London — respondeu Fantasma, fitando novamente as árvores. — Sei o que quer ouvir de mim. Louis e Reverendo provaram que você estava certo. A maldição do lobisomem os transformou em monstros, mas você tinha razão. Não significava que tivessem de viver como feras. Reverendo morreu com honra. E Louis... — Fantasma inspirou profundamente e soltou o ar, encontrando dificuldade para continuar falando. Por fim, assentiu em um gesto que parecia mais para si que qualquer outra coisa, como se seu coração tivesse lhe dado permissão para continuar. — Ele é um homem bom. Ainda mais por ter cruzado todos os limiares da civilização e experimentado a liberdade da selvageria e acabado escolhendo o caminho mais corajoso.

Jack estava chocado.

— Jamais teria pensado, mesmo agora, que você admitiria sequer a existência de um caminho como o que mencionou.

Fantasma aproximou-se de Jack e colocou a mão em seu braço, apertando-o com firmeza, sem desviar o olhar. A ferocidade em seus olhos não era cruel; apenas carregava uma certeza que não podia ser negada.

— Você estava certo sobre algumas coisas, Jack... mas não sobre tudo. Alguns homens não podem ser civilizados. Você queria me provar que eu poderia viver como um homem; que poderia domesticar a fera que há em mim, e confesso que me perguntava se algo assim seria possível ou mesmo desejável. Mas, agora que conheci Lesya, que vejo nos olhos dela outro espírito verdadeiramente selvagem, sei que, mesmo antes de meu irmão me transformar num monstro, eu jamais teria sido civilizado.

Jack concordou, assentindo discretamente.

— Lesya estava à procura de um homem selvagem.

— Uma fera — corrigiu Fantasma, as narinas dilatadas de prazer. — E agora ela me encontrou. Mas não vou permitir que você finja, Jack.

— Não entendi o que quer dizer — respondeu Jack.

— Claro que entendeu. Por que mais ela teria se esforçado tanto para atrair você até aqui e tentar mantê-lo nesta floresta? — perguntou Fantasma. — Lesya e o pai dela, por mais que ele tenha quase desaparecido do mundo, são entidades ancestrais. Fazem parte da natureza, do mundo selvagem, o que os torna seres singulares nestes

tempos modernos. Ela queria um homem selvagem e achou que esse homem poderia ser você, Jack. Existe um motivo para isso.

— Não sou uma fera — disse Jack, um frio percorrendo sua espinha. Em algum lugar da floresta, seu lobo uivou, porém Jack não sabia se era em despedida ou concordância com as palavras de Fantasma.

Fantasma respondeu-lhe com um sorriso grave, largando seu braço. Inclinou-se para Jack, o hálito quente no rosto dele enquanto sussurrava roucamente:

— Somos mais parecidos do que você poderá admitir algum dia, meu amigo. Se se recusa a admitir isso, vai passar o resto da vida procurando um lugar em que se sintam bem, mas nunca vai se ajustar. Jamais se sentirá em casa.

Uma onda de ódio perpassou o corpo de Jack. Sentindo um calor nas faces, abriu a boca para começar a rejeitar as palavras de Fantasma, entretanto descobriu que não conseguia dizer nada.

O estalar de um pequeno galho fez ambos se virarem rápido, marcados que estavam por tantos combates violentos, mas era apenas Callie que se aproximava. Ela se encontrava ao lado de uma árvore, com uma mochila pesada às costas e as armas pendendo do quadril. Jack sentira alívio ao ver o dia amanhecer, mas, quanto a Callie, a mesma expressão familiar de determinação estava cravada em seu rosto. Para ela, a perseguição não havia terminado.

— Estamos prontos para partir, Jack. Se for com a gente, vamos lá — disse ela.

Jack hesitou, sentindo que algo tinha ficado no ar entre ele e Fantasma. No entanto, ao olhar para o homem selvagem, constatou que era apenas uma ilusão. Haviam se entendido perfeitamente.

Jack preparou-se para retornar à cabana de Lesya, acompanhado por Callie.

Fantasma não os seguiu.

Jack ajustou as alças da mochila enquanto caminhava com dificuldade ao longo de uma cordilheira, sentindo o sol quente no rosto. Em sua mente, podia ouvir a música de um trio que às vezes tocava no bar de Dawson — um banjo animado, um piano estridente e uma gaita melancólica — e umedeceu os lábios com a língua, lembrando-se do

uísque que acompanhava a música. Não tinha interesse em ficar muito tempo em Dawson, porém estava ansioso para chegar lá, com todo o barulho, fedor e confusão do lugar. Diziam que as breves ausências sempre faziam o amor aumentar, e Jack sabia que era aquele o caso agora. Assim que passasse algum tempo na cidade, ficaria com saudade do mundo selvagem. Mas, por ora, desejava um bife, um drinque e música, mesmo de má qualidade.

Mais à frente, Callie assumira a dianteira, com Louis acompanhando-a de perto. A mulher tosca e rude era uma rastreadora de primeira, contudo não fazia mal nenhum ter um lobo a seu lado, farejando a trilha de pedregulhos quando não sabia direito para onde ir. Sabine caminhava a seis metros deles, e Jack ia na retaguarda. Observava sua amada, admirando a maneira como caminhava e o jeito como o vento açoitava seus cabelos. O tempo que passara com Lesya restabelecera seu vigor e beleza, a um ponto que deixava Jack quase sem fôlego. Havia outras mudanças nela também, que iam além daquela recuperação. Os segredos que Lesya havia compartilhado com Sabine tinham lhe dado uma leveza que Jack nunca vira. E agora, envolvida nos próprios pensamentos, existia algo muito puro nela, como se a qualquer momento pudesse levantar voo rumo ao céu. Jack, então, sentia vontade de se aproximar dela, beijá-la, amá-la e mantê-la por perto para sempre. Na maioria das vezes em que sorria para ele, as preocupações desapareciam. No entanto, havia momentos durante a caminhada em que ela o encarava com um olhar triste que lhe corroía as entranhas.

Numa fratura da cordilheira, onde um desmoronamento havia criado uma fenda, Callie e Louis pararam para tentar entender qual teria sido o caminho tomado pelos vampiros.

— Não podem ter ido muito longe com as poucas horas que tinham de escuridão — ponderou Callie. — Se não existe um rastro, seguiremos nessa direção até saber de alguém que tenha sido atacado por ursos ou tido o sangue sugado. Vamos encontrá-los.

Enquanto Louis analisava a fenda, Callie aguardando seu apoio, Sabine aproximou-se de Jack com um sorriso.

— Acho que eles vão demorar um pouco — disse ela.

Jack concordou.

— Sem dúvida. E, admito, estou impaciente. Fico surpreso que não esteja. Achei que estaria ansiosa para voltar ao mar.

— Ah, eu estou — respondeu Sabine, mas desviou o olhar ao dizer essas palavras, e Jack constatou que havia algo que ela estava lhe ocultando. Abrindo um novo sorriso, ela chegou perto dele e lhe deu um beijo carinhoso. — Você não se despediu de Lesya.

Agora era a vez de Jack desviar o olhar.

— Vocês duas estavam conversando, e eu não queria interromper. De qualquer modo, o que poderia dizer? Um dia, ela quis me manter preso. Depois, tentou me matar. Não posso dizer que sejamos melhores amigos.

Sabine deu de ombros.

— Ela não iria mantê-lo preso desta vez. Tem Fantasma agora, e ele gosta da ideia.

— Gostar é pouco — disse Jack.

— Ela me pediu que lhe agradecesse — continuou Sabine. — Por você tê-la resgatado.

— Todos nós a resgatamos.

— Sim, mas você tinha motivos para não fazer isso, e fez mesmo assim. — Sabine o beijou de novo e sussurrou: — Você é um bom homem, Jack.

Encostaram a testa uma na outra, ficando assim por um momento, e Jack sentiu o aroma de canela da pele de Sabine. Raramente ficavam próximos assim, de maneira tão íntima. “Então, por que sinto que ela está se afastando?”

— Não vai me dizer o que Lesya contou para você? Sobre seu passado? — perguntou ele.

Os olhos de Sabine brilharam. Ela tocou o rosto de Jack, acariciando sua barba de vários dias.

— Ainda não. Mas contarei logo. Prometo.

Pela maneira como desviou o olhar dessa vez, Jack desejou interromper suas palavras e lhe dizer que estava tudo bem. Que não importava o que tivesse para contar; talvez até fosse algo que não precisava ouvir, algo que ela deveria guardar para si, a fim de apenas poder voltar a olhá-lo nos olhos, a tocar seu rosto, a beijá-lo. Mas ele não a interrompeu. Uma parte recente da vida de Sabine tinha a ver com pessoas que a usavam por interesse próprio, tentando transformá-la em algo que ela não era em vez de ajudá-la a descobrir quem ou o que era. Ele não seria mais um.

— Venham logo, pombinhos! — chamou Callie. — Vamos em frente.

Sabine segurou a mão de Jack, e juntos avançaram pela cordilheira.

— Sinto muito, Callie — desculpou-se Sabine —, mas acho que agora vamos nos despedir. Jack e eu vamos para Dawson, e a cidade fica a sudeste. Se você vai para o norte...

Callie levou a mão ao coração, uma expressão de tristeza no rosto.

— Não diga mais nada, querida. Posso ser meio durona, mas não quer dizer que não tenho uma alma delicada. Nunca me dei bem com despedidas.

A mulher abraçou Sabine, e a cena foi quase cômica. Depois Callie se virou para Jack e estendeu a mão. Jack a cumprimentou, sentindo tanto sinceridade de sentimentos quanto vigor naquele gesto de Callie.

— Foi um prazer conhecer você, Jack.

— Digo o mesmo, Callie — disse ele, surpreso com a veracidade daquelas palavras. — Não esquecerei nunca de você. Sinto muito por não podermos continuar juntos.

Ela rejeitou aquele comentário com um aceno de mão.

— Não seja bobo. Você tem que levar sua mulher de volta ao lugar ao qual ela pertence. A gente teve, digamos, interesses em comum por um tempo, mas essa caçada sempre foi uma missão pessoal. Boa viagem para os dois. — Callie encarou Louis. — E você, francesinho? Vai voltar a Dawson ou vai me ajudar a exterminar esse bando de demônios?

Louis sorriu para Jack e Sabine, o dente de ouro reluzindo ao sol.

— Por que não?

— Tem certeza? — perguntou Jack, franzindo a testa de preocupação. — Ficando aqui no meio do nada...

— Não se preocupe, meu amigo — respondeu Louis. — Não vou esquecer o que aprendi. Faz parte de mim agora. E a melhor maneira de me lembrar que não sou um monstro é caçar aqueles que são.

— Boa viagem, então — disse Jack.

— Para vocês também, *mon ami* — respondeu Louis, fazendo uma reverência. Ao erguer-se, deparou com o olhar de Jack, repleto de gentileza e humanidade. — Quando Fantasma me transformou num monstro, jamais imaginei que seria capaz de fazer um amigo. Foi um prazer, Jack.

Louis estendeu a mão, e Jack a apertou.

— Para mim também — respondeu ele. — De verdade.

Jack teria falado mais, porém Sabine pegou a mão dele e apontou o

caminho. Quando conseguiram descer a cordilheira traiçoeira rumo ao sudeste, por onde sabiam que chegariam ao rio, Jack olhou para trás. Mas Callie e Louis já haviam sumido.

Passaram a noite sob as estrelas, acampando à beira do rio. Jack apanhou peixes e os fritou em uma panela pequena que guardara na mochila. Depois, deitaram-se juntos, ouvindo o vento e o ruído da água. Sabine dormiu bem antes dele, e Jack se apoiou no cotovelo, analisando a beleza tranquila no rosto dela, imaginando para onde ela iria quando sonhava.

Pela manhã recomeçaram a caminhada, chegando cedo a Dawson. Encontraram o xerife tomando café da manhã, a mulher dele servindo-lhe uma xícara para acompanhar ovos, salsicha e torradas. Jack e Sabine viram aquela cena doméstica através da janela, ao se dirigirem à porta da frente. E hesitaram em interromper. Agora que Jack havia voltado a Dawson, desaparecera a ideia romântica de música e uísque num bar repleto de sonhadores incorrigíveis e exploradores de ouro. Amava e odiava o Yukon em medidas proporcionais e desejava deixar a cidade para trás.

Jack bateu à porta, e o xerife Killebrew pediu que entrassem. Jack testou a porta, e ela estava destrancada. Ao abri-la, viu a senhora Killebrew ansiosa diante do fogão, com uma frigideira pesada de ferro na mão. Walrus tinha a boca cheia de ovo e salsicha, porém a mão direita estava sob a mesa. Jack percebeu que ele tinha uma arma mirada para eles, mas, no instante em que o xerife os reconheceu, expirou o ar que havia segurado.

— Tudo bem, Martha — falou à mulher. — Eles são da paz. — O xerife arqueou uma das sobranceiras espessas e pousou a arma sobre a mesa, ao lado do prato. — Estou surpreso em ver que ainda estão vivos. Significa que não precisamos mais nos preocupar com aqueles sugadores de sangue?

— Restam três — admitiu Jack. — Mas Callie King e nosso amigo Louis estão atrás deles. A esta altura, são grandes as chances de que tenham liquidado de vez os vampiros.

Walrus abriu um sorriso.

— Mas esse é um grande motivo para comemorar. — Pedacos de

ovos pontuavam seu bigode. Ele se recostou na cadeira e olhou para a mulher. — Martha, se tivermos comida suficiente, prepare alguma coisa para esse pessoal. Acredito que livrar o mundo de monstros deva abrir um baita apetite.

* * *

O apito do barco fez Jack apertar forte a mão de Sabine. Estavam perto do atracadouro com Hal Sawyer, que viera se despedir. Jack podia sentir o entusiasmo de Sabine, mas o traço de melancolia que notara antes não havia desaparecido, bem como a preocupação dele com o que estava por vir.

— Você vai me escrever? — perguntou Hal. — Tenho a sensação de que muitas aventuras esperam por você, e não quero perder nenhuma delas.

— Claro que vou. Acho que nós dois vamos trocar muitas cartas a partir de agora.

O garoto que Jack havia conhecido dois anos antes tornara-se um homem. O rosto de Hal agora era afilado, a barba por fazer, e seu perfil tornara-se mais anguloso. Usava um chapéu ligeiramente inclinado e tinha encorpado o suficiente para Jack duvidar que enfrentasse algum problema no futuro. Antes, Hal contara com a ajuda de Jack para não apanhar nas ruas de Dawson. Mas isso fazia parte do passado.

Tinham conversado bastante na noite anterior, na hora do jantar, em um canto tranquilo do bar. Durante o dia, correram pela cidade a informação de que os monstros que eram a causa do terror em Dawson estavam mortos ou condenados, no entanto as pessoas ainda estavam nervosas e receosas. Os habitantes deram privacidade a Jack, Sabine e Hal, e assim Jack e Sabine puderam contar a Hal o que havia acontecido com Lesya e Fantasma, com Callie King e os lobisomens.

Hal fora absorvido pelas histórias, da mesma maneira que ocorrera com os episódios das aventuras anteriores de Jack. Depois, como de costume, Jack pedira a ele que guardasse segredo, mas foi surpreendido pela resposta de Hal.

— Não vou dizer uma palavra sequer — Hal falou com um sorriso dissimulado. — Quero contar minhas próprias histórias a partir de agora.

Consegui um emprego; vou escrever para o jornal da cidade.

Jack o parabenizou, e todos brindaram ao novo emprego de Hal e a seu futuro de sucesso, mas Jack ficou pensativo. Fora relapso nos últimos meses, sem dedicar tempo algum para escrever em seu diário, o que era um contrassenso, porque, se havia alguém que tinha histórias para contar, esse alguém era Jack London. Porém não queria apenas recontar suas aventuras. Desejava que as pessoas sentissem de fato como era estar no mundo selvagem, ou no mar, tendo um homem brilhante e incrível como Fantasma controlando seu destino. Além disso, havia outras coisas que o preocupavam. Vira a vida deprimente e cruel de pessoas que tinham vindo a Dawson sem conseguir encontrar nenhum ouro, e ela o fazia se lembrar dos vagabundos e mascates que conhecera antes de sua primeira viagem ao norte. Queria fazer algo por essa gente. Precisavam de alguém que falasse por eles.

Passara a noite contemplando todas essas ideias — quando não estava distraído se perguntando quando Sabine enfim lhe contaria o que tinha ouvido de Lesya —, e agora chegara a hora de partir.

O barco apitou mais uma vez.

— Jack! — chamou Hal. Trocaram um aperto de mão e um abraço, dando tapinhas nas costas um do outro. — As histórias que conta pertencem a você, mas deveria escrevê-las. As pessoas precisavam saber das coisas que você viu e fez. Dos monstros e das criaturas sombrias que perambulam por aí.

Sabine deu um beijo na bochecha de Hal.

— Ninguém acreditaria nele, Hal. Você sabe disso. Pessoas comuns querem vidas comuns. Elas dizem a si mesmas que não existem monstros porque precisam acreditar nisso.

Hal franziu a testa, mas concordou.

— Acho que você tem razão.

— Tudo bem, Hal — respondeu Jack. — Existem coisas que aprendi sobre o mundo e sobre mim mesmo que vão além dessas criaturas. Vou escrever sobre isso. E um dia desses, quando eu não estiver mais aqui, você pode escrever a respeito de todas as outras coisas que lhe contei.

— Vira essa boca pra lá — disse Hal. — Você vai viver tanto quanto eu.

Um silêncio se abateu sobre os três, porque nenhum deles parecia acreditar no que Hal dissera. Depois de alguns instantes, Jack abriu um

sorriso nervoso.

— Ah, quando for a San Francisco, venha me visitar — disse Jack, apertando a mão de Hal uma última vez antes de ele e Sabine pegarem as bagagens e caminharem pela doca rumo ao barco.

— Você não vai estar em casa — Hal murmurou.

Jack arqueou uma das sobrancelhas, olhando para trás.

— O que você disse?

— Você não vai estar em casa. Jamais será feliz ficando num lugar só, Jack. Essa é sua bênção e também sua maldição. — Ele aumentou o tom de voz para ser ouvido a distância. E abriu um sorriso triste ao acrescentar: — Existe uma parte de você que sempre vai estar inquieta.

Jack tentou pensar numa resposta, mas não conseguiu pensar em nada. Depois de dar mais alguns passos, apenas deu de ombros.

— Acho que você tem razão — disse ele.

Sabine o apressou, enquanto o barco fazia soar um apito longo, um alerta da partida iminente, e ambos começaram a correr.

Sabine manteve seus segredos até que chegassem ao mar aberto.

Jack desfrutou do tempo que ele e a amada passaram juntos à medida que o navio a vapor seguia seu curso rio abaixo. Falaram sobre as aventuras que tinham vivenciado — como haviam se conhecido, os dias no *Larsen*, o destino de Fantasma e os vampiros, que lhes revelaram a verdadeira natureza do mal. Jack contou sobre sua família, e Sabine contentou-se apenas em ouvir, pois não possuía nenhuma. Ela falou do significado que o mar tinha para ela, e Jack gostava de acreditar que conseguia entendê-la. Os olhos dela ficaram marejados ao falar do mar — como se estivesse distante dele —, e Jack desconfiava que o mesmo acontecia com ele ao falar do mundo selvagem.

Conversaram sobre fatos que haviam acontecido no passado e tiveram momentos calmos e agradáveis ao discutir o presente — o que sentiam um pelo outro, o tempo que tinham passado juntos na jornada a bordo do navio a vapor, bem como o que teria acontecido com Louis e Callie ou o que Fantasma estaria fazendo naquele momento.

A única coisa que não mencionaram foi o futuro. Jack tentou em um momento, porém Sabine virou o rosto e suspirou.

— Ah, Jack — disse ela —, não podemos apenas viver este momento?

— Aquilo dizia muito mais do que Jack gostaria de saber.

O instante em que o presente inevitavelmente encontrou o futuro chegou na primeira noite em mar aberto, depois que tinham deixado o rio para trás e seguido mais uma vez rumo à costa, onde embarcaram no navio que seguiria para o sul, o *Próspero*. Ele temia aquele momento, mas sabia que aconteceria. Estremeceu quando Sabine o pegou pela mão, conduzindo-o ao longo do convés, e fechou os olhos quando ficaram frente a frente. A tristeza brilhava no olhar dela.

— Jack... — ela tentou começar.

Ele tocou os lábios dela com seus dedos.

— Espere só mais um pouquinho — pediu. Ela sorriu e se encostou nele. E viram juntos o sol afundando no mar. O pôr do sol era sublime. Podia ter sido um momento perfeito para eles, embora Jack tivesse a certeza de que ele escondia um futuro em que faltaria algo precioso em sua vida.

— Agora me conte — disse ele, enquanto o sol se espalhava no horizonte, como se fosse sangue vertido do céu.

— Lesya contou a você sobre a linhagem dela — disse Sabine.

Jack assentiu.

— Contou que ela teve uma mãe humana e que Leshii é o pai dela.

Sabine concordou. Ela o encarava, contudo não parecia prestar atenção nele. A sensação para Jack era de que ela olhava *através* dele, para uma época antiga, primitiva, que não podia sequer imaginar. Era como se ela estivesse ali no presente, a seu lado, mas, de alguma maneira e ao mesmo tempo, vagasse por esse mundo primitivo.

— Leshii é mais velho que eu — disse ela. — Ele é exatamente o que Lesya diz: um espírito da floresta. Um deus das árvores. Em épocas distantes, havia outros como ele, primos distantes, e, à medida que o homem começou a povoar o mundo, eles começaram a cultuar algumas criaturas. Na Grécia, essas figuras eram sempre femininas, chamadas de dríades. Embora a mãe dela fosse humana, Lesya era uma dessas criaturas. Então ela contou da minha linhagem, Jack. Coisas que eu sempre... senti, ou suspeitei, mas nunca soube dizer o que era. Ela me disse que existem muitos espíritos elementares no mundo. Ela é um espírito da floresta, e eu sou uma espécie de espírito da água. Lesya acha que sou uma Nereida, uma das três mil filhas de Tétis e Oceano, que eram titãs na mitologia.

— Você não é um ser mitológico! — rebateu Jack. — Elementar, pode ser, mas também não é nenhum espírito.

Ele envolveu Sabine com os braços para sentir sua carne e seu sangue, e ela relaxou no abraço dele, apoiando seu peso no corpo de Jack para que ele a sustentasse.

— Talvez não, mas esse espírito está dentro de mim. É o que me dá energia! Tudo o que ela me disse faz sentido, e é como se... como se tivesse me redescoberto. É por isso que sempre vivi perto do mar e *para* o mar. Eu fico fraca quando me afasto da água, como você viu quando viajamos por terra, Jack. Lesya começa a perder força quando é tirada das partes da floresta nas quais criou raízes. Tenho sorte nesse sentido. Não existe uma parte específica do mar para mim, apenas... — Ela se afastou de Jack e baixou a cabeça. O mar dava conforto a ela, e Jack sentiu uma pontada de ciúme. “Ela precisa de mim, e não do mar!” Contudo também se deu conta de como essa ideia era tola. Afinal de contas, ele era apenas um homem.

Sabine se virou para encará-lo, e a intensidade de seu olhar fez Jack prender a respiração. Ela o hipnotizava com os olhos. Sabine piscou algumas vezes, mas Jack não conseguia desviar o olhar.

— Existem *vários* espíritos — ela contou. — Lesya ouviu falar de alguns deles e diz ter conhecido outros. Existem vários que provavelmente são como eu. Assombrados, em conflito. Confusos. Sentindo que existe... algo mais. — Sabine abriu um sorriso carregado de verdades ocultas. — Tive sorte de encontrá-la e tenho de agradecer a você e aos outros. Aos que ainda estão vivos e aos que já morreram. Ela e eu não somos exatamente irmãs, mas estamos profundamente ligadas por uma história ancestral. — Ela se calou por um momento.

— E o que mais? — pressionou Jack. — Ela contou muito mais que isso, eu sei.

— Você sabe, Jack? — perguntou ela. E por um breve instante ela abriu bem os olhos, parecendo temê-lo. — Sabe de verdade? — sussurrou ela.

— Sei que está escondendo alguma coisa de mim.

Sabine suspirou.

— Coisas que humanos não devem saber — ela respondeu. — Mas, Jack, você sempre ouviu o chamado do mundo selvagem. E aquele lobo, *seu* lobo, ele escolheu você.

— Você vai embora, não vai? — perguntou ele.

— Jamais poderia viver como uma mulher humana comum — disse ela. — É por isso que Lesya gosta do que faz e do que ela é. Sempre lutei contra a minha natureza. Agora quero ser...

— Você quer ser livre — completou Jack. Ele sorriu, segurando seus braços e atraindo-a para si. Fora invadido por uma sensação repentina e esmagadora de alegria, da espécie que acaba tão rápido quanto começa. “Vou vê-la de novo”, pensou ele. “Sempre vou amá-la. Como tive sorte. Como tenho sorte.”

Sabine o beijou, e foi o beijo mais carinhoso de todos, marcado pelo anoitecer com uma promessa de muito mais.

— Muitos espíritos — sussurrou ela no ouvido dele, e, quando Jack piscou, teve uma lembrança súbita de seu lobo trotando sobre a neve e avançando com elegância por entre as árvores. Podia ter sido um elemento de seu próprio espírito, com a liberdade de desfrutar o mundo selvagem que ele tanto buscava. — E alguns deles — completou ela — vivem no coração dos homens.

— Sabine? — perguntou ele, ainda piscando. — Quer dizer que...?

Ela levou o dedo aos lábios de Jack, fazendo-o ficar em silêncio. Depois se despiu e ficou nua diante dele, calando-o com sua beleza.

— Você está certo, meu querido Jack — disse ela. — Vamos nos encontrar de novo.

Então Sabine se afastou e, antes que Jack pudesse alcançá-la, estava sobre o gradil. Conseguiu ver apenas um brilho prateado através das pernas dela, cintilando com o resplendor de escamas oleosas, e em seguida ela imergiu na água sem fazer ruído algum. O mar se fechou, e Sabine desapareceu.

Jack agarrou o gradil e ficou observando, esperando que ela surgisse para dar um último adeus. Mas havia apenas o mar.

Ficou ali até que estivesse completamente escuro, voltando depois, vagarosamente, à cabine. Suas emoções eram confusas. A tristeza pesava muito, porém havia também um amor profundo que a ausência de Sabine não podia afetar. Estava cansado, mas sabia que não dormiria.

“Sou de carne e osso”, pensou ele. “Não um espírito.” Ajeitou-se na cama e pegou seu diário volumoso, preparando-se para colocar em palavras todas aquelas aventuras que vivenciara e as coisas que tinha visto. Seu último pensamento foi: “Não ainda”.

Enquanto estivesse vivo, viveria *de verdade*.
Sua jornada havia apenas começado.

¹ “Walrus” significa “morsa” em inglês. [N. T.]